

ANTOLOGIA

2024/2025



READ ON
PORTUGAL



CHARNEKA DE CAPARICA - ALMADA

REDE DE
BIBLIOTECAS
ESCOLARES



@ readon.portugal@mail-rbe.org

 www.rbe.mec.pt/np4/READONPortugal.html

Ilustração da Capa:

Carolina Rodrigues

Agrupamento de Escolas Pintor José de Brito
Viana do Castelo



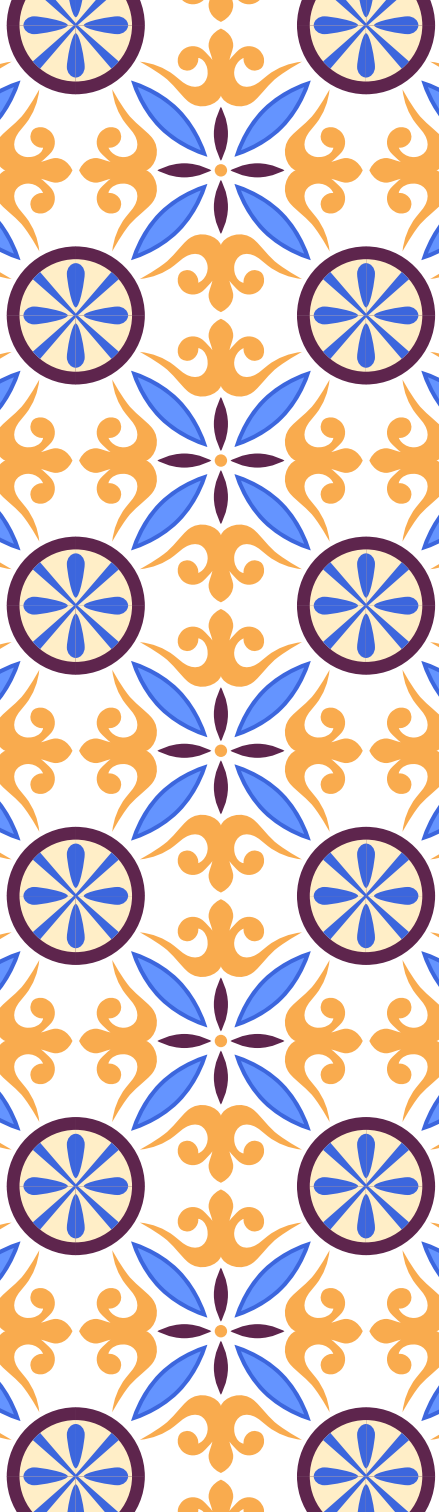
ANTOLOGIA

2024/2025



CHARNEKA DE CAPARICA - ALMADA

**REDE DE
BIBLIOTECAS
ESCOLARES**

**TÍTULO:**

Antologia READ ON 2024/2025

EDIÇÃO:

Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté

AUTORES:

Francisca Macedo

CO-AUTOR(ES):

André Fernandes
António Cortez
Gonçalo Cadilhe
Inês Barata Raposo
Iris Bravo
Isabel Rio Novo
João Manuel Ribeiro
Jorge Arrimar
Mónica Menezes
Nuno Cash
Nuno Camarneiro
Olinda Beja
Ricardo Mota
Vanessa Guarani

ILUSTRAÇÃO DA CAPA:

Carolina Rodrigues

criação, paginação e impressão:

CDC - Código de Cores, Design e Produção, Lda.

DATA DA PUBLICAÇÃO:

Maio 2025

ISBN N.º

978-989-54995-6-4



A *Antologia READ ON Portugal – Edição 2025* nasce da força criativa de mais de 400 jovens de todo o país que, entre novembro de 2024 e março 2025, deram corpo e alma a 15 histórias originais sobre **cidadania e interculturalidade**. Inspirados por autores de expressão portuguesa contemporânea e acompanhados por professores dedicados, os alunos do ensino secundário e profissional participaram numa experiência de escrita colaborativa, em sessões online e/ou presenciais, que os desafiou a olhar o mundo com atenção, sensibilidade e sentido crítico — e a devolver essa observação em palavras.

Este projeto integra a continuidade do READ ON – *Reading for Enjoyment, Achievement and Development of yOuNg people*, iniciado em 2017 no âmbito do Programa Europa Criativa da União Europeia. Em Portugal, o Agrupamento de Escolas Carlos Gargatê (AECG) e a Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) mantêm viva esta proposta inovadora de promoção da leitura e da escrita criativa, que envolve cada vez mais escolas e comunidades educativas. A edição de 2025 contou com a participação ativa de 15 escolas públicas com Ensino Secundário, implantadas em diversas regiões de Portugal, representando a diversidade geográfica e cultural do nosso país.

O tema incontornável e profundamente atual **Cidadania e Interculturalidade** norteou os trabalhos. Vivemos numa sociedade cada vez mais diversificada, onde culturas, tradições e valores convivem e se cruzam. Como podemos ser cidadãos num mundo que respeite o pluralismo e a diversidade cultural? Que valores devemos promover para garantir a igualdade, o respeito e a inclusão e, simultaneamente, combater a discriminação, o racismo e a xenofobia? Quais os desafios e as oportunidades de viver numa sociedade globalizada?

As respostas a estas questões, refletidas e ficcionadas pelos alunos, com a ajuda dos escritores que com eles trabalharam, resultam em 15 narrativas originais que expressam inquietações, esperanças e olhares singulares sobre o presente e o futuro. Através da palavra - e também da ilustração, presente em algumas páginas —, estas narrativas abrem janelas para universos interiores e exteriores, revelando o potencial da literatura juvenil como espaço de encontro, questionamento e emancipação.

A Antologia READ ON Portugal – Edição 2025 é, assim, muito mais do que uma coletânea de textos. É um testemunho de participação ativa, um exercício de liberdade e um contributo relevante para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao leitor, propõe-se uma travessia literária feita de vozes que merecem ser escutadas, reconhecidas e celebradas.

Esta antologia reafirma o poder transformador da palavra e da escrita, como ferramentas essenciais de cidadania.

Terminamos agradecendo aos professores, professores Bibliotecários, Coordenadores Interconcelhios para as bibliotecas escolares e escritores que tornaram possível a existência desta obra.

Boas leituras - e partilhe connosco a sua reflexão: **readon.portugal@mail-rbe.org**

ÍNDICE

NO LUGAR DO OUTRO	10
<i>André Fernandes</i>	
OUVIR IMAGENS: A POESIA É ESSENCIAL NA EDUCAÇÃO	28
<i>António Carlos Cortez</i>	
A CIDADANIA É UM FANTASMA EM BUSCA DE LIBERDADE	52
<i>Maria Francisca Macedo</i>	
NOS PASSOS DE LUÍS VAZ DE CAMÕES	68
<i>Gonçalo Cadilhe</i>	
TOQUE DE ENTRADA	82
<i>Inês Barata Raposo</i>	
ENTRE A CHAMA E O ORGULHO	98
<i>Íris Bravo</i>	
DEZ MEMÓRIAS DE CAMÕES	108
<i>Isabel Rio Novo</i>	
A SALA 17	118
<i>João Manuel Ribeiro</i>	
SEGREDOS NA FENDA DO TEMPO	132
<i>Jorge Arrimar</i>	

O MEU NOME É MARIA MARIA LIBERDADE 146
Mónica Menezes

MEMÓRIAS DE CHUMBO 158
Nuno Camarneiro

NA AREIA QUENTE NÃO EXISTEM BOMBAS 170
Nuno Cash

MANTA DE RETALHOS NUMA HISTÓRIA DE AMOR 174
Olinda Beja

RAIA 190
Ricardo Fonseca Mota

FUSSANTE: FUTURO, PASSADO E PRESENTE 206
Vanessa Guarani Ratton

ANTOLOGIA

2024/2025



ANDRÉ FERNANDES

Natural de Lisboa, nasceu em 1991 e é licenciado em Ciências da Comunicação pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

Apaixonado pelas palavras e pelo seu poder transformador na vida de todos e de cada um de nós, tem vários livros publicados na área da autobiografia e desenvolvimento pessoal. Destacam-se ***Tia Guida***, ***Só Não Lhe Chames Amor*** e ***Do Luto ao Amor***.

Recentemente, estreou-se na ficção, com o seu primeiro romance, ***As sete Carruagens***. Além dos livros, André Fernandes é mentor e palestrante, e organiza sessões em escolas, prisões e empresas.

NO LUGAR DO OUTRO

E se um dia te tornasses naquilo que mais desprezas?

O mundo está extremado. Tão extremado que nos habituámos às narrativas da polaridade. Elas podiam ser copulativas, mas é na disjunção que mais se escrevem. O eu e tu, que formaria o nós. O nós e eles, que formaria o todos. Em vez disso, optamos pelo eu ou tu, que discrimina. O nós ou eles, que segrega. Acontece entre continentes, nações, estados, cidades, vilas, comunidades, famílias e indivíduos. Mas, se a doença nasce na célula, poderá a cura emergir de igual forma?

Talvez por isso, hoje, queira falar de indivíduos. Dois, para ser mais concreto. A Constança e o Raviel. Assim, unidos pela gramatical cópula, apesar da habitual disjunção em que operavam. É este o privilégio de um narrador: ver unido o que, tantas vezes, se julga separado. Será assim que o Grande Narrador conta a história da criação, onisciente da unidade que cessa as dualidades? Afinal, sempre que uma coisa a outra se opõe, a ela fica ligada, para que exista. Não podemos contar a história da sombra, sem a da luz; a da esquerda, sem a da direita; a da Constança, sem a do Raviel.

A Constança cresceu num ambiente privilegiado. Ainda petiz, frequentou os colégios mais caros. Por princípio, e não por necessidade, os pais decidiram proporcionar-lhe uma experiência no ensino público, quando chegou ao seu décimo ano de escolaridade. Monetariamente, não lhe faltou nada. Emocionalmente, faltou-lhe muito.

O Raviel cresceu num ambiente carenciado. Ainda petiz, frequentou o ensino fundamental que o Estado Brasileiro proporciona. Por necessidade, os pais decidiram emigrar. Portugal foi o destino escolhido. A irmandade da língua favoreceu a decisão. Com dezoito anos, Raviel entrou na mesma escola pública de Constança. Emocionalmente, não lhe faltou nada. Materialmente, faltou-lhe muito.

Por esta altura, estar-se-á o leitor a questionar sobre a forma como estas oxímoras vidas se terão cruzado. Terão ido parar à mesma turma? Terão tido amigos em comum que os apresentaram, apesar de cursarem em turmas diferentes? Terão esbarrado no corredor, num qualquer intervalo que lhes reduziu o seu? Este é o privilégio de um autor. Lançar questões, para as quais conhece as respostas. Impossível não nos questionarmos se o Grande Autor fará o mesmo, quando, por linha tortas a escrever direito, nos semeia a dúvida. Quantas vezes não é a dúvida que nos leva ao progresso? Não estará já o leitor ansioso por progredir na história e, assim, conhecer a resposta para a dúvida que o autor lhe semeou? Escrever é mesmo brincar ao divino.

A Constança e o Raviel estavam em cursos diferentes. Ela, em ciências. Ele, em artes. Até nisso, se viam como opostos. Foi preciso existir uma disciplina optativa, por ambos escolhida, para que os seus destinos se cruzassem. *Por ambos...* como quem diz. Raviel estava lá por escolha. Constança, pelos pais.

Nas primeiras aulas, dir-se-ia que nenhum dos dois reparara no outro. Contudo, aos olhos do professor, o contraste já os unia. Ela, impertinente e ativa. Ele, amistososo e humilde. Para ela, Moral era um frete. Para ele, uma prática activa. É curioso como podemos estar várias vezes com alguém no

mesmo sítio e essa pessoa ser-nos invisível. Para Constança, nas primeiras aulas, Raviel não existia. Foi depois de uma tarde passada com as amigas numa pastelaria que começou a reparar no rapaz.

Naquela tarde, Constança entrou no *L'Entrelacement d'âme Café*, com a sua presença dominante, nariz empinado e um olhar de julgamento para com os funcionários. Sentou-se com o seu grupo de amigas, e estalou os dedos na esperança de que um empregado reparasse e a viesse servir. Aproximou-se dela um homem desajeitado, pouco elegante, de estatura média, com um cabelo esquisito e feições diferentes. Educadamente, o jovem perguntou:

– Boa tarde, moças! O que desejam? – falava Português do Brasil.

As raparigas troçaram do termo.

– “Moças” – repetiram, em surdina, entre risinhos e revirares de olhos.

Constança tomou as rédeas do pedido, que mais pareceu uma ordem.

– Um *croissant*, *deux tarte aux fraises* e um *cappuccino*... moço – disse, num tom jocoso e arrogante, sem olhar para o seu interlocutor.

O rapaz anotou, e voltou para o balcão. Poucos segundos depois, retornou à mesa.

– Desculpa o incómodo, entretanto esse tal “tartaufrese” não se vende aqui – o jovem pronunciou a expressão o melhor que sabia, com uma certa vergonha.

Constança já tinha visto, na montra, a tarte que pedira. Apercebendo-se de que o rapaz não conhecia a expressão em francês, entreolhando as amigas, respondeu, com ironia:

– Não? E tarte de morangos, tem?

Todas riram.

– Tem, sim, moça!

A mesa riu ainda mais. O rapaz coçou o cabelo, embaraçado.

– Então, em vez de *deux tarte aux fraises*, podem ser duas fatias de tarte de morango – Constança continuava empenhada no sarcasmo.

– Com certeza, moça. Com licença.

Foi a vez de Constança revirar os olhos.

– Tinha de ser brasileiro... – comentou, com desdém – O meu pai bem diz. Vêm para cá, tiram o lugar aos nossos e nem sequer sabem servir o público que têm.

As amigas anuíram. Uma delas, perguntou:

– Agora que falaste nele, como está o tio? – no meio de Constança, as afinidades fazem de todos tios e sobrinhos.

– Temos falado pouco, ele está fora outra vez, em trabalho – Constança baixou o olhar.

– Quem me dera ter a vida do tio! Sempre a viajar de um lado para o outro, em hotéis de luxo.

– Eu preferia a da tia – apressou-se a outra amiga a dizer - A viver como quer, por ter um marido rico!

Constança continuou calada. O silêncio é, tantas vezes, a fala que calamos. Constança sabia que a vida dos pais parecia perfeita, vista de fora. Mas, para lá da fachada, a estrutura assentava em bases muito frágeis. A falta que Constança sentia do pai não era compensada por nenhuma da presença de

bens materiais que esta garantisse. A tristeza que Constança via na mãe era a viagem mais recorrente que se fazia naquela casa. Um bilhete de ida, que parecia não ter volta. A mãe de Constança amava o parceiro. Uma paixão de miúdos que esmorecera nas rotinas adultas. As longas viagens que o pai tinha de fazer, em nome do trabalho, eram a longa e solitária viagem que a mãe fazia, em nome do amor. Na ausência do pai, a mãe ocupara-se exclusivamente da filha, com a obstinação de cumprir a etiqueta que naquele meio se espera de uma: ensinar as boas maneiras, esquecendo que um coração feliz é sempre a melhor de todas. Recentemente, a mãe abrira uma loja de revenda de roupa de luxo. O negócio estava a correr tão bem e a exigir tanto da proprietária, que também a mãe de Constança se tornara ausente da vida da filha.

Do peso destas ausências, sabia Constança, e mais ninguém. “Não se conta aos de fora o que se passa cá dentro”, crescera a ouvir dizer. Fazia-lhe sentido. Se Constança era infeliz por dentro, pelo menos podia fingir não o ser, na crença que o exterior tinha sobre a sua vida. Talvez daí parida a popular sabedoria: tudo é questão de perspectiva. Parto difícil, esse, quando aplicado à felicidade. Tantas contracções, já nascida, já crescida, já adulta, sente Constança, por fingir ser o que não é, numa perspectiva que não a sua.

– Sim, os meus pais têm uma vida incrível! – respondeu, fingindo entusiasmo – Mas este tipo nunca mais nos serve? – Constança apressou-se a mudar o foco.



Parecendo adivinhar a agitação de Constança, o jovem funcionário dirigiu-se à mesa com o pedido em mãos. Nervoso, entornou ligeiramente o cappuccino, enquanto o pousava sobre a mesa.

– Que horror! Você não vê o que está a fazer!?! – gritou Constança, enquanto se afastou, prevenindo que os poucos salpicos que caíram sobre a sua roupa se tornassem numa mancha maior.

– Perdão, moça. Perdão. É a minha primeira semana aqui, e estou um pouco nervoso.

– Tem noção do quão cara é esta camisola? O seu salário não podia pagar uma destas.

Desta vez, foi o rapaz quem calou a fala. O jovem limpou a mesa com o pano que trazia consigo e, quando terminou, disse apenas:

– Com licença.

O lanche passou-se como era hábito em Constança e nas amigas: a falarem de um inimigo comum que as distraísse de si mesmas. Falavam de quem não conheciam, como se conhecessem e, enquanto o faziam, desperdiçavam a oportunidade de se ficarem a conhecer melhor umas às outras. Quando chegou o momento de pagar a conta, o jovem funcionário trouxe o multibanco. No visor, deixou a opção de inserir valor de gorjeta.

– Você só pode estar a brincar comigo – disse Constança, enquanto, com veemência, premiu o botão encarnado que negava a gorjeta.

Sem se despedirem do rapaz, que apesar de tudo lhes disse um “boa tarde” final, Constança e as amigas saíram do café e, separadamente, retornaram a casa.

Chegada a casa, Constança foi cumprimentada por Mimmy, e pela Mimi. Estranha coincidência de nomes, esta. A primeira, a cadela de pequeno porte da mãe, que agora vivia afeiçoada a si, por serem a maior companhia uma da outra. A segunda, a empregada doméstica da confiança dos pais, que conhecia Constança desde pequena – a presença mais estável da sua vida.

– Menina Constança, preparei-lhe o jantar. Estava só à espera de que a menina chegasse, para poder sair, que tenho de ir para casa cuidar dos meninos.

– Vá lá, Mimi, vá lá.

– A menina vai ficar a estudar?

– Que remédio, Mimi! Se quero ser médica, um dia, tenho de me empenhar hoje.

– Ó menina, mas a menina dava uma artista tão boa... ainda por cima, sempre foi esse o seu sonho!

– Mimi, já tivemos esta conversa. A mãe e o pai sempre disseram: arte não paga contas. E eles não andam a pagar as minhas, para que eu vire pelintra!

– Pronto, a menina é que sabe, a menina é que sabe.

Mimi deu um beijo na testa de Constança, que apenas por ela quebrava o protocolo de dar só um, e assim retribuiu.

Depois de ter passeado a cadela, Constança dedicou-se ao estudo, horas a fio. Com o pai no estrangeiro, e a mãe fora, Constança esforçava-se por ocupar o vazio dos finais de dia daquela casa com o estudo que fazia, para um dia atingir o objectivo de ser a profissional que os pais lhe exigiam que fosse. Era nesses momentos que, muitas vezes, colapsava. Chorava sozinha a frustração de se estar a obrigar a uma mentira, e a tristeza de todas as verdades que guardava. A falta do pai, a falta da mãe, a falta de ser feliz. Nessa noite, como em tantas outras, Constança chorou. Quando a mãe chegou, Constança tentou desabafar consigo, mas a frieza que encontrou fê-la recuar de imediato.



– A menina está a queixar-se de quê? Tem tudo aquilo de que precisa! O seu pai está a sacrificar-se, longe de nós, longe de mim, para que a menina tenha tudo aquilo que queira. Está a chorar, porque não gosta da área que escolheu? Cresça, Constança! Seja grata.

– Desculpe, mãe.

– A menina está habituada a um nível de vida que não terá, se for para artes, percebe? É para o seu bem. A mãe e o pai não estarão cá sempre.

“A mãe e o pai não estão cá nunca”, pensou Constança. Pensou, não disse, que entre o pensar e o dizer acontece o tempo, e o tempo é remédio para quase tudo, também para a escolha de não dizer o que, depois de dito, o tempo não conseguiria remediar.

Nessa noite, Constança adormeceu a rezar o terço, como mandava a tradição familiar. Rezava por herança, não por fé, embora se dissesse crente, católica praticante, a todos quantos lhe perguntassem. Mas poderá dizer-se praticante, o católico que discrimine o outro?

Era esse o tema da aula de moral, no dia seguinte.

O professor de moral parecia adivinhar a pertinência dos temas a abordar. Uma vez, antes de entrarem na aula, dois colegas tinham-se desentendido e tinham ficado ressentidos um com o outro. Sem que soubesse, o professor resolveu abordar o tema do perdão. Tudo o que dizia parecia encaixar na história dos colegas. Noutro caso, uma aluna tinha-se recusado a contribuir para uma campanha solidária que a escola organizara. Ela tinha a fama de ser de uma das famílias mais ricas da cidade. Por vezes, a fama não colhe proveito. Outras vezes, o proveito colhe a fama. Ela pertencia ao segundo caso. Era, de facto, das pessoas mais ricas da cidade. Nesse dia, a aula foi sobre o desapego material, a dádiva da generosidade e a importância de não acumular em ganância, mas de nos partilharmos em

amor. Uma vez mais, sem que soubesse, tudo o que o professor dizia parecia servir, na perfeição, para o caso que aquela aluna vivera.

Agora, sem que o professor soubesse, a lição parecia estar a ser dada especificamente a Constança... ou será que sabia?

– Boa tarde, meninos! Hoje, quero começar a aula com uma pergunta provocadora: poderemos dizer-nos cristãos, se discriminarmos o outro?

Os olhos do professor pousaram sobre os de Constança. A cor era verde celeste. Um verde que lembrava a vida do céu, para lá do azul. Apaziguada, regada, viva. O marrom dos de Constança procurou a fuga na mesa, para onde se baixaram. O professor prosseguiu.

– Já alguém aqui se sentiu discriminado?

O silêncio imperou.

– Vá lá, não tenham medo. Já sabem que este é um lugar seguro, onde podemos falar de tudo – um bonito sorriso rasgou a barba que o escondia.

Três batidas soaram na porta, que se abriu, quando a última se fez ouvir.

– Perdão, ‘fessor – disse um rapaz, com o seu sotaque brasileiro.

Constança olhou para a porta e, pela primeira vez, reparou no colega que tinha. Desajeitado, pouco elegante, de estatura média, com um cabelo esquisito e feições diferentes. Uma descrição que lhe era *bastante* familiar.

– Entra, Raviel. Chegaste mesmo a tempo!

– Eu peço perdão. O trabalho não deixa eu chegar na hora – disse, enquanto entrava e fechava a porta.

Constança não queria acreditar. O rapaz que a atendera no café era seu colega? Como é que ela nunca tinha reparado?

– Raviel, estava agora mesmo a perguntar aos teus colegas se já alguma vez se sentiram discriminados. Uma vez que chegaste quando fiz a pergunta, queres ser tu o primeiro a responder?

Ainda a recuperar o fôlego, e a colocar tudo no lugar, Raviel sorriu e disse:

– Nossa, o professor parece bruxo!

– Então?

– Ontem mesmo, no trabalho, umas moças foram lá, e a forma como me trataram não foi muito acolhedora.

Constança sentiu-se corar. Não sabia se Raviel sabia quem ela era, e que ali estava. Era tão possível que fosse invisível para ele, como ele tinha sido para ela, até ter entrado por aquela porta.

– Lamento que tenhas passado por isso, Raviel. Que fizeram elas, para sentires que foste discriminado?

– Elas não se aperceberam, mas eu escutei. Zombaram de mim, das expressões que uso e do que julgam ser a minha falta de cultura. Inclusive, escutei o comentário “Tinha de ser brasileiro”.

Apesar do silêncio da turma, por dentro, Constança estava em alvoroço. Por um lado, queria manter-se anónima, perante a denúncia. Por outro, queria dar a cara pelas suas mais arraigadas convicções. Venceu a segunda.

– Se calhar, não é discriminação, é só consequência da sua incompetência – disse, sem encarar o colega. Na verdade, sem encarar ninguém.

Prestes a sentar-se, Raviel susteve o movimento e olhou na direcção da voz que proferira aquelas palavras. Quando identificou Constança como porta-voz, o seu ar transbordou surpresa, mais do que pelo dito, que para ele eram frases diárias, pelo facto de a reconhecer.

– Você... Foi você que disse isso! – apontou Raviel.

O professor assistia, sereno. Parecia estar a ver desenrolar-se uma peça para a qual escrevera o guião. A turma, assistia consigo, esta mais tensa do que o mestre que a guiava.

– Raviel, podes sentar-te, por favor? – pediu, docemente, o professor.

Raviel correspondeu ao pedido.

– Constança, queres explicar a tua posição?

– Professor, os imigrantes vêm para cá ocupar lugares que podiam ser ocupados pelos portugueses e, muitas vezes, fazem-no mal preparados. O Gabriel, por exemplo...

– Raviel – corrigiu o rapaz.

– Isso. Ele está a atender numa pastelaria de requinte, e não conhece o nome dos produtos que vende! Isso não é incompetência?

Raviel agitou-se na cadeira, parecia querer falar para se defender, mas o professor estendeu a palma da mão, na sua direcção, mantendo o olhar sobre a jovem.

– Que avaliasse tu primeiro, Constança? A competência do Raviel, ou a sua nacionalidade?

Constança recordou a forma como ela e as amigas começaram logo por ridicularizar o termo “moças”, no café, mas manteve-se calada.

– É esse o perigo do preconceito, Constança. Faz-nos avaliar a parte pela ideia que temos do todo. Tantas vezes, uma ideia injusta. Sabias que a história dos portugueses é uma história de emigração, Constança? A comunidade portuguesa espalhada pelo mundo é considerável. À data desta aula, estima-se que quase 1 800 000 portugueses vivam no estrangeiro. Sabias disto?

– Nunca me debrucei sobre esses números – respondeu secamente.

– Imagina que, no estrangeiro, um habitante local fala de um português como tu estás, agora, a falar de um brasileiro. Acharias justo?

Constança permaneceu calada. O professor prosseguiu.

– Ainda sobre o que disste: tens mesmo a certeza de que os imigrantes ocupam os lugares dos portugueses? Não será que ocupam os lugares que muito portugueses não querem ocupar? E, ao fazê-lo, não estarão a contribuir para as reformas de todos nós, com os descontos que fazem?

– Não sei, só sei o que o meu pai diz.

– E tu, que dizes, Constança?

– Eu confio no meu pai.

– Pensares por ti não te obriga a quebrares a confiança que tens no teu pai. Sabes, por vezes, queremos tanto ter uma relação próxima com os nossos pais, que damos por nós a replicar tudo o que

são, sem nos permitirmos a descobrir quem verdadeiramente somos.

A doçura assertiva com que o professor disse aquilo acertou, em cheio, no coração de Constança. Como podia um desconhecido ser tão certo sobre o que apenas Constança conhecia? Era, de facto, tudo o que ela queria: ter uma relação próxima com o pai.

– Raviel, queres explicar por que motivo vieste para Portugal?

– Em busca de melhores condições de vida.

– E não é isso que os portugueses fazem, quando emigram? – lançou o professor para o ar. A turma parecia ainda demasiado surpreendida com o que (des)unia Raviel e Constança e, talvez por isso, ninguém arriscou participar.

– Professor, desculpe, mas e os que vêm para cá cometer crimes? – a aluna não desistira.

– Constança, o perigo de associar crime à imigração é o de ver no estrangeiro um criminoso, mesmo que ele seja inocente. O crime deve ser tratado como crime. Não precisamos de associar a palavra “imigrante” ao crime, para que ele se torne mais real, ou mais punível, pois não? É para isso que existe a lei. Para tratar, com a justiça da igualdade, o que pela natureza humana sempre encontrará as suas diferenças.

– Isso é tudo muito bonito, mas a lei não funciona.

– Que se melhore a lei, então, mas sem quebrar o princípio que a deve orientar, numa democracia: ser o mais justa possível. Mas eu não queria tornar esta aula muito política...

– Ainda bem, professor, porque se lhe disser em quem o meu pai vota, já percebi que se vai opor, mas olhe, o líder é muito Cristão! – disse Constança.

– E assim voltamos ao início: será verdadeiramente Cristão aquele que discrimina? Não falemos na lei do Homem, falemos na lei do Mestre. Como agiria Jesus, neste caso?

Raviel, apaixonado pela mensagem de Cristo, respondeu.

– Com amor.

O professor sorriu.

– Que viste tu, em Cristo, para dizer que ele agiria com amor?

– Tudo – respondeu Raviel.

– É verdade, Raviel. Para Jesus, havia dois grandes mandamentos: “Amar a Deus sobre todas as coisas” e, segundo Ele, semelhante ao primeiro, “Amar o próximo como a si mesmo”. Porque terá dito Jesus que amar o próximo como a si mesmo era semelhante a amar a Deus sobre todas as coisas?

– Porque amar o próximo é, sempre, amar a Deus – Raviel conhecia bem a mensagem.

– E como podemos nós amar o próximo, quando ele nos parece tão distante?

A turma trocou olhares. Constança e Raviel continuaram a evitar cruzar os seus.

– Constança, conheces a história do Raviel? – perguntou o professor.

Constança baixou os olhos para a secretária.

– Não.

– Raviel, conheces a história da Constança?

Raviel olhou Constança.

– Não.

– Talvez esse seja o primeiro passo, aqui: conhecerem a história uns dos outros. Quem sabe, na história do outro, não encontrem um pouco da vossa? Por vezes, no que têm de igual. Por vezes, no que têm de complementar. Proponho-vos um exercício. Escrevam, numa folha, os vossos maiores sonhos. E, quando o fizerem, sintam cada um deles com todo o vosso coração. Mas tenham cuidado: o que pedimos com o coração, tende a acontecer. Basta que tenham a fé de uma semente de mostarda – aludiu (a) o mestre.

Em silêncio, os alunos retiraram uma folha e escreveram os seus maiores sonhos. Uns mais depressa do que outros. Constança levou o seu tempo. Usou o diário gráfico onde se permitia a ser artista nas horas vagas. “Quero ter os meus pais presentes. Quero poder tomar o pequeno-almoço com eles, e deitar-me com uma carinhosa despedida. Quero, com o seu apoio, viver o meu lado artístico. Quero sentir que a minha vida importa. Que amo e que sou amada, e que isso me basta”. Os seus olhos humedeceram-se, no momento em que escreveu as últimas palavras. Discretamente, Constança limpou as lágrimas. Sentindo-se observada, olhou na direcção da energia que a puxava e deparou-se com a serenidade dos olhos verdes do homem de cabelos longos e barba por desfazer a contemplava. O professor sorriu-lhe.

– Na próxima aula vamos partilhar os sonhos que cada um escreveu.

Quando a aula terminou, Constança saiu o mais depressa que conseguiu, passando por Raviel sem o encarar, mostrando que não fazia tenções de lhe reconhecer existência.

A rotina de Constança foi a mesma que a da véspera. Deitou-se na companhia da solidão de uma casa vazia de família. Antes de adormecer, recordou o exercício que o professor lhes propusera fazer. Recordou os desejos que escrevera e, com as pálpebras pesadas a ameaçarem despedir-se do dia, ouviu novamente as palavras do professor. “Tenham cuidado: o que pedimos com o coração, tende a acontecer”. Constança adormeceu.

Ao ouvir vozes que não lhe eram familiares, Constança despertou. De início, ficou confusa. Em vez de ver as suas paredes rosa, perfeitamente decoradas, viu madeira bruta repleta de humidade e falhas. A única luz que iluminava o quarto era uma pequena janela tosca, que reflectia as ínfimas partículas de pó que inundavam a divisão. O seu primeiro toque no lençol causou-lhe um arrepio, tal era a sua rudeza. “Onde estão os meus lençóis de seda?”, pensou. “E este cheiro a pão torrado, de onde surgiu? As minhas panquecas não estão prontas? Como vou postar fotos da minha refeição?”.

– Ravi! Sua comida está pronta! – gritou uma voz feminina. Não era a voz de Mimi.

“Ravi? Quem é o Ravi?”, perguntou-se. O seu coração começou a bater aceleradamente. Constança olhou para as suas mãos, e percebeu que aquele não era o seu tom de pele e que não tinha as suas unhas perfeitamente pintadas. As suas mãos eram, agora, rudes, maiores... *masculinas*. A sua primeira reacção foi correr para a casa de banho e trancar-se, para tentar encontrar uma escapatória daquele pesadelo. Era um pesadelo. *Só podia* ser um pesadelo.



Num golpe de sorte, encontrou, à primeira, a divisão que procurava. Entrou e trancou-se. Olhou-se ao espelho, e um grito saiu das profundezas do seu ser. Sentiu a face que não lhe pertencia e o cabelo que não era o seu. “Raviel!?”. Constança entrou em choque. Percebeu que se encontrava no corpo do colega. “Como é possível? Porque estou aqui? Tenho de fugir. Preciso de sair daqui!”. Ao procurar pela porta da saída, deparou-se com uma família humilde e amorosa, a comer sobre uma toalha aos quadrados azuis e brancos, posta sobre uma mesa simples, na cozinha. “Que estranho! Quem são estes!? Onde estou metida?”. A resposta não tardou. “Bom dia, meu filho”, disseram ambos, em português do Brasil. “Não se vai sentar aqui para comer com a gente? Preparei tudo com tanto carinho para você”, disse a mulher, sorridente. Constança não reagiu. Dirigiu-se rapidamente para o exterior da casa, não sem antes ouvir uma terna voz dizer, em surdina, “Ainda deve estar triste...”, e depois mais alto “Deus o abençoe, e tenha um bom dia, meu amor!”. Já perto da saída, foi surpreendida por um grande cão rafeiro que a encheu dos pés à cabeça de lambidelas e carinho. Constança quase se esqueceu da ansiedade que estava a sentir. Lembrou-se da sua cadelinha *poodle*, a Mimmy. “A Mimmy? Com quem estará ela agora? Se eu estou aqui, quem estará no meu corpo? Se eu sou o Raviel... Oh não!”, exclamou para si mesma. Saiu de casa.

Já na rua, Constança fez por memorizar o sítio onde estava. Caso precisasse de voltar, não teria como, se assim não o fizesse. Anotou o nome da rua, e começou a caminhar, lentamente, sem destino. Estava perdida. Interiormente perdida. Com os olhos trémulos, a perscrutarem todos os pensamentos que lhe ocorriam, Constança lembrou-se de ir ao café de Raviel, procurar saber informações sobre o que este

fizera na véspera. Podia ser que lhe dissessem algo que a ajudasse a compreender o que se passava.

Quando chegou ao *L'Entrelacement d'âme Café*, Constança foi cumprimentada pelos colegas.

– Ravi! Vieste buscar aquilo de que te esqueceste, não foi?

Constança permaneceu muda. “Aquilo de que se esqueceu?”.

– Toma, aqui tens. Aproveita bem a tua folga!

O colega entregou-lhe um pequeno caderno. Constança recebeu-o, sem nada dizer. Reconheceu, de imediato, as semelhanças com o seu. Um diário gráfico que sempre acompanha aqueles que amam essa arte. Ficou a contemplá-lo, ponderando se o deveria ou não abrir. Por um lado, o diário não lhe pertencia. Por outro, aquele corpo também não, mas era agora o seu e, com ele, a vida. Pelo menos hoje, aquela era a sua vida. E se o diário fosse a resposta que procurava, para poder sair daquela situação? Sentou-se numa mesa, escondida a um canto, junto à vitrine do café. Um feixe de luz iluminou o diário, como que apontando o caminho a seguir. Constança decidiu abri-lo. Não estava preparada para o que iria encontrar.

Nas primeiras páginas, com o título “A nossa vida no Brasil”, viu ilustrações que a emocionaram. A que mais a marcou, foi a de três pessoas que reconheceu de imediato, sentadas a uma mesa parecida com a que hoje vira, de manhã. A mãe, Raviel, e o pai. A alma de artista que sempre escondeu do mundo fê-la reparar em todos os pormenores que *aquele* artista desenhara sobre o seu. O pão que todos comiam era o mesmo. Um só pão. Repartido de formas diferentes. Os pais tinham dois pequenos pedaços, o filho, o pedaço maior. Os braços dos três estavam entrelaçados num abraço. A legenda garantia que a imagem se fazia entender: “O milagre da multiplicação”. Virando as páginas, encontrou uma ilustração de três diferentes Ravieis: um, pequeno, desenhando algo simples numa folha; outro, adolescente, grafitando uma parede; outro, jovem adulto, pintando um retrato. Sobre os três, uma mulher sorridente e orgulhosa, com um balão de fala “O meu filho é artista”. A legenda da fotografia era mais enigmática, mas igualmente perceptível, quando lida aos olhos da fé de Raviel: “Coração de Maria”. Num terceiro desenho, viu Raviel e a mãe abraçados, enquanto o pai partia num avião com a bandeira de Portugal desenhada sobre a aeronave. “Até já, Carpinteiro José”. Constança estava a conhecer a vida de Raviel, sem que a tivesse vivido. E percebia que, conhecendo a sua história sem o filtro do julgamento, conseguia nutrir por si compreensão e empatia. O que ela não esperava era vir a empatizar com Raviel sobre a dor que ela mesma lhe causara.

Quando virou a página, encontrou um novo título. “A nova vida em Portugal”. A primeira ilustração era uma inversão da anterior. O pai aguardava a chegada da mãe e de Raviel, que vinham num avião com a bandeira de Portugal desenhada. A legenda, “O filho pródigo”. Raviel estava de volta aos braços do pai. Folheou algumas páginas e, surpreendida, estancou numa onde se reconheceu. Ali estava ela, sentada, com as suas duas amigas, no café onde, agora, folheava o diário de Raviel. Um balão de fala, saído da sua boca, dizia “Tinha de ser brasileiro”. Outro, dizia “O seu salário nunca pagará uma camisola destas”. Da das amigas, dois balões idênticos diziam “Moça...”. Virado de costas para elas, Raviel chorava. A legenda voltava a ser simbólica: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”.

Constança sentiu-se envergonhada. Por conhecer agora a história de Raviel, conseguia chegar ao episódio daquele dia e sentir o impacto que ela tivera, com a sua atitude. Mas foi quando virou a página que experimentou a maior de todas as emoções.

Na folha seguinte, estava um homem, vestido de branco, com sandálias, de olhos verdes reluzentes, barba e cabelos longos, numa sala de aula, a falar com os seus alunos. No quadro da escola, podiam ler-se os desejos de Raviel. “Ser rico para ajudar meus pais e para poder ser artista sem me preocupar com dinheiro; sentir o que é ser privilegiado por uma vez, e não ser discriminado por ser imigrante”. A legenda da ilustração dizia “Pede e deverás receber”.

Constança pôs o diário na mesa e, simultaneamente, levantou-se. Começava agora a perceber tudo. Os desejos de Raviel eram o complemento dos seus. O que ele queria, ela tinha. O que ela queria, tinha ele. Como podiam odiar-se, quando a vida de um completava a do outro? Constança olhou novamente para a imagem e, de olhos postos sobre a figura que representava o professor, sentiu ter descoberto o responsável por tudo aquilo que se passava. “Tenho de ir ter com ele”, pensou.

Pegando no diário, levando-o consigo, foi a correr para a escola. Quando lá chegou, dirigiu-se à sala dos professores e perguntou pelo professor de moral. “Ele pediu-lhe que aguarde na sala M 7.1, que já irá ter consigo”, disseram-lhe. Constança assim fez.

– Olá, Raviel! Como te posso ajudar?

– Professor, sei que vai parecer estranho, mas... eu não sou eu.

– Todos temos a capacidade de ser alguém que não nós, Raviel – sorriu o professor, enigmaticamente.

– Não sei se percebo...

– Basta que nos coloquemos no lugar do outro.

Constança, que desconfiava que o professor tivesse tido papel activo em tudo o que acontecera, começou a ter certezas.

– Professor, eu sinto que não preciso de lhe explicar o que se passa, para que acredite em mim. Eu só preciso que me explique como posso voltar a ser quem eu era.

– Se o que queres é voltar a ser quem eras, não tenho solução para ti, perdoa-me.

– Não entendo, professor. Que devo querer eu, então?

– Quando nos pomos no lugar do outro, nunca voltamos iguais.

A jovem reflectiu sobre aquelas palavras.

– Vai para casa, Constança. Saboreia a vivência de tudo o que desejaste ter e empatiza com cada dor que nunca quiseste conhecer. E, quando hoje adormeceres, reflecte sobre como o ódio no faz ver opostos onde o amor nos ensina existir complemento. Quem sabe, amanhã, não acordes uma pessoa diferente? – sorriu o professor, confirmando agora que sabia de tudo.

Nessa noite, Constança jantou com os pais de Raviel. Um jantar tão humilde quanto a casa, mas tão saboroso, quanto o cuidado com que o prepararam. Perguntaram-lhe se ainda estava ferido com a colega que o discriminara. Explicaram como lhes doía, como pais, saber que ele sofria por assim ser tratado, mas pediram-lhe que ele não a odiasse, que lhe desejasse amor, que provavelmente ela não

era feliz, pois só alguém magoado magoa os outros. Constança chorou. E, através de Raviel, agradeceu àqueles pais o colo que nunca tivera: “Obrigado por serem assim. Por acreditarem no melhor dos outros, mesmo quando os outros não são os melhores”. E prometeu: “Ela vai mudar, e eu não serei mais importunado, vão ver”. Os pais abraçaram-na. Um abraço que ela nunca sentira.

Nessa noite, Constança deitou-se e, em vez de rezar, desenhou. Pegou no diário gráfico e desenhou-se a ser atendida por Raviel, no café. Nas mãos dela, o aparelho multibanco perguntava se daria gorjeta. No visor, Constança deixou escrita a palavra “Desculpa”. Adormeceu a pensar que, no dia seguinte, iria ao café de Raviel redimir-se. “Tens uma família muito bonita”, escreveu. “Será que o Raviel conheceu a minha realidade, como eu conheci a dele?”, perguntava-se Constança, quando o sono venceu os olhos.

Quando voltou a abri-los, ainda com a visão desfocada, reparou no rosa da suas perfeitamente decoradas paredes. Tocou os seus suaves lençóis de seda, e olhou as suas femininas mãos, para confirmar que estava de volta ao seu corpo. Respirou de alívio. Quando se soergueu na cama, o diário gráfico que tinha no peito tombou sobre o colchão. Não era o de Raviel. Era o seu. Abriu-o e folheou-o até à última página que usara. Quando lá chegou, encontrou uma ilustração que não tinha sido feita por si. Uma fatia de tarte de morango, com a legenda “Tartaufrese: aceita tomar uma?”.

Às vezes, só precisamos de nos colocar no lugar do outro.



FICHA TÉCNICA

Escola Secundária de Paços de Ferreira

Nome dos Alunos:

Amy Diana Fandino; Ana Clara Amorim Corsi; Ana Martins Rodrigues;
Carlota Valente Lopes Santos Pinto; Diogo Fernando Santos Moreira; Eduardo Ribeiro Costa;
Filipa Soares Teixeira; Iara Filipa Barbosa Gomes; Lara Carneiro Torres; Larissa Alencar Aguiar;
Leonor Barbosa Torres; Lisandro Ferreira Rocha; Luana Andreia Pinto Cardoso;
Luana Maria Pacheco Pereira; Mafalda Ferreira Nunes; Márcio Gabriel Meireles Silva;
Maria Alice Baptista Pacheco Andrade; Maria Calvo Balbino; Nuno Gonçalo Oliveira Moutinho;
Núria Rafaela Santos Brito; Renata Sofia Martins Teixeira; Rita Fernandes Rocha; Rúben Alves Ribeiro;
Vitória Cunha Paula; Vitória Conceição Ferreira Barbosa.

Nome dos Ilustradores:

Amy Diana Fandino; Diogo Fernando Santos Moreira; Larissa Alencar Aguiar; Mafalda Ferreira Nunes;
Maria Calvo Balbino; Núria Rafaela Santos Brito; Vitória Conceição Ferreira Barbosa.

Nome dos Professores envolvidos no Projeto:

Manuela Maria Baptista, *Professora Bibliotecária*
Sofia Simões Santos, *Professora de Artes Visuais*
Teresa Moura e Sofia Carvalho, *Professoras de Português*

Participação no projeto Read On Portugal – Testemunhos ESPF

ALUNOS

Após participar na elaboração de um conto para o projeto "READ ON Portugal", tenho a dizer que se trata de um projeto que me permitiu aprender muito. Para além de me ter ajudado a ter uma perceção da vida de um escritor, mesmo tendo sido só por uns dias, ajudou-me a interagir com os meus colegas de uma forma mais livre, sem as pressões da sala de aula. Sendo do Curso de Artes Visuais, experienciei como os meus colegas criaram e deram vida às personagens. A maior ajuda, em toda esta experiência, foi a do escritor André Fernandes, que me inspirou com a sua ética de trabalho e personalidade."

Carlota Pinto, n.º 4, 11º F

A minha experiência no projeto "READ ON Portugal" superou as minhas expectativas. O projeto em questão estimulou a nossa criatividade, fez-nos perceber que as nossas ideias podem ser geniais quando são exploradas. No fundo, saímos das sessões mais confiantes e com uma maior força de vontade. Sinto-me muito grata pela experiência e, sem dúvida alguma que, se houvesse outra oportunidade, adoraria participar novamente. Obrigada, projeto READ ON, e um obrigada especial ao "nosso" autor André Fernandes, pela disponibilidade, esforço, simpatia e profissionalismo.

Rita Rocha, n.º 25, 11º F

Acho que este projeto trouxe uma perspetiva interessante para trabalhar a criatividade da turma. Nunca tínhamos sido desafiados a fazer uma história, principalmente com a ajuda e colaboração de um escritor, e este facto permitiu que esta atividade se revelasse tão interessante. Gostaria de, no futuro, participar novamente num projeto parecido com o "READ ON Portugal", visto que foi uma ótima experiência."

Diogo Amaral, 11º F

PROFESSORES

Sou a professora de Português da turma do 11.º ano do Curso de Artes Visuais e tive o prazer de participar nesta tão louvável iniciativa da responsabilidade da Rede de Bibliotecas Escolares.

Sinto-me realmente privilegiada por ser parte integrante deste projeto, não só por motivos profissionais como também pessoais. Apesar da minha contribuição ter sido diminuta, uma vez que os alunos são, de facto, os principais intervenientes, foi com muito entusiasmo que abracei esta proposta.

Em primeiro lugar, destaco o quão gratificante foi assistir ao trabalho colaborativo desenvolvido pelo grupo-turma, tão heterogéneo e, consequentemente, tão pleno de ideias diversificadas. Esta quase multiculturalidade dos elementos que o compõem resultou num produto original e único, reflexo das diferentes vivências, experiências e contextos de vida de cada um. A participação de cada aluno(a) foi exemplar, já que, através do empenho, motivação e interesse, revelaram conhecimentos a vários níveis nomeadamente, da produção escrita, da elaboração do enredo, da construção das personagens, da criatividade, sem olvidar as competências artísticas, bem patentes nas ilustrações realizadas. Demonstraram, igualmente, uma forte capacidade de partilha e aceitação do outro.

Do mesmo modo, foi especialmente satisfatório presenciar o prazer que a leitura e a escrita podem suscitar nos jovens, tão dinâmicos, interventivos e criativos, sempre a fervilhar de ideias.

Por fim, em termos pessoais, a minha paixão pela literatura foi alimentada quer pelos alunos quer pelo escritor André Fernandes, cujo excelente contributo enriqueceu e tornou possível este trabalho.

Sofia Carvalho, professora da ESPF

Cumprе ao professor bibliotecário ser, na Escola, “*um líder que tem uma visão estratégica*”, um criador e/ou um fomentador de oportunidades, motivo pelo qual se revelou impossível não agarrar esta iniciativa, propiciadora de uma experiência tão completa e tão motivadora no domínio do desenvolvimento das competências de produção escrita.

Professores e alunos precisam, hoje, de desafios envolventes, centrados em metodologias ativas, colaborativas e promotoras da criatividade, capazes de despertar entusiasmo e de resultar em aprendizagens significativas e em produtos finais interessantes.

Foi, pois, para mim, muito gratificante mobilizar colegas e alunos para este projeto, acompanhar todo o emotivo processo e ver nascer uma narrativa de inquestionável valor.

Foi também de valor ímpar conhecer o autor André Fernandes e perceber a sua dinâmica de trabalho, caracterizada particularmente por uma enorme aptidão empática, capaz de desbloquear o espírito criativo dos alunos a partir do processo partilha de vivências pessoais, que “emprestam” profundidade às personagens e tornam a narrativa verosímil.

Manuela Sá Cachada Baptista, Professora Bibliotecária da ESPF

Esta é a segunda vez que participo de um projeto no âmbito da parceria READ ON / Biblioteca da nossa escola. E por isso, foi com entusiasmo que o integrei este ano, com a turma do 11º ano das Artes Visuais, para orientá-los na produção da ilustração do texto que constituirá o “Conto”. É sempre enriquecedora a experiência de termos de sair da nossa “caixa” (entenda-se como o nosso interior ou a nossa sala de aula) mesmo que todos saibamos que a sala de aula é na essência, sempre, a interseção de todas as vivências, partilhas e aprendizagens com o outro. Acompanhar este grupo de alunos, por dois momentos com o André Fernandes, foi riquíssimo para conhecer melhor a “caixinha” dos sentimentos, da outra perspectiva, e, de tantas outras riquezas que tão poucas vezes, nós “escola Humana” nos permitimos explorar. A elaboração das ilustrações exigiu ir ao encontro do outro, deixar cair preconceitos, convicções, explorar o campo das frustrações, dar-se de si num tempo que já é curto, gerir o tempo, negociar outras tantas tarefas, ponderar escolhas, ... ufa!!!... Tomar decisões! Enfim, (des)apaixonarmo-nos pelo objeto a trabalhar e voltar à realidade do lidar connosco e com o outro na aprendizagem diária daquele que é o nosso verdadeiro conto. Sinto-me grata pela experiência, aguardando com entusiasmo as que estão por vir!

Sofia Simões Santos, Professora Artes Visuais da ESPF

ANTÓNIO CARLOS CORTEZ

Nasceu em Lisboa, em 1976.

É poeta, professor, crítico literário, ensaísta, doutorado em Ciências da Literatura pela Universidade do Minho.

Publicou desde 1999 cerca de 15 livros de poesia. Destacam-se da sua obra livros como *Um Barco no Rio* (2002); *Sombra no limite* (2004), *Depois de Dezembro* (2010); *O Nome Negro* (2010), *A Dor Concreta - antologia pessoa 1999/2015* (2016); *Corvos Cobras Chacais* (2017); *Jaguar* (2019) e *Diamante* (2022).

É colaborador permanente do Jornal de Letras, onde assina a coluna "*Palavra de poesia*" e, atualmente, do Diário de Notícias, com a coluna "*Directo à Leitura*".

Escreveu durante 10 anos para o jornal Público sobre Educação e Cultura.

Publicou *Voltar a Ler - ensaios sobre poesia, cultura e educação* (Gradiva, 2018) e, em 2021, *Crítica Crónica - educação, cultura e política* (Ed. Guerra & Paz).

É autor do romance *Um Dia Lusíada* (Caminho, 2022).

É vencedor de vários prémios, tais como:

- Prémio Sociedade Portuguesa de Autores em 2011, atribuído a *Depois de Dezembro* (editora Licorne, 2010);
- Grande Prémio APE/ Teixeira de Pascoaes em 2018, atribuído a *A Dor Concreta* (Tinta-da-China, 2016);
- Prémio Nacional Ruy Belo e Prémio António Gedeão/FENPROF em 2021, atribuído a *Jaguar* (Dom Quixote, 2019);
- Grande Prémio de Poesia APE/ Maria Amália Vaz de Carvalho 2022, atribuído a *Diamante* (Dom Quixote, 2021);
- Prémio Conto da Associação Portuguesa de Escritores/ Portugal 2050, projeto Abril 50 atribuído ao conto "*País real, um regresso*", em Dezembro de 2023.

No prelo:

Um Tempo De Sísifo: Os Portugueses, A leitura (Gradiva);
Camões para estudantes: 50 poemas comentados (Gradiva);
A Ditadura Digital ou o fim da democracia (Caminho).

Poesia:

Condor (Caminho);
Novos Demónios, Antigos Ritos - 25 anos de poesia. Poesia Reunida 1999-2024 (Caminho).

Ficção:

Cenas Portuguesas (contos, Caminho)

OUVIR IMAGENS:

A POESIA É ESSENCIAL NA EDUCAÇÃO

Perguntaram uma vez a Sophia de Mello Breyner o que era necessário para uma educação dos jovens e das crianças. A resposta foi simples: música, poesia, ginástica. Nessa resposta estava inscrito um ideal grego de formação integral do indivíduo (na conhecida expressão de Bento de Jesus Caraça, o autor de ensaio com esse título, “A formação integral do indivíduo”), o que, se era estranho nos anos da ditadura, ou mesmo nos tempos a seguir ao PREC (e Sophia advogou esse ideal a vida toda, e repetiu-o), não deixa de ser estranho nos dias de hoje. É que, se virmos bem, o que hoje se defende como educação é absolutamente contrário a um desenvolvimento integral da pessoa humana – criança, adolescente, jovem universitário, adulto no mercado de trabalho, pai e mãe, professor ou juiz, bombeiro ou técnico de contas, engenheiro ou polícia, político ou advogado...

De facto, como escreve Rob Riemen em *O Eterno Retorno do Fascismo* (Bizâncio, 2012), uma das coisas que caracteriza o fascismo é esse ódio à cultura dos livros, a tudo quanto sugira alta cultura, memória, espírito crítico. Esta última expressão, «espírito crítico», anda quase sempre na boca dos professores e dos pais, os quais se queixam, não raro, da ausência de espírito crítico das gerações mais novas. Mas não creio que essa ausência possa ser substituída por uma provinciana – e afinal acrítica – forma de contestação que, entre nós, quase sempre roça a mã-educação e se confunde, nos espíritos mais ingênuos ou mais cínicos, com o tal espírito crítico que falta um pouco por todo o lado, independentemente das gerações de que falemos.

Que significa então ter «espírito crítico»? Antes do mais, significa ter, em si, como inata especificidade de uma forma de ser e de estar, a dúvida como âncora que legitima quer a curiosidade, quer a vontade de fazer perguntas. Duvidar, questionar, isso é não aceitar de mão beijada o que se nos oferece, ou nos é dado, como verdade imutável, dogma indiscutível, postulado terminante. Nas nossas escolas, porém, abundam as tomadas de posição dogmáticas, as certezas infalíveis, os documentos legais que tudo legalizam (perdoem a redundância) e que, por tudo legalizarem, tudo matam: a criatividade, a interrogação. Helás! O espírito crítico!

Mas isto não seria tão grave se apenas acontecesse no «mundo dos adultos» que têm de cumprir mil regras – sobretudo se são professores. Nesse mundo é que tudo obedece a um determinismo nefando: o espírito da lei impede o conhecimento da liberdade, cerceada por um legalismo anquilosante. Que significa isto? Que a ausência de espírito crítico começa e acaba lá onde ele, o dito espírito, não poderia faltar: nos professores. Há, a par dessa crítica feita espírito que todos gostaríamos que houvesse em quantidades suficientes, uma outra faculdade (ou uma outra forma de estar e de ser, se aceitarmos que o seja) igualmente desaparecida ou que só provincianamente existe: a criatividade. Há uma semelhança não só fonética entre estas duas palavras: crítica e criatividade. Ambas estão, na

verdade, em crise nas escolas e universidades por esse país (e Europa?) fora. Que se pede aos alunos? Que vejam nas escolas o mero edifício onde passam imensas horas fazendo um pouco de tudo menos estudar, imaginar, criar. Estamos muito longe do ideal de Sophia e, mais longe ainda, da paideia grega – lembrem-se?

É por a imaginação e a criatividade, o espírito crítico e a possibilidade de as crianças e jovens poderem projectar outros eus e formas de ver o outro e de se verem a si mesmos que, na escola ou fora dela, a poesia é urgente. Como disse um poeta amigo meu (um dos grandes poetas actuais, pouco conhecido, mas um extraordinário poeta), “a poesia instala a dúvida na certeza dos moralistas e faz tremer o obtuso que nunca se engana.” Razão tinha, pois, Sophia: ginástica, música e poesia. Da música a sensibilidade para os ritmos e os números (o que é uma partitura senão uma elaboração matemática?); da poesia a sensibilidade para a gramática, a linguagem, as subtilizações do pensamento, do discurso, das palavras – suas imagens, seu trabalho versificatório, sua mnemónica natureza. Da ginástica, o corpo são, ágil, que voa, brinca, é leve e livre!

No nosso tempo, em que os professores são convidados sistematicamente a acreditar que ser-se professor é ser-se avaliador e que a escola é o lugar do adestramento das competências, mas jamais o lugar de produção dos saberes – os quais nascem do espanto e da curiosidade – impõe-se não deixar morrer definitivamente o espírito crítico. É desse espírito que podem ir florescendo (é no gerúndio que se conjuga o verbo educar, tal como o verbo amar, pois que «amar se aprende amando», como escreveu o grande poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade!) a sensibilidade e a inteligência.

A sensibilidade nada tem que ver com fragilidade. E a inteligência é só isto: dizer não à estupidez. Tal implica uma força de vontade muito grande, pois que, nestes anos vinte deste pobre século XXI, quando supúnhamos que os monstros da tirania, da ignorância e do fanatismo não regressariam, ei-los que voltam para assombrar – com o sempre renovado fantasma da guerra – as pessoas, as pessoas tão esgotadas, tão empobrecidas, tão espoliadas disso que todos queremos que haja: espírito crítico, imaginação, criatividade.

É em nome do grande combate que alguns estão travando contra a tirania, o fanatismo e a ignorância que uma iniciativa como o Read On faz sentido. O que se propôs a alguns alunos (um grupo pequeno, é certo, mas imensamente interessado, curioso e vivo!) foi que lessem poetas portugueses, ou outros, e que, respondendo a poemas que muitos conhecerão (os mais velhos), eles próprios, alunos, fossem tendo a noção de que um poema não resulta de qualquer estado inebriante causado por isso a que, vulgarmente, chamamos inspiração.

Essa ideia foi, devo dizer, a primeira a ser combatida nas reuniões e conversas que tive com os estudantes das duas escolas secundárias envolvidas neste projecto. Assim, para que pudessem responder aos poetas que vim a propor, impunha-se eliminar de vez uma ideia-feita: a de que a poesia surge da inspiração. A reboque desse preconceito, outros dois tivemos de eliminar, explicando-se bem a natureza equívoca com que eles são muitas vezes associados à poesia e ao seu ensino. Refiro-me

às ideias de «sentimento» e de «biografia». De facto, tal como um poema não é consequência do sentimento mas sim de um pensamento que transforma (e transfere) e que se sente para um plano que é intelectual – linguagem, razão, pensamento –, também um poema não é fruto de qualquer desejo de pôr em verso uma vida. Portanto, se há coisa que posso, creio, afirmar é que estes três pre-conceitos – o da inspiração, o do sentimento e o da biografia em verso – uma vez postos de lado, permitiram que estes alunos percebessem melhor que um poema é, verdadeiramente, um artefacto. Esta palavra – lembro-me bem – suscitou nos estudantes envolvidos alguma perplexidade. Então um poema é um artefacto? Claro que é. Todo o poema é um objecto de linguagem, um texto feito com palavras e palavras que suscitam, pela associação que promovem, ou melhor, pela combinação invulgar que os poetas levam a cabo, sentimentos, imagens, certa inquietação, ou surpresa que o leitor jamais sentiria, ou imaginaria se não tivesse lido um texto com esta ou aquela construção rítmica, este ou aquele arranjo rimático, esta ou aquela dicção.

O que os textos aqui compilados denotam, até pelo difícil exercício da paráfrase ou da glosa, é que os alunos compreenderam bem que um poema exige um saber artesanal. Explico melhor: quando um Lucas Canastro ou uma Ana Sofia Moreira, partindo de poemas de autores consagrados respondem com novas frases e novas combinações, o que temos é, verdadeiramente, a máquina de emaranhar paisagens – a poesia – a acontecer. O que ao mesmo tempo acontece, ali no lugar recôndito a que chamamos inteligência e sensibilidade, é, no coração do aluno, outra forma de vida. Não é outra coisa a poesia: a possibilidade de inocular vida (de infectar!!) no corpo gasto e sujo da linguagem de todos os dias.

Veja-se, a título de exemplo, estes versos de um dos nossos alunos:

*O jovem abutre é descarado e alisa as suas penas,
Alimenta-se do cadáver do abutre ancião,
Este que procura, de formas pequenas,*

Propagar uma falsa visão.

O que aqui acontece é do plano não só da resposta, mas da urgência de procurar um «como dizer» que seja similar ao texto de Sophia. Isto exige que o aluno compreenda bem o tom e a forma do poema político da autora de Grades. Mais: exige que quem escreve tenha presente o modelo rítmico e rimático e que, a partir desse modelo, inove, procure um grau de surpresa que dê ao texto de chegada uma propulsão outra, um outro voo. Lucas Canastro (que nome indiciador!!) não é ainda um poeta. Não? Talvez nenhum destes alunos seja. Mas há qualquer coisa a germinar. Há qualquer coisa que nos faz lembrar o conselho de Rilke nas conhecidas «Cartas a Um Jovem Poeta». Se o Lucas ou qualquer outro

dos seus colegas vier um dia a sentir que lhes é impossível não deixar de ler poesia e de a escrever, então significa que o poderoso desafio dos ritmos estranhos e das imagens mágicas da poesia lhes terá tocado. Tocado para sempre.

É que, no fundo, este projecto, o Read On, comprova, uma vez mais, quanto a poesia e as artes são a única hipótese que temos de resistir a este tempo de novos abutres que vão alisando as penas (e amansando os críticos, doutrinando os mansos, espezinhando os utopistas).

A escola e a educação em Portugal e, atrevo--me a dizer, na Europa e no mundo, só poderão continuar a existir se, por meio da poesia, das artes e de uma consciência humanista os professores – que são quem faz as turmas e os alunos – souberem compreender algumas coisas simples: a primeira de todas é que o espírito crítico só nasce do espanto e o espanto só nasce da surpresa do que é diferente e belo. É na literatura, e, especialmente na poesia, que essa surpresa e a essa beleza existem. Que o diga a poesia de Ana Sofia Moreira, verdadeiro ataque ao real quotidiano pobre, esfacelado, a pedir a revolução das palavras. A lição sonora, o trabalho das assonâncias e das aliteraões é, a partir de um poema de David, magistral:

Armazéns, caminhões e armazéns, é o caos.

Capital

irracional.

Cais, calos, cais, colos.

Cautos, castas. Calvos e vários alvos.

Casas, casos... Camiões, armações...

Capital

empilhada.

E jatos. E aviões.

E que paragens! Que Viagens!

Em que pensas? Como reages?

Capitães. E capatazes.

Em bom rigor, este projecto vem confirmar o que só os irresponsáveis não compreendem (pena que estejam muitas vezes nos lugares de decisão): que a escola, do grego «schole», significa «suspensão do tempo», isto é, momento de pausa, de libertação da criança e do adolescente em relação à opressora máquina de formatação que os impede de imaginar, de viver, de amar. Por isso é que o poema de Cesariny tocou a Veronika Lopatynets: porque em ambos existe a urgência de um encontro humano que reifique a realidade, que humanize a relação entre sujeitos.

Este magnífico projecto, que agora se faz livro, plaquete, compilação de poemas escritos por estudantes inquietos e curiosos, vem dizer-nos, a nós professores, que o espírito crítico existe. Que esse espírito é poético e que, no limite, não podemos continuar – seja em nome de que exames nacionais for, seja em nome de que estupidificantes competências forem (maquiniais, instrumentais, tudo feito para decapitar os nossos jovens e crianças – para que não sintam, não desejem e não vivam senão para manter a máquina do consumismo e da banalidade a funcionar) – a ser serventuários dos poderes que nos alienam e empobrecem.

Gostaria de dizer que esta foi para mim uma lição que não esquecerei: alunos colocando perguntas sobre poesia e História, sobre linguagem e concepção dos textos... Debates, silêncios, algumas surpresas. A destruição de lugares-comuns.

E, como lemos no belíssimo poema em prosa que encerra este volume, é a nós, professores, pedindo que sejamos muito mais que meros executores de grelhas e correctores de exames, é ainda com o poder ultrajovem da energia poética que eles, os nossos estudantes, se nos dirigem:

*Escrevo-te num crepúsculo em que as sombras dançam entre as ruas e cada pedra conta uma história esquecida.
Em teus cantos, ouço o sussurro das vozes que um dia ecoaram com a energia de sonhos revolucionários.*

António Carlos Cortez

Abril de 2025

A escrita é uma caminhada de descoberta.

Escrever é uma tarefa exigente que requer trabalho, persistência e dedicação.

Cada poema aqui presente reflete, não apenas as experiências e perspectivas das leituras de cada aluno, mas também a dedicação e o esforço investidos em cada verso. Foi um privilégio acompanhar-vos. Foi uma experiência enriquecedora e inspiradora.

Deixo o meu agradecimento por ter tido a oportunidade de participar neste projeto tão especial.

Que este livro seja um testemunho do poder transformador da poesia e um convite à reflexão e à apreciação da beleza e da força das palavras.

Maria Manuela Lima

Professora Bibliotecária

Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira – Espinho

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DR. MANUEL LARANJEIRA
Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira

*«A poesia é, sobretudo, linguagem. Linguagem animada pela emoção,
intensificada pelo ritmo e transfigurada pela metáfora.»*

David Mourão-Ferreira
(1927-1996)

*O poema como um lago
não repete, reflecte*

Gastão Cruz
(1941-2022)

DOIS POEMAS DE

Lucas Lobo Canastro (12º G)

e de Ana Sofia Moreira (11º D)

Como a poesia é bela e verdadeira! Como ela diz não dizendo! E é não dizendo que diz!

Jorge de Sena

(1919-1978)

Os fins da poesia são os mesmos que os da educação.

Ruy Belo

(1933-1978)

DOIS POEMAS DE

Lucas Canastro

Todo o artista é artesão de uma linguagem

Sophia de Mello Breyner

(1919-2004)

*Não basta que os poemas sejam belos. É bom que, ao lê-los
o leitor seja transportado por eles para um mundo de beleza.*

Horácio

O JOVEM ABUTRE

Cf. “O Velho Abutre”, de Sophia Mello Breyner

O jovem abutre é descarado e alisa as suas penas,
Alimenta-se do cadáver do abutre ancião,
Este que procura, de formas pequenas,

Propagar uma falsa visão.
A presa convence-se de que é predador,
Rendendo-se com orgulho ao seu opressor.

Enquanto fazem do bosque um odioso
Lugar de morte e destruição,
O abutre prepara-se para levantar voo.

DÚVIDAS DE SÍSIFO

Cf. “Sísifo”, de Miguel Torga

Porque hesitas a meio da subida?
Contemplas um declive que cansa a vista?
Não chegando um fruto, desejas o pomar?
Porém para no topo encontrares a glória
Não basta a vontade própria?
É de fazer tremer, o vazio do insucesso
De uma obra por reconhecer.
E por isso só pensas em descer...

Crê que, em fogo cair esquecido,
Nunca significa trabalho perdido.
O processo é um fim em movimento,
Abandoná-lo, imaterial ou incompleto,
Seria perder na escalada tudo o que é belo.
Deixar a garra da atitude por receio da tragédia
Seria, de ti que vives o absurdo, uma péssima comédia.

DOIS POEMAS DE
Ana Sofia Moreira

Oh, as perigosas cousas do mar!

Camões

The imagination is the only genius.

Wallace Stevens

"CAPITAL ASSASSINADA"

Cf. "Capital Decapitada" de David Mourão-Ferreira

Armazéns, caminhões e armazéns, é o caos.
Capital
irracional.
Cais, calos, cais, colos.
Cautos, castas. Calvos e vários alvos.
Casas, casos... Camiões, armações...
Capital
empilhada.
E jatos. E aviões.
E que paragens! Que Viagens!
Em que pensas? Como reages?
Capitães. E capatazes.
E cartazes. Que patadas!
E que chaves! Cofres, caixas...
Capital
decapitada.
Cascos, riscos, queixos, cornos.
Os capazes. Os capados.
Corpos e adornos. Copos e desidratados.
Capital,
oh! capital,
capital
assassinada!"

“POEMA EM LINHA RETA”

Poema em resposta a “Poema em Linha recta” de Álvaro de Campos (Fernando Pessoa)

Nunca conheci quem alguma vez tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm vencido em tudo.

E eu, tantas vezes arrogante, tantas vezes indiferente, tantas vezes rude,
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
Indesculpavelmente indiferente.
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para saber mais,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo perto dos cais.

Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido parvo, grotesco, palerma e submisso,
Que tenho sofrido vergonhas e tristezas e tenho calado.
Que quando não tenho calado, tenho sido ainda mais fútil;

Eu, que tenho sido cómico às auxiliares dos edifícios,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, ganhar minorias e gastá-las,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado,
Para fora da possibilidade do soco.

Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho convicção nisto tudo e neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo,
Nunca teve um acto ridículo, nunca sofreu parecido a mim,
Nunca foi senão príncipe – todos eles príncipes – na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana,
Que confessasse não um pecado, mas uma insanidade;
Que contasse uma violência ou uma covardia!

Não, são todos a perfeição, os que eu oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez fez atrocidades?

Ó príncipes, meus irmãos,
Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há vil gente neste mundo?
Então sou só eu que sou vil e erróneo neste globo?

Poderão as amantes não os terem amado,
Podem ter sido traídos – mas fracos nunca!
E eu, que tenho sido fraco e inútil sem ter sido traído,
Como posso eu falar com os meus superiores sem balbuciar?

Eu, que tenho sido arrogante, e literalmente fraco,
E inútil no sentido mesquinho e presente no centro da inutilidade.

ESCOLA SECUNDÁRIA ENG.º ACÁCIO CALAZANS DUARTE
Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente

«A literatura é linguagem carregada de sentido.»

Ezra Pound
(1885-1972)

*E eu que medito um livro que exacerbe
Quisera que o real e a análise mo dessem!*

Cesário Verde
(1855-1886)

DOIS POEMAS DE
Veronika Lopatynets – 11º C

*“Somos arrebatos num diálogo que leva a palavra à palavra,
a linguagem à linguagem”*

M. Heidegger

VEJO-TE EM TODO O LADO

CF. “Em todas as ruas te encontro” de Mário Cesariny.

Vejo-te em todo o lado,
nas ruas vazias da madrugada,
no reflexo dos vidros molhados,
no rasto deixado pela chuva apressada.

Estás no vento que me empurra,
nas sombras que dançam no chão,
no eco distante de passos,
no som abafado da multidão.

Mesmo quando tento esquecer,
tu surges num olhar perdido,
num riso breve, num gesto,
num silêncio interrompido.

Por mais que corra, que fuja,
tu apareces sem avisar,
como se fosses parte do mundo,
como se nunca fosses deixar de ficar.

PALAVRAS PROIBIDAS

Cf. “As palavras interditas” de Eugénio Andrade.

Há palavras que não digo,
fico com elas cá dentro,
têm força demais,
têm peso no vento.

Se as dissesse, tudo mudava,
talvez o mundo tremesse,
mas deixo-as presas no tempo,
onde ninguém as conhece.

São palavras que brilham no escuro,
mas que nunca posso usar,
porque algumas palavras proibidas
não se podem libertar.

DOIS POEMAS DE
Maria Reis – 11º H

*Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estarão os poemas que esperam ser escritos.*

Carlos Drummond de Andrade
(1902-1987)

MEDITAÇÃO SOBRE RUÍNAS
Cf. Nuno Júdice

Andou pelas salas sem vida mas com uma história:
Parede rachada, móveis velhos, empoeirados, pisos
De madeira podres e quebrados. Ouve-se vento,
Ouve-se mar: agora abafadas pelas janelas amareladas
Que ecoam na parede (pedra já à vista entre os restos
De tinta). Depois, na velha rua, caminhou pelos postes quebrados
De lua. Percebia-se, por entre os muros
Que eram invadidos, uma vista agora digna
Da mísera tragédia. O vale, deserto de casas, já
Os montes invadidos por entulho, deixam apenas rastros
De andarilhos e observadores. E quem sabe se alguma vez tenha ouvido
A música da flauta. Com efeito, estes lugares limita-se
A guardar histórias já não contadas, que o desuso transformou em frágeis
Fragmentos na memória. Agora, confundem-se com a cor amarelada das janelas;
E já nada as tocas abrigam, que apenas se querem esconder,
Dos céus, expostos do universo. Mas alguém passou por aqui,
Há muito; e as cinzas que se escapuliam, ainda, enquanto
O sol avança para o outro lado, arrastando consigo as cores quentes
Do crepúsculo que desce, nem alma nem gente saúda
A despedida do dia.

Cf. Mário Cesariny
(Original: Em todas as ruas te encontro)

Em todas as ruas tu me encontraste
Em todas as ruas tu me perdes
Se conheces tão bem o meu corpo
Se sonhaste tanto a minha figura
Que foi de olhos fechados que te dedicaste
A limitar o meu ser
E de água bebida e ar sorvido
Que se arrastou pela cintura
Tanto, tão perto, tão real
Que vi o teu corpo se transfigura
Pronto a tocar o próprio elemento
Num corpo que há muito não é meu nem teu
Num rio que verteu
Onde meus braços te procuram

Em todas as ruas tu me encontraste
Em todas as ruas tu me perdes

DOIS POEMAS DE
Marta Bento – 11º H

Com el ritmo latente
De la vida profunda

Rúben Dario

Cf. Alexandre O'Neill
Perfilados de medo

(perfilados de amor)

Perfilados de amor, vivemos
O amor que nos leva à loucura.
A razão empurrada para o lado
Como nadar em água turva.
Apaixonados já sem amor,
Perfilados da ausência que combatemos
Irónicos tolos que gostam da dor
De procurar o que nunca teremos.
Perfilados de amor, sem mais esperança,
O coração acaba espremido,
Os loucos, que gostam da própria matança.
O mundo pelo amor perseguido,
Tudo para não vivermos sós
Com isto acabamos deprimidos
Mas iguais, todos nós...

Cf. Vinicius Moraes
A Rosa de Hiroxima

(o cravo vermelho)

Pensem no povo
Ignorante enganado
Pensem nos jovens
Tristes emigrados
Pensem nas mulheres
Enganadas violadas
Pensem nos problemas
Buracos na estrada
Mas oh não se esqueçam
Do cravo vermelho
Da flor mais linda
Da revolução
O cravo que é um espelho
Da libertação
Ingênuo esquecido
Cravo que adoece
Perdendo o sentido
(não desaparece
não no meu coração)

DOIS POEMAS DE
TERESA SANTOS – 2º J

*Do mar e suas ondas e seus jatos eu conheço a noite e o amanhecer exaltado
como uma nuvem de pombas. E os meus olhos fixaram fantasmagorias.*

Jean-Arthur Rimbaud
(1854-1891)

*Cf. Fernando Pessoa
Poema em Linha Reta*

Linha Quebrada
Nunca fui o que se bate no peito,
o que nunca caiu, nunca chorou.
Nunca fui o que finge bravura,
o que caminha sem tropeçar.

Vejo-os ao longe, altivos, certos,
mas desconfio das suas certezas.
Serão tão impecáveis assim
ou apenas mais hábeis na mentira?

Eu aceito o que sou: falho, real.
Prefiro a verdade ao verniz das máscaras.
Pois se há coisa que sei neste mundo
é que a linha reta nunca existiu.

Cf. Manuel Alegre
Bairro Ocidental

Querido Bairro Ocidental,

Escrevo-te num crepúsculo em que as sombras dançam entre as ruas e cada pedra conta uma história esquecida. Em teus cantos, ouço o sussurro das vozes que um dia ecoaram com a energia de sonhos revolucionários. Caminhei por teus caminhos, e a memória dos passos apressados, dos risos e dos silêncios, invadiu o meu ser.

Lembro-me de uma tarde em que o sol, tímido, se derramava pelas janelas antigas, e eu me perguntava: será que ainda há espaço para os sonhos que se perderam entre os murmúrios do vento? Que segredos guardas, Bairro Ocidental, entre as paredes gastas pelo tempo?

Guarda, se puderes, a lembrança de um coração que te amou e que, mesmo distante, sente que em cada esquina reside a esperança de um novo recomeço.

FICHA TÉCNICA

Escola Básica e Secundária Dr. Manuel Laranjeira
Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira - Espinho

Nome dos Alunos:

Lucas Lobo Godinho da Silva Canastro – 12º G
Ana Sofia Moreira – 11º D

Nome dos Docentes:

Maria Manuela Lima, *Professora Bibliotecária*
Célia Gomes, *Professora de Português*
Amélia Jorge, *Professora de Português*

Escola Secundária Eng. Acácio Calazans Duarte
Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente

Nome dos Alunos:

Maria Francisca Angélico Reis – 11º H
Marta Oliveira Bento – 11º H
Teresa Maria Lima dos Santos – 2º J
Veronika Lopatynets – 11º C

Nome dos Docentes:

António Santos, *Professor Bibliotecário*



MARIA FRANCISCA MACEDO

Maria Francisca Macedo é professora, escritora e divulgadora de ciências para os mais novos. Percorre as escolas, de norte a sul do país, com workshops de ciência, palestras e encontros literários. Tem mais de 30 obras publicadas, sempre com foco no desenvolvimento de pensamento crítico dos jovens.

As suas coleções de maior sucesso são as ***Crónicas de Enigma***, para jovens, e o ***Clube dos Cientistas*** para os mais novos.

Tem um Mestrado em Educação e uma Pós Graduação em Livro Infantil.

Foi distinguida pelo Global Teacher Prize Portugal 2018, pelo elevado contributo para a Educação, recebeu o ***Prémio Literário Maria Rosa Colaço 2019***, para melhor obra infantil inédita, e o ***Prémio de Bolsa de Criação Literária em 2024***, atribuído anualmente pela Direção Geral do Livro e da Biblioteca.

A maioria dos seus livros fazem parte do Plano Nacional de Leitura. Para além disso, a coleção ***O Clube dos Cientistas*** recebeu o selo LER+Ciência, numa parceria do PNL com a rede CIÊNCIA VIVA.

Nota breve para leitura e interpretação do texto apresentado:

Todas os excertos foram transcritos diretamente dos textos entregues pelos alunos participantes, com o mínimo de intervenção, mantendo o estilo e intenção de cada autor. A itálico, apresentam-se alguns excertos da obra édita de Fernando Pessoa e heterónimos, devidamente identificada. A negro, as breves intervenções e acrescentos de texto, criados com o objetivo de unir os excertos dos autores participantes e dar maior coerência ao texto final. A ideia de criar um fantasma de Fernando Pessoa, preso a uma moeda, que deambula pelo mundo em busca de um significado para a existência humana surgiu em trabalho com o grupo e foi desenvolvida pelos alunos participantes.

A CIDADANIA É UM FANTASMA EM BUSCA DE LIBERDADE

São duas da tarde.

Um sem abrigo descansa à porta de um café, pede esmola a quem passa dizendo que tem fome e precisa comer e beber, quem passa ignora ou finge ignorar, julgando-o pela sua condição, pelo o que o terá trazido a esta situação; uma criança, com não mais de 10 anos, aproxima-se, coloca uma moeda no chapéu antigo e desgastado e diz “Aqui tem senhor, não é muito, a minha mãe deu-ma para comprar uma pastilha, mas você precisa mais dela”, o homem admirado agradece agarrando a moeda, observando-a, aquela moeda é lhe familiar, não sabe porquê, talvez seja da fome, talvez do cansaço, mas o que interessa é que já tem o suficiente para comprar uma tosta mista

*O que há em mim é sobretudo cansaço —
Não disto nem daquilo,
Nem sequer de tudo ou de nada:
Cansaço assim mesmo, ele mesmo,
Cansaço.¹*

Sou pessoa. Sou Fernando.

Já estava cansado em vida. Na morte, vou só andando.

Desejo sair do limbo,
A moeda é o meu carimbo.
A liberdade irei conseguir,
E o desassossego interno irei banir.

¹ Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). - 64.

*Levei a vida toda a sentir-me inadaptado
mesmo às suas coisas mais altas e [a] adaptar-me a todas,
mesmo, às mais reles.*

*Assim criei uma dupla personalidade,
da qual ambos os ramos são falsos.*

Por isso me não encontro.

Por detrás do homem de espírito e um pouco de sociedade, sou o artista morto, e não o sou realmente. ...

Hoje não tenho alma.

*Vendi-a a mim próprio, a troco de moeda falsa,
beijos comprados, amizades inúteis,
admiradores desprezíveis,
inimigos que me esqueceram.²*

**Passaram-se séculos. E continuo preso neste limbo, ancorado à moeda pela qual me vendi. Sigo-a.
Deve ser aquela. Se a encontrar, voltarei a ser inteir...**

Ali!

Uma moeda, aquelas que toda a gente tem na carteira, simples e monótona, tal como todas as outras moedas. Chega o Sr. Adelino para mais um pequeno-almoço, acabara de receber a reforma e está todo contente.

“Dê-me um pastel de nata e uma BICA”- disse o Sr. Adelino

“Este mês voltou a aumentar, a inflação está grave...GRAVE!”

Então o Sr. Adelino deu a sua nota de 5€ dizendo: “Antigamente, estes 5€ davam-me para os pequenos-almoços da semana toda!”

“Aqui está o seu troco Sr. Adelino, até amanhã!”

Desde que estou morto que vejo estas cenas todos os dias.

Em fantasma me tornei

No entanto o meu legado deixei

A liberdade preciso de atingir

Mas para isso a moeda preciso conseguir

Para ao paraíso poder subir

Será isso possível?

² Carta a Marco Alves, Fernando Pessoa, in *Pessoa por Conhecer - Textos para um Novo Mapa*. Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990. - 25c. 64.

A moeda move-se. Eu sigo o objeto, mergulho nas pessoas. Sei que no dia em que entender a humanidade, conseguirei pôr fim a este fado. Há uma palavra que me ressoa constantemente. Cidadania. O que é isso?

Novo movimento da moeda, nova oportunidade de perceber.

Uma pessoa está a passear, está ansiosa com algo, não tem a certeza se vai correr bem ou não. Enquanto passeia encontra uma fonte da sorte, decide abrir a carteira, encontra uma moeda de um euro, isso faz ele pedir um desejo, e de seguida atira a moeda.

No dia seguinte um mendigo passa pela mesma fonte, e mesmo contra a sua vontade vai “roubar” algumas moedas da fonte, uma delas o euro fantasma, levando consigo a moeda, para comer mais tarde.

E agora eu, Pessoa-fantasma, estou ancorado na moeda no bolso de um sem abrigo, na fila interminável de senhas para a segurança social. Lembro-me de uns versos que escrevi.

*Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!³*

Não resisto. Mergulho na máquina. A máquina de senhas observa tudo, impassível. A sala, fria e iluminada, está cheia de cadeiras ocupadas por olhares ansiosos, atentos ao painel luminoso.

Pessoas se aproximam. Algumas decididas, outras hesitantes diante do ecrã. Um idoso ajusta os óculos, uma mãe equilibra o bebé no colo, um homem de fato já olha impaciente para o relógio. Movem-se em ritmos diferentes—uns apressados, outros arrastados pela resignação.

As roupas contam histórias: fatos elegantes, jeans gastos, mochilas carregadas de papéis. E a máquina, imóvel, continua a distribuir senhas, testemunhando a dança silenciosa da espera.

Os rostos se cruzam, mas ninguém se conhece,
A cultura é moeda, e no bolso a promessa,
A verdade se dispersa, mas ninguém a tece,
Entre os povos, a cidadania é uma tessitura que nos interessa.

³ Ode Triunfal, Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). - 144.

Acho que já sei.

Cidadania:

Área que explora os problemas entre as pessoas e persegue uma resposta que satisfaz a maioria.

Fico quieto.

A epifania não me libertou.

Preciso de perceber ainda melhor esta palavra. Ponho-me a pensar as vezes em que fui levado para cafés, preso a trocos. E restaurantes. Há moedas por lá. E pessoas.

Nos restaurantes asiáticos sinto a textura e o cheiro da comida diferente do que estou habituado, provo pratos de culturas diferentes da minha, também vejo e ouço a preparação dos alimentos bem como as diferentes línguas orientais. Além disso sinto a beleza e tradição das culturas das pessoas desses países.

Junto à lâmpada de um candeeiro de um restaurante, estava eu a escutar a conversa de um casal que estava a discutir sobre o esquecimento do marido. Em relação ao aniversário do casamento. Mas quando chegou a filha que tinha ido ao banheiro, eles pararam imediatamente e fingiram como se não tivesse acontecido nada. Mantendo a boa aparência de casal que não discute em frente da filha.

Perto da lâmpada do restaurante sinto um calor vindo da mesma, observo um casal cujo homem se ajoelha e pede a sua mulher em casamento, ambos de culturas diferentes, desconfio que ele seja americano pelo sotaque e ela brasileira. Sinto o amor deles a percorrer todo o meu espírito.

O cheiro vindo da cozinha do restaurante desperta-me muita fome, cheira a comida chinesa, a minha preferida em vida.

Após ficar distraído com o cheiro da comida quando olho para a mesa onde os mesmos estavam sentados já não lá estão. Estavam agora no balcão a pagar. O homem não tinha o dinheiro certo e então teve de receber um troco, e nesse troco estava uma moeda, brilhante, diferente que despertou a minha atenção. Sentia-me atraído, sinto-me no dever de a seguir. **Lá vou eu de novo.**

Já vi muitas culturas diferentes. Fui a Marrocos, vi uma grande diversidade de bancas, a venderem tapetes, senti o cheiro do couro das malas, comi o cuscuz tradicional, ouvi a língua falada. Já fui atraído até um jantar temático onde o país era a Palestina. Provei alguns pratos típicos mas o meu preferido foi sem dúvida o Húmus. O cheiro era muito ligado ao grão e a certas especiarias, e, enquanto jantávamos ouvíamos música típica. Fez-me sentir como se tivesse a desbravar um novo mundo já que estamos habituados a certos hábitos, e ao experimentar algo novo sentimos que estamos noutro mundo completamente diferente. Outra vez, quando fui a Espanha, durante uma ida à praia apercebi-me do diferente tom e textura da areia (acinzentado, mais áspera) a água era

mais agitada e as pessoas eram capazes de deixarem as coisas na praia sem ninguém a vigiar e nada acontecia, isso transmitiu-me uma sensação de segurança e confiança.

Viajei até São Tomé. De entre as várias atividades que fiz, dancei ao som de músicas tradicionais do país, comi pratos típicos de diferentes localidades que visitei, vi paisagens lindas que me comoveram, clima era quente e seco e um cheiro a queimado percorria os locais por onde passava. **Dessa vez quase esqueci que era fantasma e que ninguém me podia ver. Também já** estive no Dubai, onde a cultura me chamou muito à atenção, onde o país estava dividido entre o luxo e a antiguidade, o que me despertou uma certa surpresa do porquê desta divisão. Ao andar nas ruas antigas da cidade consegui sentir muito o cheiro das especiarias e ouvir mais a língua nativa da mesma,, já nas ruas luxuosas consegui ouvir muito o inglês e os carros luxuosos.

Interculturalidade.
são várias opiniões ou visões num só lugar.
saber viver entre origens que fogem ao normal.
Expressão plural na terra.

Estarei a chegar lá, à resposta que preciso para me libertar? a moeda move-se de novo. Uma família colecionadora, na posse de bastantes moedas com gravuras raras, com mais valor simbólico do que material. Passando de geração em geração, estas mesmas moedas atravessam várias realidades em tempos e espaços diferentes. Membros de família. Uma avó a entregar uma moeda rara, que é herança de família.

A moeda começa como troco dado por engano numa compra e, sem que ninguém repare, continua a circular entre clientes, vendedores, mendigos e viajantes, começando uma ligação invisível entre estranhos. Uma passagem de memória. Um ato de cidadania.

Sigo um jovem. Ele sou eu, eu sou ele. Estou a viajar de autocarro com o meu pai e o meu irmão da Espanha para Portugal. Durante a viagem, vimos boa parte das cidades espanholas que eram muito bonitas e diferiam completamente do que eu havia visto até então. Era uma paisagem deslumbrante e cheia de cores. Quando chegámos a Almada era mais tranquila do que a nossa cidade natal, com um muito frio, o cheiro também era muito simples e não me causou grande impressão. Não havia zungueiras(vendedoras ambulantes), nem pessoas a gritar.

No brilho frio da moeda antiga,
Vejo o tempo que não se explica.
É pátria, mundo, mão que aperta,
História viva em face aberta.

A moeda move-se. Vou atrás. Ao longe observo uma família constituída por um casal e uma criança estes aparentam ser do norte de Europa, com os cabelos louros, olhos azuis e a pele pálida. Estes levantam-se e passam por mim como se fosse apenas uma brisa, aproximam-se do balcão onde está um homem com cabelo grisalho e um sorriso cintilante, parece conhecer muito bem a família, prossegue a perguntar se gostaram da comida e com a pronúncia carregada estes respondem que sim, mas que da próxima iam optar pelo peixe. Fiquei comovido com a inclusão e a empatia do homem atrás do balcão. Entretanto antes de saírem pagaram a conta com duas notas e uma moeda da qual eu estava estranhamente atraído, afinal foi por causa dela que eu aqui cheguei.

Tento de novo. Entro na moeda com força e grito ao destino a minha conclusão. Já sei o que é ser cidadão!

Cidadania:
respeito e união;
esta palavra remete-nos ao respeito,
a empatia e hábitos que visam manter
a harmonia entre as pessoas.

Mas nada. A moeda move-se de novo e vou no bolso até a um hospital.

Na sala de espera, observo um casal de cultura portuguesa que não para de julgar uma pessoa de cultura indiana, mais especificamente uma mulher.

Enquanto os mesmos esperam se a cirurgia do seu filho correu bem ou não, mal eles sabiam que quem tinha doado o rim que o seu filho precisava era essa mesma pessoa.

Após os médicos conversarem com o casal e transmitirem que a cirurgia foi bem-sucedida os mesmos quiseram conhecer o doador. Imaginem o espanto do casal ao perceber que era a mulher a qual estiveram a julgar o tempo todo em que estiveram à espera de notícias.

Como forma de agradecimento quiseram pagar uma quantia por ter salvo a vida do filho e, no meio disso, ia a minha tão especial moeda.

A moeda que preciso para atingir a minha liberdade e poder ser livre.

Dou por mim a encarnar um dos pacientes, enquanto escrevo no meu livro espectral.

Quanto tempo terei eu de sofrer
Dias e dias passam
Mesmo parado, continuo a combater
Não sei se matam ou salvam

Mas irei permanecer enquanto posso
Será isto a perdição ou a salvação?
Até sobrar o osso
Continuarei na casota como um cão

Acho que o amor é algo natural sem ofensas, sem guerras, sem maldade, o amor de uma relação é também as discussões onde se trocam ideias, é as saudades, é as saudades, a esperança de voltar a ver a pessoa naquela semana, é o pensamento que no futuro vão estar juntos.

O amor é simplesmente perfeito na sua imperfeição, é algo único, simples.

O amor no geral consegue trazer a felicidade de volta, consegue trazer o respeito, a empatia pelo próximo de forma subtil e silenciosa.

Será isso a cidadania? Esperem. Onde vim parar agora? Olho à volta, tanta gente a lanchar, gente cansada do trabalho, gente que lancha com os filhos vindos a escola, ao fundo há uma família todos a comerem coisas diferentes, a mãe come um pão de Deus, a filha um bolo de chocolate, o pai já comeu bebe apenas o seu café, conversam entre si sobre tanta coisa, o trabalho do pai que lhe dá cabo das costas, as aulas da filha; ao balcão um homem pede uma tosta mista, vê-se que tem fome, há momentos estava lá fora sentado no chão. Ouve-se entre o barulho das conversas o tintilar dos pratos e talheres na cozinha, a esta hora há muito movimento os donos do café entram e saem, atendem e levam à mesa no furor que apenas quem assim trabalha consegue adquirir, no centro do café estão vários homens de fato, falam das ações e da política, um deles tem pronúncia do Norte, terá vindo para Lisboa pelo trabalho, outro é de origem africana, todos tomam o mesmo, um galão e um pastel de nata.

Na esplanada um jovem come uma sandes e lê um livro, uma coletânea de poemas, pergunto-me se haverá algum dos meus.

*Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,
E não tivesse mais irmandade com as coisas
Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua
A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada
De dentro da minha cabeça,
E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.
Estou hoje perplexo como quem pensou e achou e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.⁴*

⁴ Tabacaria, Álvaro de Campos. Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944

Sou fantasma e sou a pessoa que tem a moeda que me prende. Num belo dia decidi sair de casa e comprar algumas coisas para comer, fui à minha carteira e só tinha um euro, alguma coisa tinha de comprar, a fome já estava a matar. Passei num minimercado e procurei o mais barato, havia bolachas, batatas fritas e mais um molho de coisas, encontrei um pacote de bolachas por noventa e cinco centimos. Bem, a moeda já se encaixava no orçamento, então fui pagar, porém enquanto passava a moeda alguém decidiu levá-la, pensei em correr atrás, mas a fome deixou-me mais fraco. Enquanto isso, um ladrão, vejo, miro e corro, sou rápido o suficiente para levar a moeda, um euro já me chega para o resto do dia, já na rua só parei quando vi uma esquina, não era muito, mas era o suficiente, nesta moeda apostei o meu dia, espero que valha de alguma coisa.

Passei o dia todo com ela, sem saber no que gastar, chegou o fim do dia, e a moeda ainda não tinha passado do meu bolso, talvez tente passar mais um dia sem comer, já estou habituado, também sou roubado e não reclamo, é assim a vida de um gajo.

Bem num café chego, já de noite, reconheço um antigo amigo meu, vou ter com ele e falo algumas palavras, ele diz que me paga um café e um pão, tá melhor que eu, fez da vida uma ferramenta e eu de uma brincadeira.

Voltei a casa, lembrei-me da moeda, podia ter pago, mas preferi guardar, estava de barriga cheia e agradei por estar vivo. Nos meus sonhos vi um fantasma, não falava só assistia, vi algumas emoções contidas nele, aproximou-se e analisou-me, deve ter visto uma nova vida, não entendi nada, acordei no dia seguinte como se nada tivesse acontecido, bem mais um dia na minha vida.

Às vezes estou no bolso errado. Como quando Lucas e os seus amigos começaram a intimidar o João, um aluno tímido, fazendo piadas sobre sua aparência e a sua maneira de falar. As provocações intensificam-se, e o João começou a faltar à escola e isolou-se. Durante uma prova, um dos colegas de Lucas mandou água para a sua folha, causando-lhe grande humilhação, stress e desconforto.

Atiraram-lhe uma borracha. Papelinhos. E uma moeda. A minha moeda. Eu. Ao cair no seu colo, quase consigo entrar nele e sentir-lhe os pensamentos.

São mais ou menos assim:

No passado domingo fiz dezoito anos, o que é estranho pois andamos constantemente a dizer que queremos crescer, e agora num abrir e fechar de olhos, o momento pelo qual mais esperávamos acontece, e ficamos tipo "oh meu deus" como é possível ter passado tão depressa, como assim agora posso votar, tirar a carta, ter responsabilidade sobre mim, como é que já posso ser considerada adulta, como é que daqui a uns meses os meus amigos, alguns que me acompanham desde dos quatro anos vão deixar de fazer parte da minha rotina diária. O caos é uma característica do mundo onde habito, será isto mau de todo? Nem eu sei. Só sei que quero abandonar esta monotonia, acabar com os dois parados, constantes e lineares. Quero que sejam diferentes de tudo que já imaginei. Que sejam como conhecer um novo planeta, ou uma nova estrela. Descobrir que não falta muito para o fim. Só quero que esta monotonia acabe e eu deixe de ser um acomodado. Quem sou eu? O que é que eu me propus a

fazer da vida? Será que o meu eu de há 3 anos estaria orgulhoso? Será que eu fiz aquilo que eu planeava fazer? Será que eu orgulhei quem eu esperava orgulhar? Honestamente eu não sei.

Hoje não deveria haver aulas, o teste de matemática deveria ser na quarta, as pessoas são falsas. Ontem fui ao parque, não sei o que escrever, a minha cabeça não me ajuda. espero que os três minutos passem logo, a minha mão está cansada, falta 1 minuto, agora devem faltar 30 segundos, acho que já acabou. Socorro, minutos passem logo, minha mão está a doer, depois dessa já não escrevo hoje.

Cidadania

é a união entre uma pessoa e um grupo,
que normalmente garante a empatia e o respeito entre os mesmos.

É isto? Estou livre? Ainda não. Ainda estou numa sala de aula. E ali?

Um aluno, o melhor da turma, aquele que as professoras veneram, vira a sentir a sua primeira dificuldade durante um teste. Não sabe o que fazer, não se consegue controlar e começa a ter um ataque de pânico. O fantasma ao observar a situação sente que tem de intervir, e, começa a soprar para a cara dele fazendo com que o aluno pense que é uma corrente de ar e olha para a janela. Ao olhar, apercebe-se de que há uma vida para além daquela folha de papel, apercebe-se de que há muito mais para além da vida e chega à conclusão de que a resposta que estava à procura era o vento. Graças ao movimento do Fantasma, o aluno apercebeu-se que o vento por muito que o tenha ajudado continua a ser um fator de erosão e essa era a resposta que estava à procura.

Não devia ter interferido. A minha missão é só ver. Flutuar. Perceber a humanidade. Nunca antes interferei. Nem mesmo quando estive no bolso da Marta, que passou por um beco escondido, apertado, escuro com um cheiro nauseabundo, onde avistou logo um casal numa discussão agressiva a ponto da mulher ser agredida com uma garrafa vazia de vinho, esta desmaiou e ficou com cortes, por fim o agressor fugiu deixando a vítima desamparada e exposta a mais perigos. **Nem quando estive no mealheiro da Ana.** A Ana tem um cão, que se chama Hoshi, ela costumava levá-lo ao parque todas as manhãs para que ele brincasse e convivesse com outros cães, certo dia, numa manhã ensolarada, o animal, desejoso de ir ao parque apanhar ar livre, como era habitual, foi acordar a dona e este apercebeu-se que ela não se mexia, passados alguns dias, os vizinhos do lado, começaram a sentir um cheiro a podridão, chamaram a ambulância e, o Hoshi, que em tempos fora um cão muito amado e mimado, ficou abandonado.

Fiquei naquele mealheiro meses, até que António me viesse buscar. A moeda mudou de mãos. E lá fui eu.

O seu nome é António, jovem adulto com 32 anos, vive sozinho, trabalho de salário mínimo, escolaridade secundária sem formação, tenta ajudar os pais no que pode, de vez em quando brinca

com o seu sobrinho e tem poucos amigos. Aceita a rotina que vive e vê sempre o lado positivo da coisa. **Por fim encontra-se numa situação complicada, está a ser despedido por justa causa e não é visitado pelo sobrinho há algum tempo, aceita isso tudo e pensa num futuro melhor.**

Já vi coisas terríveis. Como o menino que sente a solidão de não ter ninguém ao seu lado, os sobreviventes ao seu redor não confiam no próximo, apenas se importando consigo mesmos. A busca por uma casa continua, pois ninguém acredita nele, a busca por mantimentos torna-se cada vez menos eficaz. Ao passar dos dias, torna-se impossível continuar. Como é possível que num país com tantos recursos como o nosso, ainda existam pessoas sem nada, enquanto aqueles que os governam têm de tudo e mais um pouco? Ou a Carminho, que se sentia impotente e cada vez que olhava para os seus agressores, sentia um grande aperto e uma dor muito grande no peito, fazendo com que lágrimas escorressem ao longo do seu rosto e ficando marcado apenas, na sua cabeça, os gritos ofensivos que havia ouvido, ecoando constantemente na sua mente.

É isso!

Cidadania :

Área que explora os problemas entre as pessoas
e persegue uma resposta que satisfaz a maioria.

Espero.

Desespero.

Ainda não foi esta a definição, nem este o momento que me libertou.

Disperso-me.

Ali! A moeda vai mudar de mãos! Sigo-a.

Entre as moedas que troco, vagueio,
A cidadania não é mais que um nome vago,
Em terras distantes, onde a língua é o meio,
Somos todos filhos do mesmo enigma, do mesmo trago.

Num canto de um quarto existem milhares de histórias por contar, nesse canto encontra-se uma mesa, uma arte, e alguns outros objetos. Em cima da mesa um livro por ler, um candeeiro sempre ligado, uma torrada já a queimar, um computador velho, uma prateleira e por fim um conjunto de livros ainda por ler.

Estou numa casa, em Almada. Uma jovem escreve no computador. Espreito. É o trabalho de casa:

Ultimamente tem-se falado bastante sobre a emigração e as consequências que isso traz aos já residentes aqui em Portugal. Fala-se também sobre a quantidade de mulheres de outras

nacionalidades e etnias que se deslocam dos seus países de origem e vêm para aqui (Portugal) e dão à luz nos nossos hospitais. Embora muita gente se imponha contra este acontecimento eu penso que essa opinião tenha como base todos os pontos negativos que a emigração traz consigo, “cegando” de alguma maneira as pessoas impedindo-as de verem este/ estes fenómeno/fenómenos de outra perspetiva que nos permita colocarmo-nos no lugar do próximo

Claro que a emigração em grande porte, como tudo em excesso, vem acompanhada de possíveis/ /alguns malefícios porém, vindo as coisas pelo lado positivo, é sempre uma oportunidade de conhecermos outras culturas e darmos às mesmas a conhecer a essência da nossa e desta forma podermos tornar-nos cidadãos culturalmente enriquecidos.

Estranho. É jovem demais para estar a falar tão sabiamente. Que discurso é este que escreve?

Mergulho no enunciado e arrepio-me. Um prémio. A jovem escreve o discurso de aceitação de um prémio.

Este momento não me pertence apenas a mim. Pertence a todos aqueles que acreditam na mudança, que lutam por um mundo mais justo e que se recusam a aceitar a violência, a injustiça e o sofrimento como algo inevitável.

Tenho 17 anos. E sei que, muitas vezes, quando alguém da minha idade se ergue para falar sobre paz. Dizem que somos demasiado novos, para entender, que a vida nos ensinará que o mundo não muda tão facilmente. Mas acredito que a juventude não é um obstáculo à mudança.

Foi com esta convicção que me recusei a ficar calada perante as injustiças. Foi com esta certeza que acreditei que cada palavra, cada ação e cada gesto de empatia têm o poder de transformar vidas.

A paz não é apenas a ausência de guerra. Paz é garantir que nenhuma criança tenha de fugir da sua casa por causa da violência. Paz é dar voz aos que foram silenciados. Paz é lutar por igualdade, justiça e dignidade para todos. E essa luta não pertence apenas a líderes políticos ou organizações internacionais, a paz pertence-nos a todos. Este prémio não significa que o trabalho está concluído. Pelo contrário, é um lembrete de que a mudança exige perseverança e coragem. E é um apelo a todos, especialmente aos jovens, para que não deixem que vos digam que não podem fazer a diferença.

Com o vosso apoio e trabalho árduo vamos fazer deste país um lugar melhor e mais desenvolvido, como os outros disseram que seria.

Vamos fazer do nosso país um lugar do qual as futuras gerações se orgulhem de pertencer; um lugar onde não tenhamos medo do que o outro nos pode fazer a nós ou à nossa família; um lugar onde nos tratemos como os irmãos que somos; onde as nossas diferenças nos unam.

Estou perto de uma solução.

De nova epifania.

Cidadania:

Salvaguardar os privilégios que uma pessoa deve ter em sociedade

Desço as escadas. O pai faz zapping na televisão. Primeiro, um filme de ficção científica. Um ator discursa num fingimento assustado.

Bom dia, mundo. Peço um pouco do vosso tempo para enunciar um grande evento que irá mudar a humanidade. Como provavelmente já viram há algo a produzir uma imensa luz a vir em direção à Terra. A quem se pergunta quem eu sou, eu fui escolhido para vos comunicar o acontecido, e por agora isso é tudo o que necessitam saber. Neste momento não sabemos nada sobre esta luz, é um corpo desconhecido para nós, encontra-se a produzir bastante energia em forma de luz, acreditamos que esta luz esteja a ser controlada por eles e não seja devido à gravidade da Terra, prevemos que seja alguma espécie externa de vida na tentativa de se comunicar connosco, ainda não sabemos se vêm em paz ou se são um perigo. Temos tudo sob controlo por isso pedimos que não entrem em pânico, neste momento estamos a evacuar os cidadãos do ponto de impacto caso caia diretamente e siga o trajeto atual, iremos juntar as unidades possíveis para prevenir qualquer complicação. Agradecemos a atenção, vamos passar protocolos de segurança nas telas logo após a minha saída e iremos atualizar a sociedade dos acontecimentos.

É bom, o ator. Finge quase tão bem como um poeta.

*O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.⁵*

As pessoas no filme dizem coisas estranhas. Frases batidas. Outras profundas.

- Pessoal, chegou a hora. O fim do mundo não é mais uma teoria, nem uma previsão distante. Ele está acontecendo agora. Sem mais tempo para planos, sem mais promessas para o futuro. Essa é a reta final. Então, eu pergunto: qual é a última coisa que vocês querem fazer?
- Se sempre adiou um sonho, corra para realizá-lo. Se tem algo guardado no peito, diga antes que seja tarde. Se quer dançar, rir, gritar para o mundo que está vivo, faça agora. Não há mais "depois", só o agora. Então viva! Porque se tudo vai acabar, que acabe com a gente aproveitando cada segundo.
- Eu vejo o nascer do dia como uma página em branco à espera de ser escrita, um presente que nos é dado e a nossa função é abri-la e vislumbrar de mente aberta cada instante dos nossos dias.
- Amigos e companheiros dessa jornada que é curta demais para ser deixada fora, sentir o ar a entrar pelos nossos pulmões, ouvir e ver os risos e sorrisos de quem nos rodeia, dizer mais” eu te amo” visto que os sentimentos estão sendo postos de parte atualmente. O conselho que fica é que vivam, gente, vivam muito e intensamente! O fim chegou. O que vão fazer com ele?

⁵ Autopsicografia, Fernando Pessoa

O pai cansa-se do drama. A filha escreve discursos para o Nobel lá em cima, e ele muda de canal para o Titanic. A televisão parece gozar com a sua fuga de emoções. “Boas noites a todos, espero que estejam a ter uma ótima segunda-feira. Vim aqui, eu, capitão deste barco, dar-vos a notícia de que estamos todos feitos ao bife, o barco vai afundar, bateu num bloco de gelo, já foi, finito, acabou, vai dormir com os peixinhos, erro meu, peço-vos meus caros que não entrem em desespero, nem todos iremos sobreviver obviamente, porque infelizmente não temos barcos salva-vidas suficientes para todos a bordo, primeiro devem zarpar as mulheres e as crianças, não temos muito tempo então prossigam de forma civilizada, acalmem-se, mesmo os que morrerem hoje no mar serão para sempre lembrados por terem morrido neste grande barco.”

Estou quase, estou quase a perceber. Sinto uma comichão na nuca quase corpórea. A moeda muda de mãos. Sou puxado para um aeroporto. Pouco depois, voou entre nuvens.

No vento que sopra entre as moedas,
Vejo o mundo em faces alheias.
Culturas cruzam-se, olhares dançam,
E a alma aprende sem artimanhas.

Uma pessoa que acaba de chegar a um novo país e tem de fazer a troca do dinheiro que traz consigo para a moeda daquele país. Passo de mão em mão. Dou por mim fora de mim próprio.

Numa cidade em Moçambique, num cenário de guerra, o fantasma de Fernando Pessoa observa um cenário de tensão civil, saques em todo o lado, manifestações, tiros, raptos, pessoas feridas, greves, assassinatos e perseguições...tudo por causa das eleições e sente que esta população não merece nem deve ser atacada por lutar em prol dos seus direitos como povo/nação e que as suas vontades devem ser feitas pois sem um povo não se faz uma nação.

Ele sou eu. Tento de novo.

Interculturalidade
Área na qual se prioriza um trajeto
que ajude a obter o respeito mútuo e a harmonia entre pessoas
que possuem histórias onde existem valores e visões próprias.

Lá em baixo, há jovens que gritam por liberdade. Promessas, maravilhosas promessas. Ali, ouvem-nos?

Neste discurso, irei eliminar a ideia de preconceito para que ninguém esteja abaixo de outro, assim nunca haverá racismo, xenofobia ou qualquer outro tipo de ideia para enquadrar alguém fora do normal.

Daqui em diante, o mundo irá melhorar e terá um avanço significativo na sociedade, ou seja, o mundo em que não haverá guerras, disputas, espécies em extinção e sem abrigo.

Dou por mim a erguer um copo de vinho fantasmagórico, um brinde a mim próprio, um discurso monólogo, em direção aos céus! O que seria de mim sem amigos, o que seria de um escritor sem palavras, o que seria de um bar sem bebidas, o que seria de nós sem nós. Seria um vazio constante, algo que não conseguiria imaginar, pois com nada, nada existe. Por fim, o que seria da minha vida sem ela.

Percebi finalmente. Pessoas. Moedas. Palavras. Tempo.

Cidadania. Interculturalidade.

Nada mais é que liberdade.

A liberdade, sim, a liberdade!

A verdadeira liberdade!

Pensar sem desejos nem convicções.

Ser dono de si mesmo sem influência de romances!

Existir sem Freud nem aeroplanos,

Sem cabarets, nem na alma, sem velocidades, nem no cansaço!

A liberdade do vagar, do pensamento são, do amor às coisas naturais

A liberdade de amar a moral que é preciso dar à vida!

(...)A alegria de ter estas coisas, e poder outra vez

Gozar os campos sem referência a coisa nenhuma

E beber água como se fosse todos os vinhos do mundo!

(...)Ah, tenho uma sede sã. Dêem-me a liberdade.⁶

Cidadania? Um nome incerto,

Que ora é muro, ora é abraço,

Se há um destino, sei que é aberto,

Sou do que vê, e ao mar me lanço

No bolso trago moedas gastas,

De reinos velhos, já sem valor,

São sombras de pátrias tão vastas,

Mas nada compram, nem mesmo a dor.

⁶ *A Liberdade, Sim, A liberdade! Álvaro de Campos - Livro de Versos. Fernando Pessoa*

FICHA TÉCNICA

Escola Básica e Secundária Professor Ruy Luís Gomes- Laranjeiro/Almada

Nome dos Alunos – Turma 12º A:

Afonso Maciel Almeida; Beatriz Barata Francisco Lameirinhas Silva; Beatriz Martins Garcia;
Beatriz Telo Jesus; Isaac Noah Lanes Abreu Faria; Jaimiza Gregório Cruz Ferreira;
Jilssara Do Espírito Santo S. Pontes; Joana Sofia Horta Silva; Khadiza Banora, Mariana Ribeiro Maio;
Martim Duarte Galvão Gonçalves; Mersu Luís Cabral Cardoso; Otoniel Jesus Mayimona Silva;
Rafael Alexandre Carapinha Farelo; Ruben Martim Ricardo Domingues; Tomás Cruz Boto;
Zoe Aminah Magno Ibrahim.

Nome dos Docentes:

Florbela Maria Carlos Mil Homens Lopes, *Professora de Português*
Luísa Maria Valezim Batista, *Professora Bibliotecária*
Maria Madalena Baião Cardoso, *Professora Equipa da Biblioteca*



GONÇALO CADILHE

Gonçalo Cadilhe nasceu na Figueira da Foz em 1968, onde continua a residir com a mulher e o filho. Dito desta maneira, parece que nunca saiu da sua terrinha, na realidade já deu cinco voltas ao mundo, atravessou vários oceanos à boleia de cargueiro e andou pelo Afeganistão disfarçado de talibã.

É escritor de viagens, documentarista, surfista, fotógrafo de viagens. Começou a viajar e a publicar de forma profissional em Fevereiro de 1992. Organiza e lidera viagens de grupo com o tour operator Pinto Lopes Viagens.

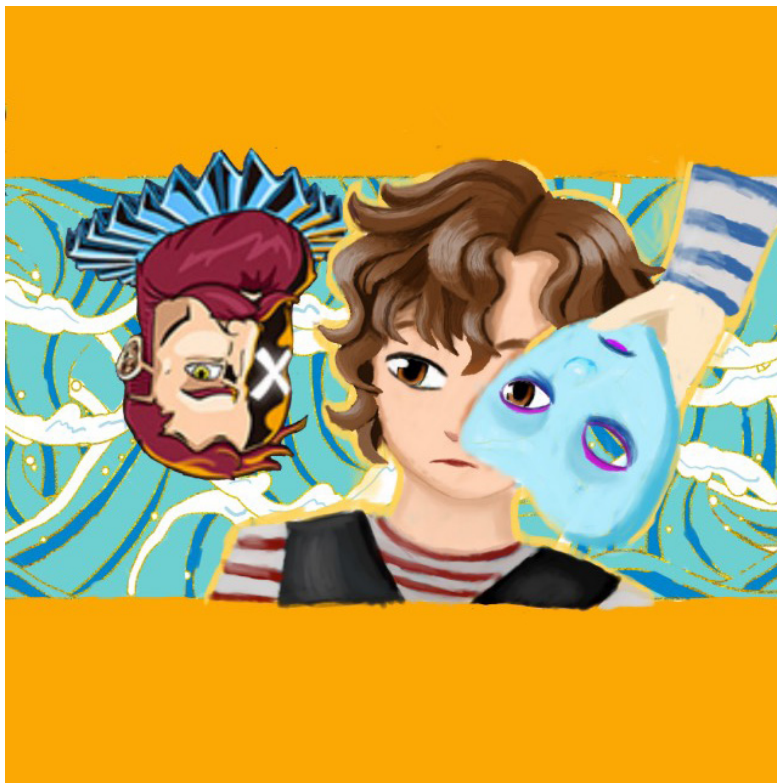
Licenciou-se em Gestão de Empresas pela Universidade Católica do Porto em Setembro de 1992.

Tem quinze livros publicados. Viagens, biografias históricas, surf e encontros de vida são os seus temas de eleição.

Entre os vários títulos, destacam-se *“Planisfério Pessoal”*, onde relata uma volta ao mundo de 19 meses sem recorrer ao transporte aéreo; *“Nos Passos de Magalhães”*, uma biografia itinerante narrada nos lugares da vida do navegador; *“África Acima”*, que descreve uma travessia do continente africano desde a Cidade do Cabo até Tânger viajando apenas à boleia ou nos meios de transporte público locais; e ainda *“Nos Passos de Santo António”* viagem laica onde o autor nos apresenta o santo português como o primeiro grande viajante da História de Portugal; *“Passagem para o Horizonte”*, onde descreve doze meses de viagem à volta do mundo em busca do seu ideal de doze ondas perfeitas, alocando um mês de espera a cada onda escolhida.

É autor de vários documentários de viagem para a RTP, entre eles *“nos Passos de Magalhães”*, uma volta ao mundo seguindo a vida e as viagens do grande navegador Fernão de Magalhães; *“Nas Ilhas das Especiarias”*, aquando dos quinhentos anos da chegada dos Portugueses às Molucas; e *“Nos Passos de Fernão Mendes Pinto”*, onde segue episódios da Peregrinação em vários países asiáticos; e *“nos Passos de Santo António”*, uma biografia viajada do santo português mais celebrado no mundo.

Quando lhe perguntam como irá a Inteligência Artificial mudar o mundo, responde que não sabe.



NOS PASSOS DE LUÍS VAZ DE CAMÕES

Prefácio do editor à presente edição

O texto que o leitor irá encontrar nas páginas seguintes descreve a viagem da jovem mochileira Bárbara por várias etapas da Ásia e de África onde Camões passou alguns dos momentos mais significativos da sua vida. Enquanto a Bárbara nos descreve a sua extraordinária odisseia desde Macau até ao Cabo da Boa Esperança, vai-nos também recordando os episódios da biografia de Camões que há 500 anos tiveram lugar nessas mesmas etapas. Quando li este texto, não sei qual das duas viagens me cativou mais: se foi a aventura atual da Bárbara, se foi a evocação da odisseia do maior poeta da língua portuguesa. Ambas, talvez. A verdade é que em quase cinquenta anos de carreira como editor e livreiro, nunca recebi uma ideia tão original e um texto tão bem escrito.

Quando a Bárbara entrou no meu escritório e me apresentou o seu texto, logo nas primeiras páginas percebi duas coisas: que o sonho desta jovem mochileira de se tornar uma escritora de viagens estava prestes a concretizar-se; e que eu tinha um *best seller* assegurado entre as mãos. E assim foi.

Portanto, só me resta desejar ao leitor boa leitura e boa viagem pelas páginas deste livro, que já vai agora na décima edição.

MACAU

A humidade em Macau cola-se à pele como um véu invisível. O calor não dá tréguas, como se o ar fosse espesso demais para respirar. Nunca pensei que escrever a biografia de Camões me trouxesse até aqui, mas agora, no meio deste labirinto de ruas estreitas e cheias de vida, percebo que há coisas que só se entendem sentindo-as.

Macau é um lugar de contrastes. De um lado, os templos antigos, os becos com cheiro a jasmim e os edifícios coloniais com fachadas amarelas e verdes, marcas do passado portugueses. Do outro, os arranha-céus imponentes, os néons brilhantes, os enormes casinos que nunca dormem. O vício do jogo pulsa na cidade como um coração que bate depressa demais. Milhares de pessoas entram e saem dos casinos, algumas de olhos vazios, outras com esperança estampada no rosto. É um mundo à parte, onde a fortuna muda de mãos em segundos e a adrenalina paira no ar.

Olho para as luzes do Casino Lisboa, aquele edifício extravagante em forma de flor de lótus. Lá dentro, as roletas giram, os dados rolam sobre as mesas, e os sons das máquinas fazem um zumbido constante. Tudo ali é feito para seduzir, para prender quem entra e não o deixar sair. Pergunto-me se Camões teria apreciado este lado da cidade ou se teria sentido repulsa.

Mas eu não estou aqui para me perder nesse mundo. A minha viagem tem outro propósito. Quero sentir Macau para entender Camões, para perceber como ele teria visto estas ruas, esta atmosfera densa. E é por isso que decido ir até à Gruta de Camões.

O caminho leva-me para longe do brilho dos casinos e para um recanto mais silencioso da cidade. Entre os jardins verdes e as esculturas antigas, encontro o lugar que procurava. A gruta é simples, sem a imponência dos casinos ou a agitação das ruas comerciais, mas ali, no meio daquela sombra fresca, sinto algo diferente. Um refúgio. Um espaço onde o tempo parece abrandar.

Encosto-me a uma pedra, fecho os olhos e respiro fundo. Imagino Camões ali, talvez a escrever, talvez apenas a pensar na pátria distante. Macau para ele era exílio, mas também foi inspiração. E agora, para mim, começa a ser também.



VIETNAME

Chego a Hanoi cansada de uma extenuante viagem e com fome, e procuro o mercado Ngô Sỹ Liên. Disseram-me que ali se encontra de tudo um pouco – desde tecidos antigos a ervas medicinais, passando por comida exótica. O calor é sufocante, e o cheiro intenso a especiarias, peixe seco e fruta madura enchia o ar.

Um homem aproxima-se de mim com um sorriso astuto e uma cesta na mão. Sem dizer uma palavra, levanta a tampa. Lá dentro, entrelaçadas umas nas outras, estão várias cobras vivas, deslizando sobre si mesmas numa dança inquietante. Dou um passo atrás instintivamente, mas o homem solta uma gargalhada e estende-me uma delas, segurando-a delicadamente pela cabeça.

– Boa sorte! – diz, piscando-me o olho.

Movida por um impulso que eu própria não compreendi, como se, por um breve instante, tivesse atravessado a fronteira entre o medo e a curiosidade, estendo a mão e toco a pele fria e escamosa do animal.

– Muito corajosa. Quer levar?

Recuso educadamente.

– Boa sorte! – diz, piscando-me o olho e desaparecendo na multidão.

Ao cair da noite apanho o comboio Reunification Express. Na minha cabine Soft Sleeper, uma família vietnamita partilha um jantar simples: *Phở*, uma sopa que tinha uma base de macarrão de arroz e um caldo rico feito a partir de ossos, cozido durante horas com especiarias como gengibre, canela, cardamomo e anis-estrelado. A mãe, uma mulher de olhos brilhantes e mãos delicadas, faz

um gesto gentil para me convidar a juntar-me a eles. Hesito por um momento, mas acabo por aceitar, sentindo a generosidade silenciosa daquele momento. O sabor exótico das especiarias transporta-me para outro tempo. Tão comuns hoje, as especiarias eram outrora preciosas mercadorias que viajavam nas caravelas portuguesas, cruzando mares e continentes. Penso em Camões. Ele, como tantos navegadores portugueses, percorreu rotas comerciais, levando o sabor de especiarias como o gengibre e a canela para terras distantes, misturando-se com culturas diversas, criando um mundo novo de descobertas e trocas. Sorrio. De certa forma, sinto-me como ele, a saborear o exótico, a experimentar a aventura. Por um instante, parece-me que Camões está ao meu lado, a partilhar comigo esta viagem – e o sabor da descoberta.

A viagem de trinta e tal horas passa num instante. Em Ho Chi Minh City apanho um autocarro para Ben Tre, uma cidade menor, conhecida pelos seus canais e pelas vastas plantações de coqueiros, na foz do Mekong. Quando o autocarro para no pequeno terminal de Ben Tre, sinto que finalmente cheguei onde tanto queria.

Dirijo-me para o cais. Barqueiros aguardam turistas e locais que dependem do rio para se deslocarem. Escolho um pequeno barco de madeira, onde um homem idoso, de rosto enrugado me recebe com um sorriso desdentado. O barqueiro, que mais tarde entendo chamar-se Minh, tenta comunicar-se com um inglês hesitante, mas cheio de gestos expressivos. Conta-me histórias sobre o rio, sobre os pescadores que aqui vivem há gerações e sobre os mercadores que percorrem estas águas há séculos.

De repente menciona algo que me deixa de olhos arregalados: Luís Vaz de Camões. Não esperava que o seu nome ainda perdurasse na memória daquele povo. Minh sorri ao ver o meu espanto e explica que há quem diga que o poeta português passou por estas águas durante os seus anos no Oriente.

– Ele sobreviveu a um naufrágio perto daqui – diz Minh, remando devagar – Conta-se que nadou com um braço e segurou o seu livro, os *Lusíadas* com o outro.

Imagino Camões temendo pela obra que lhe custara tantos anos da sua vida. Minh continua:

– Aqui, todos conhecem histórias de barcos afundados. Mas um homem que salva um livro em vez de salvar ouro? Isso é raro.

Olho para a superfície do rio tentando visualizar aquela cena há tanto tempo perdida no passado. O que teria sentido Camões ao encarar uma imensidão de água desconhecida? O medo da tormenta, o fascínio pelo desconhecido? Fecho os olhos por um instante e imagino um naufrágio. A corrente a puxar, os gritos abafados pelo vento, a luta contra as ondas. E, no meio do desespero, a única coisa que restava de Camões era a sua poesia, mantida acima da água como um tesouro maior do que a própria vida. O Mekong tem segredos que nunca serão totalmente desvendados, mas saber que, de alguma forma, Camões poderia ter passado por aqui fez-me sentir novamente e estranhamente ligada a ele.



MALACA

Assim que aterro no aeroporto de Singapura, sou imediatamente envolvida por um ambiente luxuoso e futurista. Ao meu redor, jardins tropicais bem cuidados, cascatas interiores e lojas sofisticadas compõem um cenário que vai muito além do comum, transformando este espaço num verdadeiro cartão-postal de modernidade e elegância.

Cada detalhe, desde a decoração contemporânea até à impecável organização do terminal, reflete um compromisso com a excelência que surpreende e acolhe ao mesmo tempo.

Além do seu luxo evidente, Singapura destaca-se pela sua importância estratégica. Situada numa rota vital do comércio marítimo mundial, esta cidade-estado atua como um elo essencial entre o Ocidente e o Oriente, onde culturas se encontram e se entrelaçam. Na altura de Camões, esta cidade pouco teria passado de uma pequena aldeia, afundada em séculos de esquecimento. Enquanto que Malaca, onde o poeta viveu, era a mais importante cidade da região. Agora, é o contrário.

Após uma breve passagem pela imigração, pego na bagagem e sigo em direção à estação de metro. Com cada passo, sinto a antecipação de novas experiências e a promessa de que, a partir deste ponto, a aventura está prestes a começar.

Saio do aeroporto e sigo para a fronteira da Malásia, o país onde se encontra a cidade de Malaca. Após algumas transferências, chego à estação de Woodlands, perto da fronteira. Apanho um autocarro que me leva até ao Posto de Controlo de saída de Singapura. Pedem-me o passaporte e rapidamente carimbam a minha saída. Ponho o passaporte no bolso e sigo para o *shuttle* que me levará para o posto de controlo de entrada na Malásia.

Ao chegar ao controlo da imigração da Malásia, pedem-me novamente o passaporte. Ponho a mão no bolso para o tirar e percebo que não está lá. Procuro na mochila, mas nada. O funcionário que me aguarda começa a ficar impaciente e, ao perceber que não tenho o passaporte comigo, informa o polícia ao seu lado. Levam-me para uma sala e começam a interrogar-me. Estou muito nervosa, mas os polícias ouvem o que digo e tentam compreender a minha situação. Explico-lhes de onde venho e conto-lhes sobre a minha viagem. Digo-lhes que o passaporte deve ter caído depois de sair de Singapura, no *shuttle*. Levam-me para uma sala de detenção e avisam que vão contactar o *shuttle*.

Enquanto espero, percebo a gravidade da minha situação. Já saí de Singapura, mas ainda não entrei na Malásia. Estou num limbo, sem pertencer a nenhum país. Pelo vidro da porta, vejo um homem algemado com o nariz a sangrar, sendo escoltado por dois guardas. Isso deixa-me ainda mais nervosa. Sei que, provavelmente, ele cometeu um crime mais grave que o meu, mas isso não me acalma.

Lembro-me então que, tal como eu, Camões também ficou preso em Malaca durante algum tempo quando esteve na região. Esse pensamento dá-me alguma tranquilidade. Passadas algumas horas, vêm buscar-me à sala e dizem que encontraram o meu passaporte no *shuttle*. Levam-me à fronteira para recuperá-lo e finalmente deixam-me seguir viagem. Apanho o autocarro para Malaca, exausta, mas aliviada.

Acordo no dia seguinte, no hotel, ainda exausta do dia anterior. Mas depois destes problemas todos, vou poder finalmente visitar um sítio histórico onde uma parte da História de Portugal ainda está presente.

Chego finalmente ao local onde outrora esteve o forte português. Estou perante a sobrevivente Porta de Santiago, o que resta do forte, agora conhecida como “A Famosa”. Caminho observando esta relíquia, imaginando os soldados que um dia guardaram estas muralhas.

Sento-me num pedaço de pedra desgastada e ponho-me a pensar nas experiências que este lugar já passou, representadas por esta porta quinhentista. Malaca já foi um ponto estratégico, como é agora Singapura, um orgulho do Império Português no Oriente. Atualmente, vêm-se turistas a tirar fotografias, alheios à grandiosidade que este lugar já teve, um forte completo, partilhado por mais nações, além de Portugal. Infelizmente, dizem que foi destruído pelos britânicos para que não fosse usado contra eles. Estou contente por ter conseguido ver pelo menos o que restou e, de certa forma, fazer parte da sua história.

Decido visitar uma certa aldeia sobre a qual ouvi falar muito em Portugal. A pequena aldeia de São João parece um mundo à parte dentro de Malaca. Falo com os locais, que me contam que ali os Kristang, descendentes dos portugueses, permanecem, resistindo ao tempo, à modernidade e à invisibilidade imposta por uma sociedade que muitas vezes os ignora. Sinto um aperto no peito ao ouvir o crioulo português misturado com o malaio, um eco de um passado distante, mas vivo nos rostos e nos gestos deste povo.

Os olhos cansados de uma idosa que vende fios de ovos à beira da estrada encontram os meus e, por um instante, algo inominável passa entre nós. Uma história de resistência, de perda, de identidade

fragmentada. Sinto-me uma intrusa, mas também uma testemunha. Entre as ruas de terra e as casas de madeira, o tempo parece suspenso, mas a luta pelo reconhecimento continua. As crianças brincam nas ruas, indiferentes ao peso da história que carregam. Os mais velhos conversam em voz baixa, como se as palavras fossem preciosas.

Ao partir, prometo a mim mesma que voltarei, não apenas como observadora, mas para compreender melhor a força desta gente e o seu legado. É impossível esquecer este pedaço de história viva.

Chega o meu último dia nesta bela cidade que é Malaca. Caminho pelo mercado local, deixando-me envolver pelos aromas de especiarias e pelo burburinho das vozes que preenchem as ruas estreitas. Passo o meu olhar sobre as bancas de frutas tropicais, tecidos coloridos e pequenas esculturas de madeira esculpidas com precisão.

Paro diante de um ancião que vende joias artesanais. O seu rosto é marcado pelo tempo, e os seus olhos brilham com a paciência de quem já viu o mundo mudar muitas vezes.

— Parece perdida — diz o ancião com um sorriso leve.

Rio e pego num colar de prata adornado com um pequeno pingente em forma de lua.

— Talvez um pouco — respondo. — Mas acho que é isso que me faz seguir em frente.



GOA

Desembarco em Goa e a luz dourada do sol a refletir-se no Mar Árábico é o primeiro elemento que me captura os sentidos. Depois de semanas intensas em viagem à volta do mundo, este lugar parece-me oferecer uma pausa, um espaço onde o passado e o presente se entrelaçam de maneira única. Goa é muito mais do que apenas um destino paradisíaco de praias, é um lugar carregado de história, memórias e identidades interligadas.

No coração do Bairro das Fontainhas encontro um labirinto de ruas estreitas decoradas com casas coloniais pintadas em tons vibrantes de amarelo, azul e vermelho. As fachadas das casas, com as suas varandas de ferro fundido e janelas ornamentadas, são testemunhas silenciosas de um tempo em que Goa fazia parte do império colonial português. A presença portuguesa não é apenas arquitetónica, está incrustada na vida quotidiana, nas placas de rua em duas línguas, nos cheiros de café fresco e nos ecos do fado que ainda encontram espaço em algumas casas de família.

Conheço um grupo de jovens que me convida a participar de uma tertúlia literária. Estão ansiosos por explorar as conexões culturais que ainda ligam Goa a Portugal. O evento tem lugar num pequeno café decorado com lanternas de papel e estantes abarrotadas de livros, muitos deles escritos em português. A anfitriã, *Amrita*, uma poetisa goesa conhecida pela sua habilidade de misturar as línguas portuguesa e konkani (idiomas profundamente enraizados na cultura de Goa) na sua poesia, dá as boas-vindas aos convidados com um sorriso caloroso.

— Bem-vinda, Bárbara — diz-me *Amrita*, e conduz-me a um assento de destaque. “Hoje à noite, vamos celebrar a identidade de Goa através das palavras. Espero que também nos tragas um pouco de Portugal.”

A tertúlia começa com *Amrita* a ler versos que exploram as paisagens interiores e exteriores de Goa. Cada poema carrega o peso do passado colonial português e a força do presente indiano, um lembrete de que a interculturalidade não é algo novo para os goeses – é uma realidade vivida. Durante a leitura, um suspiro de saudade paira no ar, como se as “*Endechas a Bárbara Escrava*”, aquelas músicas antigas e melancólicas, se cruzassem com as palavras da poetisa. A melodia ecoa a dor e a beleza de uma história compartilhada, tal como o mar que toca as margens de Goa e as terras distantes de Portugal.

Inspirada pelo ambiente, decido partilhar um poema que eu havia escrito durante a viagem. Os meus versos falam sobre a fluidez da identidade, comparando-a a um rio que se adapta ao terreno por onde passa, absorvendo novas influências sem perder a sua essência.

— Somos todos viajantes em rios de memórias — leio, olhando para o pequeno público reunido. “E, como o rio, carregamos fragmentos dos lugares que tocamos.”

Os aplausos são exuberantes, e, após o evento, *Amrita* procura-me para uma conversa mais profunda sobre a história recente de Goa, desde a sua integração na Índia em 1961 até aos debates atuais sobre o bilinguismo e a preservação do património cultural. “Ser goesa é carregar dois mundos dentro de si,” diz-me com um sorriso. “O konkani é a nossa alma, mas o português é o eco que nunca desapareceu.”

Nos dias que passo em Goa mergulho profundamente na experiência goesa. Visito igrejas seculares como a Basílica do Bom Jesus, onde o silêncio parece contar histórias de devoção e poder colonial. Exploro os mercados locais, onde os aromas de especiarias exóticas se misturam ao aroma familiar de pastéis de nata. Converso com jovens que estudavam em Lisboa e voltaram para Goa, trazendo consigo novas ideias sobre identidade e modernidade. Para muitos, a língua portuguesa é tanto uma curiosidade quanto um laço afetivo com um passado que, embora complexo, não pode ser ignorado.

Não posso deixar de notar algumas similaridades entre Goa e Coimbra, cidade onde passei parte da minha juventude. O espírito boémio, as ruas históricas e o sentimento nostálgico que permeia em ambas as localidades fazem-nas parecer irmãs distantes. Tal como em Coimbra, onde o Mondego parece cantar histórias de estudantes e poetas, em Goa o mar e os rios trazem consigo memórias de gerações. **“Coimbra tem mais encanto”**, penso, mas aqui, esse encanto parece ecoar, adaptando-se às cores e sabores de Goa. Como se Goa carregasse uma melodia familiar, mas tocada noutra tonalidade.

No meu último dia regresso ao Bairro das Fontainhas, sento-me num banco de pedra com o meu caderno e começo a escrever. As crianças brincam nas proximidades, riem-se num misto de konkani e português. Esta cena é um reflexo perfeito da lição que Goa me ensinou: cidadania não é apenas um estado legal ou geográfico, mas um processo de abraçar o outro sem perder a própria essência. Assim como as ruas de Fontainhas abrigam vestígios de um passado português e um presente indiano, as identidades também podem coexistir, enriquecendo-se mutuamente.

Ao embarcar no avião sinto uma profunda gratidão. Goa foi muito mais do que uma experiência turística, foi uma lição sobre a complexidade e a beleza da interculturalidade. O mundo é, acima de tudo, um mosaico de vozes, culturas e experiências que se interligam constantemente.

MOÇAMBIQUE

Procuro um café na Ilha de Moçambique onde possa carregar o telemóvel e matar a fome, quando um soluço abafado me chama a atenção. Numa escadaria junto à estrada, uma menina chora baixinho. O seu aspeto jovem de cabelo loiro, pele pálida e olhos claros destoam da paisagem. Há algo nela que parece frágil e deslocado. Num tom suave, pergunto-lhe o que se passa. Conta-me entre soluços, com a voz trémula e com medo, que se perdeu dos pais. Reconheço o seu sotaque de imediato, é portuguesa. Sento-me ao seu lado à espera que eles a venham buscar. Passa cerca de meia hora, quando, de repente, um casal corre ao nosso encontro. Desesperados, pedem desculpas e, como forma de agradecimento, oferecem-me um jantar em sua casa.

Enquanto saboreamos a refeição, o casal, com um sorriso curioso, comenta que, sendo eu portuguesa, estou a comer sob o mesmo teto onde, séculos atrás, uma das figuras mais ilustres da história de Portugal, Luís Vaz de Camões, tinha vivido. Explicam-me com entusiasmo que aquele edifício, cheio de histórias e memórias, fora na sua época residência do grande poeta, cujas palavras

imortais ecoaram através dos tempos, e que agora aqui estou eu, a partilhar a mesma atmosfera onde ele havia respirado e vivido. Para além disso, contam-me das inúmeras adversidades que se dizia que ele tinha sofrido na ilha, passando por condições precárias. Entretanto faz-se noite e oferecem-me um quarto para eu passar os dias que faltam até ao fim da minha viagem.

No meu terceiro dia na Ilha de Moçambique, decido visitar umas ilhas ao largo. O dia está quente e a brisa suave do oceano convida à aventura. Embarco na lancha, curiosa por descobrir as ilhas. O mar, calmo e de um azul profundo, envolve-nos enquanto a lancha corta as águas com rapidez. À medida que nos afastamos da costa, a cidade desaparece, dando lugar a pequenas ilhas cobertas de vegetação densa, rodeadas por praias imaculadas e águas cristalinas.

A primeira paragem é numa ilha deserta, onde as palmeiras balançam ao ritmo do vento e o cheiro a sal se mistura com o das flores tropicais. Aproveito para mergulhar nas águas mornas, nadando ao lado de peixes coloridos. Continuamos a viagem, fazendo outras paragens para explorar os recifes de coral e saborear uma refeição simples, mas deliciosa, à base de frutos do mar frescos. O cenário, intocado e selvagem, parece preservado pelo tempo. O regresso é tranquilo, com o sol a descer no horizonte e o céu a tingir-se de tons de laranja e rosa.

No quarto e quinto dias, dedico-me a descansar e a retribuir a hospitalidade da família que me acolhe, ajudando no que posso. No sexto dia, porém, ao regressar do mercado, algo me prende o olhar: na encosta da praia, um barco de pescadores balança suavemente ao sabor das ondas, enquanto os homens, de rostos marcados pelo sol, trabalham com gestos firmes e precisos. A pesca na Ilha de Moçambique segue o compasso das marés, uma rotina diária onde o mar dita as regras. Descalços sobre a areia quente, outros pescadores recolhem as redes pesadas, de onde peixes prateados cintilam sob a luz intensa do sol. Alguns trabalham em silêncio, concentrados, enquanto outros trocam palavras curtas, coordenando os movimentos com a precisão de quem conhece bem o ofício. Aquela visão faz-me lembrar de quando era pequena e ia com os meus pais à praia comprar peixe fresco acabado de pescar. Nesse momento, passado tanto tempo, essa memória volta a ganhar vida e decido aproximar-me para observar com mais atenção. Um deles, quando vê o meu interesse, oferece-me uma magnífica lagosta acabada de pescar. Acabo por regressar novamente a casa, passado alguns momentos de contínuo e interessante diálogo.

Não posso deixar este país sem fazer algo que nunca tinha feito, um safari. Deixo a Ilha de Moçambique e viajo até ao Parque Nacional da Gorongosa. De vez em quando vejo um elefante ou alguns antílopes. O guia, um homem sereno e calmo, conduz o veículo com experiência e segurança pelos trilhos secos. As aves, em bandos, sobrevoam a savana, enquanto eu tento admirar o cenário à minha volta. Pouco depois, avistamos leões, deitados sob as árvores, e uma manada de zebras a correr sem grandes preocupações. Mas o que realmente me marca é uma família de hipopótamos a surgir lentamente da água de um lago enquanto os seus sons pesados ressoam no ar. O tempo parece parar para dar lugar àquele espetáculo natural. O guia, com um entusiasmo contido, fala-me do equilíbrio ecológico da região e da importância da sua preservação. A tarde avança e, com ela, o céu

escurece, enquanto os animais começam a procurar abrigo para a noite. E assim chega ao fim o meu tão aguardado safari e a minha etapa em Moçambique.

CABO DA BOA ESPERANÇA

Aterrando na Cidade do Cabo ao final da tarde, percebo imediatamente que o clima aqui é diferente. Assim que saio do avião, uma rajada de vento frio envolve-me, obrigando-me a cruzar os braços sobre o peito. Estava habituada a climas quentes, onde bastava uma *t-shirt* e calções, mas aqui o ar fresco e húmido faz-me perceber que vou precisar de roupa mais quente. Nunca imaginei que esta cidade, que sempre associei ao calor africano, pudesse ter este clima instável e imprevisível.

Apanho um táxi até ao hotel onde ficarei hospedada. O caminho leva-me pelo coração da Cidade do Cabo; mesmo cansada da viagem, não consigo deixar de observar tudo à minha volta. A cidade é um misto de modernidade e tradição: edifícios altos contrastam com construções coloniais, e, ao fundo, a Montanha da Mesa ergue-se como um guardião silencioso. Finalmente, chego ao hotel. Faço o *check-in*, subo para o meu quarto e largo a mala. O cansaço pesa-me no corpo, e sei que a melhor opção é descansar. Amanhã será um dia longo, o dia em que irei finalmente ao lendário Cabo da Boa Esperança.

Na manhã seguinte, acordo cedo, visto um casaco quente e preparo-me para a viagem. O percurso até ao Cabo é longo, mas fascinante. À medida que deixo a cidade para trás, a paisagem vai-se transformando. As ruas movimentadas dão lugar a estradas mais isoladas, rodeadas por vegetação densa, falésias e um oceano infinito. O céu, que começara azul, vai-se tornando cada vez mais cinzento. O vento intensifica-se, e, quando finalmente chego ao Cabo, percebo que fui recebida por uma tempestade.

As ondas gigantes, com cerca de oito metros de altura, chocam contra as rochas com uma força assustadora. O vento sopra com tal intensidade que mal consigo manter-me firme. Pela primeira vez, compreendo verdadeiramente o que sentiram os navegadores portugueses ao passar por estas águas. Agora percebo porque Bartolomeu Dias chamou a este lugar Cabo das Tormentas antes de D. João II mudar o nome para Cabo da Boa Esperança. Este lugar representa um desafio imenso para quem navega por aqui.

Lembro-me dos relatos de *Os Lusíadas*, onde Luís de Camões descreveu o Adamastor, um gigante aterrador que simbolizava os perigos do desconhecido. Agora que estou aqui, consigo imaginar perfeitamente essa criatura imponente a erguer-se do mar, ameaçando os marinheiros com a sua fúria. Em 1488, Bartolomeu Dias enfrentou essa mesma força da natureza. Três navios partiram na expedição, mas apenas um regressou. Os outros dois desapareceram sem deixar rasto, engolidos pelo oceano.

Para fugir um pouco ao vento forte, decido entrar numa pequena loja de souvenirs perto do farol.

Assim que entro, sou recebida por um ambiente acolhedor e quente. O cheiro a madeira misturado com o aroma a café torna o espaço ainda mais convidativo. Nas prateleiras, vejo miniaturas de caravelas, mapas antigos e postais com imagens do Cabo da Boa Esperança. Também há pequenos globos terrestres com as rotas das descobertas portuguesas, e não resisto a comprar um para levar como recordação.

Ao sair da loja, dirijo-me ao farol. No topo da falésia, consigo ver o novo farol, construído para substituir o antigo, que foi desativado em 1911, depois de ter causado vários naufrágios. O problema do primeiro farol era estar demasiado alto, o que fazia com que a luz fosse muitas vezes obscurecida pelo nevoeiro. Muitos marinheiros, enganados pela sua localização, dirigiam-se para a costa e acabavam por naufragar. Agora, o novo farol está mais próximo do nível do mar, garantindo maior segurança às embarcações.

Regresso à Cidade do Cabo para passar a última noite antes de voltar a Portugal. Olho uma última vez para a Montanha da Mesa, para as ruas cheias de vida e para o mar que se estende até ao horizonte. A cidade surpreendeu-me de muitas formas, e sei que um dia voltarei.

A viagem está a chegar ao fim, e, com ela, uma mistura de emoções toma conta de mim. No momento em que entro no aeroporto para o meu voo de volta, uma sensação de saudade já começa a tomar forma. O lugar onde vivi tantas experiências incríveis parece estar a dizer-me adeus, como se o mar me estivesse a abraçar uma última vez.

Passo pelos procedimentos de segurança, a sentir uma pontinha de tristeza ao ver as lembranças que ainda poderiam ser compradas, mas sei que as memórias que carrego já são mais valiosas do que qualquer objeto que possa levar comigo. Na sala de embarque, o ambiente está agitado como sempre, mas eu estou aqui, perdida nos meus pensamentos, a reviver cada momento da viagem. Tudo parece tão vívido e real que, por um instante, quase não quero voltar à rotina.

PORTUGAL

Depois de tantas semanas a viajar por seis países espalhados por dois continentes, depois de ter atravessado oito fusos horários e de ter cruzado um par de vezes o Equador, depois de conhecer tantas culturas, idiomas, hábitos alimentares e paisagens tão variadas, depois de ter feito tantos amigos, mesmo sabendo que provavelmente não voltarei a encontrar muitos deles, depois de tanta aventura, tanta descoberta, tanta vida, depois de tudo isto, sinto-me estranha agora em Portugal. Como se o país continuasse a ser meu, mas agora o observasse de longe, sem realmente lhe pertencer. Acho que é isso a definição de “cidadã do mundo”.

Poderia estar deprimida com o meu regresso. Mas não estou. Pelo contrário, estou cheia de energia, de projetos, de ideias para alcançar novos destinos. Porque com este meu regresso descobri uma coisa bela e assustadora: é que o fim de cada viagem pode ser já o início da próxima.

Mas o meu primeiro passo na direção de novas viagens será dado ainda aqui, em Portugal. Amanhã tenho uma reunião com o diretor da mais importante editora livreira nacional. Vou-lhe apresentar o meu livro, o diário da minha viagem. Quem sabe se começa manhã a minha próxima viagem?

FICHA TÉCNICA

Escola Secundária José Falcão de Coimbra

Nome dos Alunos – Turma 10º 3:

Ana Beatriz Paiva; Anna Lívia Oliveira; Beatriz Campos; Camila Cunha; Clara Martins;
Eduardo Acena; Francisca Carrilho; Hugo Noronha; Inês Saraiva; Joana Castro; Joana Marques;
João Esteves; Laura Lopes; Leo Faustino; Maria Rita Santa; Maria Gomes; Martim Teixeira;
Matilde António; Pedro Manso; Santiago; Sofia Ladeira; Sofia Lopes; Sofia Carvalho;
Tiago Torres; Tomás Melo; Tomás Almeida.

Ilustraes:

Martim Teixeira
Sofia Ladeira

Nome dos Docentes:

Marta Vstia, *Português*
Cristina Janicas, *Filosofia*
Lucinda Polícia, *Professora Bibliotecária*
Helena Duque, *Coordenadora Interconcelhia para as Bibliotecas Escolares*



INÊS BARATA RAPOSO

Inês Barata Raposo nasceu em Castelo Branco no verão de 1990.

É autora dos romances juvenis «*Coisas que Acontecem*» (prémios Branquinho da Fonseca 2018 e Tábula Rasa 2019) e «*Quarto Escuro*» (prémio Maria Rosa Colaço 2022). Em 2023, estreou-se na literatura infantil com «*O Efeito Bola de Menta*». Todos os seus livros são editados pela Bruuá.

É mestre em Edição de Texto, pós-graduada em Artes da Escrita e licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Vive numa aldeia no interior de Portugal e passa os dias entre os papéis de escritora, leitora e redatora.

TOQUE DE ENTRADA

Vimos de países diferentes, dizemos olá de maneiras diferentes. Mas hoje estamos todos no mesmo lugar, a tentar sobreviver ao primeiro dia de aulas. Quem é quem? Onde me sento? Quem fala comigo? Vai correr bem ou vai ser um desastre? Ninguém quer parecer perdido, mas a verdade é que todos procuramos encontrar o nosso lugar.

*

Привіт!

Depois de umas férias bem passadas, finalmente chegou a altura de voltar às aulas. Este é o meu terceiro ano cá e, pela primeira vez, sinto que Portugal é uma segunda casa para mim.

Levantei-me cheio de entusiasmo ao som do despertador, que tocava a minha *playlist* de eleição. Começar o dia a ouvir a bateria de Roger Taylor deixa-me sempre num bom *mood*. Tomei um duche rápido, vesti as minhas roupas habituais, que muitos ainda consideram extravagantes, e encarei o espelho com um sorriso. Talvez, se o meu «eu» antigo me visse agora, também o achasse estranho. Mas já aprendi que a moda é uma forma poderosa de mostrar quem somos.

Antes de sair de casa, prendi ao pulso a minha *motanka*, uma pequena boneca de tecido sem rosto, que me foi oferecida por amigos na **Ucrânia**. Um amuleto de proteção. Coloquei os fones, conectei ao telemóvel, e lá fui eu, como sempre, a ouvir música até à escola, um hábito que raramente quebro.

Os meus pensamentos fugiram. Como tudo mudou desde que mudei de país. Quando cheguei a Portugal, mal falava português, comunicava apenas em inglês – que aprendi por ser fã de *brit rock* e venerar artistas como David Bowie e, claro, o grande Roger Taylor. Tive de frequentar aulas de Português Língua Não Materna, e foi um processo lento e duro. Sou naturalmente tímido, e a barreira da língua fez com que passasse muitos intervalos sozinho, sem saber como me aproximar dos outros.

Foi quando conheci a Sofiya que tudo começou a mudar. Com uma amiga descendente de ucranianos e fluente nas duas línguas, comecei a ganhar confiança.

Foi ela quem me ensinou expressões portuguesas – «primeiro estranha-se, depois entranha-se» – e me explicou hábitos que hoje já sinto como meus. Como os dois beijos na bochecha, muito pouco intuitivos nos primeiros tempos, ou a alimentação tão diferente da ucraniana. Adoramos recordar os sabores de casa: o *borscht*, o *varenyky*, o *holubtsi*, e compará-los com os pratos de tacho, o peixe grelhado, os doces e o azeite abundante de Portugal.

Das coisas mais simples às mais profundas, a Sofiya ajudou-me a partilhar o que sentia – na minha língua materna – e aos poucos fui-me abrindo aos colegas. Mostrei-lhes quem eu era.

Na minha escola antiga, o uso de uniforme era obrigatório. Agora, na João Conceição Nobre, posso usar as minhas roupas favoritas, que me fazem sentir único e livre. Tudo conta para ficar mais confortável na minha pele. É certo que não passo despercebido nos corredores e está tudo bem.



Chegado à escola, encontrei os meus colegas de turma. A manhã passou depressa – como uma estrela cadente a rasgar o céu. Tivemos as apresentações do costume, revi algumas caras conhecidas. Acompanhei bem as aulas, com exceção da Filosofia, que continua a dar-me luta (não é fácil entender o que aqueles filósofos queriam dizer!). Estou confiante de que este ano vou melhorar a média.

À tarde, fui ao Desporto Escolar de Vólei e depois corri para as minhas aulas de bateria. Comecei a tocar na Ucrânia e nunca parei. A música e o desporto mantêm-me equilibrado, física e mentalmente.

Acabei o dia numa gelataria com colegas da turma. Já é quase tradição: um gelado no fim do primeiro dia de aulas para celebrar o recomeço. Nada de extraordinário, mas para mim, foi o suficiente para sentir que pertença.

No final do dia, deitei-me com uma mistura de cansaço e alegria. Ainda penso na guerra, no que deixei, no que perdi. Mas também penso em tudo o que ganhei. Portugal não é só um país onde vivo – é onde reaprendi a ser eu.

*

Salut!

Acordei muito atrasado. O Nicolas, o meu meio-irmão, armou-se em engraçadinho e desligou-me o despertador só para eu chegar tarde. Ele sabia que este dia era importante para mim. Olhei para o relógio: 8h15. As aulas começam às 9h e tenho sempre vinte a trinta minutos de caminho até à Escola Secundária João Conceição Nobre.

Levantei-me num salto, vesti a roupa que tinha preparado na noite anterior e desci as escadas a correr. Na cozinha, lá estava o Nicolas, com um sorriso vitorioso e um olhar de pura provocação.

— Então, não me digas que o despertador não tocou! — disse, tentando segurar o riso. — Vê lá, é o primeiro dia, não queres dar uma má impressão!

Revirei os olhos. Não tinha tempo nem paciência para piadas. Valeu-me a nossa mãe ter ouvido tudo e resolvido a situação por mim, atirando-lhe um «nem comeces» severo.

Antes de sair, já com a mochila às costas, ela entregou-me o velho caderno de receitas dos meus avós. O gesto apanhou-me desprevenido. Segurei no livro por um momento, sentindo a textura gasta da capa entre os dedos.

— Para te lembrares de onde vens — disse ela, com um sorriso leve.

Senti um aperto no peito. Não precisei de responder, apenas acenei e saí de casa.

A primeira coisa que fiz ao entrar no autocarro foi enfiar os fones nos ouvidos. Só então percebi que estavam sem bateria. Suspirei e vasculhei a mochila à procura dos fones com fio. Foi então que os meus dedos tocaram numa fotografia antiga. Eu tinha três anos e estava na cozinha da minha avó, no dia de Natal. A cara cheia de farinha, o meu avô a segurar uma colher de pau, a minha avó a limpar-me a cara.

Fechei os olhos por um instante: meu primeiro bolo-rei, o primeiro de muitos.

Guardei a fotografia e encontrei finalmente o que procurava. Durante os dez minutos de viagem, deixei-me levar pelo *rap* português que tinha começado a ouvir desde que viemos de **França**. Ainda sentia aquele nó na barriga. As perguntas não me saíam da cabeça: *será que serei o único estrangeiro? Irei fazer amigos?*

Quando cheguei, o pátio estava cheio de alunos a conversar animadamente. Inspirei fundo e segui para dentro do edifício, tentando parecer confiante.

— Então, pá! Deves ser o Silva, Jean Silva. Sou o Igor — disse um rapaz que apareceu ao meu lado do nada. — Anda, vou mostrar-te os cantos à casa. Se não perceberes alguma coisa, já sabes...*fais-moi savoir*.

Soltei um riso espontâneo e corrigi:

— Troca o *fais-moi savoir* por *prévenez-moi*.

Ele piscou os olhos, surpreso, e depois soltou uma gargalhada.

— Bolas, eu sabia que o tradutor do telemóvel não ajudava! — encolheu os ombros. — De qualquer das maneiras, bem-vindo! E já agora... sou um grande fã... ou era um grande fã dos pratos dos teus avós. O restaurante deles era o meu favorito.

Aquelas palavras apanharam-me de surpresa. Senti um nó na garganta, sem saber bem como responder. Os meus avós tinham fechado o restaurante antes de nos mudarmos de França para Portugal, e essa era uma parte da nossa história que parecia cada vez mais distante.

O Igor percebeu o meu silêncio e não insistiu. Em vez disso, fez-me sinal para o seguir para dentro da sala.

As aulas passaram rápido, entre apresentações, horários e professores novos. Quando o almoço chegou, o Igor insistiu para me sentar com ele. Durante toda a refeição, não parou de falar. Nem sequer olhou para a namorada, que parecia já habituada à tagarelice.

Depois de almoçar, fui em direção à saída para arejar as ideias. Foi então que os vi: António e Afonso, a dupla infalível da João Conceição Nobre.

Segundo o Igor, que assumiu o papel de me pôr a par das principais fofocas, o António é o rapaz mais popular da escola. Boas notas, aparência impecável, uma namorada tão popular quanto ele. Mas todos sabem que há mais para além do que se vê à superfície. Apostas, corridas ilegais, substâncias ilícitas. À primeira vista eu nunca diria que isso faz parte do seu dia a dia. O Afonso, por outro lado, é a sua sombra. Diz-se que tenta imitá-lo em tudo, mas nunca chega aos seus calcanhares.

Parei por um momento para os observar, mas depois continuei. Ignorei-os e fui até ao meu cacifo. Ao fechá-lo, senti um leve encontrão. Virei-me e vi uma rapariga loira, de olhos verdes.

— Diana, certo? — perguntei. Abençoado Igor por me ter dito o nome da namorada do António. Ela não respondeu. Apenas sorriu e virou-se, desaparecendo no corredor.

Fiquei parado por um instante, sem saber muito bem o que pensar. Depois encolhi os ombros e segui caminho. Era só o primeiro dia, afinal.

*

Hello!

Acordei com a cabeça a mil: um *mix* de nervosismo e uma expectativa estranha, como se o futuro estivesse ali, à minha espera. Afinal, era o meu primeiro dia de aulas em Portugal.

O sol brilhava intensamente, bem diferente do céu cinzento e do clima chuvoso a que estava habituado no **Reino Unido**. Ainda meio a dormir, tomei um pequeno-almoço rápido enquanto a minha mãe me olhava com um sorriso confiante.

— *You'll be fine, James. Just be yourself, and people will like you.*

O meu pai, sempre mais pragmático, acrescentou:

— *And if you get lost, just ask for help. Don't worry about making mistakes in Portuguese, people will appreciate the effort.*

Respirei fundo. Eu sabia que ele tinha razão, mas dizer palavras em português na minha cabeça era muito mais fácil do que dizê-las em voz alta. E se me enganasse? E se rissem de mim?

A viagem até à escola pareceu mais longa do que realmente era. Do lado de fora, a João Conceição Nobre parecia enorme. Lá dentro, centenas de vozes misturavam-se, formando um som indistinto que me pareceu ainda mais alto do que realmente era. O meu coração bateu mais forte. Aqui vou eu.

A turma já estava sentada quando entrei na sala. A professora sorriu e fez sinal para eu me apresentar. Todos os olhares recaíram sobre mim. Respirei fundo.

— Olá, eu sou o James e venho do Reino Unido.

Por um instante, houve silêncio. Depois, alguns colegas acenaram e sorriram. Não sabia se era curiosidade ou apenas simpatia, mas preferi não pensar muito nisso.

No intervalo, fiquei a observar os grupos formados no pátio. Ainda não sabia bem onde me

encaixava. Um rapaz aproximou-se de mim, sem hesitação.

— Então, de onde vens mesmo?

— Inglaterra. Londres.

— Fixe. Como é que está a correr até agora?

Dei de ombros.

— Bem, acho eu. Só preciso de me habituar...

Ele riu-se.

— Vais ver que em duas semanas já estás a falar como um tuga. Eu sou o Miguel, a propósito.

A conversa fluiu naturalmente e, pela primeira vez no dia, senti-me mais à vontade. Depois de falarmos um pouco sobre futebol, Miguel fez uma pergunta que ninguém me tinha feito até então:

— Tens clube?

Tentei responder em português:

— Eu gostar de futebol e ser do Tottenham.

Ele desatou a rir, mas não de forma trocista.

— Não está mau, não está mau. Vais ver que daqui a uns meses já falas melhor do que eu.

Depois disto, chamou-me para jogar futebol com ele e os amigos no intervalo. Não recusei. O jogo ajudou-me a relaxar e até marquei dois golos. No campo, ninguém queria saber de sotaques ou de onde eu vinha. Jogar futebol ali era igual a jogar futebol em Londres.

Mas o tempo voou e, antes de dar por isso, já estava de volta à sala de aula.

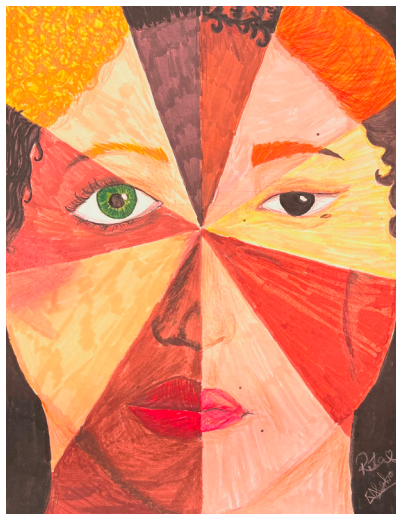
O resto do dia correu sem grandes sobressaltos. Quando a campainha tocou às 13h35, os meus pais já me esperavam à porta. Assim que entrei no carro, a minha mãe virou-se para mim com um olhar expectante.

— Então, como correu?

Parei por um momento e depois sorri.

— Fiz um amigo.

Ao chegar a casa, almocei e aproveitei o resto do dia para descansar. Deitado na cama, ainda sentia a energia do jogo de futebol e as vozes dos meus colegas na cabeça. Talvez este ano não se revele tão difícil quanto tinha imaginado.



*

你好!

O meu dia começou de forma habitual. Levantei-me da cama, preparei o pequeno-almoço, fiz a minha rotina de higiene e, de seguida, saí de casa rumo à escola. A bela calçada portuguesa, algo que nunca tinha visto ou imaginado, brilhava sob a luz da manhã. Radiante, até o sol me pareceu diferente em relação à minha cidade natal, onde o céu costumava estar coberto de névoa.

O acontecimento mais importante do meu dia foi definitivamente a minha apresentação à turma. Estava bastante nervoso e receava que a minha primeira impressão não fosse boa. Passei a viagem inteira a ensaiar mentalmente algumas frases básicas, mas quando a professora me chamou, a minha mente ficou em branco.

Respirei fundo e disse, em inglês:

— Olá, sou o Lee e vim da **China**.

Houve um breve silêncio breve. Depois, alguns colegas acenaram, e a professora sorriu, incentivando-me a continuar. Tentei relaxar. Não foi assim tão mau.

Nos primeiros momentos, limitei-me a observar. Os alunos pareciam mais descontraídos do que na minha antiga escola. Não usavam uniforme e falavam com os professores de forma mais natural. Apesar de não falar muito bem português, percebia algumas palavras e expressões. Quando alguém dizia algo engraçado, os risos espalhavam-se pela sala, e eu sentia-me um pouco de fora.

No intervalo, fiquei sozinho no pátio. Não sabia bem para onde ir, nem com quem falar. Foi então que um rapaz se aproximou.

— Então, Lee? Como está a correr?

Era um colega da minha turma. Senti-me aliviado por não ter de iniciar a conversa.

— Bem... acho eu — respondi, hesitante.

— Ainda estás a habituar-te, não é? Vais ver que é fácil.

Sorri. Talvez fosse mesmo.

O meu dia terminou com um jantar em família. Os meus pais decidiram confeccionar um prato típico da gastronomia portuguesa: sardinhas grelhadas com batata cozida. Estava curioso para provar, mas confesso que fiquei surpreendido pelo sabor intenso. Tinha um gosto forte e um cheiro muito diferente do que estava habituado. O único problema? As espinhas. Passei metade do jantar a tentar evitá-las.

Ao deitar-me, o cheiro das sardinhas ainda pairava no ar da casa. No início, estranhei – era intenso, diferente do que estava habituado. Mas, com o tempo, fui-me acostumando. Talvez a escola fosse assim também. Um primeiro impacto estranho, um gosto novo, mas algo que, pouco a pouco, se tornaria parte de mim.

*

नमस्ते!

O meu dia começou com um misto de ansiedade e incerteza. Escolhi uma blusa azul-escura, a minha favorita, porque me lembra os padrões tradicionais da **Índia**, mas combinei-a com umas calças de ganga para me tentar enquadrar melhor. Apertei o cabelo numa trança, gesto que me fez sempre sentir mais eu. O Ganesh de prata que trago sempre na mochila é um lembrete de casa e da proteção da minha avó.

No caminho até à minha nova escola, Secundária João Conceição Nobre, observo as ruas. São muito mais calmas do que as ruas onde vivia antes. Na Índia, havia sempre buzinas, vozes, o som de vendedores e motos a passar. Aqui, há silêncio. A chegada à escola deixa-me tensa. Tento acompanhar o ritmo, mas sinto-me perdida.

Quando encontro a minha sala, olho à volta e procuro uma cara amigável para me sentar ao pé. Durante a aula, tento acompanhar, mas sinto-me frustrada porque não entendo tudo. As palavras parecem desfocar-se à minha frente. Consigo apanhar algumas, outras escapam-me, tornando-me prisioneira no meio de frases incompletas.

No segundo intervalo, hesito antes de me aproximar de um grupo. Uma rapariga com quem partilhei a mesa sorri e fala comigo.

— Como te chamas?

A sua voz soa calma. Parece mesmo interessada.

— Anjali — respondo.

— Que nome bonito. De onde vens?

Ela faz perguntas sobre mim, e, por um instante, sinto-me mais à vontade. Talvez seja mais fácil fazer amigos do que pensei.

No refeitório, enquanto espero na fila para almoçar, ouço sussurros atrás de mim: comentários ignorantes sobre comer com as mãos, cheirar a caril, e outras infantilidades.

Finjo que não ouço, ainda que o nó na minha garganta seja tão real como uma pedra. De repente, já não tenho fome. Pego na bandeja e sento-me sozinha, sem coragem de olhar à minha volta. Os meus amigos na Índia nunca me fariam sentir assim. Lá, eu pertencia. Aqui, sou só um nome estranho que chama a atenção.

Termino o dia com um misto de emoções. Sim, a escola é diferente, as pessoas também. A língua é uma barreira. Alguns comentários e piadas magoaram-me. Ainda assim, houve momentos de esperança, quase de pertença.

Quando chego a casa, os meus pais percebem que algo não está bem, mas não me pressionam. Durante o jantar, perguntam apenas como correu o dia. Aos poucos, acabo por contar o que aconteceu no refeitório. A minha mãe suspira e segura a minha mão. O meu pai olha para mim com um semblante sério antes de dizer:

— As pessoas nem sempre entendem o que é diferente, mas, com o tempo, tudo melhora.

Quero muito acreditar na sabedoria dos meus pais, ainda que me pareça distante esse dia.

Antes de ir dormir, folheio um livro de poemas em hindi oferecido pela minha mãe. As palavras deslizam diante dos meus olhos, familiares e reconfortantes. No silêncio do quarto, sinto-me, por fim, em casa.

*

Olá!

Hoje foi o meu primeiro dia de aulas em Portugal. Tentei convencer-me de que ia correr bem. Estudei muito para chegar aqui e poder entrar na Escola Secundária João Conceição Nobre. Escolhi com cuidado o que vestir: umas calças pretas, sandálias e um casaco tradicional da minha terra. Talvez quisesse levar comigo um pedaço de casa, de **São Tomé e Príncipe**.

Entrei na sala, tentando não chamar a atenção. Mas assim que me viram, alguns colegas começaram a rir-se. Olharam para mim, puxaram o meu casaco, apontaram para as minhas sandálias. Tentei ignorar. Mas o riso cresceu. A professora ainda nem tinha começado a aula e eu já queria desaparecer dali.

Levantei-me de repente e corri para fora. Queria pedir ajuda, mas nem sabia para onde ir. Estava perdido. A única coisa que me ocorreu foi fugir.

Fui para casa. O coração ainda acelerado, o peito apertado. Horas depois, quando o telemóvel tocou e vi que era a minha mãe, atendi hesitante.

— Como correu o primeiro dia?

Ouvi a voz dela e não aguentei. Comecei a chorar. Estudei tanto para estar ao nível dos meus colegas, mas nada me preparou para isto. Senti-me ridículo.

À noite, deitado na cama, tentava adormecer. Mas os risos não me saíam da cabeça. As vozes, num sotaque diferente do meu, ecoavam como um campo de batalha dentro de mim. Na manhã seguinte, o medo ainda estava lá. Não queria voltar à escola.

Mas a minha mãe não me deu escolha. Olhou para mim com seriedade e disse apenas:

— A vida não é justa. Vais voltar, de cabeça erguida.

Quando regresssei à escola, os olhares ainda estavam lá. Desta vez, eram diferentes. Alguns curiosos, mas nada de risos. Não havia sinal do grupo que gozara comigo: passou-me pela cabeça que a minha mãe era bem capaz de os ter denunciado. Imaginei-os castigados pela forma como me trataram e, confesso, deu-me alguma confiança.

Tocou a campainha.

E, claro, lá estavam, na sala de aula, os colegas que me tinham destratado. Antes de irmos à matéria, a professora exigiu-lhes um pedido de desculpas. Alguns fizeram-no com sinceridade, olhos nos olhos comigo. Outros apenas porque eram obrigados. Mas pelo menos disseram.

No intervalo, acabámos à conversa no mesmo grupo. Parecia que a turma inteira estava ali para saber mais sobre São Tomé, sobre mim. Conteí-lhes histórias do meu país, das festas, das tradições. Riram, mas desta vez riram comigo, não de mim. Que bom foi pertencer.

Se, por um lado, a normalidade começava a desenhar-se. Por outro, tinha a sensação de que meus colegas podiam estar só a avaliar-me, não necessariamente a respeitar-me por ser quem era. E se eles quisessem transformar-me noutra pessoa?

Decidi dar-lhes uma oportunidade e lembrei-me das palavras da minha mãe.

A vida não era justa. Mas eu podia ser.

*

Oi!

Hoje foi o meu primeiro dia de aulas em Portugal e, logo de manhã, tudo começou com pressa. A diferença de horário ainda me confunde, e acabei por acordar tarde. Engoli uma taça de cereais à pressa e saí a correr para a escola.

Quando cheguei, estava ansioso, mas também confiante. Afinal, a escola tinha o mesmo nome que uma no **Brasil**, o que me fez sentir um pouco mais à vontade. Ao entrar na sala, bati à porta, pedi desculpa pelo atraso e expliquei que ainda estava a habituar-me ao fuso horário. O professor foi compreensivo e indicou-me um lugar.

Durante o dia, conheci alguns colegas que me explicaram como tudo funcionava ali. Falámos sobre as diferenças entre Portugal e o Brasil – o calor, a comida, os costumes. No bolso da mochila, tinha uma foto da minha família no Rio Grande – os meus avós, tios e primos todos juntos. Sempre que olhava para ela, sentia-me um pouco mais perto de casa. Ainda pensei em mostrá-la no intervalo, mas antes que eu pudesse ganhar coragem, um dos meus novos colegas perguntou:

— Bora jogar matraquilhos?

Fiquei a olhar para ele sem entender. Matraquilhos? Nunca tinha ouvido essa palavra antes. Ele percebeu a minha cara de confusão e apontou para a mesa de jogo.

— Ahhh, pebolim! — disse eu, rindo.

Eles acharam graça e acabei por jogar com eles.

Quando voltei para casa, a minha mãe perguntou como tinha sido o meu dia e contei-lhe tudo. Portugal era diferente, mas talvez não fosse assim tão difícil acostumar-me. Já tinha feito alguns amigos e, por enquanto, isso era o mais importante.

*

Olá!

Hoje foi o meu primeiro dia na Escola Secundária João Conceição Nobre. Acordei com o coração a bater depressa, entre o nervosismo e a expectativa. O despertador tocou e levantei-me num salto. Olhei para o espelho e respirei fundo.

A roupa para o primeiro dia estava cuidadosamente dobrada em cima da cadeira. Escolhi-a com atenção: uma camisa branca de manga curta, umas calças largas azul-escuro e uns sapatos pretos, que embora muito usados, brilhavam ao sol. A minha mãe, com um sorriso de orgulho, ajudou-me a ajeitar o colarinho.

— Augusto, filho, que este seja o início de grandes conquistas. A educação é a chave do futuro — disse-me ela, enquanto me servia um prato de *futi* bem saboroso. Comi em silêncio, a pensar no que me esperava.

Já não estava na **Guiné-Bissau**. Enquanto Bissau acordava para mais um dia de trabalho, eu caminhava sozinho para a escola, numa cidade onde tudo me era estranho. Mas o que sentia era muito meu: o peso de começar uma vida nova em Portugal.

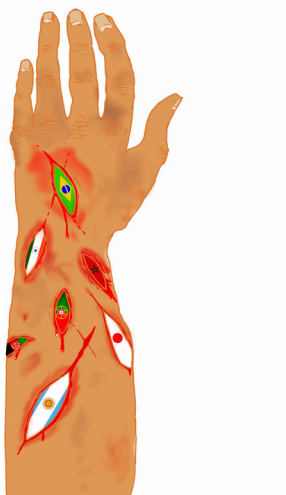
Quando cheguei, o pátio estava cheio de vozes e passos apressados. Os alunos estavam vestidos de forma diferente da minha. E eu, embora me sentisse um pouco pequeno, também estava cheio de esperança. Caminhei devagar até encontrar a sala.

A primeira aula foi de Português. O professor entrou com um ar sério, mas o olhar tinha tanto de firme como de acolhedor. Sentei-me ao fundo, num canto onde pudesse observar sem ser o centro das atenções. Tentei seguir o que explicava e tirar apontamentos, mesmo que nem tudo fizesse sentido à primeira. O som das palavras, o calor da sala e o cheiro a livros criavam um ambiente novo, cheio de promessas. Senti que podia fazer parte.

No recreio, respirei fundo. Um grupo de colegas puxou conversa e começámos a trocar histórias. Perguntaram-me que prato escolheria para o almoço se mandasse na cantina da escola, e contei-lhes

do caldo de *tchebém*, claro. E, sem dar por isso, já lhes estava também a falar do Júlio César, do Eusébio e do Jorge Conceição, os amigos que deixei em Bissau e que, certamente, iam aprovar o menu. Trocamos gargalhadas e histórias sobre os desafios que enfrentamos até ali e sobre o futuro melhor que nos esperava. Afinal, tal como eu, muitos dos meus novos colegas também tinham deixado um outro país para trás. Podíamos ser diferentes, mas todos estávamos ali para aprender.

As aulas continuaram: Matemática, História, Geografia. Cada disciplina parecia uma porta nova a abrir-se. Ao fim do dia, saí da escola cansado, mas com um sorriso tímido e o corpo leve. O primeiro passo estava dado.



*

Olá!

No meu primeiro dia de aulas, encontrava-me ansioso por conhecer o lugar onde iria passar grande parte do meu tempo. Logo que soube o nome da escola pela minha mãe, fiquei entusiasmado. «João Conceição Nobre» soou-me logo a uma escola de pessoas importantes, mas, na verdade, não sabia o que iria encontrar.

Na noite anterior, sentia saudades do que deixei em **Cabo Verde** – a minha terra natal. Deixei na ilha de Santiago os meus amigos, a minha família, os meus mergulhos na praia ao som do batuque, e os aromas da cachupa, que a minha avó fazia com tanto amor.

O regresso às aulas ficará marcado na minha memória para sempre. Na verdade, foi como se tivesse vivido um mês num único dia.

Fiquei espantado ao ver os jovens bem vestidos, de camisa e sapatos de verniz, sentados numa sala com ar condicionado ligado, a escrever depressa e atentos à professora. Era um ambiente diferente

do que eu conhecia. Eu, por outro lado, vestia-me de forma mais simples, sem grandes formalidades, o que me fez sentir deslocado.

Ocorreu-me que o que no meu país era natural, ali podia parecer errado. Mas não abdiquei de mim: o Marcelo era o Marcelo, não havia margem para cópias.

As minhas observações continuaram no recreio. Fiquei espantado ao ver os meus colegas, tão sérios na sala, a jogar futebol como se não houvesse amanhã. Corriam para lá e para cá atrás da bola, mas aquilo, para mim, era tudo menos futebol – empurrões, confusão, gritos. Era um caos.

Os meus pés pediam para entrar em jogo. Porém, o resto do meu corpo só queria passar despercebido. E se gozassem comigo, dissessem que não pertencia? Estes pensamentos fizeram-me sentir isolado, concentrado apenas na ideia de que o fim de semana estava próximo.

Ora, do nada, um dos rapazes desafiou-me para jogar com eles. Hesitei, mas aceitei. Assim que toquei na bola, tudo mudou. Driblei, fintei, marquei. Os olhares de desconfiança tornaram-se de admiração. Começaram a chamar-me «o Pelé da Conceição Nobre».

Em pouco tempo, a história espalhou-se: havia um novo jogador lendário na escola. Fui convidado para a equipa de futebol e, pela primeira vez, sentia que fazia parte.

Aquela escola, que no início parecia um lugar frio, tornou-se um espaço onde descobri algo novo em mim. O que começou como um dia de receios e dificuldades transformou-se numa história que nunca vou esquecer. Às vezes, o que nos torna diferentes é, afinal, o que temos de mais valioso.

*

¡Hola!

O meu primeiro dia na Escola Secundária João Conceição Nobre começou com uma nuvem de ansiedade. Ou seria entusiasmo?

Acordei ainda com o céu meio escuro, tomei um pequeno-almoço apressado e vesti-me com atenção redobrada. Escolhi umas calças de ganga escuras, uma camisola preta e os meus ténis habituais. Antes de sair de casa, coloquei ao pescoço o meu colar com um símbolo especial de Madrid – um pequeno detalhe que me fazia sentir mais próximo das minhas raízes, como se fosse uma bússola invisível a apontar para o coração de **Espanha**.

Peguei no meu caderno, na caneta, no lápis e na borracha e saí de casa com um frio na barriga que não me largava.

Ao chegar à escola, deparei-me com um pátio cheio de alunos a conversar. O som das vozes, os risos altos e o movimento acelerado fizeram-me sentir ainda mais sozinho. Não conhecia ninguém e, por um momento, fiquei parado a observar, sem saber se avançava ou voltava para trás. Respirei fundo, ajeitei o colar e entrei.

Caminhei pelos corredores desconhecidos, onde os passos ecoavam como se tudo estivesse a acontecer em câmara lenta. Encontrei a sala com o número certo. Quando entrei, os olhares dos meus

novos colegas recaíram sobre mim por breves instantes. Apressei-me a sentar-me numa das carteiras do fundo, para passar despercebido.

O professor entrou e começou a apresentação da turma. Cada um de nós tinha de dizer o seu nome e algo sobre si. Quando chegou a minha vez, senti um aperto na garganta. A sala pareceu encolher. Mesmo assim, forcei-me a falar:

— Olá, eu sou o Diego, venho de Madrid.

Houve um breve silêncio, seguido de alguns acenos e sorrisos tímidos. Não sabia se estavam curiosos ou apenas indiferentes. Baixei a cabeça e esperei que a aula continuasse, nem me queria lembrar do som da minha própria voz.

Nos intervalos, fiquei afastado, encostado a uma parede, observando os grupos que já se conheciam há anos. Sentia-me um figurante num filme que ainda não tinha começado para mim. Tentei não me deixar levar pela insegurança. Para minha surpresa, um colega aproximou-se e começou a conversar comigo. Perguntou-me sobre Madrid, se tinha saudades, como estava a ser a adaptação. A voz dele era tranquila e o olhar sincero.

Respondi-lhe em português, ainda com sotaque castelhano. Ele sorriu e disse que gostava da forma como eu pronunciava certas palavras. Foi nesse instante, breve, mas inesperado, que senti que talvez não estivesse tão sozinho como pensava.

O primeiro dia foi longo e cheio de emoções. Quando saí da escola, já estava mais quente. Senti-me cansado, mas com uma leve esperança de que, com o tempo, pudesse encontrar o meu lugar ali.

*

No final do primeiro dia de aulas, voltamos para casa: felizes, pensativos, animados, esperançosos. Cada um com uma experiência diferente, um estado de espírito próprio. Mas todos estivemos lá. E amanhã? Amanhã voltamos. Não tarda vamos encontrar as nossas pessoas, o nosso lugar na João Conceição Nobre, a escola mais multicultural do país.

FICHA TÉCNICA

Escola Secundária D. Sancho II - Elvas

Nome dos Alunos - 11º I:

Alejandro Caracol; Afonso Tito; André Ribeiro; Artur Sousa; Bernardo Junior; Duarte Reis;
Diogo Cunha; Francisco Marques; Gonçalo Travanca; Hugo Pereira; Leonardo Galhardo;
Manuel Batista ; Manuel Piedade; Pedro Roxo ; Rodrigo Reguino; Tiago Sardinha;
Thiago Sapateiro; Tomás Real.

Nome dos Docentes:

Carmen Margarida de Almeida Santos, *Português*
Carla Alexandra Madeira, *Ensino Especial*
Bruno Bessa da Silva, *Ed. Física*
Isabel Azinhais, *Professora Bibliotecária*

Escola Secundária de Emídio Navarro - Almada

Nomes dos Alunos - 11º CT1:

André Brandão; Beatriz Bernardo; Eva Silva; Guilherme Santos; Matilde Marcos; Rita Margalho.

Nomes dos Alunos - 11º LH1:

Carlos Antunes; Eva Figueira; Guilherme Fernandes; Henrique Monteiro; Inês Almeida;
Margarida Carvalho; Maria Borges; Sofia Pereira.

Nomes das Ilustradoras - 11º CT1:

Eva Silva; Rita Margalho; Artur Santos (7º A)

Nome do Docente:

Maria da Conceição Costa



ÍRIS BRAVO

Íris Bravo nasceu em Lisboa em 1978. É médica e escritora. Tem a especialidade de Ginecologia e Obstetrícia e a subespecialidade em Medicina da Reprodução.

Em 2020, publicou o seu primeiro romance, **A Terceira Índia**.

Seguiram-se **A Nova Índia**, **O Regresso de Julie Blue** e o **Som em Mim**.

É uma leitora compulsiva e apaixonada por histórias desde que se conhece. Vive com o marido, os filhos, a cadela e o gato.

ENTRE A CHAMA E O ORGULHO

O sol de verão banhava Lisboa com a sua luz dourada, refletindo-se nas calçadas de pedra branca e no rio Tejo que espelhava o seu brilho. A cidade fervilhava de turistas, que enchiam as ruas, os miradouros e os restaurantes, na procura do encanto único da capital portuguesa. Na Rua das Oliveiras, dois restaurantes iriam disputar atenção: o acolhedor *Swaad Ghar*, de Amir, um chefe indiano apaixonado pelos temperos da sua terra, e o vibrante *Brasa Grill*, comandado por Roberto, um chefe brasileiro conhecido pela sua feijoada e picanha.

O *Swaad Ghar* foi o meu sonho, e também um regresso a casa noutro continente.

Deixar tudo para trás não foi uma escolha, mas algo inevitável, um sussurro de esperança num mundo desconhecido, onde os momentos maus do passado não me assombrassem e pudesse, finalmente, começar de novo.

Surgia agora a oportunidade perfeita, *Swaad Ghar*, o restaurante que era o meu recomeço. Ao viajar pelo mundo, enquanto fugia do passado, aperfeiçoei os meus dotes culinários, aprendi técnicas, apurei sabores e conheci tradições que transformaram a minha relação com a comida. Aprendi o equilíbrio das especiarias na Índia, a delicadeza dos cortes no Japão, a paixão pelo fogo na Argentina e o amor pelos ingredientes frescos na Itália.

Finalmente, cheguei a Portugal e apaixonei-me pela forma natural e simples como se transformavam ingredientes comuns em esplendorosos pratos ricos em alma e sabor. Também as paisagens serenas, os mercados locais coloridos e o calor humano me fizeram acreditar que este poderia ser o lugar onde o meu futuro seguiria outro rumo.

O dia da inauguração do meu restaurante aproximava-se a passos largos. A ansiedade começava a ganhar corpo e a misturar-se com alguma excitação. Será que os clientes entenderiam o que *Swaad Ghar* realmente representava? Será que veriam em cada prato um pedaço do meu ser, da minha alma e uma promessa de um futuro diferente?

A decisão de contratar mais uma empregada não foi fácil. No início, eu pensava que poderia alcançar o prestígio culinário sozinho, mas rapidamente percebi que o restaurante precisava de muito mais do que o meu esforço. Precisava de alguém para se preocupar e cuidar dos detalhes do dia a dia, para me aliviar das tarefas mais simples. Assim, eu poderia concentrar-me no que era mais importante: criar pratos que contassem histórias.

Quando ela apareceu para a entrevista, hesitei um pouco. Não era justo, mas um pensamento surgiu na minha mente e invadiu todo o meu corpo. Era brasileira e as brasileiras, dizem, são sedutoras, provocantes, e, de alguma forma, isso incomodava-me. Não que eu acreditasse cegamente nesse estereótipo, mas foi como se um eco do que ouvimos a vida inteira, vezes sem conta, se nos infiltrasse as veias e condicionasse decisões. Ao conhecê-la, mudei de ideia. Livia era uma mulher atraente, mas

mais trapalhona do que sedutora.

— Já trabalhou em restaurantes? — perguntei, enquanto ela ajeitava o cabelo atrás da orelha.

— Não, mas sei cozinhar. Aprendi com a minha avó. Ela sempre me disse que comida não é só sabor, é conforto. Isso é o que importa, não é? — respondeu, com um leve sorriso desafiador.

Era o que eu precisava ouvir. Não me importava a falta de experiência. Eu também não a tinha quando deixei tudo para trás e comecei a viajar. O que eu queria era exatamente o que ela parecia trazer consigo: coração e entrega à arte. Decidi contratá-la. Não dispunha de muito tempo e, com a data de abertura a aproximar-se, quanto mais depressa encontrasse ajuda melhor. Disse-lhe para regressar no dia seguinte. Faltava uma semana para o grande dia.

A minha recém empregada chegou uma hora atrasada. Com os olhos fixos no relógio, a ver os ponteiros a movimentarem-se, o meu arrependimento por tê-la contratado crescia. Cheguei a pensar que ela não viria e senti-me um idiota. Até que, subitamente, ei-la irrompendo restaurante adentro, muito corada e ofegante.

— Me desculpe, tentei chegar a tempo, mas o destino não queria me deixar! - disse no seu cantante sotaque brasileiro. — O elétrico se atrasou.

Fiquei à espera de uma explicação mais convincente, mas não vislumbrei qualquer intenção nesse sentido. Julguei antes ter percebido um misto de frustração e cansaço no seu olhar. Respirei fundo, informei-a de que não deveria voltar a atrasar-se e pedi-lhe que me ajudasse na arrumação da cozinha.

Nos dias seguintes, observei discretamente cada um dos seus movimentos. Livia passou a chegar mais cedo, antes da hora combinada, e a executar todas as tarefas com particular empenho. Tentaria ela desmontar a impressão inicial que me causara? Algo me chamava a atenção nela. A atitude aparentemente irresponsável do primeiro dia dava lugar a uma dedicação que me causava uma certa estranheza. A sua determinação dizia-me para ser paciente e atento.

Chegou a véspera da abertura e Livia precisava de conhecer aspetos da cultura indiana para poder entender o que estava na base da confeção dos pratos. Não bastava saber fazer um “curry” perfeito ou temperar um “biryani”, era necessário conhecer em profundidade as especiarias, saber o que representavam e como se entrelaçavam nas histórias servidas a cada refeição.

Estávamos ambos na cozinha, cercados de potes de especiarias de onde saíam aromas únicos e inconfundíveis. Explicava-lhe a importância de cada ingrediente quando, de repente, ela pegou numa pequena colher com pimenta preta moída.

— Ah, este aqui...Tem de ser usado com cuidado, não é? — disse num tom um pouco provocador.

Antes que eu pudesse responder, soprou uma pitada diretamente para o meu nariz.

— Livia!

Não consegui afastar-me a tempo de tão inesperada brincadeira. A sensação de desconforto não tardou a surgir. Ela ria ao ver a minha aflição. Os nossos olhares cruzaram-se, fixaram-se... e a sua presença desconcertou-me. O riso dela desvaneceu-se, algo nos perturbava. Ela estava tão perto que me senti preso pelo brilho intenso do seu olhar. O cheiro do seu corpo misturava-se com os aromas

que pairavam no ar. O momento parecia eternizar-se e tudo à nossa volta desaparecia... De repente, a porta abriu-se e instintivamente afastámo-nos como duas crianças que acabaram de cometer uma diabrura pela qual vão ser castigadas.

— Lívia! — Uma voz grave e tonitruante preencheu todo o espaço. — Precisamos de falar. Agora!

Virei-me e deparei-me com um homem alto, corpulento, de ombros largos, pele bronzeada pelo sol, expressão carregada e ameaçadora. O seu olhar trespassou-me antes de se desviar para a Lívia, que descobri ser sua irmã.

— Roberto?! — exclamou ela, surpreendida.

Ele cruzou os braços, claramente descontente. Fulminou-me com um olhar carregado de desconfiança e suspeitas, como se tentasse descortinar as minhas intenções.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Lívia, numa voz trémula e hesitante, mal refeita da surpresa.

— Vim ver onde você se tinha metido. Quando vovó me contou, pensei que estava brincando! — disse ele, sem esconder a reprovação. — Um restaurante indiano, Lívia? Só pode estar brincando comigo! Como é possível? Logo você.

Senti um arrepio percorrer todo o meu corpo. Conhecia muito bem este tipo de discurso e também sabia onde ia dar. Reconhecia o tom, o olhar, a hostilidade que pairava no ar. Ele não estava ali apenas como um irmão preocupado, estava ali porque não gostava de indianos e não fazia questão de o esconder.

— Isto é um restaurante, não é nenhum esconderijo ou covil. — respondi calmo, sem desviar o olhar do dele.

Roberto riu com sarcasmo e superioridade.

— Eu sei muito bem o que é um restaurante, amigo! Tenho um, caso nunca tenha olhado para o estabelecimento que fica à frente desta espelunca! Esse, sim, o Brasa Grill, é um lugar decente, onde minha irmã poderia estar trabalhando, em vez de estar... bem... aqui.

Lívia arregalou os olhos.

— O quê?! Você me aparece aqui do nada só para me dizer essa treta?

— Só estou tentando te proteger! — insisti. Depois, voltou-se para mim ameaçador. — Sei muito bem como são seus conterrâneos. São muitas as histórias que circulam por aí. Casamentos forçados, mulheres maltratadas, abuso infantil... a tua raça é toda assim.

Senti o sangue a ferver-me nas veias.

— Cuidado com as palavras. — Avisei, num tom baixo, mas firme.

— Roberto, pelo amor de Deus! — exclamou Lívia. — Não comece com esse seu discurso pateta!

— Pateta? — rosnou o irmão. — Olhe à sua volta, Lívia! Este “habibi” é seu patrão? Ele nem salário mínimo paga para você e você ainda acha que está lhe fazendo um favor. E aos outros empregados, quanto lhes paga? Não precisa disto, minha irmã. No meu restaurante, você teria algo melhor.

Os outros empregados assistiam petrificados a toda a cena enquanto a tensão crescia.

Lívia passou a mão pelo rosto, visivelmente irritada.

— Eu não quero trabalhar em seu restaurante, Roberto! Eu quero estar aqui.

Ele semicerrou os olhos, como se a resposta o tivesse atingido em cheio, qual murro no estômago.

— Está falando sério?

— Estou.

— Por acaso você tem noção do que o seu Amir faz para adquirir as famosas especiarias que usa nos seus pratos?

— Mas você não conhece limites, Roberto? O que está insinuando? O que você pretende? Acabar com o restaurante do Amir para você ficar com seus clientes, é isso? — a indignação de Livia estava ao rubro e ela parecia prestes a perder a paciência.

— Dispensio conviver com gente como ele! E como você também, Livia!

— Gente como ele? A sério, Roberto? Você está se ouvindo? Está julgando o Amir só porque ele não é daqui, porque não é brasileiro nem português? Sabe quem está trazendo problema? É você! É você que se acha no direito de pisar toda a gente para se sentir o maior!

— Não estou pisando em ninguém. Só não quero te ver metida com alguém que pode te arruinar. Você não vê que ele não é como nós? Ele nunca vai perceber nossa cultura, nosso jeito de viver.

Livia deu um passo em frente, firme e decidida

— Nosso jeito de viver? Você acha que nossa cultura é mais valiosa do que a dele? Sabe o que aprendi trabalhando com Amir? Que ele respeita tudo. Respeita o Brasil, respeita Portugal, respeita as histórias das pessoas que entram no restaurante. E você? Passa o tempo espalhando ódio onde não devia existir.

— Estou fazendo isso por você, Livia. Não quero que você se meta com um homem que vai lhe trazer problemas. Olhe para nós! Somos brasileiros, temos de lutar todos os dias para conquistar um espaço aqui. E você vai entregar tudo de mão beijada a ele? A um estrangeiro que nem português fala direito?

O silêncio que se instalou foi constrangedor. Livia recuou um passo, olhando para o irmão como se não o reconhecesse.

— Sabe o que me entristece, Roberto? Que depois de tudo o que passámos, depois de anos a tentar mostrar que somos mais do que "estrangeiros", você está fazendo ao Amir exatamente o que já fizeram com nós dois. Se lembra de quando as pessoas diziam que não confiavam em seu restaurante porque você era brasileiro? Se lembra de como isso lhe doeu?

Roberto hesitou. Os olhos de Livia estavam rasos de água, mas a voz permanecia firme.

— Agora é você que está sendo preconceituoso. Sabe o que isso faz de você? Igual às pessoas que tentaram te destruir.

Roberto tentou responder, mas as palavras ficaram presas na garganta. Por um momento, parecia que ia admitir algo, mas o orgulho falou mais alto.

— Estou apenas protegendo você e você vai perceber que estou fazendo o certo.

Livia abanou a cabeça, desiludida.

— Não está protegendo ninguém, Roberto. Está destruindo tudo. Está me destruindo, se destruindo todas as coisas boas que existem entre nós.

— Não faz sentido haver dois restaurantes nesta rua! Esta espelunca malcheirosa não devia existir. Por um segundo, julguei vislumbrar uma certa mágoa no olhar de Roberto, mas rapidamente percebi que ódio e irritação o devoravam, sem deixar espaço para mais.

— Te aviso, Amir, — virando-se para mim — ou você trata de se pôr a andar daqui ou quem trata da limpeza sou eu! E você, Lívia, faça o que quiser, mas não diga que eu não avisei. — gritou e saiu do restaurante, depois de fechar a porta com um estrondo.

Lívia suspirou profundamente, esfregando as têmporas.

— Me desculpe — murmurou.

Fiquei em silêncio, com raiva a ferver dentro de mim, mas ao olhar para ela, percebi o abalo que a situação lhe causara e esses sentimentos esmoreceram.

— Não precisas de te desculpar — assegurei-lhe, enquanto tentava manter a calma. — Mas, se ele voltar aqui com aquela atitude, não vou conseguir ficar calado.

Lívia não reagiu, apesar de me parecer mais tranquila com a minha compreensão. No entanto, algo me dizia que aquela situação não terminaria ali, fora apenas o início, ele não ia desistir tão facilmente. Era visível que Roberto ficara muito contrariado e via a presença da irmã no *Swaad Ghar* como uma grande contrariedade.

O dia da abertura chegou. Depois do incidente com Roberto, o ambiente ficou menos descontraído, mas esforcei-me para não deixar que isso afetasse a energia do *Swaad Ghar*. A cozinha estava pronta, os pratos cuidadosamente planeados e as especiarias organizadas como uma orquestra à espera do primeiro acorde.

Lívia também parecia determinada a deixar os conflitos para trás. Estava animada, falava com os outros empregados, dando-lhes orientações, sempre atenta e preocupada para que o serviço corresse bem. Percebi que a sua presença tornava o ambiente mais leve e agradável. Ela já não era a mesma Lívia que chegara atrasada.... Entre a preparação e confeção dos pratos, trocávamos piadas e lançávamos pequenas provocações, tornando-nos cada vez mais cúmplices.

— Se eu errar no tempero, você não pode dizer que foi culpa minha. — dizia, enquanto misturava um molho.

— Se errares no tempero, é porque não prestaste atenção ao mestre! — retorqui, fingindo alguma superioridade. Ela desviou o olhar, mas ri.

O dia passou rápido, entre pequenos desafios na cozinha e momentos de pura sintonia. Quando a noite chegou e as portas do restaurante se abriram pela primeira vez para os clientes, senti um frio na barriga de nervosismo puro. Aos poucos, a ansiedade foi cedendo lugar ao orgulho, quando vi as mesas cheias, o som das vozes misturado com a música ambiente, o leve aroma das especiarias e o brilho nos olhos de quem dava a primeira garfada, saboreando os pratos que levei anos a aperfeiçoar.

Lívia estava impecável, movia-se com uma naturalidade que fazia tudo parecer fácil e gracioso. Eu observava-a de longe, sem querer admitir que a sua energia e o seu sorriso eram contagiantes e se tinham tornado parte essencial do meu restaurante.

No final da noite, depois de o último cliente ter saído e de começarmos a limpar a cozinha, o meu corpo acusava o cansaço misturado com o doce sabor da realização pessoal.

— Correu bem! — disse Livia, encostando-se ao balcão e cruzando os braços.

— Correu muito bem! — concordei.

E ali ficámos, aproveitando a tranquilidade do final da noite e a sensação do dever cumprido.

— Sabe, Amir, gosto de trabalhar aqui, mas às vezes sinto saudades de casa. — confidenciou-me ela melancólica, com o olhar fixo nas luzes distantes do Tejo que se viam através da janela.

— Eu também sinto saudades. — Retorqui. — Mas encontrei algo aqui que me faz sentir menos sozinho.

Livia ergueu os olhos, encontrando os meus. O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor. As palavras eram desnecessárias.

Mais tarde, depois de ela ter saído, ao encerrar o restaurante, presenciei uma cena que fez o meu peito retraindo-se: Roberto e Livia, do outro lado da rua, discutiam. Não consegui ouvir com precisão o que diziam, percebi apenas que os ânimos estavam exaltados. Primeiro, considerei ir até lá, mas depois impedi-me. Livia não precisava de que eu a protegesse. Aquela era uma situação que ela teria de enfrentar sozinha. Apesar de incomodado, virei as costas e fui-me embora sem que notassem a minha presença.

No dia seguinte, ela apareceu como era habitual nela, alegre e prazenteira, sem que nada deixasse transparecer o que eu presenciara na noite anterior. Começou a picar cebolas, enquanto tagarelava sobre os turistas que nos últimos dias enchiam os restaurantes da rua. Entre cortes e temperos, ia contando histórias do Brasil, o que me transportava também às minhas memórias de infância, passadas entre especiarias e mercados indianos barulhentos.

Essa viagem levou-me a imaginar como seria um prato que conjugasse as nossas duas culturas? Mãos à obra, disse para mim mesmo. O resultado foi uma mistura ousada, bem o sabia: frango tandoori com molho de manga e pimenta, acompanhado de mandioca frita e uma leve pitada de coentros.

— Prova isto, Livia. — Ela provou hesitante e ficou em silêncio durante algum tempo, deixando-me inseguro. — Que te parece?

— Amir, vou lhe dizer o que penso mesmo de sua experiência, está preparado?

Pensei ter estragado tudo. Aquela minha invenção devia ter um sabor pouco apelativo. Mas para que andaria eu para ali a sonhar demasiado alto?

— A junção de dois mundos tão diferentes é simplesmente maravilhosa! Você é um verdadeiro cozinheiro. Parabéns! Gosto muito!

Senti-me tão aliviado e tão satisfeito que me pareceu ter o mundo inteiro a meus pés, mas num instante, a minha confiança deu lugar a uma ansiedade tremenda.

— Amir — alertou um dos empregados de mesa ao entrar na cozinha — estão dois senhores na sala e querem falar contigo. Parece ser um assunto muito sério. — Gelei, dirigi-me à sala de refeições e apresentei-me.

— Boa tarde. Somos inspetores da ASAE e precisamos de fazer uma inspeção ao seu estabelecimento. Recebemos uma denúncia.

Lívia, que me seguira, também empalideceu. A nossa alegria desaparecida por completo.

Os momentos que se seguiram foram angustiantes. Os inspetores começaram a revirar os armários e as prateleiras. Eu procurava mostrar-me tranquilo, mas o meu coração batia acelerado e Lívia também os observava apreensiva. Estávamos todos na cozinha envoltos num silêncio tenso até um dos inspetores encontrar um frasco sem rótulo num dos armários.

— O que temos aqui? — perguntou.

Um frasco de especiarias. Sem rótulo. Aproximei-me de imediato e verifiquei que aquele frasco não nos pertencia. Como fora ali parar? Só podia ter sido pela mão de Roberto. Mas como?

— Esse frasco não pertence aqui. Alguém deve tê-lo colocado sem o meu conhecimento. — disse, em minha defesa e tentando justificar-me.

Os inspetores trocaram olhares e fizeram anotações, antes de guardarem o frasco.

Assim que os inspetores saíram, Lívia aproximou-se de mim.

— Sabe, Amir, me desculpe, mas acho que foi meu irmão.

— Eu tenho a certeza, Lívia. Lembra-te de que ele disse que ia fazer uma limpeza? Já começou. Não sei o que hei de fazer...

No dia seguinte, um novo incidente.

— Amir, há um cliente que quer fazer uma reclamação e pede a tua presença. — Informou-me o chefe de sala, e percebi de imediato que Roberto continuava com o seu plano para me destruir.

Quando me aproximei, fiquei estupefacto. Roberto almoçava com um grupo de amigos. Ao ver-me, encarou-me com desdém e uma expressão trocista. Ah, como tive de me esforçar para me controlar! Mas tinha de ser superior. Prometi a mim mesmo, nesse momento, que não iria deixar que ele me destruísse.

Um dos homens do grupo apontou para o prato e mostrou o que parecia ser um fragmento de vidro.

— Isto é inadmissível! Como pode ser servido um prato com isto? Quero o livro de reclamações e já!

— Sabes, Amir, incidentes destes podem arruinar a reputação de um restaurante. — Disse Roberto num tom sarcástico.

Senti o sangue subir-me à cabeça

— Isto não é por acaso, pois não? — Retaliei no tom mais controlado que consegui.

Roberto inclinou-se na cadeira, com um falso sorriso provocador.

— Não sei do que você está falando. Talvez só precisem de ser um pouquinho mais cuidadosos na cozinha.

Lívia, que observava tudo junto ao balcão, aproximou-se.

— Roberto! Foi você que preparou tudo isso, não foi? Como é possível, meu irmão?

Roberto deu uma gargalhada.

— Relaxa, minha irmã. Só estou aqui como cliente. Mas eu saio já, não quero morrer engasgado.

Roberto levantou-se lentamente, ajustou a camisa e fez um sinal aos amigos.

— Vamos? Um restaurante é como um castelo de cartas. Não precisa de muito para ruir. Desta vez foi assim, para a próxima, o registo é mesmo no livro de reclamações. E riu.

Nos dias que se seguiram, mantive-me mais alerta do que nunca. Mesmo assim, naquela semana, sem que eu conseguisse evitá-lo, várias encomendas de ingredientes chegaram atrasadas e muitas caixas vinham danificadas.

— Isto não é coincidência, é Roberto. Eu o conheço, sei como ele funciona. Não vai parar até destruir seu negócio. — Lamentava-se Livia, desolada.

Nessa mesma noite, um grupo de clientes entrou no restaurante, agitados e a falarem alto, comentando o alvoroço que havia na rua. Sai para perceber o que se passava e apercebi-me de que a polícia tentava controlar os transeuntes e os bombeiros tinham sido chamados.

Algo se passava no restaurante em frente. Instintivamente fui ver o que estava a acontecer. Havia muito fumo. As chamas devoravam a cozinha do restaurante de Roberto e ele, impotente, sentado no chão do passeio, cobria o rosto com as mãos e chorava.

Seria possível? O que teria acontecido? Aproximei-me e toquei-lhe no ombro.

— Foi tudo tão rápido. O fogo alastrou a toda a cozinha. Fui um covarde, saí, me salvei e deixei os outros para trás. Não sei onde estão...

Livia apareceu logo a seguir e abraçou o irmão. Deixei-os e juntei-me àqueles que tentavam certificar-se de que não havia ninguém dentro do estabelecimento. Os bombeiros chegaram, a polícia estabeleceu um perímetro de segurança e afastaram-nos. Afinal, todos tinham conseguido sair a tempo.

Aproximei-me de novo dos dois irmãos. Roberto levantou-se, abraçou-se a mim e, a soluçar, só pedia desculpa.

— Me desculpe, Amir. Me deixei cegar pela inveja e pelo ódio. Agora, aconteceu a maior desgraça e me destruí, fiquei sem meu restaurante! Me desculpe, me desculpe, me desculpe! — E chorava cada vez mais.

Antes de irmos para casa, fiquei a saber pela Livia, que a responsabilidade do incêndio fora de Roberto. Enquanto ele trocava mensagens com a pessoa que contratou para interceder e danificar as minhas encomendas, deixou sem vigilância uma das fritadeiras, o que levou a que o óleo superaquecesse e causasse o incêndio.

Durante uma semana, não voltei a ver ou a ter notícias de Roberto, mas ia pensando nele e no quanto me perturbou vê-lo naquele estado. Também Livia perdera a sua habitual boa-disposição, andava retraída e desanimada, e isso incomodava-me. Livia não me era indiferente. Iluminara a minha existência e ajudara a dar vida ao meu sonho. Tinha consciência de que já não conseguia viver sem a sua presença. Era o meu pilar e a minha alegria. Vê-la infeliz corroía o meu coração. Tinha de engolir o meu orgulho.

— Livia — chamei-a, ao fechar o restaurante — podemos conversar um pouco? Tenho andado

preocupado contigo. Vejo-te triste e pensativa. Sei que estás assim por tudo o que aconteceu ao teu irmão e ao restaurante. Gosto de ti e não posso, não consigo, conviver tranquilamente com a situação.

— Não se preocupe, eu vou ajudar meu irmão a se recuperar. O restaurante ficou destruído pelo incêndio, mas temos de arranjar uma solução.

— Livia, quero que faças parte da minha vida, quero-te como companheira, sei que és a mulher que me completa. Contigo sinto-me feliz e realizado. Preciso de ti...

— Amir! Também quero ficar com você...

— Já pensaste, Livia, no que poderá dizer o teu irmão? E se lhe propusermos vir trabalhar connosco até reconstruir o seu restaurante? Fazer os pratos do Brasa Grill aqui durante o tempo que demorem as obras. Que te parece?

— Vamos pensar nesse assunto e ver como podemos abordá-lo. Penso que ele vai aceitar porque aprendeu com esta desgraça. Penso que ele percebeu que, sim, temos culturas e tradições diferentes, mas temos coisas muito mais importantes que nos unem. Viemos para outro país em busca de uma vida melhor, temos recordações que nos são queridas e memórias que nos fazem chorar, temos saudades da nossa terra, mas também temos sonhos, aspirações e desejos, queremos provar que não valemos menos que ninguém, que temos valor, seja a confeccionar pratos deliciosos, a servir às mesas ou noutra ofício, somos gente, sofremos, seguimos em frente, amamos e, sobretudo, como todas as pessoas, de todas as terras, queremos ser felizes.

O *Swaad Ghar* seria um ponto de convergência da cultura indiana e brasileira.

Depois, abandonámo-nos nos braços um do outro. Tínhamos toda uma vida à nossa frente.

FICHA TÉCNICA

Escola Secundária da Sé - Guarda

Nome dos Alunos – Turma 10º C:

Bernardo Gonçalves; Cátia Vale; Diogo Pinheiro; Duarte Pereira; Duarte Pires; Gonçalo Valgôde; Guilherme Gonçalves; Guilherme Lopes; João Brito; João Vicente; João Marques; Juliana Marques; Laura Janela; Leonor Inocêncio; Maria Beatriz Santos; Maria Francisca Silva; Maria Inês carvalho; Maria Inês Pires; Matilde Mendes; Pedro Clara; Pedro Parente; Sara Bento; Sofia Santos Sofia Paixão; Tiago Rodrigues; Tiago Ferreira; Tiago Silva; Manuela Condesso.

Nome dos Docentes:

Noémia Martins
Sandra Santos



ISABEL RIO NOVO

Isabel Rio Novo nasceu no Porto, onde fez mestrado em História da Cultura Portuguesa – Época Moderna e se doutorou em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras do Porto. É docente universitária de História da Arte, Escrita Criativa e outras disciplinas nas áreas da história, da literatura e dos estudos interartes, sendo autora de várias publicações académicas nesses domínios.

Enquanto ficcionista, é autora, entre outras obras, dos romances *Rio do Esquecimento* (2016, finalista do Prémio LeYa e semifinalista do Prémio Oceanos), *A Febre das Almas Sensíveis* (2018, finalista do Prémio LeYa), *Rua de Paris em Dia de Chuva* (2020, finalista do Prémio Europeu de Literatura e do Prémio de Narrativa do PEN Clube) e *Madalena* (2022, Prémio Literário João Gaspar Simões), *A Matéria das Estrelas*, romance premiado com o Prémio Literário Cidade de Almada, sairá em 2025.

Em 2019, publicou *O Poço e a Estrada*, biografia de Agustina Bessa-Luís, e, em 2024, *Fortuna, Caso, Tempo e Sorte*, biografia de Luís Vaz de Camões.

DEZ MEMÓRIAS DE CAMÕES

I.

Coimbra, 1537

Foi há pouco mais de um ano que iniciei os meus estudos, sob a proteção de meu tio, Bento Vaz de Camões, prior do Mosteiro de Santa Cruz. Meus pais deixaram-me em Coimbra sob o seu agasalho, esperando que faça de mim um homem da igreja ou um pelo menos um letrado. Com os mestres, aprendo latim, gramática e retórica; traduzo os poetas antigos como Virgílio, Horácio, Cícero, Ovídio. Com os moços estudantes como eu, leio os poetas modernos, Petrarca, Bembo, Boscán, Garcilaso, e tento imitar os versos que compuseram. Com a convivência de meu tio, entro às vezes no escritório do mosteiro, onde ele me deixa folhear as velhas cópias manuscritas das crônicas históricas que falam das façanhas dos nossos primeiros reis fundadores.

Hoje de tarde, depois das lições, caminhei até à Quinta das Lágrimas, onde a mísera e formosa Inês de Castro foi assassinada por amor. O sol descia já no horizonte. Junto à fonte onde as moças enchem o cântaro enquanto entoam cantigas que celebram os amores de Pedro e Inês, encontrei uma donzela que caminhava sozinha e descalça sobre a relva. Os seus cabelos loiros, entrançados, emolduravam-lhe o rosto pálido e caíam-lhe até à cintura, brilhando sob as cores do sol poente. Cortejei-a. Disse-me que se chamava Leonor. As minhas palavras encantaram-na. Vi os seus lábios finos descerrarem-se num sorriso tímido, mas, desconfiada, respondeu-me hesitante. O nosso encontro foi breve, mas guardei a esperança de um amor que poderia viver pelo menos nas minhas trovas.

II.

Lisboa, 1542

Como é linda uma manhã de primavera em Lisboa, o sol reverberando nas fachadas de calcário dos palácios, despejando-se no leito do rio, pejado de embarcações, umas fundeadas, outras entrando no porto, outras fazendo-se à vela e partindo para lugares distantes. Como é grande e notável esta cidade, capital de um Reino, capital de um império, a onde cheguei há poucos meses e que não cessa de me deslumbrar.

Caminho seguindo o curso do Tejo e deixo-me envolver pelas cores, os cheiros, os ruídos. Há roupa estendida na janela de cada casa, ondulando ao ritmo da brisa quente. Os cães bulham por um osso. As vozes altas dos mercadores ressoam nos meus ouvidos. À medida que me aproximo da Ribeira, o cheiro a peixe fresco e às especiarias descarregadas das naus atracadas vai ficando mais intenso, e as ruas cada vez mais cheias de gente, marinheiros vindos de várias partes do mundo, comerciantes, banqueiros, soldados, escravos...

Sigo o meu caminho, incumbido de tratar de um assunto para o senhor de quem sou escudeiro, mas o que quero é chegar ao Terreiro do Paço, na esperança de a ver. Pode ser que assome à varanda do palácio, juntamente com as outras damas, destacando-se de todas com o seu rosto de rosa e neve, os seus olhos da cor do rio. Pode ser que me veja também e consiga ler no meu olhar a expressão do meu amor ardente. Catarina, Catarina, vivemos as agruras de um amor proibido e escondido dos homens, que o querem combater e o dizem contrário às leis da sociedade, que manda que não possam viver juntos e felizes homem e mulher que sejam desiguais em fortuna e nascimento. Vós sois fidalga; eu, um pobre escudeiro. Mas quem pode escapar aos laços que amor arma brandamente? Quem pode resistir a uma formosura como a vossa? Quem me dera que, como nas comédias que faço representar nos pátios desta cidade e nas quais há sempre um desenlace feliz, o amor pudesse vencer em todas as ocasiões, superior a tudo.

III.

Praia nos mares de Ceuta, 1548

Dona Catarina de Ataíde, senhora minha,

Escrevo-te de terras do Norte de África, onde o sol é ardente e o vento do deserto nos açoita o rosto, terras onde a ameaça dos mouros não dá tréguas. Mas é a tua ausência que me aflige mais do que qualquer ameaça. Desde que os homens decretaram que o nosso amor é um crime e determinaram apartar-nos, sofro. O mar que vejo à minha frente é o mesmo que nos separa, e cada onda salgada parece sussurrar o teu nome.

Sirvo como soldado na armada que patrulha o Estreito, junto à cidade de Ceuta. Nos intervalos das missões, estaciono em terra, dentro de muralhas. Estou prestes a embarcar no batel que me levará até à caravela. Parece que amanhã largamos ferro. Há sempre navios inimigos por perto, equipados com canhões e bombardas como os nossos, e envolve-me um sentimento estranho. Talvez seja apenas o medo comum a todos os que vivem à sombra da morte, ou talvez, como pressinto, o destino me guarde um golpe de má sorte que pode mudar tudo. Mas pouco importa o que me espera, pois já me sinto morto, desde que não te tenho a meu lado. Se eu não regressar, se o sopro da morte me levar consigo, como o vento seco que levanta a areia desta praia de onde te escrevo, não te lembres de mim como de um desterrado, mas como daquele que te amou acima da própria vida. E não me creias perdido. Lembra-te de que a alma vive eternamente, e o amor, que é feito de alma, dura para sempre.

Beijo-te as mãos, amada minha.

Do teu amado,

Luís

IV.**Prisão do Tronco de Lisboa, 1553**

Sinto-me cercado pela penumbra desta cela, mal alumiada pela candeia. O ar é húmido e abafado, carregado com o cheiro a suor e a mofo. O chão de pedra é frio e está coberto de sujidade, mas é o único sítio onde posso descansar. Ouço murmúrios abafados, as vozes cansadas dos outros prisioneiros que, como eu, arrastam os dias ou aguardam o seu destino.

Estou aqui, de ferros aos pés, porque ataquei Gonçalo Borges durante a procissão do Corpo de Deus, «de propósito», dizem os documentos, ferindo-lhe o pescoço «junto do cabelo do toutiço». Amei muito Catarina; afastaram-na de mim; casaram-na com outro homem. Gonçalo Borges é irmão desse que desposou a mulher que eu tanto amei. Ver-lhe no rosto o sorriso de mofa foi algo que não pude aguentar.

Agora, arrependo-me. Que ganhei com o meu gesto de raiva? Que me trouxe, até agora, este meu duro génio de vinganças, que me faz ser tão repentino a arrancar da espada como a versejar sobre um mote? Apenas desgraça e sofrimento. Sempre fui impulsivo e irrefletido, mas desta vez fui longe de mais. Arrependo-me profundamente dos meus atos.

O tempo passa devagar. De vez em quando, ouvem-se gritos. Tento ignorá-los, mas é impossível. A fome é muita, a sede, maior, o cansaço, demasiado. A comida que me trazem é escassa e repugnante, e a água tem um sabor acre. Quando minha mãe ou os amigos me visitam, trazendo consigo umas moedas ou o consolo de uma palavra, é como se o sol irrompesse por esta cela exígua.

Apesar de tudo, há uma pequena esperança que me sustenta. Sei que há uma possibilidade de ser libertado. Implorei o perdão a el-rei D. João III e espero que ele me perdoe por carta. Para me ver livre dos ferros da prisão, terei de partir para a Índia como homem de armas. Um futuro incerto, mas preferível a apodrecer neste lugar medonho.

Fecho os olhos e consigo ver o mar, os navios que se apetrecham para partir de Belém para o Oriente, e quase consigo imaginar as terras desconhecidas e os mares remotos. Não sei o que me espera, mas sei que não quero ficar aqui, não quero que este seja o meu fim.

V.**Algures no sul do oceano Atlântico, junho de 1553**

O capitão atravessa o convés da nau São Bento. Ele e o mestre bombardeiro, que segue no seu encaço, constataam os efeitos terríveis da tempestade da noite passada. As velas estão rasgadas. As cordas dos mastros, desfeitas, balançam ao sabor do vento, como se também elas já não tivessem forças para resistir. A exaustão nos homens é visível. Alguns ainda dormem, estendidos pelos cantos, sem alento para mais. Outros permanecem de pé, encostados ao madeirame, com os olhos vazios e perdidos no horizonte. Os marinheiros mais velhos têm a certeza de que chegaremos a terra firme.

Aos que, como eu, são novos nestas travessias, explicam que a tempestade não foi assim tão violenta, que em muitas outras ocasiões já viram coisas piores, os mastros a brilhar como se ardessem em fogo, a água do mar a ser sorvida até às nuvens. Um deles aproxima-se de mim e estende-me uma caneca de água que eu engulo com sofreguidão, embora esteja morna e tenha o gosto do barril em que está guardada há meses.

Não consigo esquecer a noite passada. A chuva torrencial, os relâmpagos que cortavam os céus, a violência das ondas que pareciam montanhas, que se erguiam do nada e desabavam sobre nós. Os marinheiros davam à bomba para tentar esvaziar a água do convés. Os soldados como eu corriam a ajudá-los. Temíamos não só a morte, mas também desaparecer, aqui, no meio do nada, sem ninguém saber do que nos tinha acontecido. Pensávamos em Goa, ainda tão distante, nas nossas casas em Lisboa, já tão longe. E, mesmo com o medo da morte à espreita, continuávamos a lutar. Agora prosseguimos viagem, sem saber o que o futuro nos reserva, mas com a certeza de que não podemos voltar para trás.

Lembrei-me agora de quando, ainda em Lisboa, preparávamos a nossa partida. Amigos e família foram despedir-se de nós, como se nos vissem pela última vez. E bem podia ser que assim fosse. Era uma manhã sem vento, com o sol tímido de abril a romper por entre os farrapos de nuvens. As velas foram desfraldadas, as âncoras, levantadas, as amarras, soltas. Em terra, ficaram os parentes, acenando os lenços, entregues às orações e à angústia. Nos nossos ouvidos ainda ecoavam os choros e os lamentos. Mas as naus já se faziam ao mar. A terra desaparecia no horizonte.

Apesar do cansaço, a poesia corre-me no sangue, e alguns versos sobre a noite passada acodem-me ao pensamento:

Ora imagina agora quão coitados
Andáramos todos, quão perdidos
De fomes, de tormentas quebrando
Por climas e por mares não sabidos.

Já o sol se pôs. Alguns homens tremem e entoam rezas, receosos de que a tempestade regresse com a noite. Dizem os marinheiros experientes que assim não será, que a noite será tranquila, pois embora sejam rudes e não tenham estudos, conhecem os sinais dos ventos e a linguagem das marés. Mas dizem que nos aproximamos do Cabo das Tormentas, e aí a passagem será difícil. Só Deus nos poderá ajudar.

VI.**Goa, setembro de 1553**

Desembarquei em Goa como quem o fizesse num outro mundo. Logo que pus os pés no cais de Santa Catarina, deparei-me com algo completamente diferente de tudo quanto conhecia. A cidade é grande e cheia de casario, como Lisboa, mas envolta em palmares cerrados e cercada por dois braços de rio. O calor é pesado e húmido. O cais estava cheio de cavalos, elefantes e gente, muita gente, de todas as raças e cores, a conversar em línguas que me soavam estranhas, mas prendiam a minha atenção. Ouvi logo o repicar dos sinos, misturado com o som das flautas e o cacarejar das galinhas à venda. Vi homens e mulheres de pele escura, vestidos com roupas coloridas, e também igrejas dos nossos santos e pagodes daqueles a quem chamamos gentios construídos lado a lado. A cidade parecia um corpo vivo, com uma força própria que me confundia e ao mesmo tempo me fascinava.

Os companheiros de armas que me receberam em sua casa, onde partilhamos a candeia e a ceia frugal, levaram-me ao morro de onde Afonso de Albuquerque, no sítio em que viria a mandar erguer a igreja de Nossa Senhora do Rosário, assistiu à reconquista da cidade. Depois, conduziram-me ao palácio do Sabaio, onde contemplei os retratos dos primeiros vice-reis, tirados do natural, e uns painéis pintados com todas as armadas que de Portugal vieram à Índia e os nomes dos respetivos capitães. Caminho pelos lugares onde se travaram batalhas. Toco na muralha de pedra escura que conquistámos aos mouros. Os soldados mais velhos contam-me histórias das batalhas gloriosas em que participaram e dos feitos heroicos a que assistiram, e eu quero escutá-los. Mas estou prestes a embarcar de novo. Alistei-me na armada grossa com que o vice-rei Afonso de Noronha vai atacar o rei da Pimenta, que ofendeu o rei de Porcá, nosso aliado. Soldado serei, já que é isso que me paga a malga de arroz, mas poeta não deixarei de ser. Aqui, em Goa, tomarei a pena para escrever não só sobre os barões assinalados do meu Reino, que descobriram novas terras e empreenderam grandes conquistas, mas também sobre o próprio espírito humano, capaz dos maiores conseguimentos e das iniquidades mais terríveis, que tantas vezes se perde na vastidão do que ainda não compreende.

VII.**Prisão do Tronco de Goa, 1556**

Goa, digo eu, já não me traz ilusões. É uma Babilónia donde emana quanta maldade o mundo pode conceber. Preso na cadeia do Tronco, sinto tristeza e revolta. Escrevi trovas que denunciavam a corrupção e a ganância dos poderosos, a miséria dos soldados que lutam e são explorados. Por causa dessas palavras, que correram pelas ruas, fui preso mais uma vez.

Dizem-me os guardas que o governador Francisco Barreto decidiu desterrar-me em Ternate, no arquipélago das Molucas, uma das ilhas do cravo ardente que os portugueses tomaram pela força

das armas. Contaram-me que a ilha tem um poder imenso, pois guarda o fogo do inferno numa boca que se abre da terra e o lança desde o cume... Assusta-me a ideia de viajar novamente por mares desconhecidos e de novamente ser forçado a combater.

Um amigo veio ver-me à cela; trouxe-me papel e pena para que possa continuar a compor os meus versos, e ele próprio me desenhou sentado, escrevendo, espreitando pela janela gradeada uma nesga do rio Mandovi por onde em breve irei embarcado.

Na prisão, ouço os ecos das minhas trovas, que me trouxeram até aqui. Sinto a dor da injustiça, o peso do sofrimento dos pobres e humildes como eu. Só quis expor a verdade, mostrar o que está errado. As minhas palavras trouxeram-me novamente a um lugar fundo e escuro, mas sei que não poderia deixar de as escrever.

Pouco importa. O mar pode ser traiçoeiro, e os ventos, perigosos, mas as minhas ideias continuarão a navegar. Estou pronto para enfrentar esta nova jornada.

VIII

Algures junto à foz do rio Mekong, 1564

O pouco tempo que passei em Macau vale por uma vida cheia. Devo-o a D. Francisco Coutinho, que me concedeu o cargo de provedor dos defuntos. Eu já me dava por satisfeito por estar novamente em Goa, longe da guerra, desta feita sob o governo de um vice-rei amigo e justo, gozando da proteção dele, podendo servi-lo com a minha pena e privar com amigos queridos como Heitor da Silveira, João Lopes Leitão ou o velho sábio Garcia de Orta. Mas D. Francisco Coutinho foi mais longe e deu-me aquele cargo, para me libertar da pobreza em que sempre andei envolto.

Em Macau, conheci uma jovem chinesa de olhar meigo, filha de um pobre homem, que ma entregou. Amei-a; fiz dela minha companheira e não minha escrava. Era outro o seu nome, mas chamei-lhe Dinamene, como a ninfa, e ela adotou o nome, a que achava graça.

Quando o meu tempo como provedor terminou e o meu regresso a Goa foi determinado, embarquei com Dinamene num navio carregado de riquezas. Levava comigo os bens que tinha amealhado, o dinheiro dos defuntos por que era responsável e também Dinamene, claro. Sabia que os mares da China são traiçoeiros, mas a viagem de ida tinha sido tranquila. Rapidamente, no entanto, uma tempestade violenta desabou sobre nós. Em poucos instantes, ventos medonhos quebraram os mastros, as velas rasgaram-se e a embarcação começou a afundar.

Dei por mim em cima de uma tábua, protegendo com o peito o maço de papel em que vou escrevendo o meu poema. Nos segundos em que tive o instinto de salvar-me, foi nele que pensei: não no dinheiro que juntei no exercício do meu cargo, nem nos bens dos defuntos que devia guardar, nem sequer em Dinamene. E, quando lancei os olhos em redor e vi que o seu pequeno corpo frágil lutava contra a fúria das águas, percebi que seria demasiado tarde para a salvar.

Os poucos de nós que não naufragaram vieram ter às margens do rio Mekong. Vamos ter de caminhar pelo interior do mato até encontrarmos alguma povoação. Com alguma sorte e ajuda divina, seremos resgatados. Os que me veem desesperado tentam consolar-me, mas sou consumido pelo remorso. Ao longo da vida, já perdi muitos amores, mas a dor pela morte de Dinamene é como outro naufrágio, ainda mais duro e cruel. Os meus lábios feridos balbuciam os versos:

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Dinamene não foi apenas uma mulher que muito amei, mas a prova de que, afinal, o amor está mesmo talhado para anular as diferenças entre os indivíduos.

IX

Ilha de Moçambique, 1568

Na Ilha de Moçambique, tão bela, tão isolada, sinto-me preso, desta vez não por ferros, mas pelas saudades. Depois de tantos anos no Oriente, sonhava com o dia em que poderia voltar ao Reino, publicar *Os Lusíadas* e receber uma recompensa pelos anos em que lutei como soldado, mas as dívidas contraídas para com o capitão que me prometeu passagem e depois retirou a promessa mantêm-me detido nesta terra distante. Os dias são duros. Sinto-me sozinho, rodeado por um mar imenso, enquanto vejo ao longe navios partindo para destinos que não posso alcançar. O tempo passa devagar, e a esperança no regresso parece desvanecer-se a cada pôr do sol.

Na cabana humilde onde vivo, feita de madeira e palha, Bárbara faz-me companhia. É uma mulher de pele escura e olhos profundos, que carregam histórias que nunca me contou. Sei que foi escrava, e isso basta para que adivinhe as dores que lhe marcaram o corpo e a alma. Não fala muito, mas cuida de mim com gestos silenciosos. Cozinha peixe fresco com especiarias locais, lava as minhas roupas gastas e remenda-as com mãos hábeis. Traz-me folhas de papel, nem eu sei bem onde ou como as consegue, para que possa continuar a trabalhar no meu poema.

Às vezes, ao anoitecer, sentamo-nos à porta da cabana, a escutar o som das ondas e o rumor do vento nas palmeiras. Os miúdos da Ilha brincam com conchas junto à orla da praia. Eu recito versos, e Bárbara ouve-me em silêncio, sem entender todas as palavras, mas compreendendo a tristeza que exprimem. Os olhos dela sorriem, e eu murmuro: pretidão de amor. Nesses momentos, sinto-me menos sozinho, como se tudo nela acalmasse a dor da espera e da saudade.

As palavras dançam no papel ao ritmo do mar, enquanto sonho com o dia em que voltarei a Lisboa,

não como um homem perdido, mas como um poeta de valor. Eis que se aproxima a armada que este ano chega de Goa. Talvez venha a bordo algum amigo que me possa ajudar?

X.

Lisboa, março de 1572

Palavras de António Gonçalves, impressor:

«Olho para o poeta Luís Vaz de Camões, segurando nas mãos o primeiro exemplar de *Os Lusíadas*. Tantas vezes me indispus com ele ao longo dos últimos meses. Entrava-me na oficina a qualquer hora do dia, atravancando o espaço com as muletas, perturbando o labor dos tipógrafos, querendo saber como corria o trabalho de impressão do seu poema, que D. Manuel de Portugal me convenceu a imprimir, pagando-o do seu bolso.

Quem compõe uma página na prensa fá-lo de forma mais ou menos mecânica, concentrando-se em escolher os tipos necessários, e sem bem atentar no que lá vai escrito. No entanto, desta vez, foi impossível não reparar na beleza das estrofes que íamos compondo. Olho para Luís Vaz de Camões. O livro é pequeno, mas pesa-lhe nas mãos. Sei que não é o peso do volume, bem modesto, antes de uma vida inteira de provas. Que sentimentos o atravessarão agora? Observo o seu olhar fixo nas páginas e imagino-o a reviver cada batalha evocada, cada etapa da travessia, cada tormenta no mar, cada momento em que interrompeu a narração da viagem de Vasco da Gama à Índia, com deuses e ficções à mistura, para descer ao presente e admoestar os homens do seu tempo. Talvez sinta alívio, um breve momento de satisfação por ver a sua obra finalmente impressa. Mas leio também nos seus olhos um cansaço profundo, como se a grandeza da sua epopeia não fosse suficiente para lhe aliviar a alma.

Afinal não é isso. Vira-se para mim, protesta que vê gralhas nos versos, zanga-se comigo. Sorrio. É um soldado velho, doente, arrimado às muletas. Não quero discutir com ele, e peço-lhe desculpa, e digo-lhe que daqui para a frente emendarei os erros e farei com que os moços aprendizes tenham mais cuidado ao escolher as letras.

Camões percorre os versos que escreveu, e pergunto-me se encontra neles apenas imagens e rimas ou um reflexo do seu próprio destino. A glória que canta pertence aos heróis. Mas, e a sua? Continua pobre, com o futuro mais do que incerto. Sentirá esperança? Orgulho? Ou apenas resignação? Sei que dentro de si há uma amargura difícil de esconder, mas também vejo nele a força de quem sabe que, apesar de tudo, deixou uma marca eterna.

Camões irrita-se de novo, e de novo eu lhe relevo as palavras duras e renovo as promessas de que tudo irei corrigir e emendar. Não há gralha na página que possa ensombrar a beleza do seu poema nem diminuir-lhe a perfeição do estilo, garanto-lhe. E essas minhas palavras parece que o apaziguam.

Talvez sinta o toque áspero do papel como o da vida que levou, cheia de dificuldades e desilusões. Talvez o cheiro da tinta fresca lhe desperte a certeza de que as suas palavras ecoarão para além do seu tempo. Não sei ao certo em que pensa, mas sei que estou diante de um homem cuja obra se tornará imortal, mesmo que a sua vida se aproxime do fim.»

FICHA TÉCNICA

Escola Básica e Secundária de Fornos de Algodres

Nome dos Alunos :

Afonso Campos Faustino; Beatriz Gonçalves Nunes; Catarina Baltazar Costa Ribeiro;
Catarina Rocha Figueiredo Cabral da Silva; Daniel Costa; Dinis Almeida Rebelo; Dinis Moura Costa;
Duarte Gonçalves Tenreiro; Francisca Maria João Ventura; Igor Fernando Trindade Carvalho;
Inês Campos Esteves; João Ângelo Araújo de Carvalho; João Pedro Nunes Frade;
Leandro Filipe Lemos Duarte; Leonor Gomes Batista; Luana Pereira Domingos;
Maria Constância Pinto Paulo; Maria Trindade Martins; Martim Cunha Rodrigues; Matilde Moura Gil;
Rafaela Filipa Mateus Fonseca; Rafaela Ramos Santos; Renato Miguel Primavera Oliveira;
Samuel Gaspar Rebelo; Sérgio Isaías Frias Lopes; Tiago Alexandre Brandão Pina; Yara Sofia Abade.

Nome dos Docentes:

Ana Maria Reis Nunes, *Professora de Português*
Sérgio Nuno Marques Rodrigues, *Professor bibliotecário*
Alcina Correia, *Coordenadora Interconcelhia*



JOÃO MANUEL RIBEIRO

Poeta, escritor, editor, formador e investigador.

Doutor em Ciências da Educação, pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, com dissertação sobre «A Poesia na Escola – Resposta ao texto poético e organização do ensino». Mestre em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, pela mesma Faculdade, com dissertação sobre «A Poesia no 1.º Ciclo do Ensino Básico – Das Orientações Curriculares às decisões docente». Master en libros y literatura infantil y juvenil, pela Universitat Autònoma de Barcelona. Mestre em Teologia, pela Universidade Católica do Porto, com dissertação sobre «A evolução espiritual de Antero de Quental – Um itinerário da modernidade em Portugal». Licenciado em Teologia pela mesma Universidade.

É fundador, mentor e diretor do projeto ***A Casa do João*** (iniciado em 2017) projeto que é uma ***Revista*** de Literatura Infantil e Juvenil (trimestral) (<https://acasadojoao.online/revista/>), um ***Podcast*** (<https://acasadojoao.online/web-radio>) e um ***Programa de Educação Literária*** (PEL) (<https://acasadojoao.online/pel>).

Formador de professores. Formador de formadores. Formador da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas. Sócio da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto.

Em 2020, o livro «Meu avô, rei de coisa pouca», na tradução eslovena, conquistou o ***Golden Pear Award (Zlata hruška)***, atribuído a livros de qualidade!

A SALA 17



Sinopse

Quando Akio, um jovem recém-chegado à escola, descobre a misteriosa Sala 17, não imagina que está prestes a desvendar um segredo esquecido. Oculta por décadas, a sala guarda símbolos enigmáticos e um diário antigo que pertenceu a Aisha, uma das sete vozes silenciadas por um passado sombrio. À medida que ele e os seus amigos mergulham nos objetos e memórias deixados para trás, fragmentos de histórias emergem relatos de jovens migrantes que lutaram para serem ouvidos num mundo que os rejeitava.

Mas há algo mais na sala, algo que pulsa nas paredes e ecoa nos corredores. O que aconteceu realmente aos sete jovens? Porque foram apagados da história? Entre projeções de memórias, símbolos ancestrais e uma chave que parece conter respostas, Akio e o seu grupo percebem que a verdade pode ser perigosa... e que algumas portas, uma vez abertas, nunca mais podem ser fechadas.

Agora, o desafio não é apenas recordar, mas agir. Quem ousará atravessar a próxima porta?

— A sala 17 está assombrada - sussurraram no corredor.

Akio não acreditava em fantasmas, mas acreditava que o desconhecido sempre guardava verdades escondidas.

Estava diante da porta desgastada, com a tinta descascada, quase como se lhe pedisse que entrasse. A porta rangeu ao abrir-se. Um cheiro pesado a mofo invadiu-lhe os sentidos, mas o que viu fê-lo recuar. No chão, espalhados em padrões desordenados, estavam livros rasgados, folhas amareladas e fragmentos de fotografias.

Nas paredes, escondidas até então por velhos armários, brilhavam sete símbolos distintos. A luz do entardecer atravessava as janelas altas e iluminava os desenhos, como se uma energia invisível os tivesse ativado.

Akio sentiu o coração acelerar. Não eram marcas comuns, eram símbolos com formas, tais como: triângulos, círculos, linhas entrelaçadas. Cada símbolo parecia pulsar com um significado que ele não conseguia compreender. Ainda.

Desde pequeno, Akio tinha um dom para perceber detalhes que escapavam à maioria das pessoas. No Japão, costumava passar horas na biblioteca do avô, explorando livros sobre mitos e lendas antigas. Era ali que encontrara o seu primeiro caderno de simbologia, um presente do avô que lhe dissera: “Os símbolos falam quando sabemos escutá-los.” Mas agora, a milhares de quilômetros de casa, o conforto dessas memórias parecia distante. Tudo na nova escola era estranho: a língua, os olhares curiosos, a solidão no refeitório. Por vezes, sentia-se invisível, como se os colegas não soubessem como lidar com a sua presença.

Enquanto explorava a sala, Akio tropeçou numa gaveta. No meio de papéis, encontrou um diário de capa gasta, com um nome quase ilegível: Aisha. As páginas iniciais estavam cheias de anotações desordenadas, rabiscos e, no meio, desenhos dos mesmos sete símbolos. “Será coincidência?”, pensou.

Começou a ler:

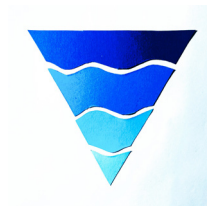
Cheguei aqui há dois meses. A escola é fria, os corredores barulhentos, mas eles não nos ouvem. Somos sete. Sete que ninguém quer ver. Cada um de nós tem um símbolo. É a nossa ligação, a nossa promessa.

Akio sentiu um arrepio. Sete? O número correspondia aos símbolos na parede. E quem eram "eles"? O diário parecia ter pertencido a um jovem migrante à procura de um lugar num mundo que nem sempre é acolhedor.

Ao folhear o diário, Akio encontrou uma página onde estavam desenhados os sete símbolos, cada um acompanhado de uma breve descrição:

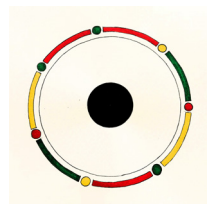
O Triângulo Invertido com Linhas Onduladas

"Água. Navegamos por mares perigosos em busca de algo melhor. Mas a água guarda memórias que não queremos esquecer."



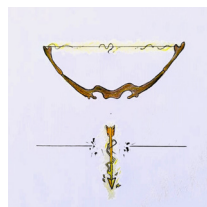
O Círculo com Pontos ao Redor

"Unidade. Somos um pequeno círculo no meio de um mundo que não nos vê. Mas juntos, somos mais fortes."



A Linha Partida com Um Arco por Cima

"A partida. Fomos obrigados a deixar tudo para trás. Mas a linha interrompida lembra-nos que ainda há caminho pela frente."



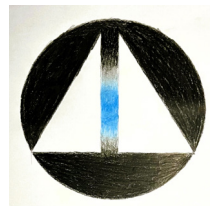
O Quadrado com uma Espiral Dentro

"Estabilidade e caos. Tentamos construir um refúgio, mas o caos segue-nos. Este símbolo é a nossa luta para encontrar equilíbrio."



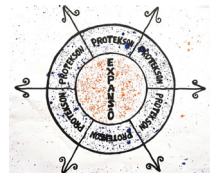
O Triângulo com Uma Linha Vertical no Meio

“Resiliência. Subimos montanhas, atravessamos barreiras. A linha é o nosso caminho, mesmo quando tudo



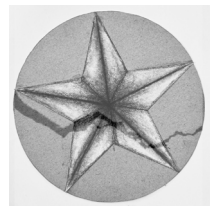
Dois Círculos Concêntricos com Setas Apontando para Fora

“Proteção e expansão. Queremos segurança, mas também queremos crescer. Este símbolo é o nosso desejo de sermos mais do que aquilo que o mundo espera de nós.”



A Estrela com Uma Linha Cortada

“Esperança interrompida. Os nossos sonhos foram destruídos, mas não apagados. Este símbolo lembra-nos de quem somos e do que queremos ser.”



Akio arrepiou-se ao perceber que cada símbolo estava ligado a um dos jovens mencionados no diário. Era como se cada um deles tivesse deixado uma parte de si gravada na parede da sala 17.

Nos dias seguintes, Akio dedicou-se a decifrar cada palavra e desenho do diário. Descobriu que Aisha, a dona do caderno, era uma refugiada síria que enfrentara dificuldades antes de chegar àquela escola. Nas páginas do diário, mencionava outros seis jovens: Liam, de Moçambique; Zara, do Paquistão; Iván, da Venezuela; Chen, da China; Amara, de Cabo Verde; e Karim, do Sudão. Cada um deles tinha uma história marcada por perda, fuga e resiliência.

O diário revelava também que a sala 17 fora o ponto de encontro deles. Ali, encontravam conforto uns nos outros e criaram uma espécie de aliança simbólica. Cada jovem escolheu um símbolo que representava a sua luta e a sua esperança, gravando-o na parede como uma promessa de que nunca se esqueceriam uns dos outros.

Uma noite, enquanto lia novamente o diário, Akio encontrou uma anotação que não tinha visto antes, entre duas páginas coladas:

“A próxima porta não está aqui. Procura onde as sombras encontram a luz.”

O mistério aprofundava-se. Decidido, Akio regressou à sala 17 no dia seguinte, levando consigo uma pequena lanterna e um espelho. Estava determinado a desvendar o significado daquela frase. Ao iluminar os símbolos na parede, as sombras projetadas cruzavam-se num ponto específico do chão. Curioso, encontrou uma ranhura quase impercetível.

Com esforço, abriu um alçapão escondido. O cheiro a mofo intensificou-se, mas não o fez recuar. Dentro, encontrou uma escadaria para uma sala subterrânea. As paredes estavam cobertas por inscrições em diferentes línguas, algumas que Akio reconhecia e outras que nunca tinha visto. No centro da sala, havia um círculo desenhado no chão, contendo os sete símbolos. Junto a cada símbolo havia um objeto: uma pulseira, uma fotografia, um livro. Cada um parecia pertencer a um dos jovens descritos no diário. No centro do círculo, repousava um caderno antigo, diferente do diário de Aisha.

Quando Akio o tocou, sentiu uma corrente elétrica atravessar-lhe o corpo, como se aquele objeto carregasse uma energia poderosa. Uma luz azul iluminou a sala, e, por um breve momento, Akio viu figuras humanas formarem-se à sua volta. Eram os sete jovens. Não falaram, mas os seus olhares transmitiam uma mensagem clara: a sua história precisava de ser contada e Akio era agora o portador desse legado.

Quando a luz desapareceu, Akio estava de regresso à sala 17. O alçapão estava fechado, e os símbolos na parede tinham desaparecido. Nas suas mãos, o caderno antigo, a única prova de que tudo aquilo fora real. Sabia que a sua missão estava apenas a começar e que, para desvendar o mistério da sala 17, precisaria de coragem e, talvez, da ajuda de outros.

Naquela noite, ao regressar a casa, Akio abriu o caderno antigo e começou a decifrar as mensagens. As páginas pareciam reagir à luz, revelando camadas de texto ocultas. As histórias dos sete jovens não eram apenas relatos de dor, mas de esperança e de uma resistência silenciosa.

Ao adormecer, sonhou com a sala 17. Desta vez, as figuras humanas não eram apenas sombras, mas vozes claras que lhe diziam: - Akio, não pares. Continua.

Quando acordou, sentiu-se mais determinado do que nunca. O destino o levaria a outras portas, outras histórias e outros símbolos, todos à espera para serem descobertos.

Akio decidiu partilhar a sua descoberta com Fátima, uma colega portuguesa que, embora reservada, parecia entender a diferença. Era uma das poucas pessoas que lhe dirigia a palavra no refeitório e o tratava como igual. Quando lhe contou sobre a sala 17, Fátima ficou incrédula, mas a determinação no olhar de Akio convenceu-a.

— Se o que dizes é verdade, temos de voltar lá juntos. Mas precisamos de mais provas. O que está escrito no caderno?”

Akio mostrou-lhe as palavras que revelavam os laços entre os sete jovens. Enquanto folheavam o livro, Fátima reparou numa passagem sublinhada:

"O poder dos símbolos só pode ser ativado com união."

A solidão quebra o ciclo, mas juntos, abrimos o caminho."

— Não achas isso estranho? - perguntou Fátima.

Akio concordou, mas não tinha tido tempo de explorar o significado. - Os símbolos representam ligações, então precisamos de uma equipa.

Com esta ideia, Fátima e Akio passaram o dia a observar discretamente os outros alunos, à procura de quem pudesse ajudá-los. Identificaram três possíveis aliados: Malik, um jovem marroquino que passava os intervalos a desenhar em silêncio; Sofia, uma jovem brasileira conhecida pela sua curiosidade insaciável; e Tomasz, um polaco com fama de resolver enigmas matemáticos.

Ao fim do dia, o grupo reuniu-se secretamente na biblioteca. Akio contou-lhes tudo, desde os símbolos às aparições na sala subterrânea. Houve alguma hesitação, mas a intensidade do relato e a autenticidade de Akio convenceram-nos.

Decidiram regressar à sala 17 na noite seguinte.

À entrada da escola, a tensão era grande. Munidos de lanternas e coragem, dirigiram-se até à sala 17. Os símbolos já não estavam na parede, mas Akio abriu o alçapão e o grupo desceu. Desta vez, a luz azul reativou-se assim que entraram no círculo, envolvendo-os num brilho intenso.

As figuras dos sete jovens formaram-se novamente e começaram a falar. As suas vozes eram fracas, entrecortadas, mas juntas, contaram as suas histórias de resistência e união. Explicaram que os símbolos não eram apenas um laço entre eles, mas uma chave para abrir portais para memórias esquecidas, tanto individuais como coletivas.

— Vocês foram escolhidos para continuar - disse Aisha, a mais clara entre as figuras. - Mas cuidado, pois as memórias também carregam sombras. Nem todos estão prontos para enfrentá-las."

De repente, uma vibração percorreu a sala e uma porta apareceu numa das paredes. O grupo avançou. Ao atravessarem, sentiram que estavam a entrar numa nova dimensão — onde o passado e o presente se fundiam e as histórias daqueles que tinham sido silenciados poderiam finalmente ser ouvidas. A aventura apenas estava a começar.

Ao estudarem o caderno, começaram a surgir detalhes sobre os sete jovens desaparecidos que iam além dos símbolos. Cada história era um reflexo da complexidade do mundo, das fronteiras físicas e invisíveis que separavam pessoas, mas também da força de quem enfrentava o desconhecido.

Aisha escrevia sobre a sua travessia do Mediterrâneo, uma viagem carregada de medo e incerteza. A água era tanto um caminho para a liberdade como uma ameaça constante. Ela descrevia a dor de deixar para trás os cheiros da sua casa, os risos da família e a língua que a embalava desde criança. Mas também falava da esperança, de como os céus sobre o barco lhe pareciam uma promessa de recomeço.

Liam, por outro lado, escrevia pouco. O seu símbolo, o círculo com pontos ao redor, representava a força da comunidade. Ele vinha de uma pequena vila onde todos dependiam uns dos outros. Ao chegar à escola, a falta de acolhimento contrastava com a sua memória de união, e o círculo lembrava-lhe que, mesmo isolado, podia criar novas ligações.

Zara, do Paquistão, encontrara consolo na escrita. Ela via o seu símbolo, a linha partida com o arco, como um reflexo da sua caminhada. Zara era a filha mais velha de uma família que enfrentava preconceitos por querer que as suas filhas estudassem. O arco era o sonho de atravessar barreiras, e a linha partida lembrava que nem todas as histórias são lineares, mas podem ser reescritas.

Iván, da Venezuela, desenhava compulsivamente. A espiral dentro do quadrado era o seu refúgio num mundo que parecia caótico. Ele escrevera que, ao perder tudo, desde a sua casa até amigos, encontrou estabilidade na arte, um pequeno quadrado onde podia ser ele mesmo.

Chen, da China, descrevia o triângulo com a linha vertical como a grande muralha da resiliência. Os seus pais tinham emigrado com a esperança de lhe dar um futuro melhor, mas ele sentia o peso das expectativas. Era uma escalada constante, mas Chen acreditava que a linha vertical era o caminho que o mantinha em pé, mesmo sob pressão.

Amara, de Cabo Verde, era como o vento. O seu símbolo, os dois círculos concêntricos com setas para fora, representava o desejo de proteger as suas raízes enquanto expandia os horizontes. Ela escrevia sobre a música da sua terra, uma melodia que carregava no coração e que a empurrava para dançar com o mundo.

Karim, do Sudão, via na estrela cortada um símbolo de resistência. Falava da perda de pessoas amadas na sua aldeia e da dor de deixar tudo para trás. Mas, apesar das linhas interrompidas, ele acreditava que as estrelas continuavam a brilhar, mesmo que em pedaços.

A leitura do caderno suscitava muitas interrogações. O que lhes acontecera? Porque haviam desaparecido?

O caderno não oferecia respostas claras, mas sugeria que a sala 17 era um espaço de transição, um lugar onde as memórias e as vozes dos sete ainda resistiam.

Uma nova entrada no diário chamou a atenção:

Sejamos um...

Mais abaixo, havia uma frase enigmática:

1 carrega a voz dos 7.

Juntos, somos 17.

A força está no eco que não pode ser apagado.

Akio sentiu o peso da mensagem. "1 carrega a voz dos 7". Seria ele o "1"? E o número 17 não parecia mais apenas um número associado à sala; mas um símbolo da união, da luta coletiva daqueles que tinham sido apagados.

Ao reler a frase, algo curioso aconteceu.

Os símbolos na parede começaram a emitir uma luz fraca, como se estivessem a responder às palavras do diário. Akio aproximou-se e tocou o primeiro símbolo, o triângulo invertido. Sentiu um calor suave percorrer-lhe os dedos, e uma voz sussurrou no ar:

— A força de um nunca é suficiente, mas juntos podemos mudar o rumo da história. Akio, és a chave para nos dar voz novamente.

Com o coração acelerado, continuou a tocar nos símbolos, um por um. Cada toque trazia uma memória fragmentada: Aisha a brincar com os irmãos, Liam a carregar madeira para construir uma cabana, Zara a escrever poemas sob a luz de uma vela.

As imagens eram tão vivas que Akio quase podia ouvir as suas vozes e sentir a dor e a esperança que as unia.

Quando tocou o último símbolo, a estrela cortada, uma nova projeção surgiu no centro da sala. Era uma imagem de Akio, rodeado pelos sete jovens. Estavam a segurar o diário juntos, como se o entregassem a ele. A voz de Aisha soou mais uma vez:

— Akio, o 1 carrega as nossas histórias, mas precisamos que todos ouçam. Garante que o mundo não esqueça o que nos aconteceu. Somos parte de ti agora, e tu és parte de nós."

A projeção desfez-se lentamente, deixando Akio sozinho.

No chão, o diário permanecia aberto, numa nova página.. Estava escrito:

As Sete Vozes querem ser ouvidas. A sala 17 não é o fim, mas o começo. Procura a próxima porta onde as histórias se cruzam com o silêncio.

Akio sabia que a missão que lhe fora confiada era maior do que ele. O número 17 era mais do que um número; era um símbolo da resistência, da união entre ele e os sete jovens que agora dependiam dele para levar as suas histórias ao mundo. Com o diário apertado contra o peito, saiu da sala determinado. O eco das vozes deles parecia segui-lo, sussurrando-lhe ao ouvido: - Não pares, Akio...

Ele sentia-se ligado aos sete jovens. A frase "1 carrega a voz dos 7. Juntos, somos 17" ecoava-lhe na mente. Ele começou a perceber que a missão não era apenas dar voz aos outros, mas também encontrar a sua própria voz no processo. Akio também era um jovem deslocado, à procura do seu lugar num mundo que não queria escutá-lo.

Com a ajuda dos colegas, Akio começou a construir um projeto, na escola. Criaram um mural na entrada, onde reproduziram os sete símbolos, acompanhados de uma descrição que contava a história do jovem a quem estava associado.

O mural tornou-se um ponto de encontro, um espaço onde outros estudantes começaram a partilhar as suas próprias histórias.

Mas não pararam por aí.

Akio e os colegas organizaram uma exposição, onde os objetos encontrados no alçapão foram apresentados juntamente com excertos do diário de Aisha.

Chamaram à exposição *"As Sete Vozes querem ser ouvidas"*.

O evento atraiu a atenção de professores, alunos e até da comunidade local. Cada visitante era convidado a deixar uma mensagem sobre o que significava para si lutar por um mundo mais inclusivo.

Enquanto os projetos ganhavam vida, Akio sentia-se a mudar. O rapaz tímido e reservado, que antes evitava qualquer atenção, falava agora com confiança sobre a importância de dar voz aos silenciados. Sentia que, ao amplificar as histórias dos sete, estava também a reivindicar a sua própria história.

Uma noite, enquanto estava sozinho na sala 17, os símbolos na parede começaram a brilhar de novo. Akio ficou imóvel, sentindo uma presença familiar. As vozes dos sete soaram em uníssono, mais claras do que nunca:

— *Akio, cumpreste a promessa. Mas ainda há mais para fazer. A memória é apenas o começo. Continua a lutar para que ninguém seja esquecido."*

Com lágrimas nos olhos, Akio respondeu, sem hesitação:

— Eu prometo. Não vou parar.

Na manhã seguinte, chegou uma carta à escola.

Era de uma organização internacional que lutava pelos direitos dos refugiados. Tinham ouvido falar do mural e da exposição e queriam levar o projeto para outras escolas. O trabalho de Akio e dos seus colegas não só dera voz aos sete, mas também inspirara outros a fazerem o mesmo.

Akio voltou sozinho à sala 17. Não porque algo o chamasse, mas porque sentia que ainda havia algo por compreender. A sala estava silenciosa, os símbolos apagados. Colocou o diário de Aisha sobre a mesa central, abriu-o e começou a folheá-lo.

De repente, as páginas começaram a brilhar com uma luz suave. Novas palavras emergiram, escritas numa caligrafia firme:

As Sete Vozes querem ser ouvidas. A mudança começa em ti, mas não termina aqui."

Akio olhou à sua volta, sentindo que as paredes da sala se estreitavam. As memórias dos sete jovens pareciam envolvê-lo, desta vez não como sombras ou visões fugazes — eram uma presença viva. Ele sentiu um arrepio enquanto uma mensagem se formava nas páginas do diário:

O mundo precisa de ouvidos que escutem e corações que ajam. Não te esqueças: 1 carrega as histórias dos 7, mas o poder de 17 é de todos."

Na sala 17, os símbolos desapareceram, mas a essência permaneceu.. Akio fechou o diário e saiu em silêncio. No corredor, a escuridão.. O ar estava carregado, elétrico, como se a escola inteira aguardasse um desfecho que ninguém ousava nomear.

De repente, Akio parou. Atrás dele, a porta da sala 17 rangeu levemente. Um sopro gelado percorreu-lhe o corpo, mas não olhou para trás. A presença das vozes ainda o acompanhava, não como um eco, mas como um murmúrio no fundo da mente.

Lá dentro, a sala parecia viva. As paredes guardavam um brilho sutil, como brasas a apagar-se. O espaço carregava a memória dos sete, um grito silencioso que pedia para ser ouvido. E então, no mais profundo silêncio, uma frase surgiu, marcada na madeira da porta:

“Cada passo teu é um eco nosso.”

Akio respirou fundo. O silêncio do espaço parecia pulsar com memórias e histórias que não se calavam. Algo tinha sido despertado, e agora a decisão sobre o que fazer estava nas suas mãos — e nas dos outros.

De volta à sala subterrânea, o grupo observava os objetos dispostos na mesa de pedra. Cada um deles tinha um significado, mas o que mais os intrigava era a pequena chave, que reluzia com uma luz viva. Ao lado dos objetos, o diário de Aisha repousava aberto numa página em branco. Malik, o mais prático do grupo, tentou pegar na chave, mas uma força invisível impediu-o.

— Não é assim tão simples - disse Fátima, apontando para os outros objetos. - Talvez todos estes sejam parte do mesmo enigma.

Akio folheou o diário, à procura de respostas. Então, ao virar uma página, novos símbolos apareceram. Eram os mesmos sete, mas estavam interligados por linhas que formavam uma figura geométrica complexa. No centro, uma frase escrita em caligrafia tremida:

“Os ecos unem-se onde os caminhos se cruzam. Sete vidas, uma verdade.”

— Os símbolos... são eles - murmurou Akio. - Os sete. Cada símbolo deve representar um deles.

— Então... será que estamos a ver fragmentos das histórias deles? - perguntou Tomasz. - Algo que ficou aqui, preso?

Akio lembrou-se das palavras do diário de Aisha: *“A sala 17 guarda os nossos nomes, os nossos sonhos.”* Talvez aquela sala não fosse apenas um refúgio, mas uma espécie de arquivo de memórias para manter viva a essência dos jovens desaparecidos.

Enquanto ponderavam o próximo passo, Sofia sugeriu algo inesperado.

— E se cada um de nós tocasse num objeto? Se os símbolos representam os sete, talvez estes objetos contenham parte das histórias deles.

Hesitantes e determinados, cada um escolheu um objeto. Akio, por impulso, pegou no diário.

Quando todos tocaram nos itens, a sala foi invadida por uma luz intensa, e o grupo foi envolvido por uma onda de calor e som. De repente, encontraram-se num espaço vazio, mas não silencioso. Vozes ecoavam em redor, algumas sussurrando, outras falando alto.

À sua frente, começaram a formar-se imagens. A primeira imagem mostrou Aisha, sentada na sala 17, a desenhar os símbolos nas paredes. Tinha o diário aberto no colo, e as lágrimas escorriam pelo rosto. - Prometo que nunca nos esquecerão - dizia, enquanto traçava os contornos de um dos símbolos com os dedos. Depois, viram Liam e Zara a discutir na mesma sala:

— *Não podemos continuar a fugir* - dizia Liam. - *Mas se ficarmos, o que acontecerá?*”

Zara, com um olhar decidido, respondeu:

— *Se não falarmos, ninguém falará por nós.*

As cenas continuaram a mostrar fragmentos das vidas dos sete. Iván sorria enquanto cantava uma melodia da sua terra natal; Chen escrevia algo num caderno, com expressão séria; Amara segurava um colar enquanto olhava para o horizonte, e Karim desenhava um mapa rudimentar no chão da sala 17.

Cada projeção trazia detalhes da vida dos jovens:

Aisha (Síria): Fugira da guerra, mas carregava a culpa de ser a única sobrevivente entre os seus irmãos. Escrevera no diário: Se a minha voz puder ser ouvida, talvez as nossas perdas não tenham sido em vão.

Liam (Moçambique): Deixara a sua família para sustentar os pais. O sotaque denuncia-me sempre, mas a minha voz é a única coisa que realmente possuo.

Zara (Paquistão): Lutava contra o preconceito por usar o véu. Na minha terra, tiraram-me a liberdade. Aqui, tiram-me a identidade. Mas eu luto por ambas.

Iván (Venezuela): Sonhava em tocar as músicas da sua terra num grande palco. Quando canto, sinto que ainda estou lá, de onde a minha alma nunca partiu.”

Chen (China): Tentava aprender a língua local para superar o isolamento. “A educação é a minha ponte, mas estou a construí-la sozinho.”

Amara (Cabo Verde): Carregava a saudade da sua cultura, mas temia perdê-la para se integrar. “A diversidade é uma força, não uma fraqueza.”

Karim (Sudão): Sobrevivente da guerra, acreditava na empatia como solução. “As cicatrizes são histórias que precisam de ser ouvidas.”

Mas as memórias tornaram-se escuras. Viram um grupo de adultos a entrar na sala 17, rostos severos, gestos apressados. O diário foi arrancado das mãos de Aisha. O colar de Amara caiu ao chão. As vozes dos sete jovens gritavam, mas o som era sugado para o vazio.

— Eles desapareceram porque eram incômodos - disse Akio, a voz tremendo. - Ninguém quis ouvir as suas histórias. Mas esta sala guardou-as.

Quando as imagens desapareceram, o grupo voltou à sala subterrânea. Os objetos que tinham nas mãos brilhavam, como se carregassem as histórias dos sete. Akio olhou para o diário e percebeu que novas páginas tinham sido preenchidas. Eram os relatos dos jovens, completos e com detalhes que antes não estavam lá.

— Eles confiaram em nós para manter viva a memória - disse Fátima. - Mas e agora? O que fazemos com isto?

Akio fechou o diário com cuidado, sentindo o peso simbólico do momento. -

— Contamos as suas histórias - respondeu. - E procuramos mais. Isto é apenas o começo.

Enquanto saíam, o grupo sentiu que não estava sozinho. As memórias dos sete jovens, embora fragmentadas, agora estavam ligadas ao grupo. O que fariam com essas histórias estava por decidir. A sala 17 guardava segredos, mas também era um desafio. A quem quisesse ouvir, as portas estavam abertas. As vozes continuavam a ouvir-se.

Agora, o convite estendia-se para além de Akio e dos seus amigos.

Estende-se a ti, caro leitor.

E se fosses tu a encontrar a próxima porta?

Para complemento da leitura, sugere-se a realização deste quiz.

<https://forms.gle/umKezptiZ6SD1cUr7>



FICHA TÉCNICA

Escola Secundária com 3.º Ciclo Henrique Medina

Nome dos Alunos (10º I - Curso de Línguas e Humanidades):

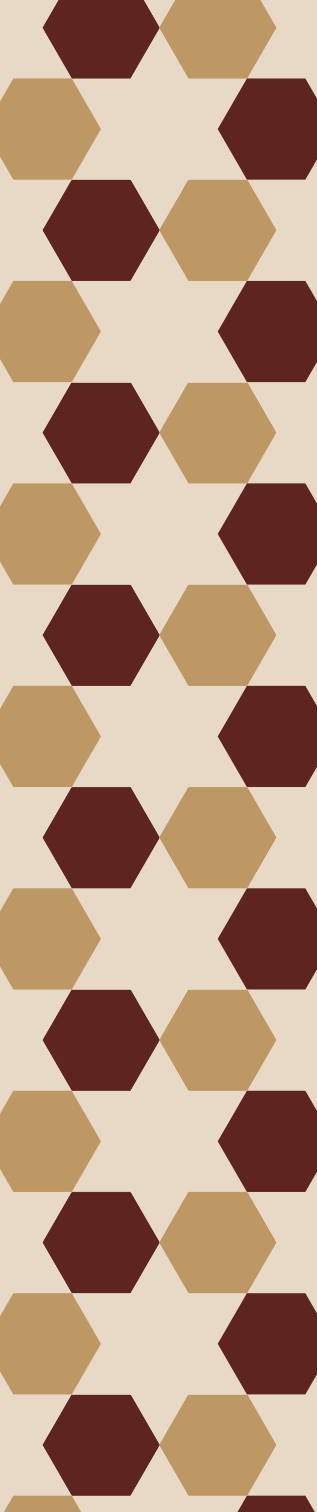
Amália Couto Torres; Bruna Filipa Santos Rocha; César Davide Ribeiro Neto;
Eva da Torre Caseiro; Gustavo da Costa Maciel; Inês Ribeiro dos Santos;
Juan Diego Castro da Cruz; Karol Natália Roseiro Aguilar; Lara Monte Sousa;
Leonor Lopes de Sá; Leonor Quintas Moreira; Livia Gabriella da Silva;
Luana Cavalheiro; Pedro Falcão dos Santos; Sara Filipa Ferreira; Sarah Isolina Peauger.

Nome dos Alunos Ilustradores (11º E - Curso de Artes Visuais):

Ana Leonor; André Carvalho; Andreia Serra; Francisca Touret
Gabrielle Sá; Lara Branco; Lucas Alves; Miguel Martins.

Nome dos Docentes:

Ulisses José Pimentel da Mota, *Literatura Portuguesa*
Teresa Cristina Sancas Finisterra, *Português*
Nuno Manuel Carvalho Fernandes, *Desenho A*
Maria Fernanda Ribeiro Vilarinho, *Professora bibliotecária*



JORGE ARRIMAR

Jorge Manuel de Abreu Arrimar nasceu em S. Pedro da Chibia, Huíla - Angola. Na década de 70 foi um dos fundadores do GRUCUHUÍLA (Grupo Cultural da Huíla), no âmbito do qual dirigiu um suplemento literário no ***Jornal da Huíla***. No Lubango publicou o seu primeiro livro de poesia, intitulado ***Ovatyilongo*** (1975).

Na Faculdade de Letras da Universidade de Luanda iniciou os seus estudos superiores, tendo concluído, em Portugal, a Licenciatura em História, a Pós-Graduação em Ciências Documentais e o Doutoramento em História Moderna (2007); em Espanha, na Universidade de Alcalá (Madrid), fez o Doutoramento em Ciências Documentais (2013). Colaborou com o ISCED - Huíla, na orientação do Mestrado em História. É membro da União dos Escritores Angolanos (2002).

Nos Açores foi professor do ensino secundário, publicou um livro no âmbito da historiografia açoriana, intitulado ***Cinco Cronistas dos Açores*** (1983), dois de poesia de temática angolana, tendo assumido, com Carlos Loureiro, a coordenação do suplemento literário ***“Página africana”***, no semanário ***Açores***.

A residir em Macau, a partir de 1985, foi diretor da Biblioteca Nacional/Central de Macau (1987-1998) e publicou quatro livros de poesia de inspiração oriental. Fez parte da Comissão Organizadora do I Encontro de Poetas de Macau (1994) e de parceria com o poeta chinês Yao Jingming, organizou a ***Antologia de poetas de Macau*** (1999). Agraciado com a Medalha de Mérito Cultural (1997).

A partir de finais de 1998 a viver em Portugal, publicou dois livros de poesia, três de história, cinco de ficção, dos quais se destaca a trilogia dos planaltos: ***O Planalto dos pássaros*** (2002); ***O Planalto do salalé*** (2012); ***O Planalto do kissonde*** (2013). Fez parte da equipa organizadora dos Encontros de Poetas do Mundo em Almada (2010 e 2011) e participou, com comunicação, em diversos encontros e colóquios dedicados à Literatura, História e Biblioteconomia, de entre os quais se destacam: 1º Encontro de Escritores Angolanos (Lubango, 2004), Correntes d’Escritas (P. Varzim, 2009), TEDx Almada (2018), I Conferência Pensar o Sudoeste (Huíla, 2019), 32º Colóquio da Lusofonia (Açores, 2019), 1º Congresso de Angolanística (Lisboa, 2019) e Encontro de Escritores de Língua Portuguesa (Cabo Verde, 2024). Presente nas seguintes antologias: ***Ovi-Sungu: treze poetas de Angola*** (2007); ***Contos do mar sem fim*** (2009); ***Divina música: antologia de poesia sobre música*** (2009). Publicou ensaio e/ou poesia nas revistas: ***O Chá - mensário angolano de cultura*** (Angola); ***Zunái revista de artes e letras*** (Brasil); ***Seixo review*** (Canadá). Consultor de história e etnografia do filme ***Ondjélua, a festa da chuva***, da Óscar Gil Produções, vencedordo DOC Luanda (Festival Inter. de Cinema Doc., 2024). Foi vencedor do VI Prémio de Literatura DSTAngola/Camões 2024, com o livro ***Cuéle, o pássaro troçador*** (Ed. Guerra & Paz, 2022).

SEGREDOS NA FENDA DO TEMPO

Aquela rachadela na parede sempre lhe chamou a atenção. Não porque fosse rara, uma vez que o prédio apresentava muitas outras e sinais preocupantes de grande declínio. Luisinha vai observando o desenrolar intrigante do seu percurso, desde o teto do canto nascente da sala até ao quadro a óleo que domina a parede que o avô destinou às recordações. Nos contornos sinuosos da fissura imagina cavalos à solta, flores, até estranhos signos de uma língua secreta. Mas ela sabe que, ainda há dois anos, a rachadela não tocava a moldura do quadro. De repente, impôs-se de cima a baixo, mesmo ao centro, levando-a a levantar o quadro para verificar o estado do prego que o segurava. Fica chocada ao verificar que, exatamente aí, a fenda se alarga como uma ferida e nem consegue perceber que leis da física permitem que o quadro não desabe.

Ela própria e sua mãe, Maria Luísa, reforçaram a zona do prego com uma cola forte e gesso estuque e mal falaram entre si da estranheza daquela situação. O que é certo é que isto aumenta o seu interesse pelo quadro, pintado em 1790 e que representa os seus antepassados: Ethan Stuart, com cerca de 50 anos de idade, e sua mulher, Matilde Costa. Desse seu antepassado inglês, órfão sobrevivente do terramoto de 1755, herdara os olhos azuis e uma curiosa agulha de marear, cujo construtor tinha o seu nome de família. Esta permanece numa espécie de redoma de vidro por baixo do quadro, numa pequena secretária encostada à parede, em cujas gavetas se encontravam alguns papéis antigos, testemunhos de oito gerações que viveram naquela casa, também sobrevivente do terramoto. Luisinha gosta de explorar esses papéis, alguns sem lhes descortinar o sentido, em caligrafia bela, mas difícil de descodificar, como a da língua secreta da fenda da parede.

Luisinha sabe que uma das grandes preocupações, de sua mãe, são os sinais de degradação desta velha casa da Rua do Cego, em Alfama. Sabe também que a última obra foi feita por seu avô José, pai de Maria Luísa, pouco antes de morrer. A mãe contava-lhe que se lembrava sempre do pai como uma pessoa muito frágil e ensimesmada, que tinha tido uma doença séria, tuberculose óssea, curada num sanatório do norte, em Valadares. Para não incomodar a filha e a mulher, aproveitara uns dias em que elas saíram de Lisboa, para a habitual temporada nas termas, e ficara a orientar as obras. À sua chegada, Maria Luísa e sua mãe tiveram uma grande desilusão, pois interiormente o prédio estava diferente e o espaço da própria casa muito reduzido. Passaram a ocupar apenas um piso do prédio e, neste, quase nada tinha sido renovado. As referidas obras tinham incidido nas divisões que foram sendo feitas ao longo do tempo, aproveitando partes da casa e partes do quintal, a construção precária de quatro cozinhas e quatro casas de banho, e uma fraca pintura dos corredores e escadas do edifício. E o pai de Maria Luísa, mais abatido e até transtornado, justificava que a falta de dinheiro o tinha obrigado a tal decisão e até impedido um alindamento maior no piso em que moravam.

Luisinha medita como teria sido difícil para o seu avô esta tomada de decisão, como a de retirar à família a fruição de toda aquela casa cheia de tradições, incluindo a totalidade do quintal. Mas foi uma decisão acertada. Embora as suas vidas tivessem melhorado um pouco quando a sua mãe se casou com um engenheiro de uma boa empresa, que foi o seu pai, de quem mal se lembra, logo as dificuldades financeiras voltaram, pela sua morte precoce, na década de 60.

Felizmente, pensa Luisinha, estamos quase a arrendar o quarto desocupado. Embora apalavrado a uma família de retornados de Angola, um casal com dois filhos pequenos, sua mãe, Maria Luísa, hesitava em aceitá-los, pois passariam a viver apertadamente num só quarto e os miúdos fariam barulho. A senhora, tão jovem, de minissaia e cores alegres, poderia não ser boa influência para Luisinha que, pelo contrário, achava muito atraente esta nova vizinhança. E até pensava que deviam ajudar essa família, que vinha de condições ainda piores, no Vale do Jamor, onde há anos se encontra um acampamento de refugiados das ex-colónias.

Os seus olhos azuis encontram os do seu antepassado inglês no quadro a óleo, também acolhido naquela casa. São os olhos de Ethan, uma criança que esqueceu o trauma. Mas, Manuel da Costa, seu protector, encarregou-se de contar a história e os seus vindouros de a perpetuar.

Hoje é dia de todos os santos, dia primeiro de novembro do ano da Graça de Deus de 1755. As ruas estão vazias, pois uma boa parte da população de Lisboa se encontra a rezar nas capelas, igrejas e na sé catedral. Estou a chegar ao Rossio, onde vou comprar pão numa das padarias da praça. Começo a sentir os meus pés a tremer e sou atirado ao chão numa sacudidela tremenda. Sinto-me atordoado, começo a ver tudo a alterar-se. Primeiro ainda penso que é um problema meu, uma qualquer doença que me tira o tino e o equilíbrio. Mas quando volto a sentir o chão a abanar e um barulho que parece vir do centro da terra, percebo o que se está a passar. As casas desmoronam-se e os sítios mais fechados ou mais apertados, como os becos e pátios interiores, ou as ruas mais estreitas, transformam-se em autênticas fornalhas. O cheiro a queimado e o pó das casas que se esboroam entope-me as narinas. Espirro, e os gritos que oiço das pessoas soterradas e das que vagueiam pelas ruas cobertas de escombros ecoam-me nos ouvidos. O terror faz-me tapá-los, o enjoo invade-me e quase vomito. Os que sobrevivem como eu à dança macabra da terra, vagueiam pelas ruas, desgrenhados e esfarrapados, muitos cobertos de sangue e poeira, todos desorientados. Um deles, na sua fuga desordenada, bate em mim e eu rolo pelo chão. Quando me levanto, já ele desapareceu entre os escombros e talvez seja mais um dos corpos espalhados pelas ruas, por onde continuam a deambular homens, mulheres e crianças. Choramos e gritamos o nosso medo juntos e separados, enquanto passam em correria cavalos e muares, pisando quem encontram pela frente, feridos ou mortos. Um cavalo estaca à minha frente de crinas chamuscadas e olhos esbugalhados. Por momentos penso ter chegado a minha vez. Mas o cavalo vira-se e a relinchar de terror segue noutra direção. Afinal, não foi este o meu último

momento e deixo-me ficar pelo espaço mais aberto, mais amplo e, apesar de toda a desgraça, mais arejado, que é a praça do Rossio.

Faz frio neste dia em que todos os santos se ausentaram. E se a praça tinha sido ainda há pouco uma clareira de sobrevivência sem pedras nem chamas, quase deixa de o ser devido ao calor, ao fumo e à cinza que a invadem. Mantenho-me por aqui e vejo que muitos descem em direção ao rio, ansiando por água que lhes arrefeça o calor e lhes mate a sede. Mas não leva muito tempo para que os veja a regressar, fugindo da onda que os persegue. Sobreviventes às pedras que caem das casas e depois às chamas, vão encontrando a morte nas águas turvas do rio que depressa os alcança. E eu dou graças à providência por ter sido um dos sobreviventes das derrocadas, do fogo e agora da água. Consegui subir ao andar superior de uma casa que não ruiu e isso salva-me de morrer afogado. É assustador o barulho das águas do rio a chegarem à praça com um barco que nelas naufraga. E só quando iniciam o seu regresso ao leito é que abandono o lugar seguro que foi a água-furtada. Desço até à praça, molhada e repleta de lodo, de peixes e pessoas mortas, de lixo de todo o tipo e de um barco moribundo. O Rossio, convertido num cais de navios naufragados. Mas depois de tanto fragor, há um momento de repentina paz, de uma serenidade estranha e pesada. Uma dor percorre-me o corpo e verifico que tenho várias pisaduras e um fio de sangue que me escorre pelo braço. Mas o que me assusta mais é a passagem, rente à minha cabeça, dum objeto maior que um simples estilhaço. Quando me acalmo, vejo que se trata de uma agulha de marear, talvez vinda do navio em estertor. Balançava ainda, na indefinição das suas formas, na praça. E eu, um náufrago em terra, sinto-me impelido a usar essa agulha de marear, neste mundo às avessas. E sorrio, porque de instrumentos náuticos nada sei. Limpo-a com o que resta da minha camisa e o nome do fabricante, qualquer coisa Stuart, informa-me



que é de fabrico inglês. Reparo que a agulha oscila, acabando por apontar para um lado qualquer que eu decido seguir.

O caos está instalado na cidade de Lisboa. Ainda se sente o cheiro do fumo e a cidade está coberta de destroços. Numa das ruas por onde vou, pelo caminho que a agulha de marear vai apontando, começo a ouvir o choro débil de uma criança. Sigo-o e entro num pequeno pátio. O terror e a destruição rodeiam a criança escondida debaixo das escadas de um prédio. O menino, que estava de viagem em Portugal com a família, afastou-se desta, após serem vítimas de uma derrocada que lhe matou os pais, e mesmo tendo a sorte do seu abrigo ter sido um prédio que sobrevivera, milagrosamente, aos eventos desastrosos desse dia, nem teve coragem de sair do seu esconderijo. Perdido, assustado e com dificuldade em compreender

português, encontrou-se órfão de um momento para o outro.

Dirijo-me a ele. Está ferido, apavorado. Tento falar-lhe, mas só o soluçar me responde. Por baixo da sujidade e nódoas negras, tem uma pele muito branca e, quando abre os olhos para mim, vejo a cor

do céu de Lisboa. Do céu de outros dias. O de hoje tem uma paleta de descolorações aterradoras, entre o carvão, a cinza e o fogo. Hoje o céu limpo e azul de Lisboa só se encontra nos olhos daquela criança. Sinto um arrepio e levo-a comigo como se transportasse a esperança nos meus braços. Deixa-se levar, é leve e aninho-a no meu colo. Para trás vão ficando os escombros de uma cidade moribunda. Olho para a agulha de marear, talvez me aponte um caminho melhor para chegar a casa. Mas não! A agulha já não se mexe, como se a sua função tivesse terminado. De vez em quando a terra treme, mas já não é como da primeira vez. Levo o menino, que agora dorme entre soluços espaçados, e dirijo-me para fora da cidade, onde já muitos sobreviventes se encontram. Fogueiras começam a erguer-se no lugar de algumas oliveiras que foram derrubadas para lenha, pois está frio, precisam de se aquecer e não há clareira ou jardim que não tenha novos habitantes. Ironia do destino, murmuro eu, que fugindo ao fogo para não morrer, tenhamos necessidade de o reacender para sobreviver. E como a noite espreita e a escuridão não é boa conselheira, resolvo ficar por aqui até amanhecer e só então voltar, com mais segurança, a fazer a caminhada rumo a casa. Apavora-me o que possa ter acontecido a minha mulher e a minha filha. Não sei nada delas. Aproximo-me dum quintal que é o espaço mais abrigado e entro. O menino continua num torpor que até dá jeito, pois posso levá-lo de forma mais tranquila. Dentro há um jardim já ocupado e perto vejo uma estreita vala de rega que me serve para o limpar. Com o fresco da água, acorda e faço-lhe uma carícia. Digo-lhe baixinho que não se assuste, que tudo vai passar e que está em segurança. E digo-lhe que, logo que for possível, iremos procurar a sua família e que me chamo Manuel. E ele responde, titubeante “I’m Ethan Stuart”. Felizmente, este menino estrangeiro entende o que lhe digo, pois, mesmo na sua língua, responde corretamente ao que lhe pergunto. Stuart é, afinal, o mesmo nome que aparece na agulha de marear. A agulha que me trouxe até ele.

Logo pela manhã seguimos rumo a Alfama, para tentar chegar à rua do Cego onde quero encontrar a minha casa inteira, e lá dentro, sãs e salvas, minha mulher, Ana, e a minha filha, Matilde. Este desejo de uma felicidade suprema após tanto horror torna-se quase uma certeza porque esta criança é um sinal. Em mim já tem um pai, merece que Ana esteja viva para ser sua mãe. E com este menino ao colo inquieto-me na certeza de encontrar a minha própria filha, quase da sua idade. E assim foi.

Luisinha sorri. “O que este quadro faz, de viagem no tempo...”, murmura. Hoje, passados tantos anos desse acontecimento, a casa está abalada, mas em pé; Ana e Manuel foram como verdadeiros pais para Ethan, mas Matilde não foi verdadeiramente uma irmã. Adoravam-se e sempre que alguém comentava como estes irmãos são amigos, ambos negavam. Não somos irmãos, nem amigos. Vamos casar qualquer dia. E assim foi. Ethan conseguiu integrar-se na sociedade portuguesa e contribuiu para a formação da família Costa Stuart. Os seus descendentes passaram a ser conhecidos como pessoas ligadas às tradições familiares e com muito apego àquela casa onde Ethan foi acolhido. A sua

tolerância, amor incondicional e ternura inspiraram-no a ser um bom pai e avô. Educou-os como o educaram a ele: a serem curiosos, determinados e sempre que possível bondosos.

Um prédio decrepito que, apesar de ter sobrevivido a um dos maiores desastres naturais que Portugal alguma vez viu, por poucas remodelações tinha passado nos últimos 230 anos. Assim sendo, acabou por serem necessárias obras de restauro, quando ali moravam as duas Stuarts, o alfaiate senegalês Amadou Ba, o chinês oriundo de Macau, Xi Lang Li, e um homem recatado e misterioso, mais conhecido pelo estranho nome de Tailândia. Assim, antes que haja algum desastre na casa que agora ameaça ruína, resolvem as suas donas entabular conversações com os inquilinos para que estes participem nas despesas de recuperação do edifício. Apesar de alguma resistência inicial, não tendo muita margem de manobra, pois só lhes restaria procurar novas habitações, provavelmente mais pequenas e mais caras, concordam em participar.

Quando se encontravam ainda na fase de entendimento, uma vizinha puxa conversa com Luisinha, querendo saber como estava a situação, quando iriam começar as obras... Luisinha diz-lhe, com alguma graça, que os inquilinos ou ajudavam nas despesas da obra, ou ainda lhes caía o céu na cabeça. Ao que a outra retorquiu abertamente, com uma ponta de inveja, que as Stuart tinham muita sorte por eles aceitarem o acordo, pois “nem sempre esses estrangeiros estão de acordo connosco. E é o que lhe digo, a menina e sua mamã devem fazer um grande sacrifício para se habituarem a essa gente, sobretudo ao preto e ao chinoca. Gente do mais estranho que há! Então o preto, que é tão preto que até mete medo! E o outro, o chinoca, que quase não se dá por ele, mas é como o mosquito que pica pela calada. Vá lá, fala benzinho a nossa língua, veio de Macau, não é? Ou de Timor?”

Farta de aturar a vizinha e já arrependida de lhe ter dado conversa, Luisinha começa a despedir-se, mas a outra barra-lhe a saída e continua o monólogo: “Já o outro, o tal Tailândia, disse-me a dona Anica da mercearia que lhe disseram que ele nunca esteve na Tailândia e que da Tailândia só conhece os tais... os tais... cogumelos”. Luisinha, a rir interroga-a porque razão viriam cogumelos de tão longe, quando em Portugal os havia com fartura. “Mas não desses, são dos outros...”, sussurra-lhe a vizinha. “Dos outros, o quê?... Dos venenosos?” “Bem!.... Sim, são dos venenosos que não nos envenenam só a carne... o seu inquilino vende dos piores, pois envenenam o es-pí-ri-to...”, soletra a vizinha, de olhos semicerrados, a dar gravidade ao assunto. Desta vez, Luisinha, que detesta boatos, sobretudo estes que, sim, são venenosos, afasta-se.

A megera estava a referir-se aos cogumelos alucinogénios como eram conhecidos noutros meios, mas a jovem sabia um pouco da história do Tailândia, por ter ido algumas vezes comprar chá de hipericão para os nervos de sua mãe. De forma alegre e simpática como era seu costume, tinha conversado um pouco com ele. Que o ervanário era alemão, ela já sabia porque lhe passava os recibos da renda. Na verdade, era o Sr. Abrahms Cohen, cientista, um judeu que tinha conseguido fugir para a Tailândia, aquando das perseguições nazis, escapando à triste sorte de toda a sua família. Como botânico, aí estudou vários tipos de fungos, entre os quais cogumelos, tendo alguns sido adotados na farmacopeia ocidental. Após o fim da guerra veio para Portugal, onde continuou a estudá-los, a

par com a sua loja de plantas. Só que a guerra o tinha transformado num homem solitário, e por isso enigmático para os outros. Apenas isso.

Quando começaram as obras no prédio, a rotina dos moradores foi interrompida. O som constante das ferramentas e o cheiro de cimento e tinta logo tomaram conta do ambiente. À primeira vista, parecia ser apenas mais uma reforma, mas com o passar dos dias, o prédio começou a demonstrar sinais de algo diferente. As rachaduras nas paredes pareciam aumentar e o rangido dos soalhos estava mais forte do que nunca. Tanto os habitantes como os trabalhadores começaram a agir de forma estranha, evitando conversas e apressando-se pelos corredores. Luisinha, que sempre foi muito observadora, reparou que o clima no prédio mudava. Maria Luísa, desconfiada como sempre, afastava-se ainda mais das outras pessoas. Era desconfiada e medrosa a respeito de tudo o que é desconhecido. E para ela, aqueles inquilinos não eram os mais desejados. “Nisso, a vizinha tem alguma razão”, dizia.

Mulheres sozinhas, sem grandes proventos, a não ser a pensão do marido de Maria Luisa, precisavam de alugar as pequenas casas criadas no interior do prédio para melhorar os seus parcos rendimentos. “Preferia que fossem nacionais”, afirmava, a propósito dos seus inquilinos. Luisinha ia ouvindo, mas não lhe dava muito apoio, pelo contrário, lembrava-lhe que o seu apelido era estrangeiro. Então Maria Luísa, orgulhosamente, fazia lembrar que o seu comum antepassado, embora estrangeiro, era como elas, “um europeu e que o destino de Portugal era, cada vez mais, a Europa”.



Luisinha, cansada da picardia, nem acreditava muito nisso, sentindo que o seu país sempre tinha ido para além da Europa e que, pelo contrário, o seu destino era integrar muito mais mundo. Como de outras vezes deu o braço à sua mãe para irem juntas apanhar fresco na pequena parte do quintal que resistiu às ampliações antigas da sua casa. Agora a sua preocupação era de outro tipo. Temia que aquela fenda detrás do quadro, a que fora tapada provisoriamente, há tempos, com o gesso estuque, fosse bem mais perigosa do que as outras.

No prédio, o alfaiate Amadou Ba continuava com a sua rotina silenciosa, mas algo no seu olhar parecia refletir uma inquietação que antes não se via. Xi Lang Li, mantinha-se cada vez mais reservado, mas parecia estar atento a detalhes que os outros não reparavam. Andava pelos corredores com um olhar atento, como se estivesse à procura de algo. O Tailândia quando passava por ali, enigmático como sempre, apenas se via a apanhar musgo, fungos e bolores que por vezes cresciam nas paredes, escuras de humidade. Também no quintal era visto a apanhar alguma coisa entre as ervas. O prédio, que antes parecia apenas velho e desgastado pelo tempo, agora carregava uma vibração diferente. Os moradores começaram a questionar-se,

secretamente, se aquilo tudo estava mesmo relacionado com a reforma do edifício, ou se havia algo mais, algo que nunca fora dito, escondido entre as paredes e o chão do prédio, algo que nem todos estavam destinados a descobrir.

Luisinha não sabe exatamente o que a incomoda mais: o som das marretas que nunca parecem cessar ou aquela sensação de que algo está para acontecer. O prédio rangia mais do que o normal, como se resistisse à reforma que tentavam impor-lhe. Certa noite, ao descer as escadas para recolher o correio, ela percebeu um detalhe estranho. Na penumbra do corredor, junto a uma das rachaduras expostas pela obra, um objeto pequeno e amarelado parecia sobressair da poeira acumulada. Curiosa, ajoelhou-se e passou os dedos sobre o que parecia ser um pedaço de osso. Um arrepio percorreu-lhe a espinha.

No dia seguinte, Maria Luísa, a mãe, ao ouvir o relato de sua filha, fechou a cara e disse que, tratando-se de ossos, não devia mexer neles, pois “há coisas que é melhor deixar enterradas”. Mas a filha, teimosa, voltou ao local. Afastou a poeira, cavou mais fundo e encontrou mais fragmentos, pequenos mas inconfundíveis - eram ossos humanos. A reforma do prédio ganhava novos contornos. O veterinário Xi Lang Li começou a mostrar um interesse incomum pelos trabalhos, aproximando-se sempre que os operários removiam pedaços do chão ou das paredes. Amadou Ba, que antes costurava em silêncio, agora fechava a loja mais cedo e observava os movimentos da obra com uma expressão carregada. Tailândia, o vizinho enigmático, reagiu de forma mais inesperada. Ao ouvir Luisinha comentar sobre os ossos, empalideceu. Murmurou algo em alemão, algo impercetível, quase como um código, e desapareceu escada abaixo. Este então, raramente era visto no prédio. Com a poeira das obras, veio também o passado. E Luisinha estava determinada a descobri-lo. Nos dias que se seguiram, as obras continuavam, mas o clima no prédio estava diferente. Luisinha percebeu que os operários trabalhavam com mais cautela, como se tivessem encontrado algo que não queriam que os moradores vissem. O veterinário Xi Lang Li passava mais tempo perto dos trabalhos,



observando cada detalhe, enquanto Amadou Ba parecia cada vez mais inquieto, fechando a alfaiataria mais cedo e evitando conversas longas. Quanto ao Tailândia, raro era vê-lo, sempre ensimesmado, sempre distante. Uma noite, sem conseguir conter a curiosidade, Luisinha decide investigar. Espera que os operários se vão embora e desce até o local onde encontrara os ossos. Com uma lanterna em mãos, começa a remover um pouco da poeira e dos escombros. Para seu espanto, encontra mais fragmentos ósseos, alguns maiores do que os primeiros. Mas o que realmente a faz prender a respiração é uma marca na parede recém-descascada: letras desbotadas, escritas à pressa.

As palavras são difíceis de decifrar, mas ao passar os dedos pela superfície fria da parede, Luisinha consegue distinguir algumas letras: J. C. S. e uma data - 1945. O coração dela dispara, são as iniciais de

José da Costa Stuart, seu avô. Aquilo não podia ser coincidência. A respiração dela acelera enquanto recua, sentindo o peso da descoberta. O restauro não está apenas a revelar ossos, está a desenterrar segredos que há muito haviam sido esquecidos. Na manhã seguinte, Maria Luísa nota a inquietação da filha e tenta dissuadi-la de continuar a investigação. “Se o prédio quis esconder algo, é porque assim deve ficar”, adverte, com a voz carregada de pressentimentos. Mas Luisinha não consegue ignorar a verdade que se desenrola diante dos seus olhos, os ossos, a inscrição na parede. Tudo parece interligado. Sem saber a quem recorrer, decide procurar o veterinário Xi Lang Li. Sente que sabe mais do que aparenta. Encontra-o na alfaiataria de Amadou Ba, conversando em voz baixa. Ao vê-la, o veterinário ajeita os óculos e faz-lhe sinal para se sentar. “Já sabe demais”, murmura. “Mas ainda

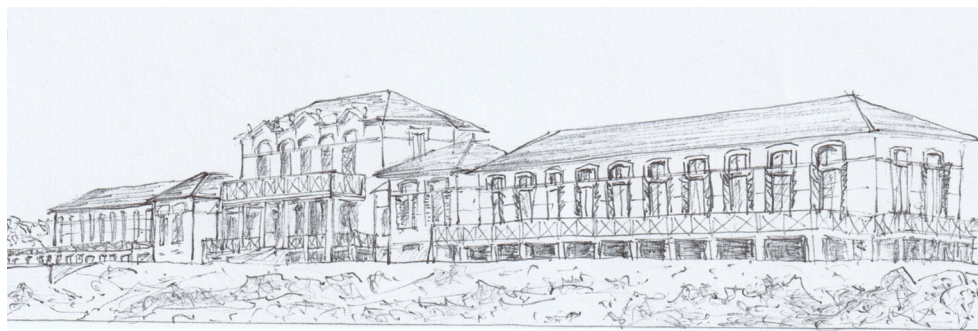


não compreendeu tudo. O que encontrou é apenas o começo. Há mais, muito mais, escondido neste prédio. E algumas verdades... não querem ser descobertas.” O coração de Luisinha bate mais rápido. “O que quer dizer com isso?” sussurra, sentindo um arrepio. Xi Lang Li troca um olhar com Amadou antes de responder: “Este prédio guarda segredos. Pessoas desapareceram. Histórias foram apagadas.” Amadou Ba mexe-se inquieto na cadeira e diz, com voz grave, que ao mexerem no que devia ter ficado guardado, podem ter despertado algo que pode não ser muito bom.

Luisinha, vendo-os perturbados, despede-se. Mas como é uma pessoa insistente, não desiste do seu objetivo e, no dia seguinte, resolve que devia voltar a falar com Xi Lang Li. Ela sabia o nome do seu avô, mas nunca ouvira falar muito sobre ele, já que a sua mãe sempre fora comedida a contar coisas mais próximas da família. Luisinha não tinha certeza de que o chinês soubesse algo de interesse ou se era apenas um jogo de sombras, tão ao gosto dos orientais. E caso soubesse mesmo de algum segredo, poderia não querer contar alguma coisa. Mas tinha de tentar. Bate, então, à porta de Xi Lang Li, que se mostra relutante de início, mas acaba por aceitar falar-lhe. E diz-lhe que nada sabe sobre o seu avô. Luisinha não desiste, querendo obter respostas. “O meu avô, José Costa Stuart, não sei por que razão, tem as iniciais na parede onde se encontram aqueles ossos...”, comenta. O chinês sempre vai dizendo que, realmente, o nome não lhe era estranho, mas que não sabe se é o mesmo nome que viu “nos registos do Sanatório de Valadares”.

Luisinha estranha e diz que pouco ou nada sabe sobre esse Sanatório, exceto que tinha sido aí que o seu avô tinha estado internado, a curar uma tuberculose óssea. Xi Lang Li confirma que chegou a trabalhar lá, vindo de Macau, para ser tratado, também, de uma tuberculose. Nessa altura, com os “Motins de 1, 2, 3”, iniciados em dezembro de 1966, havia poucas condições para o tratamento

da sua enfermidade em Macau, território que sofria das perturbações causadas pela revolução cultural de Mao Tse Tung. “Mas não consigo dizer-lhe mais nada”, informa-a. Luisinha, porém, com a curiosidade em crescendo, sobretudo a partir da altura em que o mistério passou a envolver o seu próprio avô, enche-se de força na busca incessante da verdade. E assim decide procurar documentos sobre a sua família que revelassem alguma coisa mais. Isso ajudaria, naturalmente, a clarificar o mistério que envolvia agora a sua casa e o seu ascendente. Por isso, decidiu procurar nos registos de nascimento e documentos da família nos Arquivos. Nessa busca, quase nada se aproveitava da vasta papelada corroída pelo tempo, deixando-a fatigada e desmotivada. Prestes a desistir, regressa a casa e a sua intuição leva-a até uma das paredes onde se descobriram os ossos. Afasta os montes de terra que os pedreiros tinham feito e encontra um buraco. Espreita, mas não consegue ver nada. Mete a mão, a medo, e sente qualquer coisa que não é tijolo ou pedra. Parece-lhe cartão, talvez um livro. Retira-o e depara-se com o que menos esperava, o diário de José da Costa Stuart, seu avô. Abre-o e, entre datas e páginas, foi montando, tal como um *puzzle*, uma história esquecida do passado que se repercutia no presente, com a aparição duvidosa de partes de um esqueleto dentro do prédio. Luisinha folheia o diário de José da Costa Stuart com mãos trémulas, absorvendo cada palavra escrita pelo seu avô, há tanto tempo. As primeiras páginas eram relatos comuns sobre os dias passados no Sanatório de Valadares, mas à medida que avançava, as entradas tornavam-se mais sombrias e enigmáticas.



“10 de novembro de 1944. Esta noite, os ossos do esqueleto que eu retirei do gabinete do Dr. Joaquim Ferreira Alves, falaram. Ou melhor, gritaram, rangeram, fizeram barulhos que me assustaram como poucas vezes na minha vida. Juro que os ouvi, como se estivessem a partir-se, a serem triturados, a serem esmagados. Não consegui dormir e ansiei que a alvorada chegasse depressa. Mas depressa me arrependi de tanto a ter desejado, pois trazia uma notícia mais negra do que a noite que me oprimira. Quando a manhã chegou, com ela veio uma notícia terrível. O médico e diretor do Sanatório, o meu bom médico morrerá num acidente de viação. O seu automóvel fora colhido, esmagado, por um comboio de mercadorias na passagem de nível de Valadares. Nem um osso lhe sobrou inteiro.”

Luisinha sente um arrepio. Continua a leitura, devorando as páginas amareladas pelo tempo. O seu avô descreve episódios cada vez mais perturbadores. Fala de ossos que apareciam em sítios onde não deveriam estar, de vozes sussurrantes na calada da noite e da impressão crescente de que algo, ou alguém, o vigiava constantemente. Fala da sua doença que é “finalmente apagada pela luz do sol e lavada pela água do mar”, as novas terapias, iniciadas em 1917, pelo fundador do Sanatório, que delas tivera conhecimento na Colónia Sanatorial Marítima da Foz do Douro. E seu avô chama-lhes “as maravilhosas terapias de sol e mar, a heliotherapia e talassotherapie, que o salvaram”, levando-o a grafar esses nomes no seu diário, com um cuidado especial, com letra de caligrafia, meticulosamente desenhada, como se fossem as mais importantes palavras de todo o documento. Depois delas, seguem-se rabiscos ininteligíveis e, folhas adiante, a referência repetida a ossos, ossos que aparecem em sítios onde não deveriam estar, de vozes sussurrantes na calada da noite e da impressão crescente de que algo, ou alguém, o vigia constantemente. “Coitado do meu avô!”, murmura Luisinha.

A entrada que se segue prende-lhe a atenção. Nela lê o seguinte:

“12 de junho de 1945. A minha partida aproxima-se. Recuperei o suficiente para deixar este lugar, mas levo comigo um segredo. Mas não sei se aguentarei este peso dos ossos. Nunca devia ter ido mexer no esqueleto, naquele esqueleto que se encontrava no gabinete do diretor. Fui eu que trouxe a desdita ao Dr. Joaquim Ferreira Alves. Sou eu o culpado da tragédia. Os ossos que espalhei pelo sanatório foram um sinal, ou o começo de uma maldição.”

Na verdade, seu avô tivera uma vida difícil. A tuberculose e o afastamento num sanatório, longe da terra e da família, tinha-o afetado muito. Na última entrada, com letra já muito difícil de ser lida, percebe-se uma data “12 de junho de 1945”, seguida da frase “O dia da minha partida para casa aproxima-se”.

Luisinha fecha o diário, o coração palpitando contra o peito. Afinal, os ossos encontrados no prédio estavam ligados ao seu avô e a um episódio rocambolesco que ele protagonizara no passado. Uma ação que ele viria a atribuir consequências dramáticas. Mas continuava a sentir-se inquieta, pois, a verdade é que seu avô tinha querido manter esse segredo. Por isso Luisinha resolveu, discretamente, colocar o diário no buraco da parede da casa onde o tinha encontrado, enquanto refletia sobre as palavras do diário e o mistério desvendado. Na verdade, descobrira algo perturbador. O edifício onde nasceu e cresceu, não somente revelava as suas cicatrizes como deixava escapar os sussurros do passado. Cada fragmento ósseo encontrado, cada pista no diário, estabelecia uma ligação à história da sua família, pontilhada por momentos sombrios que ela jamais imaginara e que, afinal, é uma história angustiante de seu avô. Agora fazia sentido o que a mãe lhe contava tantas vezes sobre a época em que o avô fizera obras no edifício para o dividir

em pequenas casinhas. Para tirar maior rendimento, dizia ele, o que também era verdade. Mas teria vivido atormentado com a presença daqueles ossos na sua casa de família. A solução criada, da obra se realizar durante a ausência da mulher e da filha, durante as férias nas termas foi bem refletida. Imaginava o avô, aquela figura franzina que conhecia dos retratos, a aproveitar a noite para empregar os ossos que tanto o perturbavam, que tanto remorso lhe causavam. Teria de o fazer às escondidas, antes da chegada dos trabalhadores. Mas pelo menos, estava só.

* * *

Apesar de nada ter dito sobre o diário de seu avô, Luisinha não pôde impedir que as outras pessoas da casa soubessem qual a proveniência dos ossos encontrados. Que tinha sido o seu avô a trazê-los do Sanatório de Valadares e a empregar-los. Os ossos que haviam pertencido ao esqueleto de estudo anatómico do gabinete do Dr. Joaquim Ferreira Alves e que ele espalhara por divertimento. Uma ação que ele viria a atribuir consequências dramáticas.

Luisinha sentia-se grata pela colaboração de todos na resolução daquele grande mistério e na obra de restauro que chegava ao fim. Quase tudo pronto para receberem em breve a família angolana e, contrariando a opinião de Maria Luísa, os rostos dos outros residentes iluminaram-se ao saber que iam chegar crianças. Amadou não resistiu a perguntar se seriam como ele e apontou para a sua mão escura. De início Luisinha não percebeu, captando só a imagem daquela mão bonita, grande, de unhas muito cuidadas, ágil pelos anos da arte do corte e da costura. E sorriu. “Todos diferentes. O marido mais parecido consigo, Sr. Amadou Ba. A mulher, mais parecida comigo. O rapazinho mais parecido com a mãe, mas mais escuro, e a menina mais parecida com o pai, mas mais clara. Todos lindos.” E todos sorriram da boa notícia e da vivacidade da jovem que, sem preconceito, falava da vida.

Luisinha fez questão de agradecer a Xi Lang Li as pistas que lhe dera, a Amadou Ba pela compreensão e ao Tailândia por, apesar do seu feitio estranho, nunca ter criado qualquer obstáculo ao prosseguimento das obras no prédio, mesmo depois de todos os rumores estranhos que o percorreram. Aos pedreiros, Luisinha deu indicações para manterem os ossos da brincadeira de mau gosto de seu avô, nos lugares originais. Amadou Ba ofereceu uma das suas rezas na sua língua africana e Xi Lang Li acendeu três pivetes que trouxera do templo de Ku Niam, a deusa da Misericórdia de Macau. Maria Luísa rezou um Pai Nosso e uma Ave Maria e os operários acompanharam-na em murmúrio,

benzendo-se no fim. Tailândia, apesar de cientista e provavelmente pouco crente, fumegou o espaço das escadas com umas ervas, dando o pretexto, em voz baixa e apressada de “que seria bom para exterminar as térmitas”. Luisinha, a tremer, a tudo isto assistiu com um objeto nas suas mãos, a agulha de marear que desatinou, movendo-se desordenadamente, rodopiando. De repente, a agulha parou... e uma calma profunda faz-se sentir naquela casa.

FICHA TÉCNICA

Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves - Valadares, Vila Nova de Gaia

Nome dos Alunos:

Afonso Rodrigues; André Lomar Santos; Beatriz Campos Rocha; David Bessa Nogueira;
David Simão Cosme; Diogo Fonseca; Filipe Carvalho; Gil Marques Morla; Gonçalo Bengue;
Helena Sousa; Inês Peixeiro Cardoso; Leonor Barbosa; Mariana Semblano; Marta Campos;
Martim Caridade; Miguel Pereira; Nuno Maldonado; Pedro Lemos; Ricardo Amorim;
Rodrigo Pinto; Sofia Dinis Alves; Tomás Pires; Tomás Sousa.

Nome dos Ilustradores:

David Nogueira; Inês Cardoso; Martim Caridade; Ricardo Amorim; Rodrigo Pinto.

Nome dos Docentes:

Agostinha Gomes, *Professora Bibliotecária*
Anabela Amaral, *Professora de Português*



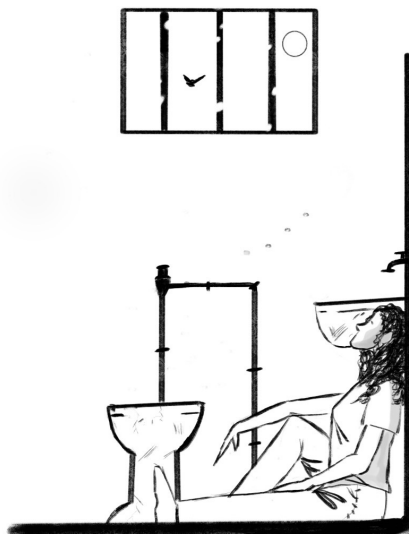
MÓNICA MENEZES

Foi por culpa de uma extrema timidez que Mónica Menezes se apaixonou pela escrita. Entre ela e o papel não havia vozes à volta, ninguém se intrometia e o tempo esticava de uma forma única. Em miúda, quando se sentava a escrever, um minuto tinha mais de 60 segundos, uma hora tinha mais do que 60 minutos. Era um mundo só dela e do papel. Por isso, quando respondia o que queria ser quando fosse crescida, a resposta era sempre a mesma: escritora.

Primeiro, escreveu em jornais, revistas e programas de televisão. Depois, em 2011, escreveu o seu primeiro livro e, desde então, seguiram-se outros cinco.

Agora, dá aulas de Escrita Criativa e Storytelling a pequenos e a crescidos. Gosta de envolvê-los nas histórias que cada um tem dentro de si. Acredita que todos conseguem escrever com o coração.

Já não é tímida, mas é sempre no papel que encontra o seu espaço de paz e de conversas consigo própria.



O MEU NOME É MARIA, MARIA LIBERDADE



Oscar Chavez
La casita

“Qué de dónde amigo vengo?
De una casita que tengo
Por allá en El Pedregal.
..De una casita chiquita,
Con jardines, alberquita
Y calefacción central.”

- Cala-te, chicana vadia - gritou a Xenofobia.
Continuei a cantar o mais alto que podia:

“Tiene en el frente unas bardas,
Que vigilan unos guardias
..que me manda el general”

(1)

Tudo ficou escuro. O meu corpo ficou dormente. Tentei gritar e a voz não saía.

Onde estou? Onde estou? Raios, onde estou?

Acordei na enfermaria da prisão sem saber o que tinha acontecido.

- Já estás bem? Consegues ouvir-me, Maria Liberdade? Quantos dedos tenho aqui? – perguntava incessantemente Laura, enfermeira de primeira viagem, que insistia em saber o meu estado.

- Estou bem sim, já te consigo ouvir, não precisas gritar - afirmei com um cómico sorriso no rosto.

- Tu és mesmo feita de ferro, mulher... - disse Laura, com admiração.

- Foste atingida na cabeça e podias já não estar aqui se a tua colega de cela, a União, não tivesse gritado por socorro. Quem te trouxe para aqui foi o guarda Joaquim. A tua cabeça está aberta. Bateste com ela na quina da sanita, já esterilizámos o ferimento, já fizemos suturas também. O médico disse que em pouco tempo estarás nova em folha - acrescentou Laura com um ar sereno e aliviado.

O tempo que estive em repouso na enfermaria levou-me numa viagem no tempo à minha terra natal, a minha amada *Ciudad de México*. O burburinho, as casas, a hospitalidade das pessoas, *mi madre*... Todas estas memórias me atingem como dardos inflamados. A saudade devora-me. Algo dentro de mim quer regressar àquele tempo e reescrever esses momentos para não viver este doloroso presente. Ah, se eu tivesse escutado os conselhos de *mi abuela*, o meu coração e os meus pensamentos não teriam sido consumidos por uma alma impostora. As avós têm sempre razão. Ela sentiu. Viu no olhar, nos gestos, nas palavras, quem era aquela pessoa. Já eu, eu não vi nada. Ou melhor, vi. Vi paixão, vontade, ganas de conhecer melhor quem era aquele homem que pairava por ali.

Naquela madrugada, não deveria ter-me deixado manipular pelas perturbações dos meus desejos, mas a minha curiosidade arrebatou-me de dentro do meu quarto. Aquele fulgor, as risadas embriagadas, tudo isto me convidava como uma atraente melodia. Os meus olhos estavam desorientados em busca de algo para repousar, quando, de repente, encontrei *aquele* homem. Carlos Aguiar, clamavam as diversas mulheres que o rodeavam. Carlos Aguiar, o homem com um sorriso que reluziu como um farol e eu, frágil ou ingénua, sei lá, sentia-me como um navegador envolto no nevoeiro à procura de uma luz e atraquei. Nunca tinha visto um homem tão bonito, nem tão seguro de si. A partir daquele dia, o meu coração nunca mais foi o mesmo. Parva. As avós sabem. A minha avó soube logo.

Submersa nos meus pensamentos, ouço uma voz calorosa a aquecer os meus ouvidos. Era ele, com um sussurro estranhamente cativante:

- Já não sou observado assim há muito tempo, sinto-me lisonjeado. Mas, não sei, estou confuso com esse olhar - atirou Carlos, num tom sarcástico e presunçoso.

Aquela voz estremeceu a minha alma, porém, eu sabia que tinha de me manter forte.

- Todos os olhares da cidade estão pousados em ti, os meus só foram uma consequência do acaso – respondi, relutante, a tentar impor um ar enigmático.

Carlos emitiu uma risada irritantemente apaixonante. E eu soube, senti logo que daquele momento em diante uma nova história começara.

No início, o nosso amor era forjado no *fuego*, no desejo de consumir o corpo e a alma. Era uma luta de corações apaixonados e famintos, a que eu me entreguei sem nenhum temor. A minha avó avisava-me: tem cuidado, Maria, aqueles olhos castanhos não têm verdade dentro deles. E eu sorria. Não podia contar à minha avó o que sentia, o quente que sentia dentro do peito sempre que aqueles olhos castanhos olhavam para mim. Eu estava a viver o amor da minha vida e a minha avó não percebia nada disso.

Foram dois meses de felicidade. Adorava passear com ele na rua. Eu, pequena, sentia-me enorme envolvida nos braços com que ele me agarrava e me pavoneava pela cidade. Não vou esconder: amava ver os olhares de inveja das outras mulheres. O Carlos Aguiar era meu. De manhã, à tarde, à noite. Era meu. O corpo dele era meu. A alma dele era minha.

O meu país estava em guerra. Uma guerra suja entre o governo e guerrilheiros estudantis. E eu, Maria Liberdade, lutava, claro, pelo nome que me puseram quando nasci: Liberdade, querida Liberdade.

O meu México, a minha pátria era uma democracia, mas todos sabíamos e sentíamos que a história escrita nos documentos oficiais não era igual à história escrita no que sentíamos no nosso coração e na nossa vida: um regime autoritário onde o partido governante reprimia qualquer oposição, restringindo liberdades civis. Era assim que vivíamos, sem liberdade. E eu, de punho erguido, lutava contra isso.

E enquanto na rua o ambiente era hostil, com o Carlos tudo era intenso. Um homem mais velho, mais sábio, mais ponderado e mais, diria a minha avó, perigoso. Traidor, talvez.

Semanas depois daquela primeira troca de olhares, sofri as consequências deste amor avassalador. A impulsividade no início é boa, mas no fim é traiçoeira e perigosa. O meu amor traiu-me, não com belas e formosas mulheres, mas sim com as suas convicções políticas e com a sua falta de humanidade. Carlos Aguiar defendia um regime extremista, que calava almas que clamavam por um direito imprescindível, a liberdade. Eu demonstrei repulsa por tais atrocidades, o que me levou a uma triste e injusta realidade. Fui arrastada, sem pudor e, muito menos, amor, enquanto implorava por redenção e compreensão.

- *Mi amor*, tu disseste-me que movias os mares por mim, e agora atiras-me aos leões como uma presa indefesa. Tudo isso porque eu não vendo a minha alma – gritei eu com uma voz chorosa e mergulhada numa ácida desilusão.

Carlos manteve-se frio e calado. “O dever fala mais alto”, dizia alto, sem me olhar nos olhos. A avó tinha razão. A mãe tinha razão. As amigas tinham razão. Carlos e os seus olhos castanhos não eram de confiança. Quem ama, não trai. Quem ama, luta, protege, acolhe. Que asco, Carlos Aguiar, que asco sinto por ti. Tiraste-me a liberdade, mas lembra-te que trago esse nome em mim. Lutarei sempre para que o meu país, o teu país, todos os povos possam ser livres. Lutarei sempre para que os direitos humanos não sejam violados, lutarei sempre para que quem sequestrou milhares de pessoas e fez com que elas desaparecessem sem explicação, sejam condenados. Lutarei sempre pelo direito à vida

e à segurança. Esteja onde estiver, porque o meu nome é Maria Liberdade. Não te esqueças, Carlos, o meu nome é Liberdade.

Reviver estas memórias faz-se sentir submersa num mar de espinhos. Mas o destino interrompe o meu lamento com uma voz estranhamente afável.

- Maria Liberdade! Maria Liberdade! Como é que te sentes? – as perguntas do guarda prisional, Joaquim Amor, trouxeram-me à realidade. Não sei se foram as questões em si ou se foi a suavidade e o carinho com que foram feitas que me fez reparar, pela primeira vez, no rosto jovem e gentil deste homem. Perguntei-lhe:

- Senhor guarda, como é que consegue trabalhar aqui?! Vejo um coração a bater aí dentro dessa farda.

Arrependi-me de imediato por ter feito a pergunta. Uma prisioneira não pode questionar, apenas obedecer, mas os olhos do guarda, surpresos no início, ganharam nuances de ternura.

- Sabes, Liberdade, às vezes surpreendemo-nos com as pessoas, sem entendermos como nem porquê – respondeu, com um tom enigmático.

- Concorde, mas, na maioria das vezes, o que perdura são as desilusões – proferi com uma voz melancólica e nostálgica.

O guarda franziu a testa e semicerrou os olhos, numa tentativa de tentar ler a minha mente.

- Qual foi a dor que te feriu de tal maneira que até te fez perder a fé? – perguntou o guarda hesitante. E, de seguida, arrependeu-se imediatamente.

- Perdão, não quis ser invasivo. Infelizmente já está na hora de voltares para a cela. Vem, eu acompanho-te – disse, constrangido.

- Espera! Pelo menos podes dizer-me o teu nome? – perguntei com curiosidade.

- Por mais surpreendente que pareça, chamo-me Joaquim Amor – respondeu o guarda, orgulhoso da peculiaridade do seu nome.

Este momento deixou-me sem resposta. Um guarda, cuja principal função é ser ríspido, com uma breve demonstração de humanidade por mim e, ainda por cima, com o nome mais bonito do mundo: Amor.

Ao voltar para a minha cela, fui recebida com um caloroso abraço da União, minha colega de cela.

- Ah, que alívio! Tu estás bem? Fiquei tão preocupada contigo. Pensava que tinha ouvido o teu último suspiro – disse de forma tão bondosa que fiquei espantada, afinal aquela tímida rapariga era tão carinhosa.

- Sim, sim, estou viva e sã. Tenho de estar mais atenta aqui dentro, vejo que as ameaças podem tornar-se realidade, e aqui estou por minha conta - sussurrei ao ouvido da União, enquanto a abraçava.

No canto, no meio das sombras, podia ver a silhueta da Xenofobia. A cela tornou-se ainda mais apertada e o olhar dela enojou-me tanto como me amedrontou. Senti no ar o cheiro do ódio. Ela ficou furiosa por me ver ali novamente, por ver que não me matou. Conseguia ouvi-la murmurar bem baixinho, como se algo a tivesse realmente ofendido. Num instante, aquela mulher pôs-se de pé e veio na minha direção, com passos sombrios, lentos e pesados. De imediato, recuei o mais que pude na tentativa de fugir, mas não houve escapatória, mal me dei conta, já estava com as minhas costas nas grades da cela.

- Escapaste com vida desta vez, mas talvez seja a última oportunidade de entenderes qual é o teu lugar aqui, não percebes que és menos do que os ratos que vadiam pelas nossas celas? Aqui, quem manda sou eu, não vou permitir qualquer tipo de manifestação da tua parte! - gritava a Xenofobia enquanto apertava com muita força o meu pescoço contra as grades da cela.

Só conseguia balançar a cabeça, enquanto era obrigada a concordar com a tirana atitude daquela arrogante mulher. Ela soltou o meu pescoço e, como se eu fosse realmente nada, deixou que eu caísse no chão quase sem ar. Levantei-me e fui lentamente para a minha cama, que, por sorte, era mesmo ao lado da cama da União. Esperei em silêncio pelo anoitecer.

- Se assim continuar, em breve, vou ter de dividir a cela só com este monstro - disse a União, tão baixo que quase não se podia ouvir ou perceber. Retorqui:

- Tu és mais do que testemunha de que eu não a provoco!

- Vamos é estar caladas antes que ela volte aqui e te torture mais um pouco – refilou União com a boca semifechada e a resmungar asperamente.

- Vá, boa noite e cuidado com os ratos! – disse, enquanto era interrompida por um arrogante “Shiuuu!” sabe-se lá de quem...

No outro dia, mais do mesmo, os mesmos sons, os mesmos movimentos, os mesmos guardas a baterem deliberadamente com os seus cassinetes nas grades enferrujadas da cela, com o intuito puro e simples de nos atormentarem.

O dia, numa prisão, começa cedo. Pequeno-almoço mal servido no refeitório: duas bolachas Maria, com sabor a velho, e um copo de café amargo que parece ter sido coado com meias sujas. Um horror. Mas todos os dias, famintas, vamos todas como vacas para um pasto seco e cercado de perigos.

Ali, sentada no refeitório à espera de nada, somente do regresso à minha maldita cela, fui surpreendida por uma voz conhecida, era Joaquim.

- Os ratos deixaram-te em paz? - perguntou Joaquim, com um cómico sorriso no rosto, enquanto me batia nas costas.

Será que foi ele que disse “Shiuu” ontem à noite? - questionava-me. Este Joaquim é mesmo um totó, dizia eu para mim. Não sabe que qualquer esboço de simpatia aqui dentro desta prisão é um anúncio de guerra?!

Na volta para a cela, fui empurrada no meio da multidão e não consegui perceber de onde veio o empurrão. Caí no chão e fui calcada por uma quantidade enorme de passos desatentos. Quando me consegui levantar, ouvi uma maquiavélica gargalhada da Xenofobia que estava bem próxima de mim.

- Vejo que já estás a começar a perceber o teu lugar, imunda!

“O que será que eu fiz para merecer isto? Estou aqui pura e simplesmente por defender o que há de mais sagrado no mundo, a liberdade, e sou tratada assim. Estou cada vez mais farta!”. Levantei-me de cabeça baixa e fui andando lentamente para a minha cela. Se ficar bem calada talvez escape de ser atormentada novamente. Não tinha percebido, mas Joaquim Amor estava a espreitar e observou o ataque com muita atenção.

Quando voltei para dentro da “caixa de sapatos”, sentei-me na minha cama e desabei num choro profundo. Inconformidade, desesperança, ódio, contradição, tudo isto ardia no meu peito, enquanto eu regava a minha cama com as minhas mais sinceras lágrimas, condenada a passar “o tempo que for preciso”, como me disseram tantas vezes, aqui dentro, vendo o sol nascer aos quadrados o resto dos meus dias. No meio desta tempestade, oiço novamente a voz do gentil guarda, que estava na porta da cela a gesticular para mim com um ar de preocupado.

- O que foi que se passou? Porque estás a chorar?

Respondi engasgada no meu choro silencioso.

- Mas como é que te podes importar com esta desgraçada prisioneira?!- Já começava a desconfiar daquela bondade toda. Cercada de gente terrível e criminosa, é realmente estranho receber bondade.

- Notei que estavas aí a deprimir, quase a afogares-te em choro e decidi intervir. Podes não acreditar, mas a minha função é garantir a paz e a ordem aqui dentro, e vejo que não há paz nem ordem em ti. Queres conversar? - perguntou Joaquim.

Não esperava este tipo de conversa a estas horas. Pensava que estava mesmo condenada a viver aqui em completa solidão, mas não. Este bondoso guarda apareceu-me.

- Creio que sim, preciso muito. – afirmei.

- O que te traz aqui? O que é que uma jovem tão serena faz aqui nesta selva? – perguntou Joaquim.

- Sendo sincera, estou aqui acusada por alguém que vive lá fora, estou aqui a pagar pecados que não cometi, e muito provavelmente a morrer por eles – disse de forma convicta.

- Percebo, Maria Liberdade. E sinto muito não poder ajudar-te a resolver este teu problema. Humildemente, o que te posso oferecer são pequenos momentos de distração como este, curtas conversas que posso ter contigo.

O tempo foi passando. Eu e o Joaquim fomo-nos encontrando com alguma frequência. Penso na minha avó, na minha mãe, nas minhas amigas. Tenho a certeza de que gostariam deste Amor. Tanta serenidade nas suas palavras, tanta bondade no seu olhar, mas tanta tristeza nas suas palavras. Adorávamos conversar em segredo. Contudo, havia outras pessoas interessadas naquilo que estávamos a falar. Um guarda, o Manel Preconceito, estava sempre à espreita, à procura de encontrar algo que pudesse comprometer a vida de Joaquim. Invejava-o fortemente. Não suportava aquele seu jeito de conquistar toda a gente com o seu carisma e firme doçura. O sonho de conquistar uma posição naquela prisão, como a de Joaquim, consumia-o por dentro. Estávamos constantemente a ser vigiados e, por vezes, nem notávamos. Mas a vida não se resumia aos momentos refrescantes de conversa, eu enfrentava todos os dias o inferno com a minha colega de cela, a Xenofobia, a cada dia mais agressiva. Sei que um dia desistiria de viver. Estava a perder as forças. Sou a Maria Liberdade, mas não sou a Maria Força. Estou cansada.

Num dia frio e igual a todos os outros, fui acordada da pior forma. Não conseguia respirar, estava tudo escuro, não conseguia gritar, cantar as minhas músicas, rir, ter força, lutar. Vou morrer, pensei. Estava a ser imobilizada e asfixiada por um travesseiro. Tentei empurrar com as pernas quem me queria matar, mas não tinha mais forças, já me tinha convencido de que a minha hora tinha chegado. Quem diria que eu, que tinha combatido ferozmente ao lado dos meus companheiros, ia morrer desta forma tão banal?! Numa cela, longe do meu país, asfixiada por uma almofada.

Mas de repente quando já estava à beira da inconsciência, voltei a conseguir respirar, a União decidiu interferir no meu destino novamente, arrancou com toda a força aquela mulher de cima de mim, enquanto chamava os guardas e desta vez não havia mais volta a dar, a Xenofobia foi levada para a solitária por tempo indeterminado. Finalmente, alguma paz me envolveu, agora já poderia voltar a dormir tranquilamente. Agora já podia cantar novamente.

“Qué de dónde amigo vengo?
De una casita que tengo
Por allá en El Pedregal.
..De una casita chiquita,
Con jardines, alberquita
Y calefacción central.”

O Joaquim voltou para conversar e desta vez não parecia que íamos ter uma conversa normal, ele carregava algo consigo, que não se podia tocar, somente sentir, um peso, uma dor.

- Liberdade, preciso de falar contigo sobre um assunto muito delicado, és a pessoa em quem mais confio nesta vida, preciso de revelar-te um segredo e sei que não vais espalhá-lo por aí...

- Mas claro que sim, Joaquim, não só podes, como deves!

- Maria Liberdade, eu sinto inquietações esquisitas, mas agradáveis, uma certa alma anda a fazer-me viajar dentro de mim, e ele é a única coisa que eu quero na vida. – disse Joaquim num discurso romântico e encantado.

- Ele? Como assim, ele? - questionei o apaixonado guarda

- Isso mesmo, Liberdade, estou enamorado, e é um homem o dono do meu coração – quase gritou Joaquim com os olhos vermelhos.

- Joaquim, sabes que isso é muito perigoso, sabes que, se fores descoberto, vais sofrer as consequências.

- Sim, Liberdade, acho que ninguém além de ti entenderia que, no estado em que estou, já não tenho vida, estou preso, mesmo estando livre, não aceito mais viver assim.

- Então, vai! - disse com profunda confiança.

- Mas como assim, vou?! Vou para aonde? Sê mais clara, Liberdade! - exclamou Joaquim.

- Vai ter com ele, vive! Sê livre, mesmo que sejas preso. Não vale a pena viver assim, Joaquim, entrega-te ao teu coração de uma vez. – disse eu com voz serena e doce.

- Então vou!

Joaquim Amor pegou nas suas coisas para sair logo daquela prisão, rumo ao amado.

- Mas nem te despedes? - perguntei, com um sorriso no rosto.

Joaquim Amor. Aquele homem não podia mesmo ter outro nome. Tanta doçura, mas tanta ingenuidade. Queria vê-lo feliz, mas temia pela sua segurança.

De um canto, no meio das sombras, surgiu o Preconceito, com um ardiloso sorriso no rosto, uma sede insaciável de maldade. Saiu também à pressa após ter ouvido, às escondidas, a confissão de Joaquim. Vi no rosto deste guarda, tudo o que não havia no coração de Joaquim Amor: raiva, inveja, preconceito, amargura.

Manel Preconceito esfregava as mãos de contentamento. Já tinha um plano preparado, sabia muito bem quem chamar no dia em que denunciasses o seu colega de trabalho. Eu vi-o e tentei impedi-lo, mas já era tarde, não havia como mudar o destino do meu amigo Joaquim.

Naquela noite, sentia-se o cheiro do prazer no ar. Joaquim, com o seu coração em chamas, chama, clama, brama:

“Abre esta porta, deixa-me entrar
Quero ser a tua casa, sala de estar
Sou a alma que repouso quer encontrar
Estou enamorado, permite-me amar”

A porta foi de igual forma poeticamente aberta. Ele entrou, encontrou-se ao mesmo tempo que o encontrou, já não havia mais medo dentro de si, será deste homem hoje e eternamente. A noite ia caindo e não havia nada que afastasse do Joaquim o seu destino cruel. Do lado de fora, esperava-o a PIDE, uma formação de 15 homens, todos preparados e treinados para oprimir. Entraram à força pela porta da casa que tinha sido aberta ainda há pouco com poesia e arrastaram de lá de dentro dois homens apaixonados, sequestrados, algemados, injustiçados. Joaquim foi levado para a prisão, foi condenado por simplesmente amar, amar com todo o seu ser. A homossexualidade era inaceitável, e o bom guarda e excelente ser humano foi torturado com choques elétricos, espancamentos, tudo o que uma pobre alma pode, mas não deve suportar.

Agora, na prisão de Caxias, quem coordenava as atividades era o maldito guarda, o Preconceito. O objetivo dele, claramente, não era facilitar. Manel Preconceito acreditava que aquele lugar deveria ser o mais próximo possível do inferno. E, obviamente, não me deixaria escapar das suas crueldades. Após assumir o tão sonhado cargo, fez questão de me mandar para a solitária por ter sido complacente com o “crime” de Joaquim. Qual crime? Amar.

Aceitei. Não esbracejei. Não gritei. Já não esperava que nada de bom pudesse acontecer ali dentro desde a partida do meu amigo. Estávamos todas à espera do pior. Aceitei o meu destino, estava condenada a apodrecer no escuro, sozinha, apenas com a companhia dos ratos que rotineiramente

me faziam visitas. Quando tinha força, cantava baixinho. "*Que digan que yo he muerto de hambre y de tristeza, será porque en la mesa les falta mi lugar...*" Esta música de Óscar Chavez sempre me emocionou.

A noção de tempo ficou lá fora. Passavam-se os dias, os meses, e eu não me apercebia, já não tinha forças. O que me restava era alimentar-me três vezes ao dia, com comida pior do que a de um animal. Já não havia humanidade em lado algum. Valia-me rascunhar uns versos num velho caderno:

Aqui dentro, afogada em sofrimento
Tremo, Tejo, sem alento
Quero poder voltar, sonhar
Ser voz na escuridão, barulho do mar!

e umas palavras soltas nos dias que doíam mais:

"25 de março

Paredes sombrias gritam pelo meu nome. O meu coração, já fraco e cansado, pergunta incessantemente se estou destinada a perder. Perdi o meu país, a minha família, *mi amor* e o meu melhor amigo. O que será que perderei mais? "

O odor, os ratos e a penumbra eram-me já indiferentes. Estava submersa numa dor aguda, onde só a escuridão compreendia o meu desgosto. Como o tempo custava a passar. Lutei, com todas as minhas forças, para suportar este tormento, mas acreditava que já não me restava muito mais. Passaram-se noites e madrugadas, e continuei ali a suportar a falta de higiene, a comida malcozinhada, o calor e a tortura. As nuvens de tempestade adensavam-se cada vez mais sobre mim e as lágrimas secaram de tanto chorar. Quero morrer! Chega! Não quero mais esta dor dentro de mim. Não quero. Matem-me. Sufoquem-me. Acabem, por favor, com tudo isto.

No dia 25 de abril, tomei uma difícil, mas indiscutível decisão. Decidi abrir mão da esperança, abracei a minha dor e deixei ir o meu corpo ao encontro de *mis abuelas*. Disse numa voz corajosa e, ao mesmo tempo, grata por sentir essa força ditada pelo desespero, que iria pôr fim ao meu sofrimento.

- *Mi corazón acepta el juicio del destino.*

Mas, por um instante, consegui ouvir gritos de alegria e uma espécie de comemoração coletiva. Naquele momento, imaginei que eram apenas alucinações, porém quando a porta se abriu, deixando um divino raio de sol acariciar a minha pele, fiquei inevitavelmente incrédula. Uma mulher, semelhante a um anjo, animou-me com gritos de felicidade:

- Acabou, estamos livres! O céu é azul de novo e as flores finalmente desabrocharam! – exclamou ela a explodir de alegria.

Os meus olhos fechavam e abriam à procura de um conforto que não conseguia encontrar. Tanta luz, tanta liberdade, tanta felicidade no ar. Não consegui entender o que estava a acontecer. A fome e a falta de sono toldaram-me a razão. Desmaiei.

Três dias depois, acordei numa sala branca com alguns médicos ao meu redor e o rosto familiar e aliviado da União debruçado sobre mim.

- Finalmente! As minhas preces foram ouvidas! – afirmou ela numa grande euforia.

- O que aconteceu? *¿Por qué estoy aquí?* – perguntei num sussurro curioso e perdido.

A União respondeu, quase sem fôlego para respirar:

- Finalmente o céu voltou a brilhar. Há três dias, um grupo de militares derrubou o fascismo sem praticamente nenhum derramamento de sangue. O povo acordou! A luz finalmente brilhou! Os cidadãos, cansados da repressão, da censura e das guerras, finalmente reagiram. Houve uma revolução conduzida pelas Forças Armadas. Na madrugada do dia 25, o povo saiu às ruas. O povo gritou vivas à democracia e colocou cravos nos canos das espingardas dos soldados. Viva a liberdade!

“Viva a liberdade!” Estas palavras atingiram-me como uma fresca chuva depois de um dia de calor insuportável, mas eu precisava de tempo para absorver tudo aquilo.

- Está aqui uma pessoa que esperou ansiosamente para te ver – disse a União, abrindo a porta para um rosto conhecido, na verdade, muito conhecido. O meu coração palpitou e as lágrimas não hesitaram em sair dos meus olhos.

- Joaquim! Joaquim Amor – gritei, ainda sem forças, mas a explodir de alegria.

Ele correu até mim.

- Ó Maria Liberdade, as saudades que senti não cabem no meu peito! Dá-me um abraço.

- Então?! Como passaste por tudo aquilo? Estás bem? Magoaram-te? – perguntei num enorme desespero.

- Sou um homem livre agora, Liberdade. O meu coração canta de alegria por poder amar livremente, a minha alma finalmente está em paz – proferiu Joaquim com uma voz tranquila.

Não consegui dizer nenhuma palavra, apenas segurei nas mãos de Joaquim e sorri como uma criança. Aquela troca de olhares e de palavras foi como uma dança de almas. Nunca apagarei este homem da minha memória, nunca!

Quatro dias depois, pude sentir o ar fresco da liberdade e o Sol a aquecer-me o rosto. A brisa fresca acariciava a minha pele. A luz, a música e a vida brilhavam sobre mim. Finalmente, pude enterrar as minhas dores e transformar as minhas tímidas esperanças numa sinfonia.

Ajoelhei-me. Levantei as mãos e olhei para o céu. “*Mi madre, mi abuelita*, estou livre! Sou a Maria Liberdade e estou livre!”

Cantei, sem medo:



A Garota não Canção a Zé Mário Branco

*“Tem o povo na frente
E ser um dos que faz
Resistência à corrente
Derramar na canção
O que dói no país
Ser a revolução
Ser a boca que diz!
Que caminho tão longo
que viagem tão comprida
que deserto tão grande
sem fronteira nem medida
Liberdade
querida Liberdade
o nosso chão tem sonhos e vontade”
(2)*

Hoje, abraço a alegria e posso escrever a minha história em linhas infinitas.

Nota: a história para este conto surgiu ao ouvirmos a música “Mudar a Canção”, de Marisa Liz

(1) La Casita, excerto da canção do cantor mexicano Óscar Chavez

(2) Canção a Zé Mário Branco excerto da canção de A Garota Não

FICHA TÉCNICA

Escola Básica e Secundária Quinta das Flores - Coimbra

Nome dos Alunos do 12º L, Curso Profissional de Instrumentista de Jazz:

Rodrigo Octávio Siqueira; Ana Beatriz Gomes; Tiago Gaspar; Francisco Ribeiro;
Ana Maria Ramos; Gui Maricato.

Nome do Ilustrador:

Mauro Ferreira (12ºL)

Nome dos Docentes:

Marina Pacheco, *Professora Bibliotecária*
Marta Roque, *Docente de Português*

Escola EB2.3/S Engª Dionísio Augusto Cunha - Canas de Senhorim

Nome dos Alunos do 11º A, Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias:

Afonso Valério; Ana Cláudia Santos; Bárbara Guerra; Carolina Silva; David Marques; Diogo Marques;
Gustavo Henriques; Gustavo Moraes; João Valério; José Amaral; Leonor Marques; Leonor Coimbra;
Madalena Santos; Pedro Rocha; Santiago Santos; Tiago Rodrigues; Guilherme Moraes; Iara Santos;
Mária Moura; Marta Maia.

Nome dos Docentes:

Celeste Sampaio, *Professora Bibliotecária*; Adélia Sousa, *Docente de Português*



NUNO CAMARNEIRO

Nuno Camarneiro nasceu na Figueira da Foz em 1977. Licenciou-se em Engenharia Física pela Universidade de Coimbra, trabalhou no CERN e doutorou-se em Ciência Aplicada ao Património Cultural pela Universidade de Florença, Itália. Foi investigador no Departamento de Química da Universidade de Aveiro e é actualmente docente da Escola das Artes da Universidade Católica do Porto e investigador integrado do CITAR (Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes).

Em 2011 publicou o seu primeiro romance, *No Meu Peito Não Cabem Pássaros*, em 2012 venceu o prémio Leya com o romance *Debaixo de Algum Céu*. Em 2015 publicou o livro de contos *Se Eu Fosse Chão* e em 2018 publicou o seu mais recente romance *O Fogo Será a Tua Casa*. Publicou ainda três livros infantis: *Não Acordem os Pardais*, *O Que Veem as Estrelas*, e *A Casa das Perguntas*.

É autor e co-autor de diversas peças de teatro, entre elas *Ainda Hoje Era Ontem* (Teatro Académico Gil Vicente, 2015), *Eu, Salazar* (Teatrão, 2018), *O Que Vêem as Nuvens* (CCB, 2020), *Amanhã ou Depois de Amanhã* (Comédias do Minho, 2021) e *Ónus* (Convento de São Francisco, Coimbra, 2022).

MEMÓRIAS DE CHUMBO

I

Alli, refugiado da guerra na Síria, encontrava-se agora num lugar onde tudo lhe era estranho: a língua, os costumes, os rostos, até mesmo os aromas e os sabores. Estava no pátio de uma escola portuguesa, tentando adaptar-se a esse novo mundo, quando Lucas, um colega da turma, se aproximou e começou a insultá-lo num idioma que Alli ainda mal compreendia, muito menos dominava.

As palavras agressivas, embora incompreensíveis, feriam-no com a mesma intensidade. Ao assistir à cena, duas alunas decidiram intervir.

– O que é que estás a fazer? – perguntou Isabella, uma jovem brasileira que vivia em Portugal há mais de dois anos.

– Não te metas, brasileira! – atirou Lucas, com desdém.

– Temos de nos meter, sim – ripostou Shivani, de origem indiana – quando estás a atacar alguém que não te fez absolutamente nada.

– Estou apenas a conversar com o nosso amigo. Vocês não têm nada a ver com isto – respondeu Lucas, tentando manter a superioridade.

Isabella e Shivani não esconderam o desagrado perante a arrogância do rapaz. Alli, por sua vez, ouvia o confronto sem conseguir intervir. A barreira da língua impedia-o de se defender, o que o fazia sentir-se impotente. A resposta violenta não era, porém, uma opção. Em vez disso, virou costas – não por cobardia, mas como gesto de dignidade. Queria mostrar que o silêncio nem sempre é fraqueza.

– Tu não me viras as costas! Achas que eu sou o quê? Eu sou melhor do que tu! Mereço respeito! – bradou Lucas, indignado.

– E quem és tu para falar de respeito? – interrompeu Shivani, com firmeza. – És precisamente quem menos conhece o significado dessa palavra. Se não respeitas ninguém, também não esperes ser respeitado. A vida devolve o que damos. É simples: cá se fazem, cá se pagam.

Lucas ficou sem resposta. As palavras da colega feriram-no num ponto sensível. Partiu, engolindo o orgulho, mas o desconforto seguiu com ele. Sentia-se magoado – não com os outros, mas consigo mesmo.

Nessa noite, não conseguiu dormir. A frase de Shivani ecoava-lhe na mente – “andas sempre sozinho” – como um sino a repicar num silêncio denso. Repetia-se, sem tréguas. Pela primeira vez, começou a ponderar se o isolamento em que vivia não seria consequência da forma como tratava os outros.

Na manhã seguinte, entrou na escola com passo decidido. Mal avistou os colegas no recreio, dirigiu-se a eles.

– Tenho de vos confessar... Fiquei a pensar nas palavras da Shivani.

– Porquê? – perguntou a própria, surpreendida.

– Porque me fizeram reflectir sobre o valor das diferenças culturais – respondeu Lucas.

– Na Síria, a diversidade étnica, religiosa e cultural é imensa – disse Alli. – E, apesar das diferenças, aprendemos a viver em conjunto.

– No Brasil, misturamos as raízes europeias com as africanas – acrescentou Isabella.

– E na Índia convivem várias religiões e tradições – retorquiu Shivani. – Desde cedo aprendemos a respeitar o outro na sua diferença. É isso que nos prepara para a vida em sociedade: saber que não estamos sozinhos.

– Pois... – murmurou Lucas. – Foi isso que me inquietou. Passei a noite em claro a pensar que... não quero continuar sozinho. Mas ainda me custa aceitá-los.

Apesar das palavras, ao longo do dia, Lucas manteve-se afastado. Os colegas estranhavam o descompasso entre o discurso e o comportamento. Parecia haver nele uma batalha interior por resolver.

A caminho de casa, tropeçou subitamente e caiu com o rosto no chão. Levantou-se dorido, limpando o pó do casaco, e reparou num pequeno objeto, sujo e esquecido entre a relva. Curioso, guardou-o na mochila.

Já em casa, correu para a cozinha, lavou o objeto e descobriu tratar-se de um antigo soldadinho de chumbo. Olhou-o com fascínio. "De onde virá este soldado?", pensou. "Será muito antigo? Talvez tenha pertencido ao avô de alguém, passado de geração em geração. Quem sabe as histórias que carrega consigo... Se ao menos falasse..."

Como se lhe tivesse lido o pensamento, uma vizinha interrompeu o silêncio.



– Calma, rapaz, não te assustes! – disse a voz.

Lucas deu um salto, em sobressalto. “Estou a enlouquecer. Agora ouço vozes...”

– Muito prazer. Sou o soldadinho de chumbo. A partir de agora, serei a tua consciência.

– O quê?! Um pedaço de lata a falar comigo? Isto é o cúmulo!

– Nunca ouviste falar do Pinóquio? Ele também tinha uma consciência. A diferença é que a minha estrutura é de ferro.

– Uma coisa são desenhos animados, outra é a vida real – retorquiu Lucas, incrédulo. – Já não tenho idade para acreditar em bonecos falantes.

– E é por isso que o mundo perdeu a magia. Esquecemos como imaginar. Mas enfim... Onde é que eu ia? Antes que pudesse continuar, Lucas, irritado, atirou o boneco para o caixote do lixo.

– Isto não se faz a uma consciência... – lamentou o soldadinho. – Já ninguém valoriza a minha profissão! LUCAS!!!

Num impulso, o rapaz retirou o boneco do lixo.

– Raios! O que queres agora? – gritou, exasperado.

– Mostrar-te que precisas de mudar de atitude. Caso contrário, vais acabar sozinho.

– Outra vez essa conversa?

– Pergunta-te porque é que ela se repete. Já viste como reages a quem é diferente de ti? Pensas que eu não sei o que aconteceu ontem?

– Com a Isabella, a Shivani e o Alli?

– Exactamente. Não te faças de desentendido.

– Como é que sabes?

– Foi um passarinho... Bem, temos muito trabalho pela frente.

– Olha que eu sei ser amigo!

– Não, tu sabes ser amigo de ti mesmo. Mais ninguém conta.

– Sempre ouvi dizer que temos de ser o nosso melhor amigo e o protagonista da nossa vida. Vocês, adultos, são uma contradição pegada!

– Calma. Ser protagonista da tua história não te impede de reconhecer o valor dos outros. Somos feitos de encontros. Ninguém vive verdadeiramente sozinho. E as diferenças... são tesouros. Imagina um mundo onde todos gostassem apenas de amarelo.

– Que tédio! Toda a gente farta da mesma cor.

– Pois. E se o mundo fosse só de Allis, ou de Isabellas, ou de Shivanis?

– Bah! Esses estrangeiros não percebem nada...

O soldadinho suspirou. Estava a ser difícil.

– E se o mundo fosse só de Lucas? – disse ele, mais ríspido.

Aquela pergunta, lançada como um dardo, acertou em cheio. Lucas silenciou-se. De súbito, tudo fez sentido. Viu-se ao espelho – a arrogância, o preconceito, a tristeza espalhada pelas palavras que lançara sem pensar. Sentou-se no chão, sem forças. As lágrimas desceram-lhe pelo rosto.

– Eu sou... um monstro – murmurou, entre soluços.

– Não, és apenas um jovem a crescer. E crescer é isso mesmo: errar, reconhecer, aprender. Sabes, também eu errei muitas vezes. Mas aprendi com cada uma dessas quedas. As diferenças não são fraquezas. São janelas para outros mundos. O mundo vive dessas pequenas – e grandes – diferenças. E sabes... tenho algumas histórias para te contar.

O soldadinho sentou-se ao seu lado. E começou:

– Tudo começou em 1500...

II

Naquela quinta-feira, 23 de abril de 1500, o sol rompia lentamente no horizonte, dourando as águas calmas do Atlântico. A bordo de uma das naus da armada de Pedro Álvares Cabral, Afonso Lopes, marinheiro experimentado, sentia o coração bater mais depressa do que o habitual. Após semanas de travessia por mares desconhecidos, finalmente avistavam terra. Um mundo novo, envolto em mistério e promessas, surgia diante dos seus olhos.

Mal os escaleres tocaram o areal, Afonso saltou para a praia de pés descalços, deixando que a areia quente e fina lhe acariciasse a pele gasta pelos anos de mar. O ar era húmido, adocicado, e estava repleto de sons estranhos, como se a própria terra falasse uma língua que ele ainda não conhecia.

Não estavam sós.

Um grupo de homens e mulheres de pele acobreada observava-os a alguma distância. Os corpos, quase nus, moviam-se com uma graciosidade natural, e os olhos, atentos, revelavam curiosidade em vez de hostilidade. Instintivamente, Afonso levou a mão ao punho da espada que trazia à cintura, mas conteve-se. Os nativos, num gesto silencioso, pousavam no chão os arcos e flechas que empunhavam. Um sinal claro de paz.

Um deles aproximou-se. Tinha o porte firme e os olhos escuros que pareciam conter o reflexo do sol e o enigma daquela terra. Afonso, com um sorriso incerto, apontou para si e pronunciou devagar:

– Afonso. Sou Afonso Lopes.

O homem pestanejou, estudando-o com atenção. Depois, imitou-lhe o gesto, apontando para o próprio peito e pronunciando algo ininteligível, mas carregado de intenção. Afonso riu – uma gargalhada breve, mas genuína – e repetiu o som que ouvira, apontando-lhe o peito. O nativo fez um sorriso largo, revelou dentes brancos e alinhados, e bateu palmas. Os outros juntaram-se ao gesto, rindo também. Era como se, naquele instante, ambos os mundos tivessem encontrado um ponto de contacto – uma palavra partilhada.

Havia tantas diferenças, e todas se ofereciam aos olhos de Afonso como um desfile de maravilhas: as penas vibrantes nas cabeças, os colares feitos de sementes, os corpos livres de pudor, os movimentos seguros e elegantes. Mas, por baixo de tudo isso, havia algo profundamente humano. Quando uma das mulheres lhe estendeu uma fruta de cor intensa, Afonso recebeu-a com gratidão. Ao trincá-la, a doçura espalhou-se-lhe na boca como um segredo revelado. Apontou para a fruta, depois para uma árvore próxima, levantando o sobrolho com um ar interrogativo. A mulher sorriu e repetiu uma palavra – talvez o nome daquilo que lhe oferecera.

O marinheiro sentiu-se invadido por uma sensação difícil de descrever. Aqueles homens e mulheres, com os seus modos e crenças, com as suas peles nuas e os seus gestos distintos, já não lhe pareciam assim tão diferentes. A linguagem podia ser outra, os hábitos também, mas havia, ali, um desejo comum de entendimento, de aproximação, de partilha.

Quando o sol desceu, tingindo o céu com os mesmos tons alaranjados da polpa da fruta, Afonso

olhou para o mar. E, pela primeira vez em muito tempo, não sentiu saudades de casa. Em vez disso, sentiu que o mundo se expandira diante dele, que havia ali uma nova realidade à espera de ser descoberta – não apenas a terra, mas as pessoas, os modos de viver, as verdades diferentes da sua.

Virou-se para os companheiros, que tentavam, também eles, comunicar com gestos e sorrisos, e percebeu que, embora os desafios fossem muitos, havia já uma ponte invisível a uni-los: a humanidade.

E isso era mais do que suficiente para começar.

O soldadinho de chumbo fez uma pequena pausa, e depois acrescentou:

- Como vês é possível a convivência entre os povos.

- Mas... isso não prova que seja possível. - Retorquiu Lucas, olhando para o soldadinho Charlie nas suas mãos. - A verdade, é que mesmo que aquele encontro tenha começado de forma pacífica, não impediu a exploração e escravidão dos indígenas.

O soldadinho soltou um suspiro, que soou quase como um riso e respondeu:

- Não necessariamente, não conheces brasileiros e portugueses a conviver como amigos? Além disso, mesmo nos momentos de conflito, é possível conseguir momentos de paz.

O menino olhou para o soldadinho de chumbo com ceticismo, franzindo o sobrolho.

- Não acreditas? Na História da humanidade houve muitos momentos assim. - continuou o soldadinho, divertindo-se com a reação do menino. - Alguma vez ouviste falar da Trégua de Natal?

III

Lucas ficou em silêncio por um momento, absorvendo aquelas palavras como quem contempla algo precioso e antigo. O soldadinho de chumbo, satisfeito com o silêncio reflexivo do rapaz, retomou o fio da memória com um brilho ténue na voz metálica:

— Sabes, Lucas... tu és um rapaz cheio de sorte. E sabes porquê? Porque vais ter o privilégio de conhecer, pelos olhos de quem lá esteve, a história da Trégua de Natal. Sim, aquela que ficou gravada na História como um raro instante de paz no coração da guerra. E eu, por incrível que pareça, fui testemunha disso.

Estávamos em 1914. A Primeira Guerra Mundial acabara de rebentar e já consumia almas e paisagens com uma voracidade indescritível. Fui parar às mãos de Pierre, um jovem soldado francês, impetuoso e carregado de convicções. Levou-me consigo para as trincheiras, contra a minha vontade, claro está — ninguém pergunta a opinião a um soldado de chumbo.

Todos os dias, ao acordar, Pierre colocava-me sobre uma caixa de pólvora e murmurava com fervor:

— No Natal, estaremos todos em casa, vitoriosos. Não é verdade, petit soldat?

Com o tempo, a certeza dessas palavras foi-se esbatendo como a névoa da manhã sobre o campo lamacento. Mas ele continuava a falar — talvez mais para si do que para mim.

— Temos de acreditar em alguma coisa nestes tempos loucos... E eu acredito que expulsaremos os alemães e a França ficará para sempre como o herói que deteve o monstro.

Lucas franziu o sobrolho.

— Mas... o que é que isso tem a ver com paz? Até agora só falaste de ódio.

— Calma, Lucas, já lá vamos — respondeu o soldadinho, com uma sombra de tristeza na voz.

As semanas que se seguiram foram pesadelos repetidos: chuva, frio, fome e medo. As trincheiras cheiravam a lama e a morte. Pierre, no entanto, continuava firme na sua ira patriótica. Chamava aos inimigos “bestas”, “bárbaros”, “não-humanos”. A guerra, para ele, era uma missão moral.

Mas então... veio o Natal.

Mesmo nas vésperas da celebração, a matança não abrandava. Entre as trincheiras de Ypres, na Bélgica, o sangue continuava a tingir a terra enregelada. Numa dessas noites, Pierre disparou sem hesitar contra um soldado alemão. O homem tombou com um baque seco. Algo lhe caiu do bolso. Pierre, movido por uma estranha curiosidade, aproximou-se e recolheu o objeto.

Era uma fotografia. Um menino, não muito maior do que tu, Lucas. Olhos vivos, sorriso inocente.

— E nesse instante... tudo mudou.

Vi a convicção quebrar-se nos olhos de Pierre. A imagem daquele menino – filho de um homem que ele acabara de matar – abriu-lhe uma ferida que nenhuma bala abrira antes. Pela primeira vez, sentiu-se parte da dor do outro. Apertou-me com força nas mãos e murmurou, com a voz trémula:

— Quantos monstros matei eu? Quantas crianças deixei órfãs? Quantas mães ficaram sem filhos por minha causa?

Lucas baixou os olhos.

— E foi então que veio a trégua?

— Sim, foi nesse clima de humanidade renascida que começou a verdadeira noite de Natal.

Na manhã seguinte, um silêncio estranho pairava no campo de batalha. E, depois, algo inesperado: vozes a cantar. “Stille Nacht”, murmuravam os alemães. “Silent Night”, respondiam os britânicos. E então... os soldados começaram a erguer-se, um a um, sem armas, com as mãos abertas. Aproximaram-se da terra de ninguém. Cumprimentaram-se. Trocaram cigarros, chocolates, cartas, botões dos uniformes. Jogaram futebol.

— Jogaram futebol? — interrompeu Lucas, maravilhado.

— Sim. Foi mágico. Por algumas horas, o absurdo da guerra deu lugar à mais simples das verdades: somos todos humanos.

O rapaz esboçou um sorriso, pela primeira vez em muito tempo.

— E foi assim que a guerra acabou?

O soldadinho hesitou. A sua voz tornou-se mais grave.

— Infelizmente, não. No dia seguinte, o céu estava carregado, a chuva regressara. E com ela... o som seco de um disparo. A trégua dissolveu-se como um sonho breve. A guerra retomou o seu curso cruel. E os discursos de ódio... continuaram.

Fez-se um silêncio pesado. Lucas fitava agora o chão. O soldadinho voltou a falar, num tom mais calmo:

— Sabes, Lucas... essa trégua tornou-se um símbolo. Os ingleses chamam-lhe *Christmas Truce*. Os alemães, *Weihnachtsfrieden*. E ainda hoje é lembrada como prova de que, mesmo nas trevas mais densas, a empatia pode florescer.

— Mas... já se passaram mais de cem anos.

— Sim. E, no entanto, continuamos a ver as mesmas tensões, os mesmos preconceitos, os mesmos muros invisíveis entre pessoas. As minorias continuam a ser discriminadas. As guerras mudaram de forma, mas não de essência.

O soldadinho olhou Lucas nos olhos — se é que um boneco pode fazê-lo — e concluiu:

— Por isso te digo, rapaz: podes ser tu a criar novas tréguas. Na tua escola. No teu bairro. No teu país. A paz não começa com tratados. Começa no coração de cada um. Começa quando escolhes respeitar quem é diferente. Começa quando dás um passo atrás em vez de levantar a voz.

Fez-se um breve silêncio.

— Começa por ti, Lucas. E começa hoje.

- Mas eu sou só um miúdo, que paz posso eu fazer?

Houve um breve silêncio e logo o soldadinho falou.

— Sabes, Lucas... também fiz parte de outra história.

IV

É uma história de separação, coragem e escolha. Pertenci a uma pequena família no sul da China, onde era mais do que um brinquedo — era a promessa silenciosa de proteção de um rapaz chamado Guilherme.

Guilherme vivia com os pais, Yang Li e Amélia Rodrigues, numa aldeia chamada Likengcun. A vida era simples e serena, até que a guerra se insinuou pelas colinas e rasgou a tranquilidade do lugar. Desde então, todas as noites, o menino adormecia com os braços apertados em torno de mim, como se eu, pequeno e de chumbo, pudesse afastar os horrores do mundo.

Quando a violência se tornou insustentável, Amélia tomou a difícil decisão de partir, procurando segurança para a família. Mas Yang Li recusou-se. Sentia que abandonar o seu país seria trair tudo aquilo em que acreditava. E assim, Amélia partiu sozinha, deixando pai e filho no coração do conflito.

Guilherme cresceu entre o eco longínquo de explosões e o silêncio tenso das manhãs. Nas horas calmas, caminhava até à paragem de autocarro por entre as ruínas fumegantes da aldeia, o medo colado à pele como poeira. Na escola, era bem acolhido. Era meio asiático, meio europeu, mas ali, entre colegas igualmente marcados pela guerra, eram todos apenas crianças. Irmanava-os algo maior: o direito de existir. À tarde, trocava o uniforme por roupa simples e ajudava o pai no mercado de peixe, entre escamas e silêncio.

Um dia, ao completar dezasseis anos, reuniu coragem para falar com o pai.

— Posso falar consigo por um instante? — perguntou, com a voz baixa.

— Claro. Senta-te aí.

— Tenho saudades da mãe... Já não a vejo há dez anos.

Yang Li ficou calado. O silêncio alongou-se como uma corda esticada até ao limite. Por fim, disse apenas:

— A tua mãe foi para outro país... para que tu tivesses um futuro melhor.

E a conversa morreu ali, como tantas outras entre eles.

Dois dias depois, enquanto Guilherme ajeitava os peixes sobre o gelo do mercado, notou um envelope discreto sobre o balcão. Pegou nele com mãos trémulas. Sem levantar os olhos, Yang Li murmurou:

— Podes abrir.

A letra era reconhecível, ainda que tremida:

Querido Yang Li,

Tenho pensado muito em vocês. Espero que estejam bem. Tentei escrever várias vezes, mas as cartas voltam sempre.

O nosso Guilherme... deve estar crescido. Nunca deixei de pensar nele — como terá sido crescer no meio da guerra?

Passou demasiado tempo. Sei disso. Mas gostava de recuperar, se possível, os anos perdidos.

A guerra aí parece não ter fim. Na Europa, as coisas acalmaram. Dentro de um mês, estarei aí. Venho buscar o nosso filho.

Com carinho,

Amélia.

Ao terminar a leitura, Guilherme ergueu os olhos, à espera de um gesto, uma palavra, um sinal do pai. Mas Yang Li limitou-se a continuar a arrumar peixe, como se nada tivesse acontecido.

Uma semana depois, à hora do jantar, ouviram-se três toques na porta. Do lado de fora, Amélia hesitou. A coragem que a trouxera até ali parecia desvanecer-se diante da madeira escura. Respirou fundo, ergueu a mão e, por fim, bateu.

Yang Li, sem levantar a voz, disse:

— Vai abrir a porta, Guilherme.

O rapaz levantou-se devagar. Ao abrir, deparou-se com um rosto familiar, mas alterado pelo tempo. Os olhos eram os mesmos. O cheiro, também. Ficaram a olhar-se por um instante suspenso no tempo, como se ambos procurassem as crianças que haviam sido.

Yang Li aproximou-se e, com uma neutralidade ensaiada, disse:

— Entra. Como foi a viagem?

— Longa. Cansativa.

O silêncio voltou a instalar-se até que Amélia, com a voz firme, rompeu a hesitação:

— Vim direta ao que me trouxe: quero que o Guilherme venha comigo. Quero que ele tenha uma vida melhor, longe da guerra. Quero dar-lhe um futuro.

Guilherme estacou. As palavras ecoaram como um sussurro de esperança. A ideia de segurança, de recomeço, fascinava-o. Mas antes que pudesse falar, o pai ergueu a voz:

— Não. O Guilherme vai ficar comigo. Fui eu quem cuidou dele todos estes anos. Nunca vieste. Nunca perguntaste. E agora chegas e achas que ele vai contigo?

O rapaz baixou os olhos. Sentia-se dividido, dilacerado por dentro.

— Eu... eu quero ir com a mãe. Quero estudar, viver sem medo. Estou farto desta vida.

Yang Li, cada vez mais exaltado, insistiu:

— NÃO. Aqui também tens escola. E futuro. E uma família. Não precisas de fugir para isso.

Amélia não recuou.

— Deixa-o ir. Sempre pensei no bem dele. Foi por isso que parti. Para que ele não tivesse uma vida como a nossa: instável, presa ao medo. Deixa-o escolher.

A tensão encheu a sala como fumo espesso. O ar tornou-se difícil de respirar. O que antes fora um lar, agora era um campo de batalha emocional. E eu, um simples soldadinho de chumbo, assistia a tudo. Sentia o coração de Guilherme apertar-se no peito cada vez que olhava para os pais — a dor de querer ambos, a dor de talvez ter de escolher um só.

A esperança, por vezes, pesa tanto quanto a tristeza.

Naquele momento, compreendi o que era verdadeiramente estar presente. Ser testemunha das dores silenciosas. Dos silêncios que gritam. Das decisões que moldam vidas inteiras. E assim, permaneci ao lado do meu amigo enquanto ele enfrentava, talvez, a escolha mais difícil da sua vida.

Epílogo

Já era tarde e chuviscava. Era novembro, por isso não havia turistas, exceto um pequeno grupo de adolescentes, duas dezenas de metros à sua frente. Compreendia-se: não havia muito para ver. O edifício fora destruído em 43, e pouco restava. Tirando o cemitério: dois quadrados cinzentos. Mas não valia a pena procurar nomes — eram valas comuns.

Sentou-se no chão, contemplando o vazio. Não sabia se se sentia desiludido por restar tão pouco ou aliviado por não ter de percorrer os corredores por onde ela passara. O campo de Belzec estava deserto, denso, como se os tijolos ausentes ainda conservassem o peso da história.

Apercebeu-se de que não chorava, como imaginara que aconteceria. Na verdade, nem sabia o que sentia. Tentou identificar emoções enquanto deixava a chuva bater-lhe no rosto. Raiva não era. Nem desespero. Talvez melancolia. Talvez culpa. Ou apenas a vontade de sentir culpa.

Quando os adolescentes se afastaram, ficou só. Envergonhado. Envergonhado por não a conseguir chorar. Fechou os olhos. Se não podia chorar, ao menos recordá-la ali — com as gotas de chuva a servirem-lhe de lágrimas.

Sentiu um peso na mão. Era o pequeno soldadinho de chumbo — a única coisa que restara dela na sua vida. A chuva caía-lhe nos ombros, mas já só sentia a humidade na pele. As memórias vieram, vivas como se fosse ontem.

Todas as manhãs, pedalava até à loja da rua. Ao entrar, o sino sob a porta tilintava, anunciando a sua chegada. O cheiro a madeira e papel velho misturava-se com tinta fresca. O pai dela arrumava livros com paciência, enquanto os clientes vinham e iam, breves como suspiros. Mas ele vinha por ela.

Estava sempre lá, atrás do balcão, com o sorriso de sempre.

— Chegaste cedo hoje — dizia, com as mãos no rosto e aquele brilho nos olhos.

Entre livros, brinquedos e velharias, tinham um mundo só deles. Ela escondia-se entre caixas ou fingia arrumar os livros enquanto ele a procurava. Nesse dia, porém, não correu. Não se escondeu. Apenas lhe estendeu um pequeno objeto.

— Para quando fores grande não te esqueceres de mim — disse, entregando-lhe o soldadinho.

Ele sorriu. Pegou na figura fria. Não sabia, então, que o mundo estava prestes a mudar. Que aqueles risos se tornariam relíquias. Nem que, um dia, de arma na mão, desejaria nunca ter crescido. Ela era o seu pirilampo. A luz na escuridão.

Durante meses, manteve a promessa. Mas o mundo à volta mudou. Primeiro, os sussurros. Depois, os olhares desconfiados. Até que deixaram de entrar na loja.

Vieram os cartazes. Os livros acumularam pó. Ele ainda pedalava por ali, mas já não parava. Sentia vergonha. Às vezes abrandava, mas acabava sempre por seguir em frente.

Certa noite, ouviu o som dos vidros partidos. Na manhã seguinte, encontrou a loja desfeita. Estilhaços no chão, prateleiras derrubadas, o sininho dourado pendia em silêncio. O ar cheirava a madeira queimada, a abandono. Os reflexos nos cacos contavam a história de uma comunidade fragmentada pelo ódio.

E lá estava ela. Como se o esperasse. Mais magra, olhar vazio, voz fraca.

— Estava a ver que nunca mais... — disse. — Vamos para o gueto de Lublin.

As palavras ficaram suspensas no ar, entre o medo e a esperança de um recomeço. Ambos sabiam que aquele momento seria o último. Tudo o resto ficou por dizer.

Naquele instante, ele soube: nada seria como antes. Ela partiu — para sempre. E ele, incapaz de a salvar, carregaria para sempre esse arrependimento.

Agora, ajoelhado sob a chuva, com as mãos trémulas, pousou o soldadinho junto a uma árvore. Ela gostava da natureza. As lágrimas que se negavam há anos correram, finalmente, livres.

Se pudesse, teria feito tudo diferente. Correria atrás dela. Lutaria por ela. Mas agora era tarde.

Talvez, no fim, se voltassem a encontrar — como quando tudo começara. Mas havia uma certeza que nem o tempo lhe roubaria: ela jamais seria esquecida.

FICHA TÉCNICA

Escola Secundária D. Dinis

Nome dos Alunos:

Leonor Antunes (11.º B); Mafalda Carvalho (12.º C).

Nome dos Docentes:

Alexandra Lima; Margarida Carrington.

Escola Secundária Jaime Cortesão

Nome dos Alunos:

Maria Luiza Ramos; Beatriz Ramos.

Nome dos Docentes:

Fernanda Conraria, *Docente de Português*; Paula Salvador, *Professora Bibliotecária*.

Escola Secundária Infanta D. Maria

Nome dos Alunos:

Afonso Carvalho (12.º A); Ana João (11.º D); Diana Dias (12.º H); Gabriela Cojocari (12.º E); Joana Prado (12.º G).

Nome da Ilustradora:

Gabriela Cojocari (12.º E).

Nome do Docente:

Filomena Pedroso, *Professora Bibliotecária*.

Escola Secundária de Avelar Brotero

Nome dos Alunos:

Mariana Beatriz Duarte Dias; Sarah Gabriela Villamizar Fugareu; João Afonso Marques G. C. Lopes.

Nome dos Docentes:

Daniela Ferreira Oliveira; Madalena Sofia Peão de Almeida.

Agrupamento de Escolas de Tábua

Nome dos Alunos:

Sara Filipa Costa Gomes; Mardlaine dos Anjos Pedro Filipe; Mandlaine dos Anjos Pedro Filipe; Gabriel Alexandre Fonseca Mota Silva; Beatriz Alexandra Martins Santos; Leonor Figueiredo Ferreira.

Nome dos Docentes:

Anabela Castanheira de Almeida Corveira; António Nunes da Costa Neves.



NUNO CASH

Nuno F Santos, pseudónimo Nuno Cash, é um escritor, guionista e docente de Escrita Criativa. Com formação e experiência jornalística desde a imprensa à televisão, está ligado também à realização de documentários, crítica, produção e programação cultural em torno da literatura ou de eventos de animação e expressão cultural - quer urbana quer do Interior do País -, tentando promover a igualdade no acesso à leitura.

Câmara Clara, RTP 2, das Artes e das Letras, entrevistas citadas e referenciadas de José Saramago a Ana Luísa Amaral, passando por Armanda Passos a Eduardo Batarda são apenas algumas das muitas conversas e mini biografias deste autor que também faz ghost writing, canta e trabalhou como guia de exposições na alfândega do Porto ou em Serralves.

49 anos

Paí e ainda filho de mãe viva, dedica-se no momento à poesia.

NA AREIA QUENTE NÃO EXISTEM BOMBAS

Para o beijo da menina, era preciso outra menina.

A areia gelada sob os pés e eu continuava a pensar se aquilo seria o mais correcto... Se era mesmo o que queria.... Se o facto de não votar, não conduzir, não decidir os destinos do mundo ou do próprio País me permitiria, ainda, essa liberdade de poder fazer o que estava no meu primeiro impulso do meu primeiro desejo à pergunta do professor.

Tantas vezes os meus pais, os meus tios, os amigos dos amigos ou os artigos de opinião e os comentadores da Psicologia nos blocos noticiosos... Tantas vezes eu ouvia que não sabia o que queria e ali estava.... A areia gelada sob os pés, o homem lá ao fundo de joelhos e de rosa na mão, os pescadores a recolherem as redes e o mundo sem parar comigo. Claro que não pretendia que o mundo parasse quando me colocasse num fim de dia, também parada, a pensar em todos os pequenos dilemas que a vida permite quando não existe um dilema maior. Um de tal forma gigante que se transforma num eclipse total de todas as pequenas coisas que fazemos do quotidiano. É isso que fazem os grandes dilemas, absorvem tudo.

"Tenho aqui um desafio".

Era o professor de Português que o dizia na segunda hora da manhã, antes do sol dos primeiros dias de Primavera a rebentar com os ramos, dando-lhes flor ou a rebentar com os planos de toda uma indumentária planeada com pompa, circunstância e uma dose de loucura quanto baste própria à adolescência que carrego nas dúvidas ou na espinha da testa. E é tão curioso que me acusam de ter todas as certezas do mundo, pois o que eu sei em alguns dias apenas e só é o caminho de casa. Lembro tanto o esquecimento da minha perfeita avó, quando passava junto da casa do Salazar a caminho das termas da Curia... Nesse tempo em que eu sabia ainda que a minha doce avó cheirava a margaridas colhidas por entre as ervas do campo, nesses dias de vento em que ela sonhava para mim ser doutora em Coimbra e eu sonhava perder o medo ao sangue, que para mim doutora era médica e médica era fazer cirurgias. A minha avó, de lenço, já nem o caminho de casa sabia e em alguns dias não nos reconhecia de todo, mas sempre naquele troço de estrada indicava a casa de pedra e dizia ser do Salazar. E eu, antes de Abril, da mesma forma que achava ser doutora a médica achava ser Salazar um importante assassino sul-americano que eu ainda não era autorizada a pesquisar.

A única certeza do mundo era o caminho de casa e que a areia sob os meus pés era tão gelada que me faltava Príncipe, a outra ilha de São Tomé com memórias de pequenos tubarões. Aqui, a ameaça de caravelas depois do mais comprido areal da Figueira da Foz. De São Tomé... Ou melhor, de Príncipe, a minha irmã dizia que era "uma cidade". E eu corrigia sempre com maus modos. Ela, mais velha, deveria saber que o que custou em viagem os olhos da cara aos nossos pais tinha Roças, água quente e palavras de Português por toda a parte.

Hoje ela sabe bem isso, e em Curitiba onde vive com o marido... hoje claro que sabe tudo de Geografia da terra como eu sei da Geografia do coração.

Se fosse o meu irmão a responder ao desafio do professor, pegando no mote de uma música da cantora brasileira Marisa Monte, para o beijo da menina seria precisa maturidade. Aposto que ele diria isso mesmo.

O meu irmão sabe de Geografia, sabe de política, sabe de desporto e sabe que lhe sinto a falta. Bem sei que não quero saber de política nem o que causou o quê, mas sabê-lo nas frentes de batalha de uma guerra para a qual ninguém imaginaria a não ser na televisão, saber que ele pode ser notícia apesar de ser um grão de areia no mundo é apertar tudo em mim que ainda ontem dançava na cidade iluminada de pontes e fachadas coloridas. Pode ser um grão de areia mas é... o meu grão de areia.

Para o beijo da menina é preciso paixão e eu tenho. Tenho de sobra. Que Curitiba fique em Curitiba e eu te possa ter aqui concordando com todos os disparates: que sim... Que São Tomé ou Príncipe são cidades apenas e sim que têm neve em vez de areia antes do mar. Que sim... eu concordo que sim eu sou uma coruja, tanto que a voar fui buscar um livro de feitiçaria para aquecer a terra que piso para não ter necessidade de sapatos ou para que todos os mares nos façam ter a memória das últimas férias juntas.

Para o beijo da menina é preciso saudade. E a tua indiferença nunca fez tanta diferença na minha vida. Sei que amadureci a cada dia como a fruta que vira no verão. Sei que ainda guardo rancor no meio do amor por esses dias em que tu queria viver ali com a mãe e eu queria regressar o mais depressa possível onde existissem os prédios, as pontes com cadeados. Foi o último verão em que estivemos todos. Sendo coruja, sendo qualquer coisa que imagine, sei que a areia é fria como neve nas garras e aprendo a viver com isso como aprendo a viver na tua ausência.

No mar de sentimentos existe um lugar escuro, triste e intenso onde se não souberes nadar nunca sairás do fundo para aproveitar a borda dessa água tão traiçoeira.

Continuamos a ser uma família, mas todos para todos os lados e o Francisco em Karkiv e o coração de todos apertado. E saber que o que nos liga a todos é a areia de Príncipe, a Luana de pele caramelo com o nosso irmão a apaixonar-se antes dos filhos. A fugir por entre as árvores e a chegar tão tarde que era o nascer do sol. A Luana hoje aguarda - o e aguarda a resolução das políticas de todos os países da América do Sul a América do Norte, das decisões europeias à Austrália. Que fazer para lá de esperar?

Tão bonita a noite em que a Luana nos disse... "Tenho a barriga no arco-íris".

E sabíamos que o mundo era um lugar de beleza, mesmo com os meus gritos. Segundos depois percebi que te queria sempre e que o que te disse ficou naquele quarto. Não há filhos biológicos nem filhos de coração. Existem filhos!

"És adoptada não pertences aqui ! "

Olhavas-me em choque e eu de pensamento acelerado como sempre.

"Como podes ser filha dos nossos pais se pareces a senhora da loja dos chineses!".

E tu calada, agarrada ao peito a tremer perante esta fedelha de tão poucos anos.

Deito as cinzas à água, as cinzas dessa pessoa que fui.

Os meus lábios e olhos já não julgam ninguém. Escondo os ombros com o cabelo e peço um desejo neste areal longo e frio do fim de dia. As pessoas arrumam as coisas com rede, os barcos agora ancorados e sós, a mulher aceitou o pedido de casamento largando a rosa nas ondas. Deito as cinzas do que fui ao sal e fico a vê-las afastarem-se.

Penso no desafio do professor de português na aula da manhã para que completássemos a frase...

Para o beijo da menina é preciso.... uma menina. Tu! És precisa tu. Ainda na inocência de seres só e tanto a minha irmã mais velha. Estávamos entre São Tomé e Príncipe e a areia quente. Controlar o tempo, regressando às esquinas felizes da vida. Controlar o tempo, adivinhando o futuro de que todos os homens na neve saiam vivos das guerras que todos os outros homens inventam. Que o cheiro a sal nunca dê lugar ao cheiro a sangue. Que parem as sirenes para o regresso da brisa.

FICHA TÉCNICA

Escola Básica e Secundária de Anadia

Nome dos Alunos (10ºG)

Abigail Silva Cardoso; Francisca ZyKova Lopes; Maria Estrela Barreiros Pereira; Maria Luís N. C. Almeida; Melanie T. Galante S. Neves; Tatiana Sofia Valente; Constança Costa e Cunha

Nome dos Docentes

Isabel Maria Santos, *Literatura Portuguesa*; Manuela Tavares Monteiro, *Professora Bibliotecária*
Isabel Nina, *Coordenadora Interconcelhia para as Bibliotecas Escolares*

Escola Secundária de Santa Comba Dão

Nome dos Alunos

Alice Martins Santiago; André Valada Amaral; António João Santos Pereira; Cláudio Cruz Pereira; Duarte dos Santos Morais; Gabriel Marques Fernandes; Henrique Macedo Laré Rodrigues Borges
Joana Rodrigues Ferreira; Joel Luís Henriques Pereira; Leonardo Rafael Naves Santos; Madalena Semedo Martins Miguel; Maria Miguel Nunes Martins; Mariana Martinho Sousa
Telmo dos Santos Henriques; Teresa João Viegas dos Santos Tomás; Tomás das Neves Santos; Tomás Varela Borges; Maria Santos Silva; Dinis Laranjo Oliveira; Filipa Oliveira Cruz

Nome dos Docentes

Maria Isabel Ferreira, *Português*
Ana Isabel Craveiro, *Professora Bibliotecária*
Helena Duque, *Coordenadora Interconcelhia para as Bibliotecas Escolares*



OLINDA BEJA

Olinda Beja, de seu nome completo Maria Olinda de Beja Martins Assunção, nasceu em Guadalupe (S. Tomé e Príncipe - 1946) e veio muito jovem para Portugal onde estudou e passou a residir.

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade do Porto e em Literaturas Africanas pela UA fez ainda, na Suíça, Formação Superior em várias áreas de carácter cultural.

Professora do ensino secundário em Portugal e na Suíça, redescobriu aos trinta e sete anos a sua ilha natal. É a ela que dedica a maior parte das suas obras literárias. Por todo o seu trabalho literário desde 1992, o governo do seu país nomeou-a em 2022 Embaixadora da Cultura de S. Tomé e Príncipe.

A escritora divide o seu tempo entre Portugal e São Tomé e Príncipe e corre o mundo a falar das Ilhas divulgando assim não só a sua cultura ancestral mas também a Língua Portuguesa que enfeita com a sua língua mátria onde, refere sempre, está inserida a língua lusa. Escreve livros, conta e canta histórias sempre que o seu coração lhe pede.

Com 24 obras publicadas tem recebido imensos prémios e reconhecimentos como a condecoração em 2005 pelo então Presidente do Brasil e na presença do ex-Presidente de Portugal Mário Soares, com a Ordem da Comenda dos Países Irmãos (S. Tomé e Príncipe/Brasil). Olinda conta no seu palmarés 2 Prémios “Bolsa de Criação Literária” 2002 e 2007, um Prémio Literário Francisco José Tenreiro a juntar a mais três Prémios do mesmo teor.

O seu livro infanto-juvenil *“Um grão de café”* integrou o Plano Nacional de Leitura Ler+ bem como *“À Sombra do Oká”* (poemas), ambos por um período de dez anos.

Durante o ano escolar, Olinda Beja desloca-se a estabelecimentos de ensino do universo lusófono onde faz conferências, entrevistas e outras atividades culturais.

É à boleia da viola do conterrâneo Filipe Santo que Olinda Beja pisa diversos palcos do mundo para fazer recitais de poesia. Brasil, França, Austrália, Angola, Cabo Verde, Timor, Dubai, Espanha, Luxemburgo, Liechtenstein, Portugal, Suíça, Alemanha, Marrocos, são alguns dos países que compõem o seu roteiro. Tem algumas das suas obras traduzidas para espanhol, francês, inglês, árabe, hindu, russo, grego, italiano, húngaro, japonês, mandarim e esperanto.

MANTA DE RETALHOS NUMA HISTÓRIA DE AMOR

Manta de retalhos numa História de Amor



MANTA DE RETALHOS (em jeito de abraço)

*Chegam pessoas de mil cores,
vindas do outro lado do mar,
trazem esperança, artes e dores,
procurando um novo lar.*

*Sem racismo, sem fronteiras,
aprendendo a respeitar
porque o povo mais bonito
é aquele que sabe amar.*

*Conhecer é descobrir,
não julgar sem saber
o coração abrir
e com os outros aprender.*

*Aceitar quem vem de longe,
com a língua e o som do tambor,
é aprender com a força do trabalho,
que trazem com seu amor.*

*De longe vieram outros,
trazendo língua estrangeira,
mas o povo abriu os braços
num abraço de bandeira.*

*Tu olhas para a minha cor
e não para o meu coração
para ti, sou inferior
e não entendes que o sangue
tem todo a mesma cor?!*

Alika chegou a Lisboa numa manhã fria de fins de outubro. Era a sua primeira viagem, portanto a sua primeira saída da terra que a vira nascer. Para trás ficaram os familiares mais próximos que a choraram durante muitos dias mas tinham a certeza que ela iria sair bem daquele sonho de ser

médica. Sabiam que ela tinha razão pois a falta de médicos e enfermeiros era o motivo das mortes que nos últimos anos se tinham verificado no país. Mas também sabiam que era a sua primeira viagem e ia sozinha. Alike era a única que vinha para Portugal. De uma turma de vinte e cinco alunos só a ela coube este país. No princípio custou-lhe a aceitar a separação, mas quando soube que havia colegas que partiram para mais longe...Marrocos, Cuba, Polónia, China... pensou que em Portugal pelo menos estava mais segura pois não tinha a barreira da língua.

“Quero ir e voltar para ajudar o meu país!” – dizia vezes sem fim e era esta a certeza que alimentava a esperança da mãe e dos outros familiares quando a viram partir. Na bolsa dos documentos levava, bem embrulhado numa folha de papel, o número que a embaixada de Portugal lhe dera para quando chegasse ao aeroporto entrar em contacto com uma pessoa que a levaria à Embaixada do seu país.

“Quando recebo o dinheiro da bolsa para viver e pagar os estudos?”

“O dinheiro chegará a tempo” disseram-lhe no Ministério da Educação - não te preocupes. Mas leva algum para as primeiras necessidades!” Levar para as necessidades significava mais uns quantos sacrifícios para a mãe pois que o pai tinha ido para Luanda quando ela era ainda criança e dele nada sabia.

E como havia ainda mais três irmãos a mãe vendeu todo o peixe que podia para assegurar algum dinheiro. Desde manhã bem cedo já a senhora ia a caminho da praia para ser das primeiras a comprar o peixe que depois iria vender pelas roças distantes da cidade. Mas como a avó sempre lhe afirmara “Nguê ku dêçú ná ká molê sé vela fá *” (Quem é de Deus não morre sem vela) Malika tinha a certeza de que aquele era o caminho certo.

Lisboa estava com nevoeiro naquela manhã. Fez-lhe confusão ao sair do avião pois para trás deixou o sol forte, o sol do equador, o calor e a chuva quente de fins de outubro, que tanta falta lhe faziam agora. Mas também tinha estudado que em Portugal o frio começava exatamente quando o calor aperta em São Tomé. Mas além desta primeira diferença que já lhe estava a entrar no corpo ela sabia que tinha o seu sonho para realizar. Custasse o que custasse. Ligou três vezes para o número escrito numa folhinha de papel. Mas do outro lado ninguém respondeu. Começou a ficar aflita. Sentou-se num banco e esperou mais de meia hora. Nada. O seu coração começou a ficar em alvoroço. E se perguntasse a um polícia?! Mas perguntar o quê? Que se chamava Alike, que tinha acabado de chegar de S. Tomé e Príncipe e que tinha um número de telefone mas que ninguém atendia?! Mesmo assim ao ver dois jovens polícias pediu ajuda. Olharam-na de alto a baixo.

“Então vens assim da tua terra só com esse número?! Hum... espera mais um pouco...”

Notou que esboçaram um sorriso de troça ou talvez não fosse mas um deles ainda olhou para trás e sorriu-lhe mas de imediato ela virou o rosto. Felizmente foi nesse instante que o telemóvel tocou. Um brilho nos olhos quando ouviu uma voz feminina dizer-lhe que deveria esperar pois alguém de confiança a iria buscar para a levar ao autocarro donde seguiria naquele mesmo dia para Viseu, seu destino final.

Na realidade aqueles quarenta e cinco minutos à espera pareceram-lhe uma eternidade. Viu centenas de caras e tentava ver alguma conhecida. Quem sabe? A mãe tinha-lhe dito que uma prima

também tinha vindo para Lisboa mas já há muitos anos e nunca mais tinha dado notícias. Apenas uma vez ou outra pelo Natal. E nada mais. A rapidez com que as pessoas passavam na sua frente não era o “leve leve”* a que estava acostumada mas... o sonho valia toda aquela mudança que já estava a tomar conta do seu coração.

Quando o telemóvel tocou a voz duma senhora disse-lhe que estava à entrada do aeroporto e que ela lhe dissesse como estava vestida. Não foi difícil encontrarem-se. Pela primeira vez na sua ainda tão curta vida pensou em assumir a cor da pele: “Sabe, tenho umas calças de ganga, um casaco branco, tranças e... sou negra!”

Porque será que nós, os de raça negra ou preta ou africana ou outro nome que lhe queiram dar, até “black”, como tanto se usa agora, porque será que temos medo de assumir uma cor que tantos se esforçam por ter, usufruindo dos dias de sol e calor, todos esticados nas praias ou até em ginásios onde pagam autênticas fortunas para ficarem com um bronzado bem escuro, tal e qual a nossa cor?! Talvez tenha havido uma história antiga para termos chegado a este século tão avançado tecnicamente e tão recuado em coisas tão simples de resolver!

E aí estavam frente a frente. A senhora sorriu e Alika também. Cumprimentaram-se e Alika meteu no porta-bagagem a pequena mala que trazia onde livros e roupas de verão ocupavam quase todo aquele pequeno espaço.

“Vou levar-te à Central de Camionagem e vais já hoje para Viseu. Quando chegares estará lá na Central uma senhora que é a dona da casa onde vais ficar a viver. Chama-se Adelina. Não te esqueças. Tens aí o número do contacto dela. Não o percas! E isto é para ajudar no primeiro mês. Ainda não veio o dinheiro da Bolsa.”

Comovida Alika pegou no envelope e supondo do que se tratava agradeceu várias vezes. Pensou ainda perguntar-lhe se a iriam aceitar bem devido à cor da sua pele e à diferença no seu modo de falar mas o táxi parou e ela teve que sair rapidamente para ir apanhar o autocarro. A senhora recomendou-lhe ainda que fosse de imediato à bilheteira e que pedisse um bilhete para Viseu. E ela assim fez.

Até chegar a Sete Rios Alika foi olhando bem essa cidade de que tanto ouvira falar em S. Tomé. E gostou do que viu. Muito diferente da sua ilha, é claro, mas gostou. Lisboa era uma palavra que ouvira sempre aos que regressavam à terra. Só se queixavam do frio mas Alika pensava sempre que era exagero. Já acomodada no autocarro perguntou à sua companheira de lugar: “a *senhorra* conhece Viseu?”

A companheira olhou-a de soslaio mas respondeu prontamente:

“Sim vou lá todos os anos pela Feira de São Mateus!”

“Ah... tem lá uma *feirra*?!”

“Tem... e é uma cidade muito bonita!”

“Mas de onde és tu? Tens um falar diferente dos de Angola!”

Malika admirou-se de tal pergunta

“A *senhorra* conhece Angola?”

“Se conheço! Vivi lá mais de vinte anos! Só vim quando os pretos nos mandaram embora, a mim e ao meu marido. Sofremos muito porque ali é que era a nossa terra.”

Foi a primeira ferida que lhe abriram no coração. Ah! então foram os pretos que a mandaram embora – pensou.... Disfarçou a tristeza olhando para a janela tentando ver a paisagem que era tão diferente da sua terra. Mas a companheira voltou ao ataque:

“Mas afinal de onde és tu?”

“De S. Tomé...” e remeteu-se de novo ao silêncio e a companheira fez o mesmo. Na paragem em Coimbra a senhora perguntou-lhe se ela não queria ir ao café ou ao quarto de banho. Aliká respondeu negativamente e deixou-se ficar. Ora, pensou, estar de conversa ao fim de ouvir que foram os pretos os culpados dela ter que vir embora!!! Passados alguns minutos a senhora voltou e estendeu-lhe um embrulhinho onde lá dentro estava um bolo.

“Prova que é muito bom. É uma arrufada de Coimbra.” Aliká sorriu e agradeceu. Afinal aquela mulher até tinha bom coração. Lembrou-se que ela poderia ter fome e comprou-lhe um bolo que devorou num instante.

“Na tua terra também fazem bolos... mas não devem ser iguais a estes”

“Sim fazemos muitos bolos mas são de coco, de milho...”

“De milho?! Aqui em Portugal o milho é só para se fazer o pão!”

A conversa tinha agora um encanto de doçura não só pela guloseima que a senhora lhe oferecera mas pelas palavras que também começaram a ficar mais doces e que assim continuaram até Viseu. E naquela troca de doçuras Aliká contou tudo. Como se chamava, o que vinha estudar, como se chamava a senhora da casa onde iria ficar, o calor da sua terra, as praias, as músicas, as festas, as roupas coloridas... E trocaram os contactos e tudo ficou com outra cor!

“Chamo-me Virgínia mas trata-me por Gininha como toda a gente! É o meu nome desde criança. E se precisares de alguma coisa telefona! Tens aqui o meu contacto!”

Prestes a chegarem a Viseu Aliká telefonou para a tal Dona Adelina que lhe disse que estaria na Central à espera dela. E de novo o coração estremeceu. Lá teria que voltar a falar que era negra. Mas não disse. E fez muito bem pois Dona Adelina quando a viu abriu os olhos e arrematou com ar de felicidade:

“Oh! Julguei que eras mais escura mas afinal és quase branca!!”

Pior um pouco. O que seria quase branca? Ah... afinal a senhora estava contente por ela não ser tão escura como pensava. Que raio de vida a esperava! Tudo se regia pela cor em Portugal?!

Já na cama do quarto que lhe fora destinado e onde uma outra rapariga também dormia numa cama ao lado nem conseguiu pregar olho. Estava triste e confusa. Como seria a sua vida a partir daquele momento?

Aliká devia ter percebido que o primeiro dia de aulas não ia ser fácil. O dia amanhecera chuvoso, como se de um mau presságio se tratasse. A escola que passaria a frequentar em Viseu tinha um ar intimidante, com um grande portão de ferro forjado que parecia encerrar promessas de um

futuro turbulento. Era o início do primeiro período e uma multidão de jovens juntava-se no portão, formando pequenos grupos e conversando animadamente.

Um pouco amedrontada Alika atravessou o portão, deixando para trás os adolescentes e, com eles, o maior dos seus receios. Já dentro da escola, deu por si perdida no meio de tantos corredores, olhando confusa em redor, até que viu chegar uma funcionária de cabelo já grisalho que lhe perguntou numa voz suave:

Precisas de ajuda?”

-Bom dia *senhorra*, sou aluna do 12.º ano e cheguei agora de S. Tomé e Príncipe.

A funcionária, que mais tarde veio a saber chamava-se Fernanda, acompanhou-a à secretaria e apresentou-a:

“Aqui está a menina de S. Tomé que vem para o 12.º ano”

“Já pensávamos que não vinhas! Mas ainda estás a tempo...”

Com o horário na mão, de papelada tratada e a caminho da sala, Alika quase não acreditava no gesto que a funcionária tinha tido e na forma como a senhora da secretaria a tinha tratado.

O toque de entrada interrompeu os seus pensamentos e de volta à realidade, seguiu para a sala de aula. Já lá estava toda a gente, pelo que a sua entrada foi acompanhada de olhares curiosos ao que se seguiu um silêncio profundo, quebrado apenas quando a professora solicitou amigavelmente que se apresentassem.

- O meu nome é Alika Lima do Espírito Santo e venho de S. Tomé e Príncipe. Cheguei ontem e tenho uma Bolsa de Estudo para fazer aqui o 12.º ano.

Na carteira do lado esquerdo apresentou-se outro aluno:

“Eu sou o Juvenal. A setora já me conhece desde o 9.º ano!”

“Pois, pois Juvenal!!!! vamos acabar as apresentações”. E reparando que a jovem santomense estava triste a professora explicou:

“Sabes Alika aqui esta sala é uma manta de retalhos. Tens colegas do Chile, da Ucrânia, do Brasil, Suíça, e agora chegas tu de S. Tomé e Príncipe! Isto é muito bonito. E o teu nome tem mistura de nomes portugueses. Estarei errada?”

Com um sorriso Alika explicou que o avô paterno era português e que a mãe lhe disse que tinha ido para S. Tomé trabalhar numa grande roça de cacau. Há muita gente com estes nomes lá na terra.

“Então e tu ainda conhecestes esse avô português?”

“Não, ele morreu novo com paludismo. Mas deu o nome à minha mãe.

“Que bonito Alika, estamos todos ligados. Se todos se lembrassem não haveria nunca nem ódios nem guerras.”

No final os alunos estavam em silêncio. Um silêncio tal que a professora inquiriu o motivo de tal comportamento. E foi Juvenal que, com um sorriso trocista, foi dizendo “então a setora não vê que temos uma moça tão linda aqui na sala...”

Risada geral. Murmúrios. Mãos na boca. Olhares cruzados. E Alika estarrecida. De boca fechada. As

lágrimas quase a rebentar e ela a conter-se. De repente a professora levantou-se e foi para o meio da sala.

“Nunca ouvi uma frase tão correta na tua boca Juvenal. Sinceramente gostei. Desta vez falaste com o coração. Notei isso perfeitamente. Agradeço-te pela tua sinceridade e sei que a Alikha pensa o mesmo.”

Agora era Juvenal que estava meio espantado, em silêncio sem saber de certeza o que pensar e os colegas a fazer galhofa!!!. Mas a professora ainda acrescentou:

“Amanhã eu peço que a Alikha nos fale do seu país e das suas lendas. Pode ser Alikha?”

“Sim, posso, professora!”

Quando deu o toque de saída duas raparigas vieram ter com Alikha para a encaminharem para a próxima sala. Devido à curta duração do intervalo, e reservada por natureza Alikha pouco falou o que fez com que as colegas se apresentassem:

“Sou a Cristina e esta é a Teresa! Somos uma boa turma e não liguemos ao que diz o Juvenal. Ele é muito brincalhão. Gosta mesmo de provocar mas é bom rapaz.”

Alikha sorriu e entrou na companhia das colegas para a nova sala. No intervalo seguinte deu conta que em vez da Teresa e da Cristina já havia mais colegas à sua volta e todos se apresentaram. Por fim Juvenal disse-lhe:

“Desculpa Alikha. Quis brincar contigo mas o que eu disse é verdade. És muito gira! Palavra de Juvenal.”

“Se ele afirma podes acreditar Alikha.” – disseram uns quantos rapazes.

A seguir veio o convite pedindo à jovem para ir com a turma nessa tarde ao fim da aula de História comer uma pizza ao café do parque. Que era um sítio apazível mesmo ali à saída da escola.

“Gostas do parque Alikha?”

Ela sorriu “falta-lhe o mar...mas é um sítio lindo”. O seu coração começou a aperceber-se da mudança. Os amigos começavam a aparecer e a quererem a sua companhia, pensou. E isso era já um sinal de boa cidadania. No café juntaram-se mais uns quantos a meterem conversa e a quererem saber quem era e de onde vinha esta nova aluna. O convívio foi um raio de sol naquela tarde de inverno em que o vento e a chuva lhe enregelavam o corpo mal enroupado. Mas isso da roupa em breve se desvaneceu quando as colegas começaram a trazer-lhe roupas quentes para ela ultrapassar o frio que nunca tinha sentido na sua terra.

“Não leves a mal Alikha eu trazer aqui este saco com um casaco de lã. A minha mãe é que o quis comprar ontem para eu to oferecer. Não estás habituada...”

Alikha vestiu de imediato o casaco e Cristina deu-lhe um abraço de quem fica feliz por ver os outros felizes.

Tinham acabado de sair da aula de História quando um grupo de quatro amigos foi ter com eles e puxou conversa pois também queriam saber quem era a nova aluna. Apesar de nervosa com a abordagem, rapidamente se adaptou ao convívio, começando a ficar entusiasmada face ao interesse dos colegas pelas suas origens e cultura. Feliz estava também pelas novas amizades que começavam a surgir.

Meses mais tarde, ao recordar o início da sua jornada em Portugal, compreenderia que, por mais dolorosa que seja a adaptação a um novo país, haverá sempre pessoas dispostas a aceitar as diferenças que os tornam únicos, construindo uma sociedade mais tolerante e justa. Naquela que era a sua segunda noite foi a apresentação das colegas que com ela partilhavam a casa e o quarto.

“Eu sou de Angola e esta gorducha é a Tintina da Guiné-Bissau” foi assim que numa gargalhada a Josélia se apresentou e fez apresentar. Depois vieram a Isolda, a Riberina e a Alexa todas de Cabo Verde que sem ninguém lhes pedir cantaram mornas e coladeras! E quiseram saber se em São Tomé também se ouviam estas músicas.

Agora Alika sentia-se melhor. Estava feliz como se estivesse na sua África. Rodeada de amigas. Todas vindas do mesmo continente, com as mesmas necessidades, mas cheias de esperança. Contaram-lhe que também tinham sofrido muito racismo, troça, humilhações. Dificuldades muitas. Na gastronomia, na língua que, embora sendo a mesma, tem muitas diferenças, no convívio, na parte financeira... “Quando chegamos ao aeroporto fizeram-nos abrir as malas – contaram as de Cabo Verde – Até nos disseram que devíamos trazer droga!!”

Nessa noite, já na cama, perguntou à Josélia se tinha saudades de Angola. Então não havia de ter?! Mas o sonho era tirar um curso e regressar ao seu país. Foi um alívio aquela conversa com a Josélia. E quando esta lhe afirmou que todas haviam de conseguir Alika prometeu a si mesma lutar por todos os meios. Naquele instante Dona Adelina entrou no quarto com duas chávenas de chá de tilia para dormirem bem! “Já levei também às outras meninas. Faz bem quando está frio.” Uma ternura aquele gesto. Um marco que entrou nos corações das jovens e o aqueceu! Nem tudo era tão mau como pensavam. “Lembra-te que em todo o lado há bom e mau” disse-lhe Josélia sorrindo.

“Amanhã vou escrever à minha mãe a dizer-lhe que estou bem. Ela vai ficar feliz!” E a conversa ainda se prolongou por mais uma hora em que Josélia lhe relatou que a Tintina falava pouco e andava sempre triste porque a mãe tinha falecido pouco tempo depois dela chegar a Portugal. E não pode ir ao funeral por não ter dinheiro...” São assim as vidas destas jovens que chegam carregadas de sonhos que às vezes se transformam em pesadelos.

Um horizonte de esperança.

Vamos recomeçar a nossa história pensando em Alika e no drama de se sentir rejeitada num país que não é o seu! Este poema é para ela!

Desde Pangeia que éramos iguais,
Mas tudo mudou e tornámo-nos rivais,
Com a diferença veio o preconceito,
E criou-se um mundo sem respeito.
Num país tão musical, temos Lisboa como capital,
Um povo com a sorte de ter um extenso areal.
Um bacalhau único e um Pastel de Belém divinal,

Foi Amália quem cantou Portugal.

Nas terras tropicais, o samba ressoa,
Com carnaval e risos um mundo de paz,
Entre as palmeiras, o vento canarinho soa,
Com a alegria nos pés de um povo tão audaz.

E agora para terminar,
Uma mensagem queríamos deixar,
O mundo tem de mudar,
E devemos ser nós a começar!

Alika chegou à Escola com um penteado até aí pouco conhecido por aquelas bandas. Na sua cabeça dezenas de trancinhas miúdas desenhadas em várias direções davam-lhe um aspeto engraçado. Quem as teria feito?!

“Fui eu! – respondeu de voz segura à professora – é um penteado tradicional da minha terra. Chama-se trança cabelo de mão!”

“Um dia destes gostava que me fizesses um penteado desses Alika!”

“Oh!!! A setora quer que toda a gente se ria de si?!”

“Não Juvenal! Quero que tu aprendas a respeitar tudo e todos, velhos, novos, brancos, negros, cristãos, agnósticos...e vamos começar a aula antes que eu me zangue mesmo!”

No meio do silêncio que aquele diálogo provocou Alika levantou-se com um papel na mão. Todos se interrogaram com olhar de admiração. Que se passaria?

“Ontem a professora disse que gostava que eu contasse hoje à turma tudo sobre a minha terra. Seus costumes e suas lendas!”

A Professora levantou-se batendo palmas que a turma acompanhou. Até Juvenal! E com uma alegria espelhada nos olhos Alika foi contando que o seu país só tinha mil quilómetros quadrados, que eram duas ilhas e alguns pequenos ilhéus e era atravessada pela linha do Equador. Descreveu as praias de areias finas, falou na de Micondó com a água sempre quente, nas cascatas onde os meninos se banham e pescam *ize** (camarão) as festas, a alegria das crianças, os pratos típicos entre eles o kalulu que é o mais famoso, na avó que fumava cachimbo... Depois, e perante a admiração dos colegas contou a lenda do Gandu.

“O que significa essa palavra Alika?” perguntou a professora.

“Tubarão” – respondeu prontamente Juvenal.

“Como sabes Juvenal?!”

“Já ouvi essa palavra à minha avó!”. Um burburinho na sala. A professora teve de pedir de novo silêncio. Como era possível que a avó de Juvenal conhecesse essa palavra? Perante a insistência da

professora Juvenal contou que a avó era branca mas tinha nascido em S. Tomé e pequenina veio para Viseu e mesmo depois de crescida falava sempre no gandu e dizia aos netos que gandu era o tubarão.

Pela primeira vez Aliká esboçou um sorriso de contentamento e os seus olhares cruzaram-se. E da sua boca começaram a sair lendas da ilha!

“Gandu”, uma figura misteriosa de pele clara e olhar calculista. Ele trazia consigo promessas de riquezas, oportunidades e progresso, mas também o peso da ambição. Gandu viu que aquela ilha era uma terra para ser explorada, transformada e moldada aos seus próprios interesses sem ter a mínima consideração pelos seus habitantes naturais. Quando chegaram à costa de São Tomé e Príncipe, a nossa ilha estava tranquila, tirando a normal agitação dos nativos perante a observação de desconhecidos. O nosso povo vivia em paz com a natureza, usufruindo de tudo o que a terra nos dava e, mais importante, nunca pedia mais do que a Mãe Natureza conseguia dar. Inconscientes do seu futuro, foram ao encontro dos exploradores comandados por Gandu...”

E durante mais vinte minutos Aliká contou como Gandu foi derrotado por um jovem santomense de nome Amador Vieira que tinha sido escravo mas lutou pelos seus ideais tal como todos nós deveríamos fazer. Os colegas aplaudiram e quiseram fazer perguntas para satisfazerem curiosidades mas a professora fez um plano. Um dia por semana numa das aulas de História Aliká tinha direito a vinte minutos para contar qualquer coisa do seu país.

“Mas eu também queria saber coisas daqui *professorra*” - pediu Aliká

“Eu posso fazer isso professora.”

“Podes fazer Manolo. Se tens histórias do teu país...”

“Sim, tenho. O Chile tem uma História triste do tempo da ditadura!”

“Eu também posso contar Professora – era Daniela uma aluna que gostava imenso de História. – Tenho um amigo que anda aqui na Escola e tem muitas lendas do país dele. É o Amani, o indiano, que todos conhecem!

Um rapaz ao fundo da sala levantou a mão. Era Diogo, um bom aluno sobretudo a Língua Portuguesa. “Eu tenho uma pergunta para a Aliká. Não percebo quando ela fala.”

“Então pergunta Diogo” – respondeu a professora.

“Aliká tu não falas bem como nós. Dizes *professorra* porquê?”

Com muita calma a jovem explicou que na Língua crioula de S. Tomé não existe o “r”. É substituído quase sempre pelo “l”. Então diz-se por exemplo “tangilina” em vez de tangerina ou “loça” em vez de roça. E prometeu um dia ensinar mais palavras aos colegas que quisessem aprender crioulo da sua terra. Ficou estupefacta quando viu tantos braços no ar! Num instante e sem darem por isso a cidadania formava um círculo de culturas diversas esquecendo a cor da pele, as diferenças linguísticas, as religiosas, as sociais, e assim até final do ano ficaram a saber por Aliká que...

“Em S. Tomé e Príncipe havia um rei que nada sabia e embora fosse amado pelo seu povo era um homem ignorante. Não conhecia os povos vizinhos, não viajava, não lia... nada sabia dos outros. Então um dia, disfarçou-se de mendigo e foi viajar.

O seu reino era habitado por um povo que se encontrava em guerras constantes. Era um reino em que o sol nunca se via, pois há milhares de anos que só chovia mas não se sabia o motivo. Apesar de nada saber sobre os outros povos o monarca era elogiado pelo seu povo, era considerado como alguém de muito conhecimento. Ele ouvia pequenas lendas sobre terras desconhecidas que se encontravam para além das montanhas e dos mares. Nada se sabia sobre elas, nem as suas culturas, nem os seus costumes, nem os seus modos de vida. O rei, curioso e ansioso para fazer desaparecer o seu pressentimento, decidiu viajar incógnito por esses lugares, para aprender mais e, quem sabe, enriquecer o seu reinado com novas ideias.

Disfarçado como um simples viajante, calcorreou mundos. Conheceu todo o tipo de gentes. Ricos e pobres. Pedia esmola e pedia histórias. Percorreu o máximo de vilarejos e cidades que podia, satisfazendo a sua curiosidade ao ouvir as histórias de aldeões, pescadores, comerciantes e sábios. Experimentou comidas completamente diferentes das que já havia comido, admirou danças e músicas que nunca imaginara e trocou ideias com pessoas de diferentes origens. No meio de tantas coisas novas, a generosidade e a bondade entre todos, apesar das diferenças, foi o que mais o impressionou. Talvez fosse o que faltava no seu reino. Talvez fosse o que o fazia tão chuvoso e tão amante de guerras.

Após vários meses de viagem e decidido em promover a mudança no seu povo, o rei regressou ao seu reino, com a mente cheia de novas perspetivas e o coração aquecido pelas lições que tinha aprendido. Realizou um grande banquete para o qual convidou pessoas de diversos lugares incluindo os que já tinha visitado. Durante o banquete, dirigiu-se ao seu povo e afirmou: “Espero que se encontrem bem. Lamento a minha ausência nos últimos meses. Fazendo parte do vosso conhecimento, eu, o vosso rei, realizei uma viagem para descobrir a veracidade de lendas e boatos sobre a existência de povos que rodeavam o nosso território. Afinal não se tratava de boatos, e sim de uma realidade que se encontrava mesmo diante dos nossos olhos. No fim de contas não sou tão sábio como julgam, apesar do meu esforço, como rei, para manter o reino de pé com o passar dos anos. Aprendi que existem diferentes culturas, e que em cada uma há algo valioso a ser partilhado. O conhecimento de um povo pode iluminar o caminho de outro. A verdadeira grandeza de um reino não está apenas na sua riqueza, mas sim na capacidade de abraçar a diversidade e aprender com ela.”

A partir daquele dia, o rei passou a integrar as tradições de diferentes povos no seu reino. As escolas começaram a ensinar não só história local, mas também as lições de todo o mundo. As festas passaram a ser mais coloridas, com danças e músicas de diferentes lugares, com perfumes de comidas diferentes e bem recheadas e a troca de bens e ideias floresceu com o tempo. O reino tornou-se um lugar onde a paz reinava e o sol finalmente se via. E o rei, agora mais sábio, governava não apenas com justiça, mas também com respeito pela diversidade, sabendo que um reino forte é aquele que aprende com os outros, sem perder a sua própria essência. Assim, o reino com o passar dos anos, foi sendo lembrado, entre gerações distintas, como um exemplo de união, compreensão e interculturalidade.”

Foram tantas as palmas que pela primeira vez Alike teve um sorriso aberto, imenso, tipicamente africano. Todos gostaram da sua história e a aula de segunda feira que tinha sido o dia escolhido pela

professora para ela falar do seu país era agora um dia de felicidade pois foi assim que ela o definiu às companheiras de quarto que frequentavam uma Escola Profissional.

Por vezes há pequenos gestos que fazem os outros tão felizes. Gestos saídos do coração, gestos de amor! Para Aliká tinha encontrado esse gesto na aula de História nas palavras da Professora. Não que não gostasse dos outros professores mas...

“Tenho uma tia velhinha que vive agora aqui num Lar em Viseu. Quando eu era garotinha ela vivia em Tibaldinho, uma aldeia muito linda e eu ia lá passar as férias da Páscoa porque ela tinha uma casa muito grande. À noite na cozinha a tia contava sempre a mesma história. Era a história de um pastor que se apaixonou loucamente por ela mas como ele era muito pobre os pais não deixaram que eles se encontrassem e fecharam-na em casa. Que coisa horrível. Não podia sair para as festas. Então o pastor deitou-se ao rio e morreu afogado. E a minha tia jurou que nunca se casaria com ninguém.” - e os olhos da Cristina enchiam-se de lágrimas.

Luís Cardoso, também falou numa quarta-feira em que Aliká disse que não tinha histórias para contar nesse dia:

*“Lembra-te: eu também sou ser humano
Sangro, choro e também amo
Ou não tenho valor
Só por ter outra cor?”*

Diferenças sociais, diferenças de cor, amores, paixões que ficam pelos caminhos da vida tudo por causa da falta de amor e de conhecimento. No último dia de aulas de final do ano fizeram festa grande na discoteca e convidaram todos os professores da turma.

Mas antes de saírem da última aula de História tiveram que ouvir o que a Professora lhes disse começando a citar-lhes um poema do grande poeta Eugénio de Andrade:

*São como um cristal, as palavras.
Algumas, um punhal, um incêndio.
Outras, orvalho apenas.
Secretas vêm, cheias de memória.
Inseguras navegam: barcos ou beijos,
as águas estremecem.
Desamparadas, inocentes, leves.
Tecidas são de luz e são a noite.
E mesmo pálidas verdes paraísos lembram ainda.
Quem as escuta? Quem as recolhe, assim,
cruéis, desfeitas, nas suas conchas puras?*

“Sabem, o nosso coração e a nossa alma são parecidos com a nossa pele... Porque, por exemplo, quando caímos com força, ficamos com uma ferida que pode sangrar ou não ou pode deixar cicatriz ou não. O mesmo acontece com as palavras como acabaram de ouvir no poema do Eugénio de Andrade. Uma podem não afetar permanentemente, ou seja, magoam durante algum tempo, mas a pessoa consegue superar. Já outras podem ferir e deixar cicatriz, como as lágrimas e os protestos a substituir o sangue que escorre numa ferida. Uma coisa que todos devem conseguir fazer, neste tipo de situações, seja racismo, seja xenofobia é ignorar e tornar-se mais forte. Sei que nem todos conseguem mas vou dar-vos um conselho de minha mãe – o que os olhos veem o coração aceita – e vocês façam o mesmo. É tudo quanto vos peço!”

Nessa noite de dança e alegria na maior discoteca do país quando o disc-jockey passou música africana Alika com um sorriso malicioso disse ao ouvido de Juvenal “Pareces mesmo um africano a dançar! Juro que pareces!! Tal e qual!!!” E foi esta a frase que despoletou em Juvenal toda a pesquisa ancestral da sua avó. Foram dois anos de viagens entre o registo civil de Castro Daire (terra de seu bisavô e onde a avó tinha sido registada) e idas a S. Tomé. E desvendou um segredo – que afinal sua avó era filha ilegítima do seu bisavô e de uma jovem mestiça a trabalhar nas roças do cacau, contratada de Moçambique e de nome Inguila. Todo o resto foi um segredo familiar mantido em gavetas e arcas velhas durante muitos e muitos anos. Sem feições africanas e casada com um homem branco de Viseu, a avó nunca devia ter chegado a saber a sua verdadeira história pois lhe disseram sempre que sua mãe tinha morrido. O final foi a descoberta que Juvenal fez da sua grande multiculturalidade. Embrulhada tantas vezes no peito de todos nós. Tal como uma manta de retalhos. Mas nem era preciso se nos lembrássemos sempre que “o que os olhos veem o coração aceita!”

Seis anos volvidos foi com um certo nervosismo que a professora de História leu uma mensagem estranha no seu telemóvel. Vinha de Alika:

“Querida Professora, queríamos muito convidá-la para a nossa festa grande. Que fosse a nossa madrinha! Vai ser no mês de agosto aqui na ilha do Príncipe onde estou a exercer medicina no Hospital da cidade. Juvenal, ou antes Juvé (diz-se assim em crioulo) juntou-se a mim para exercer agronomia na defesa da natureza visto que esta ilha é património mundial da Biosfera. E não me diga que não vem por causa do preço dos bilhetes. Esqueça o preço que já está mais que pago por nós. A si, professora, devemos este grande amor, fruto dos seus conselhos e da diferença cultural que nos juntou - Alika e Juvé.”

“O que os olhos veem o coração aceita.”

“What the eyes see the heart accepts.”

“Te, uço oçi бачаѣ,cepѣ одобpюѣ.”

“Ce que voient les yeux, le coeur l'accepte.”

“Lo que los ojos ven, el corazón lo acepta.”

“O ki es olhos ta vê, es coração ta aceita.”

“Uê bê uê kloson deseja.”

FICHA TÉCNICA

Escola Secundária Alves Martins

Nome dos Alunos:

Afonso Oliveira (12.º B); Ana Sofia Dias (12.º B); António Almeida (12.º B);
Beatriz Costa (12.º B); Beatriz Cruz (12.º B); Beatriz Ferreira (12.º B);
Beatriz Paiva (12.º B); Diana Oliveira (12.º B); Dinis Fernandes (12.º B);
Eduarda Pretto (12.º B); Gonçalo Alves (12.º B); Leonardo Lopes (12.º B);
Leonor Campos (12.º B); Leonor Pereira (12.º B); Leonor Vicente (12.º B);
Loana Silva (12.º B); Mafalda Lopes (12.º B); Mafalda Mota (12.º B);
Marina Cardoso (12.º B); Marta Chaves (12.º B); Matilde Augusto (12.º B);
Matilde Ribeiro (12.º B); Miriam Martins (12.º B); Natanael Silva (12.º B);
Ricardo Carvalho (12.º B); Rita Rodrigues (12.º B); Sofia Borshchevska (12.º B);
Tomás Silva (12.º B); Maria Manuel Brito (12.º P).

Nome do Ilustrador:

Rorschach Abias Lithuri (11.º T)

Nome dos Docentes:

Ana Albuquerque, *Português*
Raquel Sequeira, *Professora Bibliotecária*
Helena Duque, *Coordenadora Interconcelhia para as Bibliotecas Escolares*



RICARDO FONSECA MOTA

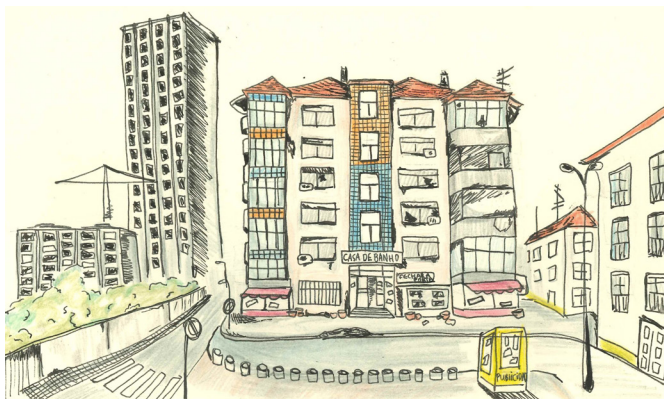
Ricardo Fonseca Mota nasceu em Sintra em 1987, cresceu em Tábua e acabou de crescer em Coimbra.

O seu primeiro romance ***Fredo*** venceu o Prémio Literário Revelação Agustina Bessa-Luís em 2015, foi semifinalista do Oceanos - Prémio de Literatura em Língua Portuguesa em 2017.

As aves não têm céu é o seu segundo romance, vencedor do Prémio Ciranda 2021 e semifinalista do Prémio Oceanos 2021.

Publicou também ***Germana, a begónia*** (2019), ***A mão e a grandeza*** (2023), ***Almagre*** (2024) e ***Salvar o tempo*** (2024) e ***Canção para enganar a morte*** (2025).

Formado em Psicologia pela Universidade de Coimbra, é autor, psicólogo clínico e promotor cultural.



O prédio construído há mais de três décadas é conhecido no bairro por Casa de Banho, devido à fachada coberta por azulejos coloridos. Destaca-se dos demais também pela ausência de varandas. Ao seu lado, uma torre de escritórios impede o sol de espelhar-se no mosaico degradado onde cada vez mais quadrados cinzentos desenhavam a memória dos ladrilhos caídos, por sorte, em cima de ninguém.

No vidro da porta principal um papel colado com o aviso que ninguém lê: «Feche a porta, por favor». Vasos sem plantas transformados em cinzeiros. O móvel das caixas de correio atafalhado de panfletos apesar dos autocolantes amarelos «Publicidade, aqui não. Obrigado». Nas imediações, os lancis de cimento desenhavam o contorno de uma calçada inexistente. Aguardam o preenchimento que nunca chegou, fazendo as vezes de uma vala dentro da qual os habitantes da Casa de Banho arrastam os pés quando saem e chegam a casa.

No rés-do-chão, uma loja com os vidros forrados com folhas de jornal velho, amarelecido. Uma mostra de más notícias, antigas porém atuais, fruto da natureza redundante e pastosa dos anos. O tempo avança descontrolado e consome vorazmente todas as oportunidades de espanto. Contudo, apesar de viciado em novidades, fazendo fé nas páginas dos jornais diários, o mundo permanece uma crônica de estagnação.

Se, de repente, o mundo ficasse às escuras, engolido por umas trevas absolutas, ninguém daria pelo desaparecimento deste prédio dos subúrbios, habitado por gente que, apesar do lixo que acumula, nos comove com a sua invisibilidade.

1º Esquerdo

Tudo à minha volta ganha vida e se movimenta sem nenhuma explicação aparente. Tento ver o que se passa mas não consigo, este não é o mundo em que vivo mas sim o mundo a que pertenço. Um mundo em que as cores estão misturadas e formam tons que nunca antes tinha visto. Um mundo em que a estrutura das casas ao longo da rua parece derreter. Um mundo em que a minha mão está turva

e embora seja minha, sinto que não me pertence. Um mundo em que sinto a cabeça pesada a andar à roda, onde vários pensamentos, ideias e lembranças vêm à tona. Adoro esta sensação! Quando me sinto assim, alienada, condenada, exilada, sinto finalmente que pertenço a algum lugar. A minha derrota é a última oportunidade que tenho para me sentir viva.

3º Frente

Nora Seed decidiu morrer. Não houve um momento dramático ou uma última gota de água. Cada segundo era como uma lembrança cruel de todas as escolhas não feitas e de uma existência que se desfazia sem rumo. Nora Seed decidiu morrer quando percebeu que não havia mais nada para consertar. Ela estava sozinha. Não só naquele momento, mas em toda a sua existência. Quando ela fechou os olhos pela última vez, à espera que o alívio da morte a alcançasse, algo diferente aconteceu. Uma voz suave, mas clara, ecoou ao seu redor, vinha de todos os lugares e de nenhum lugar ao mesmo tempo. «Bem-vinda à Biblioteca da Meia-Noite, Nora. Aqui, podes viver todas as vidas que não viveste. As que deixaste para trás, as que não tiveste coragem de escolher. Aqui, podes começar de novo». O seu corpo foi encontrado quatro dias depois, após o fedor do corpo em decomposição incomodar o descanso dos vizinhos do 3º Esquerdo. Encontraram Nora caída no tapete da sala, perto da janela, agarrada a um livro.

3º Esquerdo

Guilherme vai ter teste de matemática amanhã. Deitado na cama, assiste no computador ao filme que era para ter visto com a namorada a meio da tarde. Ele e Sofia discutiram. Premonitoriamente, o filme chama-se “Sem saída”.

O som do motor falhou, ecoando no silêncio opressivo da floresta. A escuridão adensou-se, engolindo a estrada e qualquer esperança de ajuda. Apenas a luz fraca do farol iluminava os contornos difusos de uma sombra que se movia entre as árvores, fazendo o coração de Darby disparar. Era ali, naquele instante, que a verdadeira luta pela sobrevivência começava, muito além do que poderia imaginar. Darby, uma jovem que tentava escapar do peso do passado, encontrava-se presa numa tempestade de neve que parecia não ter fim. Ao parar numa estação de serviço para tentar encontrar abrigo, mal sabia que a sua vida estava prestes a mudar para sempre. Quando os seus olhos se fixaram numa carrinha estranha, um arrepio percorreu-lhe a espinha. Algo não estava certo. Ao investigar mais de perto, descobriu, horrorizada, a presença de uma criança sequestrada escondida no interior da viatura. Com a adrenalina a disparar, Darby percebeu que não estava apenas a lidar com a tempestade lá fora, mas com um inimigo oculto, um predador que se movia nas sombras. A tensão aumentava a cada momento, e a sua mente começou a raciocinar rapidamente: como salvar a criança e garantir a sua própria sobrevivência? A floresta tornava-se um labirinto de perigos, e a luta por liberdade e justiça estava prestes a revelar uma força interior que ela nunca soubera que possuía. A noite ainda estava longe de acabar, e cada decisão poderia ser uma questão de vida ou morte.

Guilherme adormece com o telemóvel na mão, à espera de uma mensagem de Sofia.

2º Esquerdo

Não é aceite quem não se coloca dentro de um quadrado, e eu estava num círculo. Eram seis da tarde, na segunda-feira, dia três de fevereiro de dois mil e vinte e cinco, quando, de repente, entram seis homens encapuzados e armados para dentro da minha casa. E gritando dizem:

- Pessoal, encontrem o marido da grávida! - Grávida? Qual grávida? Eu nem esposa tenho - penso enquanto tento esconder-me.

Depois de algum tempo fechado no armário, os criminosos forçaram a minha saída, e o bandido que me encontrou disse:

- Ah! Ha! Encontrei-te! Oh pessoal! Venham cá que eu já o encontrei! E tu não te mexas ou levas um tiro - disse um dos membros do grupo chamado Daniel.

Depois de estar o grupo todo reunido à porta do armário escancarado começaram a dialogar entre si:

- O que fazemos com ele? - disse o Jaime.

- Não sei, ele agora é nosso. Podemos fazer o que quisermos, desde que amanhã o entreguemos ao chefe - disse o Victor.

- E que tal um sequestrozinho? - disse o Tiago.

- Sequestro não. Dá muito trabalho. Tens de o levar, amarrar, ficar de vigia, e depois ainda tens de o entregar ao chefe - disse o Vasco.

- Tens uma ideia melhor? - disse o Tiago.

- Podemos cortá-lo aos bocadinhos e fazer uma picanha - disse o Vasco.

-Tu és mesmo inteligente... E depois como é que ias levá-lo até ao chefe? - disse o Abel.

- Oh, isso é óbvio! O chefe adora uma boa picanha! Eu tenho um tupperware ali na mochila. O problema era a picanha arrefecer - disse o Vasco.

- Para isso é que servem os micro-ondas. Além disso, o chefe gosta da picanha com carne de vaca - disse o Daniel.

- Ah, sendo assim devíamos fazer picanha com a tua mãe. Aposto que o chefe ia adorar - disse o Vasco.

- Não te estiques que eu estou armado - disse o Daniel.

- Relaxa, era só uma brincadeira - disse o Vasco.

- Espera, então vamos fazer picanha de quem? - disse o Jaime.

- Não vamos fazer picanha com ninguém, porque o chefe quer o marido da grávida vivo! - gritou o Abel.

- És mesmo desmancha-prazeres! Até já estava a salivar - disse o Vasco.

- Não te preocupes que nós encomendamos a picanha. Mas tem de ser de vaca - disse o Abel.

- Combinámos não fazer picanha com a mãe do Daniel - disse o Jaime.

- Olha que levas um tiro, caraças! - disse o Daniel.

- Pessoal, já chega. Mandamos vir picanha pelo Uber Eats e acabou. Mas ainda temos de decidir o que fazer com este gajo - disse o Victor.

- Picanha? - disse o Vasco.

- Vasco, não tens piada - disse o Victor.

- Eu já dei a minha sugestão do sequestro, mas vocês todos são um bando de esfomeados - disse o Tiago
- Bem, acho que vai ter de ser o sequestro. Mas, para onde é que o levamos? Não temos um sítio para ficar com reféns - disse o Daniel.

- Sequestramos aqui - disse o Tiago.

- Na casa dele? Mas isso é uma falta de educação - disse o Abel.

- Tens algum local melhor para o levar? Eu sei que é difícil. Estamos entre a espada e a parede. A minha mamã também me ensinou a não ser mal-educado. Mas não temos outra escolha. Somos obrigados a sacrificar a nossa cortesia - disse o Tiago.

- Desde que eu coma a minha picanha, sequestram-no onde quiserem - disse o Vasco.

- Então, vamos sequestrá-lo na cozinha para o Vasco comer a sua desejada picanha. Todos concordam? - perguntou o Victor.

- Sim! - Disse o restante do grupo em coro.

E olhando para mim o Daniel disse:

- Estás com essa cara porquê? Anima-te, homem! É o teu primeiro sequestro! Não é algo incrível!

- De facto, é algo inusitado. Acho que, afinal, não deixa de ser uma nova experiência, não é? - Disse eu, sem saber se chorava de medo ou se me ria das parvoíces deles. Já na cozinha, o Jaime disse para o Daniel:

- Oh Daniel, não achas que devíamos tapar-lhe a boca?

- Tapar-lhe a boca? Porquê? Não gostas da voz dele? Eu também não gosto. Mas coitado, ele não tem culpa.

- Não é nada disso. É só porque nos filmes eles tapam sempre a boca aos reféns.

- Ah, ok. Bem, se nos filmes fazem, nós também deveríamos fazer. Certo, então passa-me lá um pedaço de fita-cola.

Estiveram na minha casa seis homens, bandidos do Primeiro Comando da Capital, com a postura de quem está numa esplanada. Comeram picanha e beberam a minha cerveja. A certa altura, o Victor diz:

- Jaime, foi a ti que o chefe te mandou o número do prédio e do apartamento da vítima, certo?

- Jesus, não lhe chames vítima! Até parece que somos um bando de terroristas ou algo do género. Nós somos caridosos e simpáticos - disse o Jaime

- O Vasco queria cozinhá-lo - disse o Tiago.

- Mas qual é o problema de cozinhar alguém? As histórias infantis estão cheias de bruxas e monstros a cozinhar e comer pessoas, mas se for eu a fazer já é um problema, não é? Além disso, não critiques, porque devia ter ficado uma delícia! - disse o Vasco.

- Tu és canibal, por acaso? - disse o Daniel.

- Isso é o quê? Come-se? É que ainda tenho espaço para um docinho! - disse o Vasco.

- Não é nada. Esquece - disse o Daniel.

- Pessoal, concentrem-se que isto é um assunto importante - disse o Victor.

- Desculpa, Victor, mas respondendo à tua pergunta, sim, sou eu quem tem o número do prédio e do apartamento - disse o Jaime.

- Então confirma qual é o apartamento, se faz favor - disse o Victor.

- É este aqui onde estamos, o 2º Esquerdo - disse o Jaime.

- Tens a certeza? Já olhaste para ele? Achas mesmo que este gajo é casado? A mulher dele está grávida de 8 meses. Por esta altura já devia ter a casa enfeitada com fraldas, chupetas e pó de talco, para não falar das roupas de marca que se comprem aos bebés que duram, no melhor dos casos, 6 meses - disse o Victor.

- Realmente, é verdade. Ainda não vi nada que esteja associado a mulheres ou a recém-nascidos - disse o Tiago.

O Jaime revê a mensagem, e diz:

- Pessoal, isto é, um "E" ou um "F"? Alguém pode ver, é que estou sem óculos.

- É um "F"! - gritou Abel depois de ver a mensagem que o chefe mandou ao Jaime.

- Então não é esta a casa do marido da grávida? - disse o Tiago.

- Claro que não! O chefe tinha mesmo de entregar a informação ao cegueta do grupo! - grita também Daniel

- Pessoal, todos daqui para fora em direção ao apartamento 2-F! – exclama o Victor. Depois desta fala de Victor, todo o esquadrão se levantou e saiu do apartamento, à exceção de Vasco que disse, com uma certa raiva vinda do coração, ou do estômago:

- Espera aí! Eu ainda não comi a sobremesa.

- Vasco, se te apressares, amanhã o almoço é por nossa conta - disse o Daniel.

- Já devias ter dito! - respondeu o Vasco, enquanto vestia o casaco e corria para a porta. Enquanto me desamarras e me tira a fita-cola da boca, Tiago, o último membro a sair da minha casa, diz-me:

- Campeão, desculpa lá, mas como já percebeste, vamos ter de te libertar e sequestrar o teu vizinho. Que azar, não é? Estavas com cara de quem estava a gostar.

Dito isto, Tiago liberta-me, corre para a porta como fez o resto do bando, e fecha-a com estrondo. De repente, lá estava eu, sentado numa cadeira com uma corda e um pedaço de fita-cola embrulhado no chão da minha cozinha. Na mesa, estavam garrafas de cerveja, umas bebidas e outras ainda por beber, e restos de picanha na maioria dos pratos. Subitamente, a minha casa deixou de ser um local estranhamente amigável e divertido, para um local triste, vazio e monótono, voltou a ser como sempre. Hoje em dia, pergunto-me se fui verdadeiramente libertado. Será que não há mais cordas por desamarrar e fita-cola por tirar? Acho que sim. Mas estas não são cordas que se tirem facilmente. Vai ser difícil. Mas isto não significa que irei desistir. Enquanto estiver vivo, eu vou continuar.

4º Direito

Nunca esquecerei aquele dia. O sol brilhava intensamente e as ruas estavam cheias de vida. As crianças jogavam à bola no parque, as mães conversavam nas varandas, e o aroma dos temperos

africanos misturava-se com o cheiro do café português. Era o ambiente multicultural que sempre amei na minha cidade.

Cresci aqui, entre angolanos, cabo-verdianos, brasileiros, guineenses e, claro, portugueses de todas as regiões. A diversidade sempre foi a nossa maior riqueza. Aprendi cedo que, apesar das nossas diferenças culturais, todos partilhávamos sonhos semelhantes: construir uma vida melhor, encontrar felicidade e segurança.

Naquele dia específico, estava a caminho de casa após a escola quando ouvi uns barulhos muito altos próximo da praceta onde costumávamos reunir-nos. Aproximando-me, vi dois grupos de jovens frente a frente, com olhares desafiadores. Em particular, vi um miúdo com cerca de 14 anos, o Luís, e um rapaz de 17 anos, o Tiago.

A atmosfera estava carregada. Podia sentir a tensão no ar, e o instinto dizia-me para me afastar. Mas algo me manteve ali, talvez a esperança de que tudo não passasse de uma discussão passageira. De repente, vozes ergueram-se, insultos foram trocados, e antes que pudesse reagir, o Tiago avançou rapidamente e, num gesto brusco, esfaqueou o Luís.

O tempo congelou. O Luís caiu no chão, e um grito colectivo ecoou. Alguns correram, outros ficaram paralisados. Eu senti as minhas pernas tremer, mas forcei-me a correr até ele. Ajoelhei-me ao seu lado, tentando estancar o sangue com as minhas mãos trémulas. Os seus olhos encontraram os meus, cheios de dor e surpresa. "Aguenta, Luís. Vai ficar tudo bem", repeti, mais para me tranquilizar a mim do que a ele. A sirene da ambulância ao longe foi um som de alívio e desespero ao mesmo tempo. As autoridades chegaram, e o Tiago foi detido ali mesmo. Mais tarde soube que a Polícia Judiciária o acusou de tentativa de homicídio qualificado. A notícia espalhou-se rapidamente: "Jovem detido por tentar matar outro rapaz numa luta de gangs".

Nos dias seguintes, refleti muito sobre o que aconteceu. Conhecia o Tiago de vista; sabia que vinha de uma família com dificuldades, que lutava para encontrar o seu lugar. A pressão para se encaixar, para ser aceite por um grupo, é intensa. E aqui, muitas vezes, não é aceite quem não se coloca dentro de um quadrado. Quem não se ajusta às expectativas é marginalizado, buscando pertença onde consegue, mesmo que seja em caminhos perigosos.

Percebi que a multiculturalidade da nossa cidade, embora rica, não é suficiente se não houver interculturalidade. Coexistimos no mesmo espaço, mas será que realmente nos entendemos? Será que as diferentes culturas estão a comunicar, a aprender umas com as outras, ou simplesmente a viver lado a lado, separadas por barreiras invisíveis?

7º Frente

Era feliz na minha casa, onde vivia com a minha família na Rússia. Floriano era o meu preferido da família. Quando casou com Natália, engravidaram de Ivan, um rapaz engraçado, estudioso, respeitador e gentil. Quando Floriano fez 47 anos, Natália e Ivan ofereceram-lhe um gato chamado Hachiko, que sou eu. Quando terminou a faculdade, Ivan veio trabalhar para Portugal, onde conheceu

Irina. Entretanto, Natália adoeceu e foi morar com Ivan e Irina. Eu fiquei na Rússia com Floriano.

Fomos felizes, à nossa maneira. No dia em que Floriano morreu, esperei que todos saíssem do cemitério e procurei-o. Quando o encontrei senti algo muito estranho e forte. Parecia que aquele monte de terra transmitia conforto e acolhimento. Decidi que não iria afastar-me do cemitério. Viver junto de Floriano era o único lugar onde poderia sentir-me em casa. Porém, nos dias seguintes Ivan regressou para visitar Floriano no cemitério. Observei ao longe. Senti que a forma como se despedia do pai era cínica. Ivan estava mais comovido com a sua perda do que propriamente com a morte do pai. Senti uma profunda desilusão. Ivan abandonara o pai e agora chorava junto à sua campa.

Não contava, contudo, que Ivan notasse a minha presença. Deixei que me afagasse, afinal, éramos família. Quando me pegou ao colo não pensei que fosse para me arrancar dali. Aquele era o meu lugar. Não queria nem podia abandonar Floriano. Mas, infelizmente, Ivan fechou-me numa jaula e dela só saí em Portugal. Trouxe-me para junto de Natália. Odeio viver aqui. No parapeito da janela, espreito o bulício. Não tenho sequer horizonte onde possa, à hora do crepúsculo, procurar Floriano.

4º Frente

Adamastor lê o jornal da semana passada que roubou na pastelaria, «Homem morre colhido por um comboio».

6º Direito

Era mais um dia normal, numa vida aparentemente normal, a minha, sou um chefe de cozinha, que trabalha num pequeno, alegre e acolhedor restaurante, gosto de cozinhar, de criar pratos inovadores e cheios de sabores diferentes. Ao acordar, sinto-me cheio de energia, pronto para cozinhar pratos saborosos, para que os meus clientes se sintam satisfeitos, visto-me e de seguida vou preparar o pequeno-almoço, enquanto como uma tosta crocante por fora e recheada por dentro, que está uma delícia, penso em quais serão os pratos deliciosos que irei preparar, e quais serão os elogios que os clientes normalmente fazem, como por exemplo, isto está delicioso, de os cumprimentos ao chefe e muito mais. Após acabar de comer, lavo os dentes e a cara, e preparo-me para mais um dia a cozinhar iguarias, saio de casa, subo na minha bicicleta e começo a pedalar até ao restaurante, não faço isto porque moro perto do meu local de trabalho, faço isto pois é um meio de locomoção mais sustentável e temos de proteger o planeta em que vivemos. Logo assim que chego ao restaurante já começo a preparar uma grande variedade de pratos, pois não só temos pratos tradicionais portugueses como também temos de outros países, afinal incluir pessoas de outras culturas na nossa sociedade também é importante, tanto para nós, que aprendemos mais sobre os outros locais do mundo tanto para as pessoas de outras nacionalidades para que eles se sintam menos excluídos, para muitos, neste novo mundo.

Depois de um dia de muito trabalho e de muito cozinhar, saio do restaurante após deixar algumas coisas arrumadas para o dia seguinte. No caminho até casa, em vez de fazer o percurso que normalmente faço decidi fazer outro, que passa ao lado da linha do comboio, enquanto pedalava ouvi o

barulho do comboio a aproximar-se, mas também notei que um cliente indiano, que frequentemente ia ao restaurante estava parado nos carris a ver o comboio aproximar-se cada vez mais, mesmo com o comboio cada vez mais perto ele não mexeu nem sequer um dedo, a única ação que o homem fez foi pronunciar as suas últimas palavras, que não foram ouvidas devido ao som do comboio que estava cada vez mais perto, mais perto e...Após o acidente ter ocorrido chamei as autoridades que logo chegaram ao local, o óbito foi logo confirmado, depois do ocorrido fui para casa ainda a pensar o que aquele homem estava ali a fazer, a pensar enquanto esperava pelo seu fim eminente, cheguei a casa e deitei-me logo na cama, pois não queria pensar em mais nada, no dia seguinte acordei, fui para o restaurante e ao olhar para a televisão vi que passava a notícia, "Homem morre colhido por um comboio na linha de Cascais ", que falava sobre o acidente que ontem havia presenciado, ao ouvir a notícia relembre-me de tudo e rapidamente paro de olhar para a televisão para não me lembrar de mais detalhes, enquanto cozinho não consigo parar de pensar no acontecimento, lembro-me que o homem olhava para mim e disse suas últimas palavras, mas perante o alto som do comboio, pronunciar as suas últimas palavras ou estar calado era a mesma coisa, o homem morreu sem poder ser ouvido.

Mesmo a fazer o que gosto mais, cozinhar, não me consigo concentrar, a partir daquele dia nunca mais fui o mesmo, aquela sensação de ver um cliente a morrer sem poder ouvir as suas últimas palavras, está sempre a remoer na minha cabeça, está a fazer com que a minha comida perca o sabor, nunca mais foi a mesma, sem gosto, sem sentimentos, os dias passam e nada mudou, continuo sem conseguir cozinhar algo decente, acho que nunca vou voltar a ser o mesmo, sempre que me lembro do acidente relembro aquela sensação de impotência, afinal não consegui fazer nada. Os meus dias continuam cinzentos, a cada dia que passa a tristeza me consome cada vez mais, porque, pergunto-me, porque é que o mundo continua a fluir como sempre fluiu e eu não consigo superar aquele acontecimento, eu não o conhecia e acho que nunca tivemos uma conversa, mas quando penso que nunca mais vou fazer comida para aquele cliente sinto-me perdido, sem rumo, não consigo explicar é como se tivesse a ser corrompido por dentro, tivesse a minha alma a ser corroída aos poucos. Mais dias passam e não mudei, apesar de continuar a cozinhar e a receber elogios, sinto-me como se cozinhar já não saciasse a minha alma, o que antes eram comidas cheias de alegria e felicidade agora são comidas tristes e cobertas de solidão.

Muito tempo se passou desde então e percebi que, afinal, perante a imensidão do universo somos como pequenas formigas a rastejar, e quando morrermos nada muda, mesmo que digamos algo, mais tarde ou mais cedo essas palavras vão perder-se e ser esquecidas. Morremos calados.

Esquina do prédio

Joelson nasceu em São Tomé e Príncipe, sobrinho-neto de Alda do Espírito Santo. Trabalhava na construção civil. Desempregado, roubou uma viola, toca e canta nas ruas. Pede esmola. A viúva do 1º Direito queixa-se do barulho. Joelson canta:

*«Carrego nos olhos mil cores,
línguas que dançam no vento,
histórias gravadas na pele,
cheiros que lembram um tempo.*

*Caminho por ruas sem nome,
onde vozes se misturam,
o doce do chá do Oriente,
o ritmo que os tambores juram.*

*Aqui, um abraço tem mapas,
marcados em gestos e riso,
não há terra que seja distante,
se o coração for preciso.*

*Cada sabor é um encontro,
cada canto, uma raiz,
na dança de tantos caminhos,
é juntos que somos país.»*

5º Frente

Gastão é professor de História numa escola a trezentos quilómetros de casa. Desde que os filhos nasceram vê-os, praticamente, ao fim-de-semana. A mãe está doente e na próxima semana será levada para um lar. Nenhum dos três filhos pode cuidar dela. Gastão bebe café e escreve no seu diário.

«O que é um Homem? Um ser-vivo? Um humano? Uma parte da sociedade? Um cavalheiro? Uma pessoa alta, musculosa e com uma enorme barba? Uma pessoa forte, dominante e imponente? Isto é o que muitos consideram que é um homem, mas eu não. Eu considero homens todos aqueles que cumprem o seu propósito. Todos aqueles que lutam a sua verdadeira batalha. E todos aqueles que contribuem para o mundo de forma única.»

Gastão adormece no sofá.

6º Esquerdo

Eu vi tudo. Estava ali, mesmo ao lado, quando o João foi derrubado. Nunca lhe prestei muita atenção, mas sabia que era diferente. Falava pouco, não olhava nos olhos e passava os intervalos a desenhar naves espaciais num caderno velho. Ninguém lhe ligava, nem para o bem, nem para o mal. Mas naquele dia, ligaram-lhe.

O Miguel sempre foi o mais forte da turma. O mais temido. Quando ele encostou o João à parede,

senti o estômago apertar. "Diz qualquer coisa", pensei. Mas fiquei em silêncio. Quando o primeiro empurrão veio, a minha garganta secou. Quando o João caiu, foi como se o chão tivesse absorvido a minha voz. E quando os pontapés começaram, fui dos poucos que olhei para o lado.

Ninguém se mexeu. Nenhum de nós quis ser o próximo. O João nem gritou. Não chorou. Só se encolheu, tentando tornar-se invisível. Eu queria que tudo acabasse rápido, que algum professor aparecesse, que alguém fizesse alguma coisa. Mas ninguém apareceu. O único som era o riso do Miguel e o barulho dos pés dele contra o corpo do João.

Depois, o vídeo apareceu nas redes sociais. Vi-me lá, parado, como se fosse parte do cenário. Os adultos ficaram chocados. Chamaram a GNR, suspenderam vários dos meus colegas, falaram sobre civismo e respeito. Mas a verdade? A verdade é que o silêncio foi tão violento quanto os pontapés.

Ele não voltou à escola. E eu? Eu continuo. Continuo a sentar-me na mesma carteira, a percorrer os mesmos corredores, a ouvir os mesmos professores. Mas há algo em mim que se quebrou. O que antes parecia normal — as brincadeiras, os risos abafados quando alguém era humilhado, os olhares desviados para evitar problemas, agora parece monstruoso. Começo a perceber que a violência não está só nos socos e nos pontapés. Está também no silêncio, na indiferença, no medo de falar.

Morro um pouco cada vez que passo pelo canto do pátio onde o João costumava ficar sozinho. Morro quando vejo a cadeira vazia dele na sala e ninguém comenta. Morro quando percebo que, apesar de tudo, nada realmente mudou. O Miguel foi suspenso, mas já regressou. E eu continuo a calar-me quando vejo alguém ser excluído, porque o medo de ser o próximo a cair ainda pesa mais do que a culpa.

Mas a culpa está aqui. Cresce todos os dias. Talvez um dia eu tenha coragem de falar. Talvez um dia eu possa olhar no espelho e não ver só um covarde. Talvez um dia eu possa dizer que não morremos todos calados. Mas, por enquanto, morremos um pouco mais a cada dia, fingindo que não vimos, que não ouvimos, que não sabemos.

E o pior de tudo, é que o João sabia desde o início que ninguém ia intervir. Que ninguém ia salvá-lo. Porque, no fundo, sempre foi assim.

As maiorias sempre esmagaram, dizimaram, sempre extinguiram o diferente.

E se ele sabia, então talvez todos soubessem. Talvez haja outro João, e outro, e mais outro, espalhados por aí, e já tenham desistido de esperar que alguém os salve. Porque o mundo sempre funcionou assim. Porque sempre existiram os fortes e os fracos, os que mandam e os que se calam, os que batem e os que encolhem os ombros.

Mas e se não fosse assim? E se, um dia, alguém quebrasse esse ciclo? E se, um dia, tivéssemos coragem de guerrear a voz antes que fosse tarde demais?

5º Direito

O meu neto sempre foi um menino doce. Lembro-me dele pequeno, a correr pela casa, a rir-se com aquela alegria inocente que só as crianças têm. Mas os anos passaram e ele foi mudando. Primeiro, pequenas coisas: um olhar perdido, respostas atravessadas. Depois, as ausências, as noites mal

dormidas, os olhos sempre vermelhos. As palavras agressivas vieram antes dos empurrões. E quando dei por mim, já não era só uma ameaça no olhar. Era medo. O medo de uma avó dentro da própria casa.

Ele começou a beber cedo, talvez para fugir daquilo que o mundo não lhe deu. A escola nunca foi o seu forte, e os professores diziam que ele não se encaixava, que não tinha paciência para aprender como os outros. As portas foram-se fechando, uma a uma. Quando tentou arranjar emprego, ouviu sempre que não tinha experiência, que não servia. Os amigos que encontrou nas ruas deram-lhe uma saída fácil- álcool e drogas, um refúgio que prometia aliviar a dor de nunca ser suficiente. E ele aceitou. Primeiro, por curiosidade. Depois, por necessidade.

A dependência cresceu em conjunto com a raiva. A raiva de um sistema que nunca o viu como alguém com futuro. A raiva de uma vida que não oferecia oportunidades. Mas a frustração acumulava-se, até que não cabia mais dentro dele. E naquela noite, explodiu.

Naquela noite, ele estava pior. O cheiro a álcool misturava-se com aquele ar pesado que eu já conhecia. Veio aos gritos, insultando a mãe, partindo tudo à sua volta. Eu tentei falar, tentei lembrar-lhe de quem ele era antes de tudo isto. Mas ele já não ouvia. Ouvia apenas a raiva, o desespero que o devorava por dentro.

Dissemos-lhe que íamos ao multibanco. Era a nossa única hipótese de escapar. Saímos com o coração apertado, e mesmo com a decisão tomada, sentíamos culpa. Porque é que tudo chegou a este ponto? Quando é que foi que deixámos de ser família e passámos a ser apenas vítimas?

Na esquadra, contámos tudo. E quando os agentes o levaram, senti um nó no peito. Não era alívio. Era a dor de admitir que, às vezes, o amor não chega. Que algumas pessoas não cabem nos moldes que tentamos impor. Que a sociedade só aceita quem se encaixa num quadrado perfeito, quem segue o caminho esperado. E o meu neto, perdido no vício, na raiva, na falta de oportunidades, nunca se encaixou.

Agora, a casa está silenciosa. Mas o silêncio não é paz. É a ausência dele, é a falta do que poderia ter sido se tudo tivesse sido diferente. Agora, ele está proibido de regressar. E eu fico aqui, a olhar para a porta fechada, perguntando-me se um dia ele encontrará o caminho de volta e se serei capaz de o deixar entrar.

No átrio de entrada, um cartão, um cobertor velho e um pacote de vinho branco.

“Um, dois, três...” contei, enquanto sentia a ponta fria da agulha penetrar na minha pele. Com um movimento familiar, a saber que isto daria um momento de alívio, e uma onda de calor espalhou se pelo o meu corpo. As minhas mãos tremiam, mas já não era de medo, agora é esta necessidade que grita dentro de mim. A dor foi rápida, quando o líquido entra na minha corrente sanguínea é como se o mundo desaparecesse, o vazio no meu peito torna-se mais tolerável, a dor continua lá, escondida, mas não consigo senti-la agora da mesma maneira, os pensamentos que antes corriam, agora arrastam-se, como se estivessem submersos. Era como se eu voasse, livre das correntes que me prendem à realidade sombria, o meu braço já está todo marcado, coberto de cicatrizes e

manchas, com a eterna lembrança de todas as vezes anteriores, mas hoje, como nos outros dias, parece a primeira vez.

Ando por estas ruas, sinto os olhares, como se as pessoas soubessem que não sou daqui, que não pertenço a nenhum lugar, que sou uma intrusa, escondida dos olhos que nunca me desejam ver. Vim atrás de uma vida melhor, de um recomeço, mas agora estou aqui, invisível, sem nome, sem documentos, sem nada. Onde é que me perdi? Quando é que deixei de ser aquela mulher que lutava, que tinha esperança? Mas, por um breve momento, sou alguém que não perdeu a sua vida, alguém com sonhos, expectativas, que possui um lar que a acolhe nas noites geladas de inverno. Tornei-me invisível, sem passado nem futuro, achei que me iria reerguer, mas a única coisa que me mantém é o firme chão de pedra.

Passeio pelas ruas estreitas, tropeço nas pedras antigas e molhadas, os meus passos são pesados, mas minha mente está leve, embalada pela droga. As ruas parecem que se alongam à minha frente como um labirinto sem fim, passo por prédios velhos com grafites pelas suas paredes, os mesmos que vejo todos os dias. As luzes fracas dos postes estão longe, e a escuridão parece fechar-se à minha volta, tornando as ruas mais estreitas do que realmente são. Passo para uma vitrina suja de uma loja já fechada, olho para o meu reflexo e sinto um peso no peito. Não gosto do que vejo. Nunca gostei. O lenço na minha cabeça, o hijab, deveria ser uma parte de mim, uma escolha de fé, mas aqui, nas ruas, parece que me torna um alvo. As pessoas olham para mim com desprezo, desconfiança. Não preciso de ouvir o que pensam, os olhares dizem tudo. Ser muçulmana nas ruas é carregar o medo nos ombros. Cada vez que me ajoelho para rezar num canto, sinto os olhos a queimarem-me, e sei que estou a ser julgada por algo que é tão íntimo, tão pessoal, às vezes pergunto-me se as pessoas percebem o que sinto. Se conseguem entender o que é andar num corpo que nunca parece ser aceite, numa pele que as faz desviar o olhar. Ou talvez só não queiram perceber. Talvez seja mais fácil apontar e afastar, como se eu fosse um problema que pode ser ignorado.

A única coisa que me mantém de pé são os companheiros que encontrei nas ruas. Entre o frio, o medo e a solidão, são eles que, de alguma forma, me seguram. Não há julgamentos entre nós. Quando já perdeste quase tudo, o preconceito desaparece, e o que fica é apenas a necessidade de sobreviver. Mas entre todos os que já conheci, apenas uma mulher que já estava por aqui quando eu cheguei ao Porto me ajudou. No início, pensei que ela fosse como todos os outros, indiferente, focada apenas em si própria, em encontrar a próxima refeição, o próximo abrigo, mas sem nunca perguntar muito, começou a ajudar-me. É uma mulher forte, mas de uma força que só as pessoas que já perderam tudo conhecem. Nunca fala da sua vida antes disto, e eu também não pergunto. Nas ruas, os passados ficam enterrados, como se a vida tivesse começado de novo no momento em que tudo desabou. Ela não diz muito, mas quando fala, as palavras dela são precisas e, de alguma maneira, dão-me um pouco de força, como se fosse possível ainda encontrar alguma dignidade na escuridão. É estranho, porque, apesar de não sabermos nada uma da outra, sinto que ela é o mais próximo de uma amiga que posso ter. Às vezes, sentamo-nos juntas, em silêncio ou a partilhar algum cigarro que ela conseguiu arranjar.

Não sabemos os nomes uma da outra, não há rostos, não há histórias. Apenas corpos sem rumo pelas ruas. Aqui, os nomes perdem o significado, tornam-se irrelevantes. No fundo, sabemos que, se algo nos acontecer, se um de nós desaparecer ou for encontrado morto num beco qualquer, ninguém vai perguntar por quem éramos e ninguém arrisca a sua vida pelo outro. A regra é clara: cada um por si, se alguém se arriscar demasiado terá o mesmo destino. Vamos ser só mais um número nas estatísticas de quem vive ou morre nas ruas, sem identidade, sem importância. Caso me acontecesse alguma coisa, seria só “uma sem-abrigo” no jornal ou numa breve conversa de rua, sem nome. Quem ficaria para nos identificar? Não temos família por perto, não temos documentos, não temos uma vida de que a sociedade se lembre. E talvez seja melhor assim, não sermos reconhecidas.

A droga ainda me corre nas veias e, enquanto lá permanece, a realidade parece menos dura. O vazio que costumo sentir, o medo de ser apanhada, a angústia que me faz sempre companhia, está tudo longe agora. As minhas pernas estão cansadas, mas não paro de andar, sem saber para onde ir. Até que ouço vozes. Primeiro era apenas um som distante, que mal reconheci, mas ao virar a esquina, os sons ficam mais claros, mais fortes. Um grito rasga o silêncio da rua como uma lâmina afiada. Paro, a minha respiração para por um segundo e o coração bate cada vez mais alto. Aquele grito ecoa dentro de mim, trazendo uma onda de adrenalina que faz as minhas pernas tremerem. “Levanta-te!” A voz masculina era dura, sem piedade. É a voz do traficante, todos nós sabemos do que ele é capaz, e o que aconteceu ao último homem que lhe deveu dinheiro. As minhas mãos começaram a sua, mesmo com o frio que fazia e os meus olhos piscavam com força, confusos, enquanto tento processar o que está a acontecer. A única coisa que se ouvia agora era um choro sufocado de uma mulher e reconheci-o antes de aceitar o que estava a ouvir. É a minha amiga. A única pessoa que nestes meses todos me ajudou nas ruas estava a implorar de joelhos na calçada fria e molhada. Esta visão apertou-me o coração com tanta brutalidade que senti-me enjoada. As suas súplicas baixas, que mal se ouviam entre os soluços, atingiram-me como uma faca cravada no peito.

Os meus ombros ficaram tensos e a sensação de medo e impotência esmaga-me de dentro para fora. Reagi por instinto, quando dou por mim estou encolhida contra a parede mais próxima, na tentativa de desaparecer nas sombras. Eu não quero ser vista, mas, ao mesmo tempo, o impulso de correr até ela, de a ajudar, queima a minha mente. Só que estou imóvel. Os meus músculos estão travados de tal maneira que parecia impossível dar apenas um passo, as minhas pernas estão pesadas, como se fossem feitas de chumbo, já o meu coração bate tão forte que acho que eles conseguem ouvi-lo. “Por favor... só mais uma vez...” A dor na voz dela, a humilhação, eu quero ajudá-la, mas estou em choque, dividida entre o desespero de a ajudar e o pavor que me paralisa. “Já chega!” A sua voz era como um trovão que refletia nas paredes de pedra ao nosso redor e, de repente, ergue a mão e atinge-a na cara. Ela estava a chorar, as suas mãos estão estendidas como se estivesse a pedir perdão, eu sei que isto não vai acabar bem, mas não conseguia fugir. A droga tornava tudo um pouco mais lento, como se estivesse a ver algo que já aconteceu e eu só estava a observar, incapaz de mudar o rumo dos acontecimentos.

O barulho dos passos do traficante a afastarem-se ainda ecoava pela rua, mas mesmo assim fiquei parada, incapaz de ir até ela. Queria mexer-me, queria correr até ela, ajudá-la a levantar-se, dizer-lhe qualquer coisa que a fizesse sentir-se menos sozinha naquele momento. Mas ainda tinha medo, era como uma mão invisível a sufocar qualquer indício de coragem. Se ele soubesse que estava ali eu teria o mesmo destino. Cada segundo parecia uma eternidade, e o peso da culpa crescia dentro de mim, mas mesmo assim virei-me e, com passos hesitantes, afastei-me, sem olhar para trás. O som do choro seguiu-me ao ir embora, e eu sei que estava a deixá-la ali, sozinha e vulnerável, mas a minha fraqueza é maior que o meu desejo de ajudar.

Acordei encostada a uma parede fria, a cabeça pesada como se tivesse mergulhada no nevoeiro, o cheiro ácido a lixo e a humidade enjoava-me, mas já não era novidade. Quando os meus olhos finalmente conseguiram focar, percebi que havia movimento à minha volta, pessoas a murmurar, uns curiosos, outros indiferentes, até que entre murmúrios ouço uns jovens animados a ler o jornal: “Sem-abrigo morta é portuguesa e está por identificar”. O impacto dessas palavras atingiu-me como um golpe no estômago. Sabia que era ela, a minha amiga. E agora estava morta, espancada até à morte na mesma noite em que eu a vi, e nada fiz. “Está por identificar.” Essas palavras ressoavam na minha cabeça. Ela morreu como tantos outros, esquecida antes mesmo de ser lembrada. Ninguém sabe o seu nome verdadeiro, porque ninguém perguntou, ninguém quis saber. Para a sociedade, ela era apenas mais uma sem-abrigo, sem importância, sem dignidade, que morreu nas suas ruas, fazendo pouco da sua morte. Nas ruas, ninguém ouve as nossas dores, os nossos pedidos de ajuda. Vivemos e morremos à margem, sem que as nossas vozes sejam escutadas. Quando desaparecemos, é como se não tivéssemos existido. Não há quem fale por nós, quem chore por nós, quem pergunte pelos nossos nomes. Somos invisíveis em vida, e esse silêncio acompanha-nos até ao fim.

2º Direito

Colada na janela da cozinha, uma placa vermelha com letras brancas: “Vende-se”. Ao lado, o rosto massacrado de uma vendedora precária, de braços cruzados, exibindo o ar triunfante da eficiência, todos os códigos do sucesso disfarçam as raízes do cabelo brancas e o loiro metalizado desbotado pelo sol.

Caro leitor, à saída não se esqueça de confirmar que a porta fica fechada.

FICHA TÉCNICA

AE Bonfim - Portalegre

Nome dos Alunos Turma/ano: 11.ºF

António Sequeira; Bernardo Anjos; Caetana Sancho; Denis Rykun; Guilherme Lagarto;
Guilherme Rolo; Inês Trindade; Liliana Anselmo; Manuel Sequeira; Margarida Jesus ;
Francisca Almeida; Luísa Lopes; Marta Feiteira; Matilde Bilé; Paulo Martins; Rita Ricardo;
Rodrigo Dinis; Camila Corneiles; Sofia Amaro; Sofia Cordas

Nome da Ilustradora

Viviana Corneiles

Nome da Docente

Dulce Baptista



VANESSA GUARANI RATTON

Vanessa Guarani Ratton é mestre em Comunicação e Semiótica, pela PUC -SP, pós-graduada em Teatro, Justiça Restaurativa e Psicopedagogia.

Escreve desde 2020 uma coluna quinzenal sobre literatura infantil e juvenil para jornal A Tribuna de Santos.

É escritora de literatura infantil e juvenil com obras selecionadas para o PNLD do MEC nos anos de 2021, 2022, 2023 e 2024. Finalista do Prêmio Barco a Vapor 23 e Nelly Novaes Coelho 22.

Integra desde 2017 o movimento nacional Mulherio das Letras, sendo uma das articuladoras nacionais. Em 2020, foi coorganizadora do Mulherio das Letras Indígenas e editora do Álbum Guerreiras da Ancestralidade que venceu o Prêmio Jabuti em 2023, na categoria Fomento à Literatura.

É diretora da União Brasileira de Escritores - UBE e integra o Conselho do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca da Cidade de São Paulo.

Atualmente é vice-diretora na Escola Teia Multicultural, em São Paulo, no Brasil, e que tem uma unidade portuguesa em Aljezur, no Algarve.

FUSSANTE: FUTURO, PASSADO E PRESENTE

30 de setembro de 1999

Era o dia de alistamento militar no planeta Kildroma. Milhares de pessoas esperavam à frente do quartel para entregar a sua candidatura. Entre elas, estava Lécúlas, um homem que, mesmo sabendo que o exército não aceitava pessoas negras, decidiu tentar pelo menos uma vez.

— Aqui está a minha candidatura. — Lécúlas falou, entregando a inscrição ao comandante.

— Não sabes que homens como tu não entram aqui?! Vocês não merecem representar o planeta! — disse o comandante ao atirar o papel no lixo.

— É por eu ser negro, não é?

— Qual é a dúvida? Alguém traga um espelho para este infeliz. — o comandante gritou para o resto dos oficiais do lugar.

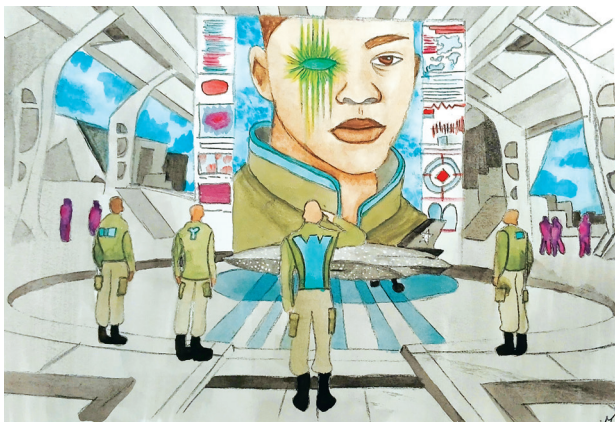
Todos os militares riram-se de Lécúlas.

— Quem ri por último, ri sempre melhor. — retrucou e, intimamente, prometeu-se fazer o exército pagar pela desfeita.

Lécúlas saiu do edifício furioso e começou a pensar num plano para provar ao exército que os negros eram dignos de representar Kildroma.

No passado, as pessoas negras tinham tentado rebelar-se contra o governo porque eram discriminadas e, agora, o exército não as aceitava por medo de a história se repetir.

Logo uma ideia surgiu na sua cabeça. Ele clicou num chip junto aos seus olhos verdes que projetaram o holograma de um edifício enorme escondido debaixo da água.



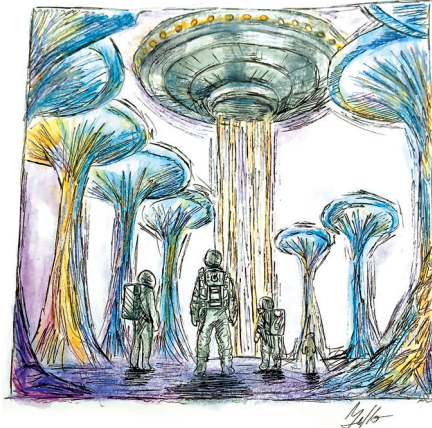
Quando ele chegou ao primeiro andar do prédio, vários homens negros, que foram rejeitados pelo exército do planeta Kildroma, apresentaram-se, fazendo continência.

— Boa tarde, chefe. — todos disseram ao mesmo tempo.

— Estamos aqui pelo mesmo motivo, para mostrar que somos todos bons o suficiente para entrar no exército. Vamos explorar o espaço primeiro do que os kildrom's (como eram chamados os habitantes do planeta). Amanhã, às 10h, partiremos para a descoberta.

No dia seguinte:

Às 10h em ponto, estavam todos no navômetro, uma plataforma gigantesca. As luzes ainda permaneciam acesas por estar relativamente escuro, mesmo sendo de manhã. Alinhadas, naves de todos os tamanhos, feitios e cores estavam prontas para decolagem.



Todos entraram numa nave preta com estrelas brancas, a qual fora capturada noutra viagem já feita por eles.

— Boas, camaradas, eu sou o seu capitão Lécúlas. Vamos passar muito tempo juntos, por isso, não quero conflitos entre nós. Liguem os propulsores e deem-lhe potência máxima. A minha menina vai arrancar!

Em seguida, Lécúlas deu início à contagem regressiva:

— 10, 9, 8 ... 5, 4, 3, 2, 1. Partida!

...

Passados três meses de muitas tristezas, por terem encontrado orbes onde os militares já haviam estado, finalmente, obtiveram o sinal de um planeta desconhecido, jamais captado por sondas

espaciais. Com o objetivo de documentar a descoberta do planeta, Lécúlas e mais outros dos seus melhores tripulantes entraram numa nave secundária de exploração e partiram.

Era 31 de dezembro de 2999, à meia-noite em ponto, quando apareceu, à frente da nave, um buraco negro que os sugou para dentro dele.

Quando, enfim, saíram do buraco negro, eles voltaram para o mesmo local no espaço, mas algo estava diferente. Lécúlas não conseguia deixar de pensar que alguma coisa não estava certa.

— Estão todos bem? — Lécúlas, muito preocupado com os tripulantes, perguntou.

— Todos bem, senhor. — Meios desnorteados, responderam.

— Alguém sente que algo mudou? — Lécúlas indagou, pensando que o estranhamento podia estar apenas na sua cabeça.

— Não, senhor. — O resto da tripulação disse, claramente, como se não tivesse acabado de sair de um buraco negro.

— Ok, vamos continuar. Alguém, por favor, vá ver o radar.

Um dos tripulantes aproximou-se da estação dos radares e ficou à procura de algum sinal. A busca demorou muito tempo, mas, depois de algumas horas, ele encontrou-o, vindo de um planeta naquele sistema solar, o qual, possivelmente, poderia servir-lhes para traçar o rumo.

— Capitão, planeta com vida a dois anos luz. Dirigir a nave para o local? — perguntou um dos tripulantes.

— Sim, navegador, dirija a nave para lá, eu vou verificar o estado dos motores para ver se aguentam chegar ao local.

Ao verificar os motores, ele viu que eles tinham força suficiente para irem, então, ele ordenou que preparassem-se para a viagem.

Algumas turbulências vencidas, após admirarem algumas naves alienígenas pelo caminho, finalmente, chegaram ao seu destino.

Os exploradores entraram na atmosfera do planeta, que era estranha, pois tinha demasiados elementos desconhecidos à tripulação. Eles aterrissaram numa planície, o lugar mais apropriado para o pouso da nave.

Lécúlas foi o primeiro a sair do veículo, confiante de que não haveria nada que fosse diferente do seu mundo, mas estava errado, pois, ao desembarcar, notou que aquele planeta tinha mais água do que Kildroma.

Dividiram-se em equipes de expedição, com o acordo de que, quando anoitecesse, teriam de voltar à nave.

Lécúlas e mais dois tripulantes dirigiram-se ao coração da floresta. A mata tinha de tudo, desde árvores de mais de cem metros de altura e cinco pessoas de largura até árvores de dois metros de altura e uma pessoa de largura.

Decidiram recolher amostras de tudo o que parecesse-lhes interessante e um pouco de lenha para o combustível da nave, uma vez que a viagem esgotara todos os níveis de energia do veículo.

— Vou recolher mais amostras e vocês peguem mais lenha. — Lécúlas ordenou.

— Sim, senhor.

Era verdade que os tripulantes estavam em choque com aquele planeta cuja natureza era exuberante. Tanto que conseguiram aperceber-se de que aquele era o mesmo planeta deles há muitos e muitos anos.

Foram lá por pura coincidência? Talvez não...

Já estava a anoitecer, e eles tiveram de voltar à nave para organizarem a expedição do dia seguinte.

Ao retornarem, ouviram passos e assobios, pensaram que eram apenas os seus companheiros a voltarem também para a nave.

Estavam todos esgotados, Lécúlas, com a ajuda de um tripulante, pôs mãos à obra para repor o combustível.

— Capitão, ainda não temos combustível suficiente para voltarmos, o que faremos? — perguntou um dos tripulantes.

— Amanhã regressaremos à floresta para recolher mais troncos de árvores.

Todos saíram da sala das máquinas e foram para os respectivos camarotes.

Quando tudo silenciou, os pequenos Liam e Noah, que entraram na nave invasora e estavam escondidos, foram ver de perto quem eram os alienígenas que haviam chegado ao planeta deles. Assustaram-se ao perceber que pareciam antigos conhecidos. Também ficaram maravilhados com a tecnologia diferente de que dispunham. Nunca tinham visto nada igual.

Todavia, o que mais chamou a atenção deles foi a tez dos invasores. Tinham várias tonalidades que iam da cor negra azulada ao marrom claro. Onde viviam, em Nova Kildroma, todos tinham um único tom de pele: o roxo.

Os dois meninos escapuliram da nave e foram contar o que viram aos mais velhos.

...

No dia seguinte, a equipe de Lécúlas resolveu explorar outra vez aquela floresta. Embrenhou-se na mata e, surpresa, encontrou uma pequena aldeia que parecia vazia.

Quando chegaram à aldeia, Lécúlas e os seus companheiros espantaram-se: não havia indícios de atividade, porém, as casas estavam em excelente estado, com portas e janelas intactas. O silêncio era sufocante, quase como se o tempo tivesse parado naquela fração de segundo.

— Devemos agir com cautela, pois não temos a certeza do que poderemos encontrar aqui. — Afirmou Lécúlas para os companheiros e pediu-lhes para prestarem bastante atenção.

Enquanto percorriam as ruas, notaram mais características: as construções apresentavam uma tecnologia avançada, mas não havia ninguém para operar tudo aquilo. O tempo parecia ter congelado. Num dos prédios, descobriram uma série de registos holográficos. Lécúlas ativou o projetor e, de repente, a figura de um homem negro surgiu:

— Se estás a assistir a isto, é bem provável que os Kildrom's estejam aqui. Eles chegaram... mas não são os Kildrom's que tu conheces. Eu sou Léculas, capitão da primeira expedição dos homens excluídos e este é o meu novo mundo. Nós éramos os Kildrom's, mas o tempo esqueceu-nos. Agora, a história repete-se. O buraco negro trouxe-nos de volta ao lugar que deixamos para trás.

Léculas ficou em silêncio, absorvendo as informações. O que tinha visto no holograma... era uma versão mais jovem de si mesmo, de uma era anterior.

— Isto não pode ser verdade... — murmurou Léculas, enquanto refletia sobre a situação.

— Capitão, será que... nós somos os mesmos? — questionou um dos membros da tripulação.

— Como é que isto é possível?

Léculas fixou o olhar no horizonte, onde o sol começava a se pôr, e uma onda de déjà vu o invadiu. O planeta que ele e a sua equipe tinham recentemente descoberto... era, na realidade, o planeta Kildroma, mas no seu futuro. Eles tinham-se adiantado no tempo.

— O buraco negro... foi um artifício do destino. Estamos aqui para desenterrar a verdade, para consertar o que os antigos kildrom's destruíram.

Conscientes da seriedade da situação, a tripulação reuniu-se e decidiu que era essencial explorar mais a fundo as construções da aldeia. As respostas estavam ali, mas, para encontrá-las, eles teriam que encarar o maior desafio das suas vidas: a luta para preservar o bom legado dos kildrom's e restaurar o que tinha-se perdido.

Léculas e o seu grupo prosseguiram com a expedição. Agora não apenas como exploradores, mas como protagonistas de um destino que ia além do tempo. Eles estavam ali para reescrever a história, confrontar os seus próprios passados e assegurar que o povo de Kildroma, em todas as suas instâncias, fosse reconhecido, respeitado e, acima de tudo, valorizado pelo que realmente eram: seres humanos.

Léculas lembrou que, depois de passarem pelo buraco negro, foram parar num planeta, onde todas as pessoas eram roxas. A mudança da cor da pele se fizera pelo efeito da forte radiação ultravioleta, ou seja, brancos, amarelos, vermelhos e negros, todos passaram a ser roxos.



O cientista da equipe, Dr. Othon lembrou que era o mesmo efeito que a radiação solar havia causado no homem arcaico, antes de a espécie se consolidar como o sapiens moderno. Sabia que toda a humanidade de Kildroma era originária do continente Africano. Explicou:

— O excesso de radiação fizera com que perdêssemos os pelos e a pele criasse mais melanina, escurecendo o seu tom. Por outro lado, quando o povo passou a deixar a África e migrou para os continentes Europeu e Asiático, não houve necessidade dessa proteção a mais e a pele descolorou.

— É verdade, o homem nasceu na África, porque o continente oferecia uma diversidade de ambientes propícios para a sobrevivência de primatas. Ao contrário de outras regiões do planeta que passaram por eras glaciais que dificultaram a vida. Por isso, sempre foi preciso preservar o nosso lar no universo.

O Povo Roxo, como foram chamados os atuais habitantes do planeta Kildroma, aceitaram-nos sem fazer diferença pela cor da pele. E, como Léculas e a sua tripulação trouxeram novas tecnologias com eles, os nativos retribuíram compartilhando toda a riqueza natural que possuíam.

Léculas, apesar de contar apenas com os tripulantes da nave, tinha um arsenal que podia dominar e até destruir os nativos, mas ele não fez isto.

Lembrou-se de como era tratado com preconceito pelo exército. Tudo, porque eles tinham medo de uma nova rebelião do povo negro contra o governo.

Entendeu que, em outra dimensão temporal, os kildrom's haviam esgotado os recursos naturais de seu planeta e estavam procurando outro para poderem viver. Apesar do progresso da tecnologia e das riquezas, sem água, ar puro ou terra boa, eles não sobreviveriam. Havia danificado o planeta deles... Mas, se invadissem outro, não iriam acabar destruindo-o também?

Isto fez Léculas refletir: não importava o tom da pele, todo ser vivo merecia viver e ser tratado com respeito. Se eles fossem aceitos pelos nativos, poderiam compartilhar conhecimentos, recursos e tecnologia... E todos viveriam bem.

Léculas tentou comunicar-se com as autoridades do planeta. Espantou-se quando duas crianças vieram falar com ele — e na mesma língua.

Apresentaram-se como Liam e Noah. O comandante pediu para conversar com o líder deles. Os dois meninos riram. E falaram:

— Você é o nosso líder! Ainda não lembra? — questionou Noah.

— Todos os anos, no aniversário de Nova Kildroma, você traz os seus companheiros para fazerem esta mesma viagem e mostrar-lhes de novo como o nosso antigo planeta foi destruído. Explica-lhes que, na extinta Kildroma, a desertificação foi tão devastadora que a vida tornou-se impossível. — Noah contou.

— Depois, na viagem de volta, vocês passam pelo buraco negro e perdem a memória temporariamente. Mas saiba que, uma vez, você voltou no tempo e conseguiu convencer o comandante do exército a vir junto. — Liam explicou.

O pequeno Noah se adiantou:

— Mas não se preocupe, pai, logo vocês vão lembrar-se de tudo. Mamãe sempre diz que, por você ter escolhido a paz, os dois povos passaram a viver sem conflitos, porque...

— Não importa o tom da pele que tenham, todo ser vivo merece viver e ser tratado com respeito. — Léculas completou.

E ele começou a lembrar-se de alguns fatos.

Foi até a praça central da aldeia e leu, mais uma vez, a placa que ele e o antigo comandante do exército Kildrom compuseram, quando eles conciliaram-se e conseguiram convencer todos os habitantes de Nova Kildroma a recuperarem o brio e a pujança, os princípios e os valores que garantiriam o êxito coletivo e uma convivência harmoniosa. Principalmente, levando-se em conta que, em todo o espaço sideral, não havia outro planeta igual àquele.

Ambos escolheram uma mensagem cujo autor era desconhecido, mas merecia a posteridade:

*“O lugar do outro é sagrado,
um espaço de respeito, acolhimento
e amor. É o lugar onde podemos
ouvir, aprender e crescer, onde
podemos encontrar a empatia e a
conexão.*

*Respeite o lugar do outro, e o
seu próprio se tornará mais claro.
Seja um refúgio para os outros, e
descobrirá que você mesmo se
tornará um lugar de paz.”*

Aos poucos, Léculas e os companheiros de viagem foram recobrando a memória, voltando para suas famílias... E mais um ano de concórdia se completou em Nova Kildroma.

Fontes para refletir sobre o nosso caminho nessa história coletiva:

Revista Superinteressante:

<https://super.abril.com.br/historia/por-que-a-africa-foi-o-continente-ideal-para-gerar-a-humanidade#:~:text=O%20homem%20nasceu%20na%20%C3%81frica,%C3%81frica%20on%C3%A3o%20foram%20ot%C3%A3o%20radicais>

BBC:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43008445>

FICHA TÉCNICA

Escola Secundária de Tondela (AE Tondela Tomaz Ribeiro)

Nome dos Alunos Turma 10.ºE:

André Dias Cardoso; Anna Julia Azevedo Xavier; Beatriz Isabela Costa Carvalho;
Bruna Marinho Marques; Camila Rodrigues Loureiro; David Ricardo Rodrigues Mendes;
Filipa da Costa Ferreira; Francisca Pais Santos; Francisco Alexandre Simões Marques;
Helena Sochkina Figueiredo; Iara Ferreira Bras; Liliana Cristina Lopes Nunes;
Madalena da Costa; Maria Eduarda Cunha Souza; Maria Inês Pinto Lourenço;
Mariana Figueiredo Correia; Matilde Ferreira Costa; Pedro Maria Dias Antunes dos Santos Pires;
Maria Inês Oliveira Figueiredo; Lara Fernandes Oliveira Henriques.

Nome dos Alunos Turma 12.ºF:

Ana Miroto; Bruno Carvalho Dinis; Carolina Pinto de Figueiredo; Lara Alexandra Dos Santos Pereira;
Laura Gomes de Melo Duarte de Sá; Martim Melo de Sousa; Mara Antunes Pereira; Marco Marques;
Maria Inês Melo Santos Figueiredo Fernandes; Nicole Martins Lopes de Figueiredo;
Renata Pinheiro Marques; Sara Matos; Thomas Eduardo Telles Martins de Sousa

Ilustrações:

Ilustrações coletivas do 12.ºF

Nome dos Docentes:

Anabela Oliveira;
Elisa Figueiredo, *Professora bibliotecária*;
Manuel Paraíba.

Criação, Paginação e Impressão:

CDC - CÓDIGO DE CORES

*Rua Professor Carlos Teixeira, nº 3A
1600-608 Telheiras, Lisboa*

@ readon.portugal@mail-rbe.org



www.rbe.mec.pt/np4/READONPortugal.html



READ ON
P O R T U G A L

ISBN 978-989-54995-6-4



9 789895 499564 >